LINDSEY KELK

Eu amo New York



FUNDAMENTO

Eu amo New York

Lindsey Kelk

Capítulo 1

O corredor parece muito, mas muito comprido.

E minha tiara está tão apertada...

Será que a gente engorda na cabeça? Será que a gordura do meu quadril foi parar na cabeça? E meus sapatos estão realmente apertados. Apesar de bonitos e caros, com eles meus pês parecem ter passado por um ralador de queijo e depois ficado de molho em desinfetante.

Vi Mark em pé no fim do corredor, relaxado e feliz. Bom, ele não tem que andar em um sapato com salto dez do Christian Louboutin e um vestido longo com cauda. "Não dá nem para ver os pés, Angela" eu disse para mim mesma. "Nem mesmo a ponta do dedo do pé".

E, agora, minhas mãos estão suadas. Será que estou com marcas de suor embaixo dos braços? Tentei dar uma olhadinha sem mexer em nada importante no buquê.

— Angela? Tudo bem? — Louisa me olhou intrigada.

Calma como ninguém, a maquiagem divina, ela era a perfeição em pessoa. E os saltos que ela estava usando eram mais altos do que os meus.

— Hã hã — respondi tão eloquente como sempre.

Graças a Deus, este é o casamento dela, e não o meu. E, por favor, Deus, já que estamos conversando, não deixe que Mark veja que dama de honra desajeitada eu sou, só para o caso de ele desistir de marcar a data do nosso casamento. Mas, falando sério, manchas de suor embaixo dos braços aparecem muito e o vestido é da cor de café claro, especialmente escolhida para fazer com que eu pareça doente.

E, atrapalhada, segui Louisa pelo corredor, dando um leve sorriso para minha mãe e meu pai a fim de tentar parecer devidamente feliz e, ao mesmo tempo, reconhecer a seriedade da ocasião. Aliás, realmente espero que seja assim que eu pareça. Há uma grande chance de que eu aparente estar preocupada com a possibilidade de ter deixado a chapinha ligada. M...! Será que esqueci a chapinha ligada?

Sempre fico surpresa ao ver como são curtas as cerimônias de casamento. Meses de noivado, horas de planejamento, um fim de semana inteiro de despedida de solteira, e um acordo para a vida inteira é decidido em 20 minutos e alguns hinos. Até a sessão de fotos demorou mais do que a própria cerimônia.

— Não acredito que estou casada! — Louisa sussurrou. Tínhamos chegado á parte nada brega de noiva e dama de honra sorrindo ao lado de uma fonte. Ah! As poses vieram naturalmente, pois nós

as praticávamos uma com a outra desde que tínhamos idade suficiente para pendurar as fronhas atrás de nossa cabeça como se fossem véus. — Angela, você consegue acreditar que é verdade?

— Claro que consigo — respondi, dando-lhe um abraço apertado e ignorando as instruções do fotógrafo. — Você e Tim estão praticamente casados desde os 14 anos.

Trocamos de posição e paramos para sorrir.

Clique, flash.

— Sabe, não parece real — ela jogou um cacho loiro e macio para trás do ombro e arrumou um fio solto do cabelo castanho e liso no meu coque. — Mas realmente aconteceu.

Clique, flash.

— Bom, prepare-se — eu disse com um sorriso estampado no rosto. — Os próximos seremos eu e Mark, e você estará usando o vestido de dama de honra.

— Vocês têm conversado sobre marcar a data? — Louisa perguntou, mexendo na cauda do vestido. Será que eu deveria estar fazendo isso também?

— Para dizer a verdade, não — sacudi a cabeça. — Quero dizer, nós conversamos muito quando vocês dois finalmente marcaram a data, mas, depois que o Mark foi promovido, não tivemos tempo nem para piscar. Sabe como é...

Louisa acenou para que o fotógrafo parasse um pouco de tirar fotos.

— Hum... quero dizer... você acha que vai mesmo se casar? Digo, com o Mark?

Clique, flash — essa foto não ficou boa.

Tive que fazer sombra nos olhos com as mãos para poder ver Louisa direito. O sol de agosto a iluminava por trás, deixando o rosto dela escuro, e os cachos de seu cabelo loiro brilhavam como uma espécie de aura.

— É claro — eu disse. — Nós estamos noivos, não estamos?

Ela suspirou e balançou a cabeça.

— É. Mas eu me preocupo com você, amiga. Com o casamento e tudo mais, nós não sentamos para conversar de verdade sobre você e Mark há séculos.

— Não tenho nada de novo para contar a você. Você provavelmente o vê mais do que eu. Pelo menos você joga tênis com ele toda semana.

— Eu tentei convencer você a jogar conosco em duplas — ela resmungou, mexendo no vestido de novo. — Só quero que você seja tão feliz quanto eu sou neste minuto. Ah! Desculpe, estou sendo presunçosa. Você sabe o que quero dizer, querida: seja feliz, só isso.

— Eu sou feliz — eu a tranquilizei, pegando em sua mão, fazendo um espaço entre os vestidos e suas armações, e dando-lhe um abraço. — De verdade, eu sou feliz.

Logo depois que os discursos terminaram e um pouco antes de a dança começar, finalmente consegui fugir para o banheiro.

A recepção acontecia em um galpão adaptado, o banheiro das mulheres fora montado em dois cubículos e em nenhum dos dois eu conseguiria me virar. Então, escapuli para o nosso quarto. Olhei em volta para minhas coisas espalhadas. Eu carregava minha vida em uma bolsa imensa, com todas as marcas aparentes de ter sido muito usada — laptop, iPod, telefone e alguns livros velhos que já

lera muitas vezes. Um pouco de maquiagem e algumas mudas de roupa estavam espalhadas por todo o quarto, um contraste com a mala cuidadosamente organizada do Mark. Ah, Mark! Um lugar para tudo e tudo em seu lugar, mesmo em um hotel.

"Eu estava feliz", pensei comigo mesma e, sentada na cama, comecei a folhear as páginas de um dos meus livros com os dedos do pé. Eu tinha um trabalho legal que era flexível. Tinha a Louisa, a melhor amiga em todo o mundo. E tinha perdido dez quilos para esse casamento, o que fez com que eu entrasse confortavelmente em um vestido de dama de honra no tamanho 40. Eu poderia até me convencer (se não conseguisse convencer outra pessoa) de que o tamanho 38 teria ficado melhor. Eu não era feia: cabelo comprido castanho-claro, olhos azul-esverdeados e, desde que havia perdido o peso extra, maçãs do rosto que chamavam a atenção. E eu tinha Mark. Quem não amaria um namorado bancário, bonito e com uma carreira promissora? Ele deveria se considerar um sortudo, tentei me convencer. Sim, ele tinha todo o cabelo dele, sem doenças hereditárias, um salário de bancário da cidade, carro e casa própria. Mas eu frequentara horríveis e humilhantes aulas para emagrecer nos últimos seis meses (o humilhante não era ter que me pesar, era ter um instrutor que fazia bico como treinador de cachorro), sabia cozinhar e limpava o banheiro todos os domingos sem que ninguém me pedisse. Então, não, santidade não se aplicava, porém eu não era uma namorada horrível e nós estávamos juntos desde sempre! Desde os 16 anos. Dez anos. Mas o que Louisa tinha dito me incomodava um pouco. Eu era feliz? Talvez mais conformada do que pulando em êxtase como Tom Cruise no sofá, mas isso também é felicidade, não é?

Olhei para o meu anel de noivado. Um solitário clássico. Não era imenso ou espalhafatoso e chamativo, mas não era tão pequeno que exigisse uma lente de aumento para vê-lo. Mark o tinha comprado com seu primeiro salário e me deu de presente quando fomos a Sevilha de férias, depois de um passeio de pônei que foi uma roubada e antes de uma transa legal no hotel. Pareceu terrivelmente romântico na época, mas, agora, dava a impressão de ter acontecido ha muito tempo. Será que ele deveria estar me pressionando para marcarmos a data? Só um pouquinho?

— Não seja boba — eu disse em voz alta olhando minha expressão confusa no espelho. Louisa, provavelmente, estava muito emocionada com a coisa toda, tinha acabado de se casar. Eu só não esperava que a neurose de ser casada batesse antes mesmo de ela sair da igreja. Não tinha nada de errado entre mim e Mark. Dez anos de nada errado, por que eu deveria me preocupar? Tentei colocar meu sapato lindíssimo de salto alto, mas meu pé esquerdo parecia ter engordado cinco dos dez quilos que eu havia perdido. Depois de procurar minhas rasteiras no quarto por cinco minutos, aceitei o fato de que minha sacola de sapatos não tinha saído do carro. O que queria dizer que eu teria que enfrentar os tios bêbados, as crianças dançando superexcitadas pelo açúcar do bolo de noiva (eu tinha visto bexigas também — elas estavam armadas) e ir até o estacionamento.

Capítulo 2

Descalça, na ponta dos pés e com o Louboutin na mão, procurei o carro. Lá em um canto escuro, escondido embaixo dos chorões, estava o Range Rover do Mark. Quando ele o comprou, há seis meses, Louisa tinha interpretado o fato como um sinal evidente de que ele estava pronto para ter filhos. Para mim, era um sinal claro de que ele nunca deixaria que eu o dirigisse. Até agora, os fatos haviam provado que eu estava certa. Enquanto procurava em minha bolsa a chave reserva, notei que a luz interna do banco de trás do carro estava acesa. Sorri para mim mesma, sabendo que Mark ficaria muito feliz por eu ter ido até lá e salvado a bateria do carro. Quando apertei o botão na chave para desligar o alarme, em vez dos reconfortantes dois bips, fui surpreendida por uma sirene alta e luzes que começaram a piscar. Foi quando percebi que havia alguém dentro do carro.

Ah, meu Deus! Nosso carro estava sendo roubado e lá estava eu, andando descalça no chão de pedregulho, com um par de sapatos de 400 libras na mão, usando um vestido que ia até o chão. E tinha acabado de disparar o alarme. Brilhante. Os ladrões iriam definitivamente me matar. Se eu fosse assassinada durante a festa de casamento de Louisa, ela ficaria furiosa. Todos os aniversários de casamento dela seriam arruinados. Será que ela iria para a lua de mel? Quem sabe eu pudesse usar o salto do meu sapato como uma arma. Melhor não, não gostaria de manchá-los. Mas as solas eram vermelhas...

Eu estava pronta para dar meia-volta e sair correndo, e não deixar que aquilo se transformasse em manchetes dos jornais, quando me lembrei dos meus sapatos. Eles podiam levar o carro de Mark, mas, poxa, não iriam levar a minha confiável sandália reserva. Eu a tinha há dois anos e, apesar de ser da Topshop, era o sapato mais confortável que já tive. Abri a porta de trás do carro para confrontar o ladrão. E, então, em um alarmante momento de clareza, percebi que não era um homem tentando roubar o carro e os meus sapatos, eram duas pessoas que, claramente, transavam no banco de trás.

E, uma delas era Mark.

— Angela — ele gaguejou, olhando para mim com os olhos arregalados. Em seu rosto vermelho e suado, na bochecha esquerda, as marcas do protetor do cinto de segurança da Hello Kitty que ele não me deixou colocar no banco da frente. Levei um minuto para registrar a nudez da mulher embaixo dele. Ela olhou para mim, paralisada embaixo do Mark, com o rímel borrado e a bochecha vermelha pelo contato com barba dura dele. Não a reconheci. Era loira, bonita, parecia magra, pelo que vi de seus ombros ossudos, e tinha um bronzeado bonito. Um vestido azul pavão de seda jogado em cima do encosto do assento sugeria que ela estava na festa do casamento, e um belo par de sandálias prateadas da Gina que tinha deixado marcas na cintura do meu namorado me disse que

eu deveria tê-la notado antes. Eu adoro sapatos benfeitos.

— Vim buscar minhas rasteiras — eu disse perplexa, sem mexer um músculo.

Mancando descalça, dei um passo para trás enquanto Mark, apoiado na barriga, puxou o corpo para fora do carro e caiu na minha frente, no chão, sua cueca boxer descendo nas pernas quando a pele suada dele desgrudou do couro do banco.

— Angela — Mark ficou em pé, puxou a cueca e se enfiou em sua camisa. Olhei para dentro do carro atrás dele. A garota tinha conseguido colocar o vestido e esfregava embaixo dos olhos para tentar o limpar rímel borrado. "Boa sorte", pensei. "Se for da mesma qualidade da sua sandália, você não vai conseguir limpar esfregando". A sandália ainda era linda, apesar de tudo. Filha da mãe.

— Angela — ele tentou, de novo, me tirar do meu devaneio induzido por calçados. — Eu... O que você está fazendo aqui?

Olhei para ele.

— Sapatos — respondi, sacudindo os sapatos em minha mão e apontando para o carro. — Você não levou minha rasteira para o quarto.

Pasmo, ele olhou incrédulo para mim, para os sapatos que eu segurava e depois para o carro. Bem devagar, como se eu fosse um animal assustado que pudesse fugir a qualquer momento, ele deu um passo na direção do banco de trás do carro e pegou, sob o banco do passageiro, uma pequena sacola de pano com a minha rasteira. Esticou o braço segurando a sacola na mão, com medo de me tocar, com medo de fazer contato físico.

— Obrigada — peguei a sacola.

Mark permanecia em pé — a luz do banco traseiro o iluminava —, vermelho, suado e sem calça, com meias, sapatos e cueca, onde a mancha úmida que começou a crescer adicionava insulto á injúria.

— Que diabos você está fazendo? — perguntei, incrivelmente eloquente.

— Angela — Mark se mexeu um centímetro para a frente.

— E quem, diabos, é ela? — questionei, apontando para a garota com o Louboutin que segurava na mão esquerda. A tal loira, presa na parte de trás do carro, olhou para o outro lado.

— Angela — ele gaguejou, afastando-se do dedo do pé que estava perfeitamente apontado para a testa dele.

— Não. Eu sou a Angela. Mas posso ver como você pode ter se confundido — eu disse, sentindo as lágrimas começarem a brotar nos olhos. Meu namorado estava tramando no banco de trás do nosso lindo carro, que seria dos nossos futuros filhos, no casamento dos nossos melhores amigos. Eu não ia chorar na frente dele enquanto ele jogava na lata do lixo os dez anos que passamos juntos com uma transa barata em um estacionamento.

— Angela, esta é Katie. Eu... hã... eu... — ele disse e, virando-se para trás novamente, olhou-a nos olhos por um momento, e eu juro que vi um sorriso patético no maldito rosto dele. Foi o momento mais doido da coisa toda. — Nós... bom... nós temos jogado ténis juntos e...

— Isso é jogar ténis? Merda, a Louisa sabe que vocês têm "jogado tênis" com Tim? — eu queria bater nele, eu queria bater nela e, enquanto eu decidia em quem bateria primeiro, percebi. — Você não tem jogado tênis com Tim — eu disse.

— Não — ele sacudiu a cabeça.

— E você não tem trabalhado até tarde — tudo começava a fazer sentido e era muito ruim.

— Não — ele suspirou, abaixando os ombros em sinal de aceitação.

— O Tim sabe? — eu perguntei.

— Sim. Eu sequer levantei os olhos.

— E a Louisa sabe? — segurei meus sapatos com força, vagamente ciente da fivela que quase cortava a palma da minha mão.

— Acho que sim — ele assentiu com a cabeça. — Quero dizer... bom... a gente joga tênis às vezes. Duplas. Mas não tenho certeza.

Eu estava feliz? A Louisa queria saber se eu sabia.

— Vocês todos têm jogado duplas juntos? — engoli em seco, tentando não vomitar.

Ele olhou para mim, as sobrancelhas levantadas, a respiração presa na garganta.

— Angela, não... — ele levantou a mão para tocar meu braço.

— Não se atreva! — eu disse, sentindo a acidez do meu estômago subir pela garganta e puxando o braço. — Não se atreva a me tocar — com o sapato de salto bem acima da minha cabeça, por um segundo, vi como seria fácil. Ele estava paralisado e ela, presa no banco de trás do carro. O Louboutin era bem forte, tenho certeza de que teria feito um belo furo nos dois crânios sem quebrar. Mas, em vez de dois corpos ensanguentados, tudo que eu conseguia ver eram Tim e Louisa rindo histericamente em suas roupas brancas de tênis depois de jogar com Mark e Katie. Enquanto eu, em casa, teclava no meu laptop e, sem comer, esperava o meu namorado traidor, mentiroso e desprezível.

Com a potencial arma do crime na mão, dei meia-volta e comecei meu caminho de retorno pelo estacionamento. Mark ainda dizia meu nome miseravelmente quando entrei pelas portas francesas e atravessei a pista de dança passando entre as pequenas damas de honra que dançavam uma musica de Popstatic. Tim e Louisa estavam em pé ao lado da pisa de dança com os copos de champanhe na mão, esperando o DJ anunciar a primeira dança quando Louisa me viu.

— Angela — ela disse quando parei subitamente na frente deles. Só de olhar para ela, soube que ela sabia.

— Por que você não me contou? — gritei. Toda a preocupação em não estragar a festa do casamento dela tinha desaparecido por completo. Eu tinha sido traída pelas pessoas em quem mais confiava.

— Angela, eu... Por que nós não... — Tim esticou o braço e tocou o meu braço. Antes que eu soubesse o que estava fazendo, puxei meu braço e bati na mão dele com o sapato que segurava na mão.

— Parem de dizer meu nome como se fosse uma porcaria de um calmante! — falei, rangendo os dentes de raiva. — Eu acabei de pegar o Mark transando no carro com a companheira de tênis de vocês. Se eu ainda não fosse o alvo da atenção de todos antes de ter quebrado a mão do noivo, era agora.

— Ah, Angela — disse Louisa soluçando. — Eu tentei dizer para você, mas.., achei que você já sabia. Sabe como... lá no fundo.

— Quando foi que você achou isso? Quando eu disse que estava muito feliz e tinha certeza de que iria me casar com Mark? Quando eu não disse para você que meu namorado era um traidor filho da mãe? Ou quando você começou a jogar tênis com de e aquela vadia?

Louisa começou a chorar e virou-se para sair correndo, mas, em pé entre as portas francesas, Mark bloqueava a saída. Com a cueca manchada, meias e camisa abotoada pela metade, ele estava lá parado, e olhavam para ele os 300 convidados que já tinham entendido o que estava acontecendo. Finalmente, lembrei-me de respirar e olhei em volta.

Tim me fitava e, pálido de medo, segurava a mão que sangrava. Louisa chorava copiosamente no meio da pista de dança rodeada pelas crianças que também choravam. E Mark, agarrado ao batente da porta que parecia ser tudo que o mantinha em pé, olhava para mim incrédulo. Olhei para convidados atrás de mim e vi minha mãe surgir na multidão. Ela olhou todos de cima a baixo, fez uma pausa, apertou os lábios e veio até onde eu estava. Afrouxou meus dedos, que estavam brancos por causa da fora com que eu segurava o sapato, elogiou o Louboutin na minha mão esquerda e o seguro com firmeza.

— Venha — ela disse calmamente, colocando a mão nas minhas costas e me guiando pela sala. — Eu não conseguia ver nada além do chão à minha frente. Não ouvi nem um rumor ao meu redor. Tudo que eu sentia era a mão da minha mãe e os pedregulhos ainda presos nos meus pés descalços.

Acho que eram cinco da manhã quando acordei. No quarto muito grande e tranquilo, eu conseguia ouvir a armação do meu vestido de dama de honra arranhar minhas costelas. Virei e percebi que quem dormia a meu lado na cama grande e bonita não era meu noivo, o meu MarK, mas rainha mãe. O vestido lindo que ela tinha usado no casamento estava cuidadosamente dobrado sobre o encosto da cadeira e hesitei por um momento antes de olhar o que ela usava em vez dele. É um pouco estranho ver a mãe da gente com uma camiseta velha da Blondie e a cueca boxer do nosso namora. Ex-namorado. Sentei devagar e tentei não olhar no espelho até que tivesse me trancado no banheiro. O coque na minha cabeça parecia um ninho de passarinho, minha maquiagem estava borrada por ter dormido, pelas lágrimas e pelas marcas do travesseiro, e as partes do meu vestido que não estavam rasgadas ou enlameada permaneciam torcidas e dobradas. Irreconhecível.

Despindo-me de tudo, brincos, colar e anel de noivado, entrei no chuveiro gingante e deixei a agua correr. Como aquilo havia acontecido? Sem levar em consideração o fato de ter destruído o casamento da minha melhor amiga. Como eu não tinha percebido que meu namorado estava me traindo e me traía há tanto tempo e tão abertamente que todos os meus amigos sabiam? Não era apenas uma transa rápida, claramente, era mais do que isso. O que eu deveria fazer? Para onde deveria ir? Enquanto o calor do chuveiro embaciava o boxe e eu me ensaboava, enxaguava e repetia tudo de novo, tentei ser racional. Manter a cabeça fria em qualquer situação. Minha mãe sempre disse que este era um dos nossos pontos fortes.

Eu teria que ir para casa buscar as minhas coisas. Para casa... bom, acho que não era mais a minha casa. Ela, provavelmente, iria morar lá amanhã.

"Katie", disse uma vozinha irritante na minha cabeça. "Não é 'ela', é Katie".

— Que delícia de banho — pronunciei em voz alta para que aquela voz fosse para bem longe enquanto a água quente escorria dos três jatos. Nada daquilo parecia ser real. Se eu pudesse viver em um hotel... Não ter que voltar para aquela porcaria de casa e vasculhar tudo atrás das minhas coisas como se fosse eu que tivesse feito algo errado. Deus do céu! Dividir os CDs. Eu simplesmente não

conseguiria enfrentar isso. Algumas lágrimas renegadas começaram a escorrer em meu rosto. Se ao menos eu pudesse ficar ali no hotel para sempre e fazer de conta que nada daquilo acontecera...

Por que não ficar em um hotel?

Não neste hotel, é claro. Eu tinha a estranha sensação de que, ali, não seria muito bem-vinda no café da manhã, mas em outro estabelecimento. Algum lugar impessoal e maravilhoso, onde a única preocupação do pessoal que trabalhasse lá fosse manter-me feliz em vez de ficarem todos preocupados se eu iria ou não destruir outro evento de gala. Eu guardara um pouco de dinheiro, há anos economizávamos para o casamento que, agora, não aconteceria, e me parecia bastante apropriado cobrar de Mark a parte dele por ter me traído daquele jeito. Eu era autónoma, tinha comigo meu passaporte, cartões de crédito, carteira de motorista (nenhum ladrão roubara minha identidade enquanto eu estava em um casamento há quase uma semana!), roupas suficientes e meus sapatos favoritos. Do que mais eu precisava? Eu definitivamente tinha o bastante para não precisar ir para casa por um tempo. Azar dos CDs, eu tinha o meu iPod. Não havia uma razão real para não ir, e Deus sabe que sou mestra em evitar qualquer coisa que lembre um confronto.

Obriguei-me a sair do chuveiro para o banheiro. Por um segundo, olhei para as coisas de Mark ao lado do meu anel de noivado. Tudo em um *nécessaire* de couro lindo que eu havia comprado para ele no Natal do ano passado. "Com certeza, ele vai voltar para pegar isso", pensei enquanto colocava meus brincos e meu colar. Ali estavam todas as coisas chiques que ele usava para se barbear, coisas que a mãe dele sempre lhe comprava no aniversário. Pensei em encher o *nécessaire* com espuma de barbear, mas parei assim que peguei a lata e me lembrei dele debruçado sobre aquela vadia, todo suado e confuso. Talvez eu devesse jogar o nécessaire pela janela. Então me lembrei dele sorrindo para ela, na minha frente, naquela ridícula cueca boxer. Ai, sentei na privada e fiz xixi dentro do *nécessaire*. Foi a coisa mais nojenta que já fiz e me senti tão orgulhosa... Quando o *nécessaire* estava bem estragado, coloquei o anel de noivado dentro, fechei o zíper e sai do banheiro.

— Mãe — sussurrei, sentando a seu lado na cama. — Mãe, vou embora. Ela abriu os olhos e parecia um pouco confusa ao lembrar tudo. Então, olhou para mim como se fosse me internar na mesma clinica onde colocara minha avó.

— O que você quer dizer com isso? — ela perguntou, sentando na cama e parecendo ainda mais confusa ao ver a roupa que usava. — Você não tem que ir a lugar nenhum por causa daquele idiota.

Foi a primeira vez que a ouvi chamar Mark de alguma coisa além de "querido" ou "lindo", e fiquei bastante emocionada.

— Eu sei — concordei, olhando minha mala pronta para a viagem. — Com o casamento e tudo mais, acho melhor sair bem cedo. É melhor ir para bem longe por alguns dias e pensar sobre tudo isso.

— Ah! Não — ela disse, segurando minha mão. — Você vai voltar para casa comigo e com o seu pai, ele vem nos buscar mais tarde. Você não fez nada errado. Você sabe disso, não sabe?

— Eu sei, mãe — respondi —, mas acho que me faria bem ir para longe. Chamei um táxi para me levar até o aeroporto.

Ela me olhou um pouco confusa.

— Sério? — ela perguntou. — Você vai mesmo para algum lugar em um avião?

— Sim — eu disse, levantando-me e pegando minha mala.

— Para onde você vai? — ela perguntou, olhando para o relógio. — Você não prefere voltar para casa comigo e com o seu pai?

— Hum... — dei um beijo no rosto dela. — Acho que vou ficar com a primeira opção.

Minha mãe balançou a cabeça.

Mas que lugar é melhor do que a nossa casa em um momento como este?

Capítulo 3

O avião pousou no aeroporto JFK sem nenhuma dificuldade e, apesar de o oficial de segurança que me recebeu no país não estar muito interessado no rompimento do meu namorou (negócios ou lazer não explicava por que eu estava lá), ele me deixou entrar nos EUA. Um bom começo. Assim que saí do aeroporto e senti o sol, tudo começou a parecer real. Os táxis eram amarelos, estavam do lado errado da rua e o motorista disse uma sequência inacreditável de palavrões quando jogou minha mala no bagageiro do carro. E fazia muito calor. Se as mulheres brilham, os homens perspiram e os cavalos suam, naquele exato momento, eu era um cavalo incrivelmente suado.

— Para onde? — o motorista perguntou.

— Hum... Um hotel? — eu disse, colocando o cinto de segurança quando saímos. — Preciso de um hotel.

— Você está falando sério? — ele perguntou, entrando na via rápida antes que eu pudesse responder. — Qual porcaria de hotel? Tem um monte de hotel aqui.

— É... bom... eu... — antes que eu pudesse terminar a frase, comecei a chorar. — Não sei qual. Acabei de chegar.

— Moça! — o motorista gritou. — Sou apenas um motorista de táxi. Não sou nenhum tipo de guia de turístico. Você quer que eu a deixe aqui no meio do Queens ou quer me dar o nome de uma porcaria de hotel?

Minha resposta foi chorar copiosamente. Uma reação sarcástica teria sido dizer: "Meu nome é Angela...", remetendo a Shakespeare.

— Deus do céu! Vou deixá-la na primeira droga de hotel que aparecer — ele resmungou, ligando o rádio bem alto.

Depois de 20 minutos ouvindo programas de entrevistas no radio, eu estava pendurada para fora da janela como um cachorro passeando de carro. Havia acabado de parar de chorar assim que olhara para a frente.

A silhueta dos prédios da cidade de New York. Manhattan. O Empire State Building. O lindo, lindíssimo, Chrysler Building. O Woolworth Building com o seu grande e velho campanário. E me apaixonei. Foi tão forte que parei de chorar, parei de pensar, parei de respirar. Perdi o fôlego. Abri a janela do táxi todinha e respirei os arranha-céus, os outdoors imensos, a área industrial ao lado do rio e o ar úmido e quente. Eu estava em New York. Eu não estava em casa em Londres, não estava no casamento da Louisa nem em nenhum lugar perto do filho da mãe traidor do meu namorado. Então, só para fazer alguma coisa, quando entramos no túnel no meio da cidade, comecei a chorar de novo.

O primeiro hotel que apareceu foi onde o motorista do táxi tinha deixado seus últimos passageiros, e era lindo. O The Union ficava em frente ao Union Square Park e, no hall de entrada à meia-luz, senti no aroma das velas Diptyque, o delicioso frescor de roupas recém-lavadas. Sofás imensos e antigas poltronas de couro preenchiam o espaço enquanto pequenas luminárias enfeitavam a recepção. Estar, inesperadamente, em um ambiente tão perfeito fez com que eu ficasse mais consciente ainda do estado do meu cabelo, da minha pele desidratada e das minhas roupas amassadas. Eu, de verdade, estava um lixo total. Mas o lugar não poderia ser mais diferente do sobrado de dois quartos no sudoeste de Londres. Era tudo de que eu precisava.

— Bem-vinda ao The Union — disse a mulher incrivelmente bonita atrás do balcão da recepção. — Meu nome é Jennifer, como posso ajudá-la?

— Oi — respondi, puxando a alça da minha bolsa no ombro e chutando minha mala para perto do balcão da recepção. — Gostaria de saber se você tem um quarto disponível.

Ela sorriu muito calmamente e começou a digitar em um teclado. Enquanto teclava sem parar, seus longos cachos brilhantes balançavam.

— Hum... estamos quase cheios, mas... tenho uma suíte júnior por 800 dólares a noite — ela olhou para mim. Minha expressão aparentemente sugeriu que essa estava um fora da minha faixa de preço. — Ou, então, tenho um apartamento para uma pessoa por 350 dólares. Mas é só para uma pessoa.

— Ah, está bom — procurei na minha bolsa velha o cartão de crédito e tentei não calcular o preço do quarto em dinheiro cujo valor eu soubesse —, é só para mim. Veja, acabei de descobrir que o meu namorado estava me traindo e nós terminamos e eu tinha que sair de casa, então pensei, bom, que lugar é melhor para ficar longe daqui do que New York? E... — fiz uma pausa e levantei os olhos. Ela ainda estava sorrindo para mim, mas com uma dose de terror nos olhos. — Desculpe, sinto muito. Um quarto para uma pessoa seria ótimo.

— Quanto tempo você ficará conosco? — ela perguntou, teclando de novo. Imaginei que ela deveria estar alertando todos para o fato de que uma mulher desesperada fazia o check-in. Provavelmente, minha foto estava sendo distribuída para todos que trabalhavam lá, com uma advertência: "não comece a conversar com ela".

— Como? — eu não tinha pensado nisso ainda.

— Quando você vai voltar para casa? — ela indagou bem devagar.

— Eu... Eu não tenho uma casa — também falei pausadamente —, então, não sei — eu disse quase chorando de novo. Não queria começar a chorar na recepção do hotel mais elegante em que já tinha entrado. Mas, poxa, eu não tinha uma casa.

— Bom, só queria saber até quando você vai ficar conosco. O quarto está livre pela próxima semana. Que tal se eu colocar sete noites e então veremos o que vai acontecer? — ela sugeriu.

Concordei e entreguei a ela meu cartão de crédito. Jennifer trocou-o por um cartão-chave preto muito sexy onde, em prata, estava impressa a letra U. — É o quarto 1.126, no 11º andar. Pegue o elevador e depois vire à esquerda. Fica no final do corredor.

Perplexa, fiz que sim com a cabeça, peguei a chave e, quando me virei, tropecei em minha própria mala.

— Precisa de mais alguma coisa, srta. Clark? — Jennifer perguntou.

Virei para olhar para ela e tentei sorrir, sacudindo a cabeça.

— Um check-up da cabeça? — eu só podia fazer uma piada antes de sumir dali.

— Ligue para nós se precisar de alguma coisa — eu a escutei falar. Com um pouco de sorte, ela não mandaria um terapeuta ao meu quarto. Ouvi dizer que os americanos nem sempre entendem sarcasmo.

Se aquele era um quarto para uma pessoa, a casa do Mark era uma mansão. Uma cama imensa, toda em branco, ocupava o quarto pintado de creme em extremo bom gosto, com a cabeceira de um incrível couro marrom. Atrás da cama, uma janela do piso ao teto mostrava a beleza do Union Square Park lá embaixo. Escondido à minha esquerda, um closet e, à minha direita, o banheiro. Deixei a mala cair no chão e abri a porta. Era lindo. As paredes, de azulejos brancos, e o piso, de ardósia preta. Colocados cuidadosamente na parede, o vaso sanitário e a pia; o resto do espaço, completamente tomado por uma banheira e as duchas envoltas por um boxe de vidro. Duas duchas cromadas em paredes opostas e, em uma prateleira de vidro, perfeitamente alinhados, pequenos frascos de artigos de toalete de grife. Em uma prateleira cromada ao lado da pia, estavam as toalhas macias e, pendurado atrás da porta do banheiro, o roupão felpudo.

Voltei para o quarto e olhei pela janela, mas parei antes de chegar lá. Aquilo era exatamente o que eu estava procurando, mas, esgotada por completo e faminta ao extremo, eu simplesmente não conseguia olhar para fora e ver a cidade desconhecida. Em vez disso, voltei para o banheiro e, depois de parar no minibar muito bem abastecido, deixei a água correr na banheira e coloquei dentro todo o pequeno frasco de espuma para banho. Tirei a roupa e deixei-me ficar imersa, desejando que meu cérebro parasse de pensar só por um segundo. Na borda da banheira, meu bar improvisado: misturei uma vodca de 15 dólares com Coca-Cola no copo para colocar a escova de dente e despejei metade de um pacote de 8 dólares de M&Ms de manteiga de amendoim na boca. Há menos de 24 horas, eu estava naquele chuveiro lá na Inglaterra, pensando que tinha que ir embora e, agora, ali estava eu. Longe.

Deitada na banheira com as pontas do cabelo de molho na água, suspirei profundamente. Aos poucos, o suspiro se transformou em um gemido e o gemido, em um soluço. E tinha o direito de chorar, não tinha? Eu havia sido traída pelo meu noivo, enganada pela minha melhor amiga e humilhada na frente de todos os meus amigos e da minha família. Peguei os M&Ms e consegui colocar tudo o que restava do pacote de uma só vez na boca, engolindo aquilo com um gole grande do meu drinque. Em que eu estava pensando quando vim para New York sozinha? Não estava sendo corajosa, e sim estúpida. Não tinha ninguém ali para me ajudar, para conversar comigo, com quem assistir a *Uma Linda Mulher, Dirty Dancing* e *Bonequinha de Luxo*. Eu deveria me enxugar, ligar para a minha mãe e pegar um voo de volta para casa. O que eu havia feito não era impulsivo e emocionante, era imaturo e covarde. Apenas uma versão realmente muito elaborada de me esconder no meu quarto e ficar deprimida. Mostrara a todos como me sentia e pagara um monte de dinheiro por um banho e um pacote de doces. Estava na hora de encarar a realidade.

Com muito esforço, saí do banho, coloquei o roupão e, atrás de mim, deixei miseráveis marcas de pés molhados no tapete. Remexi minha bolsa atrás do telefone. Torci para que ele fosse tão velho e de tão baixa qualidade que não funcionasse na América do Norte, mas, droga, vi cinco barras inteiras de recepção. Olhei para a tela. Três mensagens. Hum... Será que eu queria mesmo fazer isso, tendo tomado só uma vodca? Forçando-me a ficar em pé, andei até a janela. Se eu ia mesmo voltar para casa, queria pelo menos olhar pela janela e ver a vista pela qual pagara. Era realmente bonita. O sol

brilhava e muitas pessoas passeavam pelo parque, corriam para o metrô, entravam nas lojas e carregavam sacolas e mais sacolas de compras.

Seria estranho voltar para casa como se nada tivesse acontecido. Como se eu, de alguma maneira, tivesse entendido mal e nada daquilo que aconteceu fosse o que eu achava que era. Ou se Mark tivesse se dado conta de que era um idiota e fizesse tudo ao seu alcance a fim de que eu voltasse para ele. E, nos anos que se seguissem, nós, arrependidos, fôssemos capazes de rir dos momentos de insanidade de Mark e de quando fugi para New York por 14 horas.

— Angela, é sua mãe. Estou ligando para dizer que consegui que o hotel reembolsasse o que eu tinha pagado pelo meu quarto, pois fique com você. Então, esse crédito será feito no seu cartão — abençoada seja minha mãe por sempre pensar nas coisas práticas da vida. — Falei com Louisa e ela pediu mil desculpas, do tipo "ah, Annette, eu não sei o que fazer...". Bom, essa mocinha deveria ter se comportado melhor. E, também falei com Mark. Acho que quanto menos se falar nisso agora, melhor. De qualquer maneira, me ligue quando puder para me dar os detalhes do seu voo de volta. Seu pai irá buscá-la. E já arrumei seu quarto. Telefone quando puder, espero que você esteja... — uma pausa um pouco desajeitada enquanto minha mãe procurava a palavra certa. — Espero que você esteja bem. Amo você, querida.

— Angela, é Louisa. Por favor, me ligue. É domingo de manhã e sei que você deve estar muito braba e tudo mais, mas... eu sinto muito. Eu... eu não sabia o que fazer e... ah... meu Deus... não consigo fazer isso pelo telefone. Sou uma porcaria de amiga — pensei comigo mesma: "Sim, você é". Ela parecia muito arrependida, mas, realmente, para mim, não fazia a menor diferença. — Falei com sua mãe e foi horrível. Ela não ficava tão braba comigo desde quando levei você para casa bêbada depois da festa de formatura do colégio na casa do Tim... Ah! A mão do Tim está quebrada, mas ficará boa em umas duas semanas. Não é uma fratura grave. Ligue para mim, o.k.?

Decidi deixá-la pensar por mais algum tempo.

— Oi, sou eu — ele começou. Apoiei-me com a mão na janela e olhei as pessoas lá embaixo. — Eu tinha que ligar e dizer alguma coisa — mesmo no 11º andar, eu conseguia ver as pessoas saindo da Starbucks com o que pareciam ser baldes de café. Hum... Um café seria ótimo. Café ou sambuca? — Sinto muito pelo que aconteceu, foi incrivelmente estúpido da minha parte e cruel e... bom... simplesmente horrível — havia tantas lojas em volta da praça... Eu, definitivamente, me sentiria muito melhor se fizesse compras. — Eu devia ter lhe contado o que estava acontecendo — mesmo com o ar-condicionado no máximo dentro do quarto, consegui sentir o sol forte que estava batendo nas pessoas lindas que usavam shorts minúsculos e camisetas fofinhas. — Katie e eu... bom... eu deveria ter contado para você, a coisa é um pouco séria — tantas pessoas andavam de um lado para o outro lá embaixo... — Acho que nós precisamos ter uma conversa sensata sobre o apartamento e todo o resto, quero dizer... você não pode simplesmente desaparecer, Angela — eu podia ver os esquilos correndo em volta das árvores. — Sua mãe disse alguma coisa sobre você estar em New York. Não sei. Bom, você pode me ligar? Eu sei que estraguei tudo, mas você tem que me ligar, você não pode simplesmente se esconder. Eu não vou voltar para casa, vou ficar com... bom... eu não vou voltar para casa até nós conversarmos — vi uma estação de metrô entre as árvores. Uau, o metrô. — Nós temos que conversar sobre o que vai acontecer. Eu amo você, Angela, mas... não estou mais apaixonado por você. De qualquer maneira, me ligue.

Encostei a testa no vidro da janela e desliguei. Ele não faria tudo ao seu alcance para me reconquistar. Só porque toda a situação havia sido um grande choque para mim, não queria dizer

que fosse um choque para ele, provavelmente era um alívio. Droga... Que diabos eu iria fazer agora? Não queria ficar morando com minha mãe o resto da vida e não podia mais contar com meus amigos. Não podia nem me enfiar no meu trabalho. Eu era freelancer e, nessa época do ano, não tinha muito trabalho. Respirei fundo, dei um passo para trás e, apoiada na janela com a ponta dos dedos, disquei o número de Mark.

— Alô.

Ouvi a voz dele.

— Sou eu — eu disse, apoiando-me com mais força no vidro da janela, na linha do horizonte. — Pedi para minha mãe ir buscar minhas coisas, ela vai empacotar tudo — com o dedo, desenhei no vidro a linha dos prédios à minha frente e continuei respirando. —Não vou voltar para casa; então, faça o que quiser. É só que... bom... eu não vou voltar.

— Você está na casa da sua mãe? — ele perguntou com certa hesitação.

— Não consigo falar com você — respondi, olhando para o parque e respirando profunda e lentamente. — Não estou na casa da minha mãe, estou em New York e não sei quando vou voltar. Então, faça o que quiser fazer com quem quiser e não me ligue mais. Nunca mais.

Desliguei e apoiei todo o corpo na janela. Então, eu tinha escolhido New York; agora, precisava que New York me apoiasse nessa decisão. E, para comemorar, corri para o banheiro e vomitei a vodca com Coca e os M&Ms de amendoim. Ótimo.

— Oi. Srta. Clark? — a porta abriu e só tive tempo de fechar o roupão e sair da minha confortável posição fetal em torno do vaso sanitário. A garota da recepção entrou empurrando um carrinho pela porta. — É Jennifer, a recepcionista. Posso entrar?

— Sim — respondi e dei uma olhada rápida no espelho para ver se não tinha nada aparecendo antes de ir para o quarto recebê-la —, claro.

— Eu não tinha certeza de que teria tudo de que precisava — ela me mostrou o carrinho com um gesto teatral, como se fosse um prémio. Pilhas de bolachas muito grandes, caixas de cereal, uma chaleira com água fervendo, leite quente, leite frio, panquecas, torradas e uma caixa grande de produtos de beleza. — Sabe, você mencionou o fim de um namoro e ninguém deve ficar sozinha numa hora dessas. Este é o nosso serviço de cortesia "Todos os homens são uns filhos da mãe" para quem terminou um namoro — ela pegou uma bolacha, quebrou-a ao meio e sorriu.

— Deus do céu! Muito obrigada. E me chame de Angela, por favor — eu disse, sentindo-me incrivelmente inglesa. Peguei a metade da bolacha que ela me ofereceu e fiquei parada sem jeito, tentando entender o que estava vendo. — Isso é maravilhoso, muito obrigada. Estou morta de fome.

— Bom, neste hotel nós recebemos todas as pessoas em todas as situações, e eu sou do tipo de gente que se adapta a toda e qualquer pessoa e situação — ela comentou e, com um pulinho, sentou na cama. — Veja, se você quiser que eu vá embora, é só dizer. Estou totalmente fora dos limites do meu trabalho de recepcionista. Mas pensei no que eu iria querer se tivesse vindo para New York, depois de terminar com meu namorado, só com uma mala minúscula, sem hotel reservado. Então, fui até a sala de suprimentos, peguei um pijama — tirou um pijama de algodão branco do fundo do carrinho —, chinelos, meias, produtos de limpeza de pele, um kit de costura... porque... bom, parece que todo mundo precisa de um kit de costura. E toda a comida que eu iria querer se estivesse em seu

lugar. E chá porque, sabe, você é inglesa.

Eu não sabia se ria ou se chorava, mas estava mais do que feliz em ouvir aquela garota falar até que eu tomasse uma decisão.

— Obrigada, mais uma vez. Acho que preciso mesmo de um pijama. Não tinha pensado nisso. Ou em qualquer outra coisa, para dizer a verdade.

Ela fez um chocolate quente para cada uma de nós e quebrou outra bolacha ao meio.

— Colocar um pijama é a primeira coisa que faço quando termino um namoro. Fico na cama por mais ou menos uma semana e, daí, como até superar tudo. Foi por isso que trouxe toda essa comida. Se você atravessou o Atlântico, acho que terminou mal, estou certa?

Peguei o pijama e, instintivamente, fui até o banheiro, mas algo me dizia que aquela garota não se incomodaria se eu o vestisse na frente dela. Ela já havia ligado a TV e mexia a cabeça no ritmo de um clipe de música. Coloquei a calça do pijama por baixo do roupão, que rapidamente deixei cair, e vesti a parte de cima. Como uma pluma e muito lindo, era o pijama mais macio que eu já usara para dormir.

— É muito ruim ter que falar com uma estranha? — ela perguntou. — Tudo bem, sou a analista residente do hotel — ela deu um tapinha sobre o colchão e eu sentei, bem ali, naquela cama que, como o pijama, era um luxo e totalmente convidativa.

— Bom, não falei com ninguém até agora — suspirei, tomando um gole do chocolate quente. — Eu, literalmente, acabei de descobrir que meu namorado estava me traindo e decidi tirar umas férias para pensar.

— Sério? Que filho da mãe! Como você descobriu? — Jennifer perguntou e, em vez de bolachas, pegou uma tigela de cereal.

— Eu o surpreendi transando com outra no banco de trás do carro dele, no casamento dos nossos melhores amigos. Todos eles sabiam. Só eu, a idiota aqui, não tinha percebido — parei de falar para aceitar o prato de cereal. Quanto açúcar em um prato! Incrível. — Nós sempre dissemos um ao outro que simplesmente iríamos embora se o outro nos traísse, então... acho que estou solteira.

— Ai, ai, ai — ela disse, cruzando as pernas e arrumando algumas da almofadas —, que péssimo. Mas você tem amigos aqui em New York?

— Não — mastiguei os pedacinhos de marshmallow e fiquei olhando o leite ficar verde. Nojento e delicioso. — Eu literalmente peguei o primeiro voo em Heathrow que se encaixava no meu critério de lugares onde se falasse inglês e houvesse muitas lojas, e que fossem muito, muito longe de Mark.

— Você escolheu bem. New York é a meta das pessoas que acabaram de terminar um namoro e, pode acreditar em mim, sou a presidente, a tesoureira e a secretária da sociedade local dos corações partidos. Mas não são muitas as pessoas que simplesmente se levantam e saem do país, querida. Você é muito corajosa.

— Não acho — confessei. — Não podia voltar para casa e, para dizer a verdade, não consegui suportar a ideia de falar com meus amigos e descobrir que todos já sabiam há meses. E, depois de quebrar a mão do noivo e fazer a noiva chorar antes da primeira dança no casamento deles, do qual fui a dama de honra, pensei em sair do país.

— Caraca! — ela exclamou olhando para mim com os olhos arregalados. — Você é minha nova

heroína.

Ela parecia tão sincera que eu desabei em prantos. Não sou chorona, sério, mas as últimas 24 horas tinham sido realmente difíceis.

— Deus do céu, é tão triste — balbuciei entre as lágrimas. — Tenho quase 27 anos, fui traída, não tenho casa, meus amigos são todos uns idiotas e estou sozinha em uma cidade que não conheço com uma mala muito pequena, um par de sapatos de 400 libras que serve como uma arma, e metade de um Toblerone. Essa não é a minha definição de heroína.

— É, sim. Acho que você é uma heroína. Você enfrentou a situação de frente, desafiou as pessoas que, apesar de serem a sua base social, tinham uma influência negativa em sua vida, e veio até a melhor cidade do mundo para se redescobrir. E você não esta sozinha. Agora, você tem a mim, quer goste ou não — ela disse com um sorriso que ia de orelha a orelha, amarrando os cachos do cabelo castanho-escuro em um rabo de cavalo. — Jenny Lopez, a analista número um de New York, às suas ordens. Use ao máximo meus serviços gratuitos antes que minha consulta custe um bilhão de dólares. E não dê risada do meu nome. Ah, posso ver o tal sapato?

— Não vou rir — eu disse, tentando imaginar como poderia beber o leite da tigela de cereais sem que ela visse. Aliás, prova de que os conservantes de comida permitidos na Europa viciam. — E obrigada por tudo isso e por me ouvir e... bom... por conversar comigo. E, sim, os sapatos estão ali, ao lado da cama.

— Ah! Nunca me agradeça por falar — ela riu e, com um pulo, saiu da cama para pegar o sapato. — Uau! Hyde Park Louboutin, incrível. Bom, tenho que voltar para a recepção e acho que você precisa dormir, pois deve estar começando a sentir o cansaço por causa da diferença do fuso.

Fiz que sim com a cabeça, ela me pareceu estranhamente perspicaz. Quando tentei levantar para acompanhá-la até a porta, tive a impressão de que minhas pernas eram feitas de chumbo.

— Não levante — ela disse, abrindo a porta. — Aproveite a comida, veja programas bobos na televisão e prepare-se para amanhã.

— O que vai acontecer amanhã? — perguntei, servindo-me das panquecas. Estava com muita fome e tudo era muito gostoso.

Jenny sorriu da porta.

— Muita coisa. É meu dia de folga. É o dia em que vou levá-la para sair, assim você não passará um segundo além do necessário sozinha, assistindo à TV a cabo. Será o primeiro dia da sua aventura em New York. Esteja pronta na recepção às 9h30.

E ela foi embora.

Sentei na cama em um leve estado de choque. Em frente, havia um espelho grande, 1,80 metro de altura, encostado na parede. Eu mal podia acreditar que estava lá, olhando para mim mesma. Eu, em New York. Eu, solteira. Eu, com uma amiga que, apesar de sentir pena de mim, me levaria para conhecer a cidade em 12 horas. A canseira da viagem e a diferença do fuso horário começavam a fazer com que eu me sentisse como se tivesse bebido muito mais vodca do que realmente bebera, e toda a comida no carrinho começou a ficar fora de foco. Ajeitei-me, arrumei as cobertas com as pernas e desabei na cama, que parecia feita de plumas. Felizmente, o controle remoto surgiu em cima da colcha, bem perto da minha mão. Mudei de canal até encontrar algo que me parecesse familiar. Ah! Friends. Perfeito. A loucura das últimas 24 horas martelava no fundo da minha mente

enquanto eu tentava relaxar. Lá fora, o sol tinha começado a se pôr e formava longas sombras no meu quarto.

— Você não está se sentindo só? Você deveria ir para casa e enfrentar as coisas — o quarto escuro sussurrou. Sempre odiei o fato de que as coisas, na maior parte das vezes, parecem um pouco pior, um pouco mais malucas, à noite. Desafiando o cansaço, coloquei a mão para fora da coberta e peguei mais uma bolacha no carrinho, movimento este que exauriu minhas últimas forças. Antes mesmo de colocar a bolacha na boca, caí em um sono sem sonhos, induzido pela canseira da viagem.

Capítulo 4

Na manhã seguinte, acordei tão de repente como havia dormido. Como adormeci subitamente, não tinha fechado as cortinas e o calor do sol de agosto que entrava pela janela fez com que eu levantasse imediatamente. Segurava em uma das mãos a bolacha parcialmente derretida e, na outra, o controle remoto. Friends ainda na TV, mas acho que era um episódio diferente... De acordo com o relógio na mesinha de cabeceira, era segunda-feira, 8h. Meu primeiro dia inteiro em New York. Levantei-me da cama e, tentando não fitar o espelho, dei uma olhada pela janela. A Union Square já estava movimentada. A estação de metrô, cheia de gente e uma feira livre, que parecia crescer a cada minuto, tinha surgido e tomado conta da praça. Eu estava prestes a entrar no chuveiro quando alguém bateu à porta e me tirou do meu devaneio "uau, estou mesmo em New York e não vou pensar sobre o porquê".

— Serviço de quarto — uma voz suave e muito bem-educada, seguida por uma batida na porta. Sem pensar, abri a porta e vi um homem que era, de longe, o sujeito mais bonito que eu já vira. Ele tinha 1,80 metro de altura, o cabelo preto e grosso na altura dos ombros repartido ao meio e olhos castanhos amendoados. A pele, em um suave tom oliva, contrastava com a camisa branca sem colarinho, muito bem passada.

— Srta. Clark?

Acho que balbuciei alguma coisa, mas, como não era bem uma resposta, também fiz que sim com a cabeça. Eu sabia que tinha no rosto marcas de travesseiro, um pouco de chocolate derretido na mão direita e queria, do fundo do coração, estar usando o sutiã que largara a pelo menos três metros de onde deveria estar, jogado no chão, ao lado da cama.

— A Jenny me pediu para trazer o que ela gostaria de comer no café da manhã. Então, aqui está praticamente tudo que temos no cardápio. Eu sou Joe — ele entrou empurrando um carrinho cheio de coisas com um cheiro delicioso que, rapidamente, trocou pelo outro com a bagunça que Jenny havia deixado na noite passada. — Ela também me pediu para lhe entregar um bilhete que está ali. Bom apetite — e, depois de dar o sorriso mais incrível do mundo, caminhou até a porta. Como ele poderia ser um garçom do hotel? Eu me perguntei, levantando as tampas dos pratos e sentindo o aroma de toda aquela comida no carrinho. Omelete, não sou fã. Bacon e ovos, talvez um pouco cedo demais. Panquecas, sempre. E, na prateleira de baixo, uma variedade imensa de cereais, bolos, chocolate quente, leite, e meu chá porque sou inglesa. Fiquei tão agradecida...

Depois de tomar banho, comer e assistir a mais um episódio de *Friends*, abri o bilhete de Jenny.

0i,

Espero que você tenha encontrado algo de que goste. Como eu disse, sou uma comilona.

Estarei na recepção às 9h30 em ponto e, se você não aparecer, corto o serviço de quarto. Hoje é o primeiro dia do seu programa de recuperação com a dra. Jenny. Espero que esteja pronta!

Jenny x

P.S.: Espero que também tenha gostado do Joe. Aposto que o seu ex não trazia panquecas para você de manhã e que não era lindo desse jeito...

Ri alto, mas o som da minha risada me pareceu estranho. E me dei conta de que não me ouvia rir há dias. Era bem melhor do que chorar.

Mas, deixando de lado a risada e os garçons lindos, era hora de encarar os fatos. E, mais aterrorizante, chegara a hora de me olhar no espelho. A iluminação no The Union fora projetada para ser tão lisonjeira quanto possível, mas lâmpadas de baixa potência, espelhos com foco suave e o sono de 12 horas não poderiam reparar o dano que o fim de um namoro causa na pele. Remexi meu nécessaire e, procurando minha maquiagem, e esvaziei seu conteúdo na pia do banheiro. Não havia muito com que trabalhar. Passei rímel e gloss nos lábios, mas não fez muita diferença. E meu cabelo, a mesma história trágica. Eu o tinha deixado crescer por um tempo que parecia ter sido a vida inteira, a fim de que chegasse ao comprimento ideal com vistas a fazer o coque com que Louisa sonhava para as damas de honra, e agora estava simplesmente patético. Consegui fazer um rabo de cavalo. A escolha em meu guarda-roupa era mais limitada ainda. Jeans e camiseta ou o vestido de dama de honra. Eu realmente esperava que Jenny me levasse a algum lugar onde eu pudesse comprar roupas de baixo porque estava seriamente necessitada. Quando decidi viver minha grande aventura, achei que tinha tudo de que precisava. Bom, eu possuía duas camisetas, três calcinhas e um sutiã. E o Louboutin — um suspiro fundo —, lindo! Peguei minha bolsa e sai. Eram 9h25, hora de encontrar Jenny na recepção.

Foi bem fácil ver Jenny. A recepção continuava à meia-luz e tão incrível quanto na noite anterior, mas Jenny, em um canto, encostada no balcão da recepção, brilhava em um vestido amarelo-limão muito sensual e rasteiras douradas muito delicadas. Eu me senti como se fosse a avó dela. E, ontem à noite, eu não tinha notado que as pernas da recepcionista eram incrivelmente compridas. Talvez ela não fosse a pessoa certa para ser minha amiga no momento em que eu estava me recuperando do fim de um namoro... Antes que eu pudesse fugir pela porta, ela me viu e me chamou.

— Veja! — ela disse para a garota atrás do balcão da recepção. Outra deusa linda em seu uniforme de recepcionista, uma blusa preta sem gola e calça comprida. — Ela existe. Ela é a heroína das heroínas.

— Uau! — a garota falou surpresa, olhando-me com os olhos arregalados. Eu me senti como a protagonista daquela novela inglesa a Eastenders. Falando sério, um rabo de cavalo? Achei que passaria percebida com o cabelo molhado preso em um rabo de cavalo... — Você é nossa inspiração. Você é fantástica. Eu sou Vanessa.

Sorri meio sem jeito. Eu, fantástica?

— Oi! — eu disse para as duas, tentando não pensar nas minhas gorduras que talvez estivessem saindo por cima da calça. — Não sabia aonde vamos, então não tinha ideia do que vestir — e, no espelho atrás de Vanessa, vi minhas gordurinhas sobressaindo da calça de cintura baixa.

— Você está ótima! — Jenny afirmou, afastando todas as minhas preocupações e segurando meu

braço. Dei tchau para Vanessa, mas, em vez de irmos para a porta, fomos para o elevador. — Hoje, começa a fase um da sua transformação.

— Transformação?! — perguntei.

Entramos no elevador e Jenny apertou o botão onde estava escrito "Rapture Spa". Será que eu estava tão feia assim?

— Isso mesmo — Jenny disse. — A regra número um para se recuperar do fim de um namoro é submeter-se a uma sessão completa de mimos. Seja bem-vinda ao Rapture.

A porta do elevador se abriu e vi um espaço amplo e claro, o oposto da recepção. Cheio de luz, o aroma era cítrico com baunilha. Dúzias de esteticistas muito tranquilas andavam de um lado para o outro em túnicas azuis e, rindo e brincando, carregavam vidros de xampu, óleos para massagem e toalhas. A música de Motown tocava baixo, mas alto o suficiente para cantar junto. Uma das esteticistas nos viu e nos chamou. Ela era muito pequena, o cabelo preto e grosso estava puxado para trás em um coque sério, o que fazia com que chamasse a atenção; tinha as maçãs do rosto muito bem definidas e lábios que deixariam Angelina Jolie com inveja.

— Oi! — ela e Jenny se cumprimentaram com dois beijinhos no rosto e, então, ela deu um passo para trás e olhou para mim. — Esta tem que ser ela, certo?

Jenny fez que sim com a cabeça.

— Angela Clark, essa é Gina Fox, nossa melhor esteticista. Ela vai reinventar seu visual. Que tal?

Sem me dar tempo para responder, Gina me pegou pela mão e atravessamos o spa e a recepção. Fomos para um vestiário grande.

— Jenny nos contou sobre o fim do seu namoro. Querida, você é incrível — Gina me mostrou um dos roupões azul-claros e concluí que deveria tirar a roupa. — E, quando a gente termina um namoro, tem que fazer algumas mudanças. Você já ouviu o ditado: "Lave o cabelo e tire aquele homem da sua cabeça?" Bom, vou cortá-lo da sua cabeça.

Jenny beliscava brownies em um prato no bar perto da entrada.

— Acho que um corte tipo chanel, curto, lindinho e clássico — ela resmungou com a boca cheia de nozes-pecã.

Gina me fez dar a volta e analisou meu cabelo de todos os ângulos.

— Belas maçãs de rosto, um chanel vai ficar ótimo. E luzes, quem sabe...

— Ah... Não sei se sou o tipo que fica bem com luzes — gaguejei, começando a entrar em pânico. Luzes no cabelo sugeriam um jeans bem claro e uma blusa brilhante, não era bem eu.

Séria, Gina olhou para mim e depois para Jenny.

— Ela vai me dar trabalho? — ela perguntou.

Jenny, bem rápido, sacudiu a cabeça.

— Hã hã. Vá devagar com ela, Gina. Ela passou por muita coisa — e Jenny pegou outro brownie.

Sentei em uma cadeira para lavar o cabelo e deixei Gina tirar uma foto de "antes" com a máquina que tinha a marca da Rapture. Enquanto ela ensaboava meu cabelo, dei parabéns a mim mesma por tê-lo lavado de manhã e melhorado a maçaroca imensa em que se convertera.

— Mas, gata — Gina falou —, conte-nos sobre você.

— Bom — a cadeira com uma vibração maravilhosa fez com que eu caísse em total submissão. — Sou uma espécie de escritora. Escrevo roteiros de filmes para crianças, shows para a televisão, coisas do estilo.

— Mesmo? Que legal! — Gina falou, ensaboando meu cabelo. Ai! Um pouco forte demais. — Alguma coisa que a gente conheça?

— Talvez — balbuciei, entregue à massagem que Gina começou a fazer em meu couro cabeludo. — Trabalhei em quase todos os filmes infantis nos últimos cinco anos, ogros grandes e verdes, aranhas radioativas, tartarugas falantes.

— Que legal! — Gina disse, massageando minha testa.

Ahhhhhh...

— No começo é legal, mas, depois de um tempo, um emprego é um emprego.

— Então, o que você quer fazer? — Jenny indagou da cadeira ao lado da minha. — Se pudesse fazer qualquer coisa, o que faria?

— Não sei — falei mansinha, entregue à massagem com o condicionador. — Acho que seria uma escritora de verdade. Escreveria minhas histórias. Nunca tive tempo para fazer isso antes.

— Você tem tempo agora — Jenny disse. Pelo som de sua voz, ela estava comendo brownies de novo. Tudo que eu sabia sobre aquela mulher até agora é que ela era a melhor de todas as "chatas" e comia mais do que todo mundo que eu conhecia, apesar de a cintura dela ser da largura da minha coxa esquerda. — Você não tem trabalho agora, tem?

— Não — admiti —, não tenho nada no momento.

— Então, fique e escreva — ela disse enquanto Gina enrolava uma toalha em minha cabeça e me levava para a cadeira de cortar o cabelo. — Você está em New York, o melhor lugar no mundo para ser uma escritora. Mais de um milhão de livros foram inspirados em Manhattan.

Gina riu, debochando.

— Diga o nome de um só, Jenny Lopez, e eu dou um milhão de dólares para você nesse minuto.

— Tá legal. Tecnicamente, não leio muito — admitiu Jenny, fazendo o sinal de aspas no ar com as mãos —, mas tenho que mergulhar no assunto que estudo. Leio muitos livros de autoajuda.

— Se, com isso, você quer dizer que compra muitos livros de autoajuda e os deixa jogados por toda parte em nosso apartamento, então, sim, acho que sim — Gina disse.

— Vocês moram juntas? — perguntei, tentando amenizar as ameaças nos olhos de Jenny para Gina. Essa deveria ser uma casa bem divertida.

— Moramos juntas até quarta-feira, que é quando a Gina vai me deixar — Jenny fez de conta que chorava. — Não acredito que você esteja indo embora para ser gerente de um salão de beleza.

Gina começou a pentear meu cabelo, deixando-o liso, e o dividiu em quatro mechas.

— Pois e, um salãozinho. Serei só a gerente da filial internacional da Rapture em Paris. Você vai sobreviver, Jenny — ela disse, olhando para mim no espelho. Mais relaxada, Gina parecia ser uma pessoa bem divertida, e não uma esteticista impecavelmente bem-arrumada e terrorista. — Então, Angie, do que você gosta? Música, teatro, livros de autoajuda?

— De qualquer maneira — Jenny interrompeu —, acho interessante que você tenha respondido a "conte-nos sobre você" falando de seu trabalho. Você acha que passa muito tempo trabalhando e pouco tempo cuidando dos outros aspectos da sua vida?

— Você acha, dr. Phil? — Gina disse, poupando-me de ter que pensar em uma resposta. — Às vezes, você só diz abobrinhas. Mas, falando sério, além de escrever, do que mais você gosta, Angie? Música? Moda? Shows de cachorros?

— Eu adoro música — respondi, feliz por estar em território seguro de novo. — Amo música ao vivo, shows, festivais e coisas do estilo. Sempre tive um fraco por aquele tipo de cara que vai aos shows, os indie boys. Sabe qual? Gravata fina, jaqueta de couro, tênis da Converse...

Jenny e Gina sorriram e concordaram com um movimento da cabeça.

— Sim, queridinha, já estivemos lá — Jenny disse, os olhos dela umedeceram um pouco. — Você só tem que ir até o centro da cidade e gritar o nome de alguma banda desconhecida. Uma inglesa bonita como você? Eles virão correndo.

Gina riu.

— É sim. E você, com certeza, pode usar esse seu sotaque. Mas eu sou velha demais para isso — ela admitiu. — Estou mais interessada no tipo que encontro na Wall Street na sexta-feira à noite. Quero conhecer alguém que me leve para um apartamento na Park Avenue via Tiffany, e não para um loft no Brooklyn via uma clínica gratuita. Ah! Que saudades dos meus 20 anos...

— Bom, vou fazer 27 em outubro — eu disse. Gina começou a cortar meu cabelo com uma tesoura muito pequena. — Será que não sou velha demais para garotos indie magrelos?

— Que nada, você ainda tem uns bons dois anos pela frente — Gina argumentou. — Mas não gostaria de encontrar alguém que cuidasse de você? Um cara grande e forte? Sarado, cartão de crédito com um belo limite, bem vestido... Alguém que a mimasse o tempo todo?

— Sei lá. Acho que não seria ruim. Meu ex era um garoto da cidade, mas não era exatamente o que eu chamaria de sarado. E era muito pão-duro — comentei devagar. — Nunca olhei para outro tipo de menino. Creio que não me julgava adulta o suficiente. Não e trágico?

— Bom, primeiro você tem que parar de chamá-los de "meninos", Angie — Jenny sugeriu. — Você quer um homem. Quem sabe até mesmo dois.

— Talvez não seja má ideia. Alguém que pese mais do que eu... Deus do céu, não! Sou velha demais para flertes. Não consigo sequer me imaginar fazendo isso. Meu Deus, vou ter que voltar a paquerar aos 26 anos de idade! — eu não conseguia acreditar nisso.

Jenny balançou a cabeça.

— Como eu queria fazer 27 anos no meu próximo aniversário... Faço 30 em julho — Jenny encostou a cabeça no braço da minha cadeira. — Meu Deus, não posso fazer 30 anos sem ter realizado nenhum dos meus sonhos.

— Mas seus sonhos são conhecer a Oprah, trabalhar com a Oprah, ser amiga de todos os amigos da Oprah e, aos poucos, roubar o lugar da Oprah no coração das pessoas deste país — Gina disse. Tinha um monte de cabelo cortado nos meus ombros e muito mais no chão. — Até agora, você leu os livros da Oprah, comprou as revistas da Oprah, assistiu aos programas de TV da Oprah e encheu o saco de todos os seus amigos, falando o tempo todo da Oprah.

— Pois é, mas esses são passos importantes para que eu me torne a queridinha de toda a nação. E, obviamente, uma bilionária — Jenny retrucou, parecendo muito decidida. — Quais são as suas ambições na vida, querida?

Pensei por um momento.

— Não acho que tenha alguma — respondi. — Quem sabe publicar um livro ou escrever uma coluna para uma revista. Não sei, não é fácil conseguir esse tipo de coisa.

— Mas, com certeza, você consegue — Jenny afirmou, tirando um bloco e uma caneta da bolsa. — É só você se organizar. Vamos fazer uma lista. Ah, eu amo isso!

Gina puxou alguns fios do meu cabelo até o queixo para verificar o comprimento.

— Deus do céu, você criou um monstro. Nunca dê um projeto para essa menina — ela bateu no bloco de Jenny com a tesoura. — Agora, chega de conversa, vou fazer a escova.

Vinte minutos mais tarde, meu cabelo estava lindo. Um chanel muito feminino, na altura do queixo, com uma franja desfiada para o lado direito, perto da maçã do rosto. Parecia maduro, mas muito bonitinho, e elegante, mas sem forçar a barra. Entretanto, duvidei que ficasse tão bonito quando eu o arrumasse.

— Agora — Gina explicou, pegando um pouco de um produto que parecia cera —, temos algumas opções, depende do que você decidir fazer com a sua vida. O que vemos nesse momento é uma princesa da Park Avenue. Você poderia entrar em qualquer editora assim e reivindicar a publicação de um livro... Supersofisticada. — Jenny fez que sim com a cabeça, muito entusiasmada.

— Mas podemos mudar... — Gina esfregou a cera na palma das mãos e atacou meu cabelo. Puxou-o para a frente e passou os dedos por toda a extensão dos fios. Quando ela o jogou de volta para trás, o chanel liso ficou desfiado, em camadas, todo desarrumado. Algo que eu já tinha tentado fazer, mas havia ficado como se eu tivesse dormido com o cabelo molhado. — Agora, muito descolada, está pronta para arrasar no Lower East Side com todos os hipsters. Você gosta?

— Muito obrigada — falei muito, muito feliz. — Não sabia que meu cabelo poderia ficar tão incrível — eu não conseguia parar de tocá-lo, mas só nas pontas, com receio de mexer demais e... puf, aquela coisa linda desaparecer.

— Não quero ver você com um fio de cabelo fora do lugar a partir de agora — Gina olhou para mim e, naquele momento, agradeci aos gerentes do Rapture em Paris.

— Certo. Angie, querida, pegue a sua bolsa. Vou levar essa nova versão de você para passear — Jenny engoliu um último pedaço de um brownie e me puxou da cadeira.

— Para onde vamos? — perguntei, deixando Gina arrumar o volume do meu cabelo para que ficasse mais ou menos entre o elegante chanel e o desfiado invocado. — Porque eu acho que não estou vestida para....

Jenny me pegou pela mão e me olhou como se eu fosse uma avó que pensa que ainda está em 1947.

— Amorzinho, é exatamente por isso que estamos indo para onde estamos indo.



Bloomingdale's.

Eu já ouvira falar nela e vira as pequenas sacolas marrons, mas nunca tinha pensado em ir lá. No táxi, Jenny me explicou o que estávamos procurando. Ela começara o meu novo plano de vida enquanto Gina fazia a escova no meu cabelo, e a primeira coisa de que eu precisava era estar devidamente equipada para minha estadia em New York. Algo que, por acaso, era a regra número dois da Jenny em "como lidar com o fim de um namoro": comprar um item de tudo novo.

Eu já havia feito compras. Tinha enfrentado a TopShop Oxford Circus em uma noite de sexta-feira, mergulhado de cabeça em uma liquidação da Selfridges, e encontrado coisas maravilhosas no Portobello Market, mas isso era completamente diferente. Após uma avaliação rápida da maquiagem no meu rosto (não chegava), uma breve descrição da maquiagem no meu nécessaire (nada que prestasse) e a confirmação de que, se não fizéssemos grandes loucuras, meu limite no cartão de crédito não era realmente um problema, Jenny decidiu que começaríamos no piso térreo com cosméticos. Ela chegou ao balcão da MAC com a determinação de uma nadadora de travessias. Em segundos, eu estava sentada na cadeira de outro esteticista, Razor, que tirou a maquiagem que eu havia colocado de qualquer jeito naquela manhã.

Razor era o homem mais charmoso com um moicano que eu já tive o prazer de conhecer. A maquiagem que ele estava usando era incrível e, francamente, o que ele sabia fazer com um delineador...

— Bom, precisamos de uma base adequada para igualar o tom da pele. Você está muito pálida, queridinha, então, vamos usar um blush... hum... damasco para o dia e algo mais pink para a noite. Depois, vamos trabalhar um pouco nos olhos. Como você é... digamos... principiante, vamos deixar os lábios para outro dia e ficar com alguns neutros. Talvez um vermelho clássico para quando você estiver se sentindo corajosa — ele decidiu em meio a um turbilhão de esponjas, pincéis, tubos e cubas.

— A gente pode fazer os lábios hoje — eu disse humildemente, sentindo-me mal por ser tão pálida e deixar Razor na mão. — Sei que não estou usando muita coisa hoje, mas gosto de maquiagem. Uso sempre.

Razor e Jenny olharam um para o outro.

— Pegue este pincel de delineador para mim, queridinha — Razor sugeriu, segurando-o como um cetro de ouro.

Intrigada, peguei o tal pincel e olhei para ele.

— Isto é para o delineador? Acho que só usei lápis até hoje... — comentei pensativa, inclinando a cabeça para olhar por que estava com medo de mover aquela "coisa". Não chegou a ser um problema, Razor tirou-a bem rápido da minha mão antes que eu pudesse tentar passá-la no rosto.

— É... Pelo visto, vamos começar com o básico — ele falou docemente, dando uns tapinhas no meu ombro. Acho que seu propósito era que eu me sentisse melhor, mas, para dizer a verdade, isso não aconteceu. Entretanto, em 30 minutos, eu tinha um rosto que combinava com o meu cabelo novo. A pele perfeita, os olhos, com a sombra, pareciam grandes e os lábios, como prometido, neutros e fáceis de retocar. Jenny estava ocupada brincando com algumas sombras em tom verde brilhante quando Razor anunciou que tinha terminado com um dramático "ta-dá!". Quando olhei para ele, tive a impressão de que seu cachorrinho com pedigree havia ganhado o primeiro lugar em uma exposição da Crufts.

— Minha nossa! — Jenny exclamou. Ela não estava sorrindo. Parecia levar muito a sério a transformação em mim. — Razor, ficou incrível. Angie, você está linda!

E, mesmo que só por um momento, eu me senti bonita de verdade. Não conseguia me lembrar da última vez que comprara maquiagem.

— Levo tudo isso — disse rapidamente, sem parar para pensar.

Razor foi muito cuidadoso com as orientações que me deu sobre cada frasco, cada pincel, cada paleta e me entregou folhas com instruções sobre "como" utilizar os produtos para que eu pudesse ao menos tentar usar tudo aquilo sozinha. Muito entusiasmada, coloquei meu cartão na mão dele. Logo, eu tinha menos 250 dólares e mais uma sacola de papel marrom tamanho médio da MAC. E me senti muito bem.

Enquanto caminhávamos pelo corredor, Jenny parou em vários balcões, escolhendo "coisas essenciais", sem as quais eu não poderia ficar. Em pouco tempo, nós duas estávamos com as sacolas bem cheias e tínhamos o suficiente para maquiar todos os hóspedes no The Union.

— Preciso de perfume — afirmei quando passamos pela Chanel. — Uso a mesma essência há dez anos. Mar... meu ex a comprava para mim no Natal, e não quero sentir aquele cheiro nunca mais.

Jenny me abraçou, colocando os braços e as sacolas de papel marrom em volta do meu pescoço.

— Você está começando a me entender — ela disse. E me levou para a Chanel. — Angela Clark, até o fim do dia, eu terei feito uma nova-iorquina de você. Tem que ser o nº 5 e, depois, almoço.

Quando peguei um sanduíche natural de frango e um refrigerante diet, e Jenny, um hambúrguer, batatas fritas e mais um brownie, eu já sabia que ela era uma verdadeira nova-iorquina. Tinha se mudado para a cidade depois da faculdade para ir atrás de seu sonho de se tornar a próxima Oprah. Depois de um verão na Califórnia, ela conseguiu um emprego como garçonete no restaurante de um grande hotel turístico em NYC para "estudar o meio" (acho que ela quis dizer "pessoas"), mas, por acaso, era tão boa que logo foi convidada para trabalhar na recepção. Quando, na primavera do ano anterior, o The Union abriu, ela foi trabalhar como recepcionista para melhorar seus contatos. O hotel, muito exclusivo, aparentemente atraía um monte de celebridades jovens, normalmente loiras, bronzeadas e magras, ou másculas, lindas e gays. Agora, ela se considerava a psicóloga amadora de New York que tinha os melhores contatos, posição esta que lhe abria as portas dos maiores clubes e restaurantes e lhe dava acesso ao número do celular de várias atrizes de Hollywood e, mais importante, seus agentes.

— Então, como é que você ainda não está na TV? — Perguntei, afundando a colher no brownie dela, que estava uma delícia.

— Não tive minha chance ainda — Jenny deu de ombros. — Os agentes comuns não têm o poder de conseguir um show para uma ninguém como eu. Você tem que ser Tyra Banks para alcançar algo assim.

Ela era tão bonita, tão querida e tão incrivelmente determinada, que era difícil acreditar que não estivesse na capa de todas as revistas do país.

— Você vai chegar lá — sorri, empurrando a última colherada de brownie para ela. — Não conheço ninguém como você, honestamente. Seu trabalho foi incrível só por me reorganizar. Eu estaria sentada no sofá de pijama, tomando sorvete, chorando e assistindo à Living TV se estivesse em casa.

— Bem, você vai precisar de mais do que um dia, um corte de cabelo e maquiagem, mas vamos chegar lá — ela sorriu, atacando a sobremesa. — Deus do céu, você sequer foi ao Soho ainda! Tenho todo um plano para você, querida. Acha que poderia deixar essa americana metida conduzi-la à versão dois de Angela Clark?

— Não tenho nada melhor para fazer — e ri. Era muito estranho ser levada pela mão por alguém que eu havia conhecido 24 horas atrás; no entanto, por alguma razão, fazia bastante sentido. Era como se eu conhecesse Jenny há tempos, e estar com ela em New York fazia com que Londres e Mark parecessem ficar bem longe e num passado distante.

Depois do almoço, demos início à difícil tarefa de criar meu novo guarda-roupa. Depois de uma rápida olhada no quarto andar e de separar três montanhas de roupas, a ordem foi que eu fosse para o provador enquanto Jenny e duas vendedoras apareciam intermitentemente com araras e mais araras cheias de peças. Logo, eu vestia um lindíssimo jeans justinho da 7 for All Mankind que fez com que até mesmo as minhas pernas curtas parecessem sexy (de acordo com Jenny), e um J Brands de boca larga, que eu poderia usar com o tênis da Converse e uma camiseta velha ou toda arrumada com o meu Louboutin (de acordo com Jenny). Uma das simpáticas vendedoras, que definitivamente recebia comissão, declarou que, apesar de as minhas pernas serem um pouco curtas, tinham uma boa forma e, assim, deveriam ser mostradas. O mais empolgante foi descobrir que, nos Estados Unidos, eu vestia o tamanho 8, razão suficiente para ficar por, pelo menos, mais umas duas semanas. Ela trouxe uma arara inteira de vestidos justos e curtos até que ambas concordamos com o fato de que eu nunca seria capaz de andar mais de dez metros sem puxá-los. Por essa razão, adicionamos uns dois centímetros ao comprimento, e eu me apaixonei por um lindo vestido azul de jérsei da French Connection, um outro soltinho lindo preto e branco da Marc by Marc Jacobs e vários vestidos de malha incríveis da Ella Moss e Splendid que, de tão macios, pareciam nuvens! Eu não sabia que algo assim existia. Primark acabou para mim naquele instante. Depois de várias camisetas da C&C California, dois shorts e saias fáceis de usar, passamos às roupas para a noite.

— Bom, para arrasar à noite... Quem sabe algo sensual, mas alegre? E clássico... E fácil de usar... Você não se sentirá sexy se não se sentir bem — então, Jenny mandou as vendedoras saírem correndo para buscar novas peças com mais um movimento da mão. Eu fiquei lá de calcinha e sutiã, espiando pelo canto da porta de madeira ripada enquanto esperava a próxima leva de roupas. E chegou um monte delas rapidinho. Vera Wang Lavender. Tory Burch. Nanette Lepore. DVF. 3.1. Phillip Lim. Paul & Joe Sister. Mais Marc Jacobs. Era tão divertido!

— O que você está vestindo agora? — Jenny perguntou em voz alta do outro lado da porta.

— Nada — respondi, tirando um vestido de seda em preto e branco de Marc by Marc Jacobs, elegantíssimo, de parar o transito. — Roupa de baixo...

— Tenho a horrível sensação de que eu deveria dar uma olhada nisso também.

O nível de horror da Jenny subiu para alerta máximo quando ela viu meu shortinho de menino com coraçõezinhos da M&S e o sutiã que não combinava. Então, o rosto dela ficou meio cor-de-rosa quando admiti que não sabia qual o tamanho do meu sutiã.

— Isso não é bom — ela disse, sacudindo a cabeça. — Você quer a sua comissão de frente nos joelhos quando fizer 40?

Fui empurrada de volta para o meu novo hábitat natural, o provador, armada com sutiãs diferentes: uns sustentavam, outros não tinham nada nas costas, alguns sem alças, outros davam forma, havia ainda os macios, redondos ou em meia-lua.

Antes que a empresa do meu cartão de crédito soubesse o que tinha acontecido, eu estava no outro andar comprando rasteiras, sapatilhas e sapatos de salto alto para combinar com todas as minhas roupas novas. Apesar da insistência de Jenny em dizer que as sandálias de gladiador eram o sapato da estação, achei que combinavam mais com a minha tia-avó Agatha do que comigo, de forma que uma hora ela desistiu. Mas as sapatilhas, as Havaianas e os dois pares de sandália com salto anabela vieram conosco.

Carregadas com sacolas grandes, médias e pequenas, voltamos ao andar térreo. Eu tinha gastado mais do que o meu salário de um mês em apenas quatro horas, mas estava feliz demais com os minúsculos números nas etiquetas (tamanho 6 em um deles!) para sentir qualquer remorso. No caminho de volta para o térreo, adotei a posição oficial de compradora no elevador enquanto Jenny mexia na bolsa. Com as compras na mão, não se faz contato visual com as companheiras de viagem, olha-se para a frente. Porém, em vez de ver meu reflexo na porta do elevador, deparei-me com alguém completamente diferente. Não como no dia do casamento da Louisa (com mais maquiagem e cabelo arrumado), mas com um brilho incomum. Meu cabelo balançou quando virei a cabeça e, com a maquiagem que Razor tinha feito, meus olhos pareciam enormes, os lábios frescos... Sem contar que a emoção de gastar mais do que o valor de uma prestação da casa em roupas — e rapidamente — me deixou com uma cor que nenhum blush conseguiria. Mas eu sabia que havia várias versões diferentes de tudo nas sacolas para repetir o efeito quando voltasse ao hotel.

— Vamos lá. A gente vai ter que batalhar para conseguir um táxi a essa hora — Jenny resmungou quando a porta do elevador abriu, tirando da minha frente o meu lindo novo reflexo. — Você estava se olhando?

— Sim...

— Boa menina — Jenny disse, pegando-me pelo braço e me arrastando para fora do meu novo lugar favorito no mundo.

E qual o problema se eu agora estivesse oficialmente falida? Para que mais eu tinha um cartão de crédito de emergência? Pelo menos, estava elegantemente falida. Além disso, encontrava-me ocupada demais olhando para todo lado na Lexington Avenue para pensar sobre isso. Todos os lugares estavam muito cheios, excessivamente quentes e barulhentos demais, mas, para mim, incríveis. Olhando à direita, nadei na infinita vista da cidade de New York, nos canais emoldurados

pelos arranha-céus que quase tocavam as nuvens. À esquerda, dezenas de buzinas, táxis barulhentos e o sol escaldante provocavam uma névoa de calor brilhante que subia e distorcia tudo. Achei lindo.

— Quanto você acha que consegue andar antes de desmaiar? — Jenny perguntou, tirando-me do meu devaneio.

— Uns 15 minutos? — não sabia se tinha feito uma pergunta ou um desafio. Não estava com vontade nenhuma de caminhar.

— Então, vamos tentar fazer o máximo a pé — Jenny mostrou o cruzamento com a cabeça e entrou no tráfego. — Vamos lá. Angie!

Atravessamos a rua e descemos a quadra, cruzamos outra rua, descemos a Park Avenue e, sempre em frente, passamos pela Madison. Carregando minhas preciosas sacolas, meus 15 minutos de caminhada exauriam-se bem rápido.

— Eu só queria conseguir chegar à Quinta Avenida — Jenny gritou, esticando o braço quando atravessávamos a rua pela última vez. — Vamos pegar um táxi.

Pode parecer impossível, mas a corrida de táxi em Manhattan foi ainda mais emocionante do que a vinda para a cidade. Andamos, pela Quinta Avenida em ritmo acelerado por cinco blocos e quando, de repente, paramos em um sinal vermelho, minhas sacolas, minha cabeça e meu estômago tinham colidido com a divisão entre nós e o motorista mais de uma vez. Todos os momentos em que paramos, estávamos defronte a um ponto turístico. A Catedral de St. Patrick surgiu entre as lojas e parecia tão fora do lugar quanto um brownie ao lado de uma filial da Harvey Nicks, mas, em New York, tudo parecia fazer sentido. Não pude deixar de pensar, quando passamos pelos leões rugindo na frente da enorme biblioteca pública, que, se todas as bibliotecas tivessem leões gigantes diante delas, talvez as pessoas lessem mais. Ou, pelo menos iriam até lá para tirar fotos sentadas nas estátuas.

— Ei, veja! O Empire State Building! — Jenny apontou para um edifício imperceptível ao nosso lado.

Eu não conseguia ver nada além da fila enorme de pessoas, mesmo quando coloquei o rosto na janela do táxi, mas recuei assim que vi uma marca gordurosa deixada pelo passageiro que esteve ali antes de mim.

— Ah... Eu queria ter visto — lamentei, inclinando-me um pouquinho e tentando não pensar em quaisquer outras manchas que pudessem estar por ali.

— Tenho certeza de que ainda estará lá amanhã — Jenny declarou enquanto, pela janela de trás, vi a torre ficar cada vez mais longe. Até a próxima parada súbita, quando esmaguei meu queixo contra o banco de trás. — Vamos chegar ao Flatiron logo. É muito mais legal.

Ela não estava errada. O Flatiron Building, triangular e pontudo, era muito fora do comum. Aliás, tudo que vimos fora bem interessante. Lindíssimo e organizado, o estilo nova-iorquino era maravilhoso. Incrivelmente diferente de Londres e, se o motorista do táxi não interrompesse sua atitude pouco cavalheiresca de costurar no trânsito, seria também o último lugar que eu iria ver. Quinze minutos depois, chegamos à ponta da ilha e paramos em frente ao South Ferry Terminal.

— Nós vamos pegar o ferry? — perguntei.

Jenny permanecera estranhamente silenciosa e enigmática durante todo o tempo em que estivemos no táxi, e eu estava muito ocupada olhando a cidade e contando as Starbucks no caminho

para me preocupar com isso.

— Você ainda não está pronta para Staten Island — ela riu, dando ao motorista uma nota de 20 dólares e saindo do táxi com várias das minhas sacolas. Carregando todas as outras, marchei atrás dela. — Mas você está totalmente pronta para ver isso.

Andamos pela calçada e entramos em um parque cheio de gente, mas eu estava tão ocupada olhando as esculturas diferentes e as pessoas conversando, rindo e tomando sorvete que só a percebi quando estava quase na cerca. Entretanto, quando a vi, fiquei pasma. Lá estava ela. O símbolo mais claro e mais verdadeiro de New York, dos Estados Unidos, que, orgulhosa, os guarda do outro lado da baía. A Estátua da Liberdade.

Jenny, protegendo os olhos com a mão, mirando em volta para me procurar.

— Muito incrível, não?

Balancei a cabeça concordando e, sem nada a dizer, caminhei lentamente em direção a ela. Colocamos as sacolas no chão e nos debruçamos sobre a grade. Lindo, era como estar no meu próprio filme.

— Eu estava pensando aonde a gente poderia ir enquanto você provava roupa — Jenny falou suavemente. — E achei que nada melhor do que o primeiro lugar que milhares de pessoas conhecem quando vêm para New York pela primeira vez. Comum, pode ser, mas quem melhor para receber você oficialmente na cidade do que a Senhora Liberdade?

— É tão estranho — comentei, ainda olhando para o outro lado do rio. — Já a vi milhares de vezes na TV, por exemplo, mas vê-la, ali, de verdade... Uau!

— Pois é — Jenny concordou. — Lembro-me da primeira vez que a vi. Vir aqui foi o que fiz antes de qualquer coisa ao me mudar para cá. Nós nunca estivemos neste local quando crianças, minha mãe não gostava dela. Mas ela está aqui para cuidar de todo mundo. Em New York, existem milhões de pessoas diferentes e, Angie, todos vêm aqui à procura de alguma coisa. Como você.

— Por favor, você está me dando credito demais. Eu não estava procurando alguma coisa — expliquei, olhando para o que achei ser a Ellis Island. — Eu estava fugindo.

— Não, você não está se dando o devido valor — Jenny disse, olhos fixos em mim. — Tudo bem, nem todas colocam um oceano entre ela, e o ex, mas você tem muita coisa para descobrir. E isso não é conversa de psicóloga, é a genuína experiência de vida falando. Quando meu ex me deixou, desmoronei. Quebrei. Em pedaços. E eu não tinha justificativa para ser tão incrivelmente patética, foi tudo culpa minha. Mas eu contava com amigos fantásticos para cuidar de mim. Se você não tinha apoio, então sair foi a melhor coisa que fez. E New York é o lugar certo para isso. É a cidade de novos começos. As pessoas vão até Los Angeles para se encontrar; elas vêm para New York para se reinventar.

— Pode ser — meio que concordei, pensando em tudo que me havia acontecido. Será que era esquisito eu não ter nem pensado em Mark desde que passara pela Chanel? — Tudo parece tão estranho, quase irreal. Sinto que deveria estar... sei lá... sentindo mais.

— Então, você ainda está em choque — Jenny observou, olhando para a baía. — Há lugares piores para se estar em choque do que a Bloomingdale's. Falando sério, você sofreu um tremendo trauma, o fim de um namoro é uma coisa muito próxima de luto, sabia?

— Acho que me sinto como se estivesse de luto — eu não queria falar muito sobre o assunto em

um lugar tão cheio de gente. Afinal de contas, sou inglesa, e ingleses não choram em público. — Em um minuto, sinto que acabou e que não vou mais pensar em nada disso. só que depois, no próximo, simplesmente não consigo acreditar no que aconteceu. Mas acho que estou fazendo a coisa certa ao estar aqui agora.

Antes que Jenny pudesse concordar ou discordar, um trim bem alto nos interrompeu. Meu telefone. Peguei-o na bolsa e, pronta para dizer a minha mãe como eram caras as chamadas internacionais no celular, vi quem era.

Mark. Olhei para a tela que piscava por um segundo e me perguntei que diabos ele poderia querer depois da nossa última conversa. Será que tinha mudado de ideia? Será que estava se sentindo um canalha? Será que a mão do Tim estava tão machucada que teria que ser amputada? Trim, trim. Atenda, atenda.

Sem pensar duas vezes, joguei o telefone com toda a minha força por cima da grade, dentro da água. E me senti muito, mas muito bem.

— Desculpe — falei, respirando fundo. Eu tinha realmente acabado de fazer aquilo?

— Esta cidade é um bom lugar para lidar com traumas, querida. Nós já passamos por muita coisa e resolvemos tudo muito bem — Jenny pegou um pacotinho de lenços de papel na bolsa e o estendeu a mim como uma medida de precaução, ignorando completamente o míssil-telefone que eu acabara de lançar.

— Deus do céu... eu sei — concordei bem rápido, pegando os lenços de papel. — Acho que, quando a gente pensa no que todos aqui já passaram, a tudo que sobreviveram, o fim de um namoro fica em perspectiva.

— Verdade, mas não foi isso a que me referi, querida. Eu quis dizer que você veio ao lugar certo para sair de uma situação difícil, que machuca, dói por dentro. Seja qual for a razão. Cada um tem a sua razão. Para mim, a reabertura do Century 21, cinco meses depois de 11 de setembro, foi a minha epifania. Eu sabia que seria corajosa o suficiente para passar por qualquer coisa se eles pudessem abrir as portas e me vender sapatos de grife com um desconto de 70% — ela pegou na minha mão. — Agora, tenho que ir fazer meu turno da noite. E você deve estar completamente exausta. Vamos voltar ao hotel? Dei uma última olhada na estátua. Nossa! Eu estava em New York. E incrivelmente cansada.

— Sim, por favor.

Pegamos todas as sacolas e chamamos mais um táxi. Uma nova amiga, um novo guarda-roupa e uma nova cidade... Comparado a sábado, este não tinha sido um dia ruim.



Depois de dormir um pouco, tomar banho e tentar várias vezes completar uma ligação internacional pelo telefone do quarto do hotel, finalmente fiz o que tinha que fazer.

– Alô, Annette Clark.

– Mãe, sou eu.

– Angela! Graças a Deus! Tentei falar com você o dia todo -ela disse de uma só vez, ou seja, a conversa seria breve e fácil.

– É que...meu telefone não funciona aqui.

De maneira geral, para manter uma relação mãe-filha saudável, é mais fácil contar mentiras brancas do que relatar a verdade, e eu não estava pronta para ter meu estado mental questionado. De novo.

– Eu só queria que você soubesse que estou bem e tenho onde ficar. Telefono quando souber o que vou fazer.

– Você tem onde ficar? -ela repetiu, indagando.

– Sim, tenho. Com uma amiga — esclareci, ansiosa para desligar antes que a conversa tomasse um rumo para o qual eu simplesmente não estava pronta. – Você pode me fazer um favor? Pegar minhas coisas em casa? Ele sabe...

– Angela, mais devagar — minha mãe pediu. Eu podia vê-la segurando o telefone na orelha com o ombro e esfregando o rosto com a palma das mãos, como sempre fazia quando estava confusa. – O que você quer dizer com "uma amiga"? Você não conhece ninguém nos Estados Unidos. Por favor, volte para casa. O pai arrumou o seu quarto e todos se sentem muito mal. Ninguém culpa você pelo que aconteceu no casamento.

– Ninguém me culpa? -questionei em um tom de voz um pouco mais alto do que deveria. – Ninguém me culpa... -certo, que bom...Sim, eu tinha uma amiga. Não, eu não sabia que poderia fazer uma amiga em apenas um dia, mas até sábado eu desconhecia que os meus melhores amigos poderiam mentir tão bem para mim. Então, talvez fosse a hora de dar uma chance a pessoas novas.

– Angela, não comece. Não foi isso que eu quis dizer — ela suspirou. – Só quero saber se você está bem. Azar das outras pessoas.

– Sim, estou bem — declarei, olhando para o meu novo penteado e a maquiagem linda, ainda que ligeiramente derretida, no espelho. Putz, eu estava ótima! – De verdade. Estou bem,. Vou ficar no... quer dizer, com a minha amiga Jenny. Ela é muito boa gente. Ficarei aqui por enquanto e telefono

para você se precisar de alguma coisa. Nos próximos dois dias, você pode me ligar no número 1471. Amo você.

– Amo você também, querida — ela disse, parecendo um pouco menos preocupada. – O pai e eu iremos pegar suas coisas. Não se preocupe, apenas volte logo.

Cinco minutos depois que minha desligou, eu me dei conta de que ainda segurava o telefone com tanta força que meus dedos estavam brancos. Ouvi-la mencionar Mark, o casamento e tudo mais me deixara de mau humor, o que não era uma boa coisa porque eu teria que passar a noite sozinha. Fui até a janela. Eu queria um lugar para me esconder, observar as pessoas e, basicamente, escutar a conversa dos outros. Um lugar muito familiar me chamou a atenção.

Starbucks.

Perfeito. E tinha até um HSBC ao lado.

Corporações multinacionais sejam louvadas.

Esvaziando duas das sacolas marrons grandes em cima da cama, encontrei um short minúsculo e algumas camisetas coloridas. Tirei meu jeans suado e a velha camiseta desbotada, troquei de roupas e, pés, enfiei minhas Havaianas novas. A bolsa era formal demais, muito estruturada, e definitivamente não combinava com o traje. Então, coloquei a chave do quarto e o cartão de débito no bolso de trás do short e torci para que tudo desse certo. Usar uma bolsa preta grande de couro ecológico com rasteiras e shortinho pareceu-me um pouco ridículo.

Jenny estava na recepção; assim, escapei sem ser questionada. Mesmo depois das 19 horas lá fora estava quente e úmido. Passei primeiro no banco, onde demorei um pouco até entender que tinha que colocar o cartão e tirá-lo para que os botões funcionassem. Quando ia fazer o saque, chamou-me a atenção o link para relacionamentos. A conta conjunta... Apertei o botão só para verificar. Estava muito, mas muito gordinha. Mark e eu tínhamos um acordo em que eu colocava certa quantia todo mês para cobrir a prestação do financiamento da casa e as contas, e ele pagava tudo. Pelo que vi, ele vinha pagando muito mais do que metade das contas há algum tempo e não havia mencionado nada. Por um breve momento, senti-me arrependida, talvez ele não fosse de todo ruim porque, apesar de tudo, cuidava de mim.

Então, um diabinho no meu ombro lembrou-me do rosto dele todo suado e patético. E, antes que eu soubesse o que tinha feito, passei metade do dinheiro da conta conjunta para a minha conta pessoal. Ele não iria sentir falta, ganhava uma fortuna. Além do mais, por direito, metade era meu. E, muito mais importante, cobria a minha maratona de compras — o resultado.

Com a respiração rápida e entrecortada, tirei 200 dólares, pois não sabia o que iria fazer nos próximos dias, e me apressei para entrar na Starbucks com meus ganhos ilícitos.

– O que deseja? — perguntou um cara muito lindinho.

Em circunstâncias normais, eu teria ficado vermelha e sem graça, ele era o meu tipo. Alto, magro, cabelos castanhos, tinha a aparência de um homem que conhecia muito bem uma guitarra Stratocaster.

Aliás para ser mais específica, o oposto de Mark. Mas eu estava muito confusa com o cardápio de café para admirar a beleza dele.

– Hum... Eu quero... Hã... -eu não estava projetando confiança e beleza como Jenny havia recomendado – Um café grande.

– Um café regular? — ele perguntou. – Como o Venti Americano?

– Muito possivelmente... e...um muffin....de mirtilo.

– São US$ 5,35 — ele avisou, passando a mão na franja e colocando-a para trás. Como a questão do café fora do caminho, tive a oportunidade de admirar como ele era bonito. E realmente era. – Levo para você.

Sentei-me à mesa para uma pessoa perto da janela e tentei relaxar. Olhar para a conta do banco tinha sido pior do que falar com minha mãe. Era como se eu tivesse pegado o dinheiro da carteira de Mark. Encostei a cabeça no braço apoiado na mesa e respirei fundo. Azar. Ele poderia considerar aquilo o imposto por ter sido um filho da mãe.

– Um Venti Americano e um muffin de mirtilo – o cara da Strabuks colocou o café e o muffin sobre a mesa na minha frente com um gesto teatral.

– Obrigada — agradeci, olhando para o muffin gigante cheio de mirtilos e, de repente, sentindo-me tão faminta quanto Jenny.

– Então, você está de férias? -ele perguntou.

Eu não estava acostumada a conversar com estranhos, muito menos com caras lindos. Por trabalhar em casa, meu acesso ao mundo exterior era limitado, e as pessoas lá da ilha de onde venho não conversavam muito. Não acho que eles gostariam que eu usasse o local de trabalho deles como um escritório improvisado.

– Mais ou menos, eu acho... — realmente, não queria contar o motivo da minha visita à cidade para um gato lindo cuja especialidade era servir café. – Vou ficar por um tempo. Com uma amiga.

– Maneiro — ele disse. – Você é inglesa, certo? Quero muito ir a Londres. A música lá é massa.

– Sou inglesa -confirmei, tomando um gole do meu café e, arrependida de não ter pedido um descafeinado, tentando pensar em algo legal para dizer. – É, a música é bem massa lá.

– Totalmente! Se você estiver aqui mês que vem, vá conhecer minha banda. Vamos tocar no Cake Shop daqui a duas semanas — ele puxou o guardanapo embaixo do meu prato e pegou uma caneta no bolso. – Ligue para mim e coloco você na lista de convidados. Meu nome é Johnny.

Peguei o guardanapo e fiquei vermelha. E não foi por causa do sol que havia tomado no Battery Park.

– Obrigada — falei, colocando o guardanapo no bolso e olhando fixamente para o meu café.

– E, se você não tiver nada para fazer no fim de semana, dê uma ligada. A gente pode ir a um show ou coisa parecida — ele acrescentou, jogando a franja para trás de novo. – Ou, sei lá... se você quiser um café, estou quase sempre aqui.

Tomei meu café e peguei um pedaço do muffin enquanto Johnny, tranquilo, voltou para trás do balcão. Eu tinha acabado de ser convidada para sair por um gato muito lindo? Desde que ficara noiva, costumava assumir ares (pelo menos achava que fazia) de quem tinha dono, o que desencorajava todos os homens interessantes. Havia sempre aquele desconhecido metido que fazia tentativa no final da noite ou o amigo espertinho cuja melhor amiga já tinha saído com alguém, mas eu não conseguia lembrar a última vez que um gato celestialmente lindo tivesse tentado alguma coisa.

– Mas você não tem mais dono, você é solteira... -sussurrou o diabinho cada vez mais irritante no

meu ombro que, aparentemente, não causara dano suficiente no banco. Tomei um café rapidinhos e belisquei o muffin. Meu apetite desaparecera. Johnny estava servindo outro cliente quando sai. Ele me deu um tchau rápido com a mão, abaixei os olhos e, tímida, sorri para ele.

Lá fora, finalmente estava um pouco mais fresco. Atravessei a rua e, no Union Square Park, sente no primeiro banco que encontrei, foi uma fração de segundo, não senti o volume do meu cartão de débito contra o corpo. Procurei no bolso estranhamente grande daquele short curto ao extremo até que encontrei o cartão, a chave do quarto e o dinheiro que acabara de tirar do caixa eletrônico. Algumas pessoas nervosas, com calor e cansadas ainda saiam do metrô, mas um pessoal mais jovem e mais descolados começava a aparecer. Eu me perguntava para onde estavam indo quando um homem baixinho de meia-idade, vestindo um terno, sentou perto de mim

– Oi — ele disse lá do outro lado do banco.

– Olá — respondi, segurando firme o dinheiro na mão. Não parecia ser um assaltante, porém eu não tinha certeza e estava em uma cidade estranha.

– Bom, não costumo fazer esse tipo de coisa, mas quanto por uma chupeta? -ele perguntou baixinho, olhando para os meus joelhos.

– Como?

– É... Sexo oral. Tenho uns cem dólares — avisou. Suor britava em cima do lábio superior no rosto dele, mas não acho que fosse por causa do calor. – Meu dia foi um inferno hoje.

– Eu... Eu não... não sou uma prostituta -desembuchei, incapaz de me mexer.

– Ah... ele levantou bem rápido e tropeçou ao dar um passo para trás embora ainda olhasse as minhas pernas. – Sinto muito, eu pensei que... por causa do dinheiro e... Desculpe.

Antes que eu pudesse levantar, ele foi embora, saiu do parque e desceu a rua. Fiquei olhando o sujeito desaparecer. Será que eu parecia uma prostituta? Bem rápido, enfiei no bolso tudo que tinha na mão e atravessei a rua, correndo para a segurança do hall de entrada à meia-luz do hotel.

– Ei! -Jenny me chamou da recepção. – Aonde você foi? Liguei para ver o que queria jantar...

Parei no meio do hall de entrada cheio de gente e virei meu olhar para ela.

– Vou devolver este short.

Foi preciso uma xícara de chá e um pacote inteiro de bolacha com gotas de chocolate Chips Ahoy!, sentada no chão atrás do balcão da recepção, para Jenny conseguir que eu dissesse alguma coisa que fizesse sentido. Naturalmente, ela conseguiu encontrar algo positivo no fato de eu ser confundida com uma prostituta que faz sexo oral em parques públicos.

– Tenho certeza de que cem dólares é muito acima da média — ela comentou, enchendo a xícara de chá com água quente. Eu já havia pedido uma caneca para o chá e, devido ao estereótipo inglês, não queria entrar no mérito de "nós não colocamos mais água quente, fazemos um novo chá" quando eu estava vivendo o momento oposto de Julia Roberts em *Uma linda mulher*. Você conseguiu um cara fora do parque na sua primeira tentativa, querida!

– Você o conhece? -funguei, bebendo o pretenso chá, fraco e sem leite. – Ele é bem bonitinho.

– Se o conheço? -Jenny assobiou. – Metade das garotas que trabalham aqui no hotel gostaria de conhecê-lo melhor. É por culpa dele que nós todas somos viciadas em cafeína. Pergunte à Van quando ela estiver aqui na recepção. Ela toma quatro macchiatos por dia por causa desse cara.

– Foi estranho... Não acho que lidei com isso muito bem. Não sei nem se ainda tenho o número do telefone dele.

– Ele deu o número dele para você? -ela gritou, colocando mais água quente no meu chá. – Deus do céu, Angie! Por que você precisa de mim? Você está ganhando os melhores caras no seu segundo dia na cidade. Não acho que alguém aqui tenha conseguido o número do telefone dele.

Tenho de admitir que isso fez com que me sentisse muito melhor,

– É só porque sou inglesa. Provavelmente, ele não espera que eu telefone. De qualquer maneira, não vou, vou?

Jenny olhou para mim por um segundo e depois sentou.

– Por que não?

– Porque eu não telefono para ninguém desde... bom, nunca liguei.

Literalmente, acabei de terminar um namoro, não preciso começar a paquerar de imediato.

– Quer saber? Uma paquerinha pode ser a melhor coisa para você. Você está, mais ou menos, de férias, certo? Então, vamos encontrar um caso de férias, um romance de verão para você.

– Eu não sei... Paquerar não é difícil demais? -puxei minha blusa sobre meus joelhos. – Eu só saí com.... bem, você sabe.... com Mark. Eu não sei se sei "paquerar", quero dizer, sair com um cara.

– Sério? e não estique a blusa -Jenny falou, tirando o tecido da minha camiseta de cima dos meus joelhos como minha mãe faria. – Se é esse o caso, querida, definitivamente temos que lhe arranjar uns paqueras. Você precisa descobrir como é divertido! Alguns encontros sem nenhuma pressão com cavalheiros bem-comportados. Só para você se divertir. Nada mais.

– Você tem certeza? -eu, sem dúvidas, não tinha.

– Tenho, sim -Jenny disse, levantando-se do chão e me puxando com ela.

– Agora suba. Ligue quando souber o que quer comer e leia isto durante o jantar.

Ela me entregou um caderno com meu nome escrito em letras grandes, decorado com adesivos de estrelas brilhantes e um enorme cartão-postal onde estava escrito "I Heart NY".

– O que é isso? -perguntei. Será que eu não estava velha demais para adesivos de estrela?

– É para você escrever -Jenny explicou, abrindo o caderno na primeira página. – Você disse que não sabia quais eram as suas ambições; então, quero que você exponha algumas. E não deixe de incluir sexo. Agora, suba, defina suas ambições e vá dormir.

Ela me mandou embora e se virou para um hóspede do hotel que esperava pacientemente, em frente ao balcão, com um belo sorriso.

– Como posso ajudá-lo, sr. Roberts? -ouvi-a ronronar quando entrei no elevador já folheando o caderno.

Nome: fácil, Angela Clark.

Idade: 26 anos 6 meses. Uma espécie de estremecimento com essa.

Ambição: ser uma escritora com material publicado.

Ao lado de "escritora com material publicado", acrescentei: "ser feliz". E, na sequência, "fazer sexo".

Capítulo 7

Na manhã seguinte, acordei pronta para viver minha nova vida. E qual o problema de eu não ter feito nada impulsivamente antes? Eu era agora uma nova-iorquina recém-nascida, e uma nova-iorquina precisa de uma bolsa nova. Vesti uma roupa simples, um short curto, uma blusa branca com um corte maravilhoso e sapatilhas verde-limão lindinhas. Minha maquiagem e meu cabelo não pareciam ter sido feitos por Razor/Gina, mas, mesmo assim, melhor do que... bom, do que na última vez que havia me dado o trabalho de me olhar no espelho.

Jenny insistira para que eu fosse a todos os lugares de metrô até conhecer o sistema tão bem quanto o metrô de Londres. Na hora, não tive coragem de dizer a ela que, mesmo depois de quase sete anos em Londres, só conseguia achar o caminho de Waterloo para a TopShop na Oxford Circus sem olhar o mapa. Com cuidado, desci os degraus do metrô, encontrei uma máquina Metrocard e alimentei-a com meu dinheiro. Até aqui, tudo igual a Londres. Vinte e quatro dólares por um passe de uma semana? Não era bem como em Londres. Eu sabia que a TFL na Inglaterra me roubava...

De acordo com minhas anotações, eu deveria pegar o trem 6 para a Spring Street, fácil. Mas, ao olhar o mapa, tive certeza de que seria mais rápido ir a pé. Fiquei imediatamente confusa; por que as linhas não tinham apenas nomes? O que eram aquelas cores, as letras, os números? E como iria saber o que parava onde? De acordo com as anotações de Jenny, era claramente proibido perguntar a qualquer pessoa ou pegar o guia da cidade. Enquanto passeávamos na Bloomingdales no dia anterior, ela pegou o Guia simplificado da minha bolsa e, cerimoniosamente, jogou-o em uma lata de lixo.

O metrô estava quente com o calor abafado de agosto, e as plataformas eram muito maiores do que em Londres. O trem que chegou era imenso e espaçoso, comparado ao pequeno e abarrotado de gente da District Line. Assim que entrei, não consegui entender por que parecia tão familiar. Então, lembrei: *Ghost,* o filme. "Este é o meu trem!" Louisa e eu vimos esse filme umas mil vezes quando éramos adolescentes. "Mas a Louisa não está aqui", pensei. Ela está, provavelmente, jogando tênis com o marido dela, meu ex e a amante dele. O fato de eu saber que ela estava provavelmente em sua lua de mel em Granada não dissipou a fantasia feia que eu mesma criara para mim. Antes que eu pudesse escapar do trem e voltar ao hotel, as portas fecharam e saímos. Caí sentada no banco duro de metal e evitei contato visual com os outros passageiros ao mesmo tempo que, secretamente, tentava dar uma boa olhada neles.

Seria muito clichê chamar o metrô de New York de caldeirão, mas, realmente, parecia algo do gênero. Empresários de terno prendiam— se às correias, turistas da Quinta Avenida, nervosos, seguravam com força suas sacolas da Saks e da Tiífany, e um grupo de garotas hispânicas com

cabelos que desafiavam a gravidade se amontoou ao meu lado. No meio desses, passageiros mais velhos viajavam com os olhos fechados. Antes que eu percebesse, estávamos na minha parada. Bem rápido, atravessei as portas que se abriram e subi os degraus, tentando não parecer muito confusa enquanto olhava em volta. Quando saí na Spring Street, o sol forte me pegou de surpresa e quase caí para trás em cima de uma menina tão linda que tive certeza de que ela deveria ser famosa. Ou, pelo menos, estar dormindo com alguém famoso.

— Desculpe — dei a ela o meu melhor olhar de "que gafe a minha" Claramente desconfortável, ela me olhou e foi embora. Olhando-a pisar o chão como se a rua lhe pertencesse, perguntei-me quanto teria que oferecer a ela por sexo oral. Se eu valia cem dólares, ela estava na casa de cinco dígitos.

Jenny havia me dito que eu adoraria o Soho, e ela estava certa. Era muito diferente do sistema estruturado das ruas no centro da cidade. Eu adorava ficar visualizando o movimento em Manhattan, mas Soho era como entrar no set de um filme. Apesar de nunca ter estado ali, as ruas pareciam velhas conhecidas. Das duas uma, ou eu tinha encontrado meu lar espiritual, ou assistido a muita TV. Andei pela rua na direção que eu esperava que fosse a Broadway e, entre espiar pelas vitrines e observar as pessoas, olhava para a minha bolsa vergonhosamente velha. Antes que eu pudesse decidir o que fazer com ela, achei a Broadway. E outra Bloomingdales!

Percorri os balcões de cosméticos, esforçando-me para dar uma espiada nas coisas mágicas de maquiagem sem atrair a atenção dos vendedores que, como abutres, estavam por ali. Passei bem rápido pelos produtos da Bliss, entrei na escada rolante e subi para longe, em benefício do meu cartão de crédito. Por enquanto, ao menos. As bolsas, felizmente, estavam bem onde eu saí da escada rolante, mas a quantidade de bolsas amontoadas em um espaço tão pequeno era impressionante. De olho nos balcões e prateleiras, esquivei-me do olhar das vendedoras enquanto pude até que, corajosamente, falei com uma jovem de cabelo castanho com aproximadamente três fios fora do lugar. Uma verdadeira desmazelada para os padrões de Soho.

— Posso ajudá-la? — ela perguntou.

— Estou procurando uma bolsa — falei, tentando não parecer alguém que não faz isso muitas vezes, mas, ao mesmo tempo, não querendo gastar todo o dinheiro que guardara para o meu casamento em uma bolsa. — Algo que eu possa usar todos os dias para carregar meu laptop, minha carteira, telefone, coisas assim.

Certo — ela começou a andar muito rápido de um lado para o outro no departamento, mostrando-me diversas bolsas de vários tamanhos, todas extraordinariamente caras, com certeza. — Você provavelmente quer couro, se é para usar todo dia. É mais durável e combina com tudo.

E você quer espaço para o seu laptop... — parando um pouco, mordeu o carnudo lábio inferior e puxou mais bolsas que estavam escondidas atrás do balcão. — Algum designer favorito?

— Marc Jacobs — foi a minha sugestão, induzida pela imersão em moda do dia anterior. Acho que foi a resposta adequada porque ela sorriu e completou a coleção de bolsas de couro de luxo à sua frente com a bolsa mais linda que eu já tinha visto. Coloquei a mão para sentir a suavidade amanteigada... O marrom escuro do couro parecia chocolate ao leite e os detalhes sutis em dourado piscaram para mim.

— Compre-me — ela sussurrou tentadora -, eu completo você.

A vendedora estava falando alguma coisa sobre o design atualizado da clássica bolsa tiracolo de

couro italiano com detalhes em latão, mas eu já estava calculando até onde poderia ir sem tirar o braço da alça daquela peça.

— Quanto custa? — perguntei, tocando a bolsa delicadamente. Era de tirar o fôlego. Será que era errado sentir mais tesão por aquele objeto do que havia sentido no quarto por Mark nos últimos três anos?

— O valor é de 895 dólares — a vendedora respondeu, pensando na comissão. Ela parecia poder sentir o cheiro de uma venda como um cavalo sente o cheiro do medo. — Mais impostos.

Minha duvidosa capacidade de me lembrar das taxas de câmbio me fez chegar ao total de, mais ou menos, 500 libras. Eu nunca havia gastado mais de 30 libras em uma bolsa. Mas eu precisava dela. Lembrei-me de quando Louisa e eu fomos comprar sapatos de dama de honra na Harvey Nicks e argumentei comigo. Se ela pôde gastar 400 libras no sapato que usei um dia (apesar de ela ter feito isso por causa da culpa que sentia, eu percebia isso agora), eu poderia investir 500 libras em uma bolsa que usaria pelo resto da minha vida. Eu a usaria o tempo todo. Em todas as ocasiões. Todos os dias.

— Mais alguma coisa? — perguntou sorrateiramente a vendedora.

Com um sorriso febril, respondi.

— Preciso de uma bolsa para sair à noite.

Com mil dólares a menos e duas bolsas incríveis a mais, saí da Bloomingdales para o calor escaldante do verão. Como tinha gastado 500 libras nela, decidi que precisava valorizar meu dinheiro e usar aquela coisinha linda imediatamente. Então, enrolei a minha maravilha de couro ecológico da Next o mais apertado que pude e a deixei cair na grande sacola marrom. Comparada ao centro da cidade ontem, a Broadway estava relativamente tranquila. Poucos turistas de shorts com os ombros vermelhos do sol e câmeras digitais tiravam fotos sem parar enquanto lindíssimas e muitíssimo descoladas garotas, aparentemente sem emprego, entravam e saíam das lojas nas ruas Mercer, Spring e Prince; em seus braços magrelos, o peso das enormes sacolas de papel cheias. Demorei menos de um minuto olhando para as tais moças antes de perceber que estava morrendo de fome. Felizmente, eu me encontrava em New York, onde uma Starbucks está sempre a menos de dois minutos. "Só um muffin", prometi a mim mesma ao entrar, agradecida, na loja com ar-condicionado, "e volto para o hotel."

Minha promessa não durou muito. Se olhar as pessoas quando saí da Bloomingdales tinha sido bom, ficar em pé na fila por dez minutos na Starbucks era como assistir a um documentário de David Attenborou— gh. Nunca tinha visto tal mistura de gente. Mais mulheres magrinhas pedindo cafezinhos sem açúcar, empresários em reuniões com scones de mirtilo, tipos muito interessantes discutindo intensamente a melhor banda (e sequer pediam café... rebeldes). Mas os clientes mais populares eram os homens e mulheres que, ignorando as outras pessoas, teclavam desesperadamente em seus laptops e, de vez em quando, paravam para verificar suas conexões Wi-Fi, suspiravam alto e saboreavam suas bebidas em copos enormes.

— A gente nunca consegue uma porcaria de um lugar para sentar aqui — resmungou o homem atrás de mim. — Porcaria de blogueiros...

Virei-me e sorri educadamente. Embora não soubesse sobre o que ele estava falando, achei que se dirigia a mim. Mas o sujeito me olhou como se eu fosse mentalmente doente.

— Blogueiros? — indaguei, sentindo-me muito inglesa quando ele me mediu de cima a baixo.

— O quê? — ele berrou. Aparentemente, não estava falando comigo.

— Desculpe — resmunguei, olhando em volta, à procura de uma pedra sob a qual me esconder. — Você disse alguma coisa sobre blogueiros, pensei que você... — disfarcei, fitando intensamente a vitrine de comida,

— Ah! — ele disse, ainda não exatamente em um tom que pudesse ser chamado de amigável. — Só estava pensando em voz alta. A gente nunca consegue sentar em uma Starbucks por causa destes blogueiros filhos da mãe que ficam choramingando em seus blogues sobre como a vida deles é uma porcaria. Ninguém se importa, cara! Encontrem amigos de verdade para conversar!

Nesse ponto, ele gritava com a brigada de pessoas com laptops e eu, fervorosamente, desejava não ter incentivado a conversa.

— Próximo!

Salva pelo café.

Pedi um muffin e um americano para levar; imediatamente depois disso, chamei um táxi. Eu já pegara o metrô uma vez hoje e não estava com a mínima vontade de fazer a minha bolsa tiracolo da Marc Jacobs sofrer possíveis batidas na viagem.

— Para o hotel The Union, na Union Square — indiquei, relaxando assim que saímos da Broadway. Com persistência, prestei atenção aos sinais de rua, esforçando-me para ignorar todas as oportunidades de fazer compras que aniquilariam o limite do meu cartão. Descer a East Houston e depois a Bowery, ou seria a Fourth Avenue? Eu estava confusa, mas feliz.

— Você está de férias? — o taxista gritou pela divisória.

— Sim... — respondi, olhando em volta alegre. — Estou de férias.

— Uma gata como você, sozinha? — ele perguntou. — Não se veem muitas gatinhas desacompanhadas. O normal é um grupo de três ou quatro fazendo o roteiro de *Sex and the city*. Perdi a conta de quantas vezes fui até a Magnolia Bakery.

Ah... Cupcakes!

— Eu não fui lá ainda.

— Pois é. Não consigo entender — ele riu. — Elas sentam aí atrás e reclamam porque não conseguem entrar em algum vestido estúpido pelo qual não podem pagar e depois vão comer cupcakes. Simplesmente não entendo.

A corrida de táxi foi muito curta, mal tive tempo de encontrar a carteira dentro da minha linda bolsa nova e já tínhamos chegado ao hotel. E custou só seis dólares! Esta era a melhor cidade do mundo e, claramente, muito claramente, compensava a insanidade das minhas compras.

O que eu mais amava no meu quarto do hotel era que não importava a bagunça em que o deixasse, quantas toalhas eu tivesse usado e quantos vidrinhos dos produtos da Rapture largasse vazios no chuveiro, tudo estava sempre na mais perfeita ordem quando eu voltava. Gentilmente, coloquei minha bolsa Marc Jacobs na mesa de cabeceira e peguei meu laptop da escrivaninha. Com uma seleção de refrigerantes e lanchinhos na mesa muito pequena que arrastei para o outro lado do quarto, peguei um travesseiro da cama e coloquei o computador em cima dele no colo. O hotel tinha me dado um adaptador para tomadas inglesas sem que eu pedisse. Uau! Eu não conseguia lembrar a

última vez que Mark tinha, de livre e espontânea vontade, me oferecido uma xícara de chá. Também vi um bilhete da Jenny, lembrando-me da festa de despedida da Gina à noite e que eu deveria encontrá-la na recepção às 21 horas.

Quinze minutos depois de ter sentado na cadeira, sem digitar uma única palavra, meu laptop tinha adormecido e eu também. Lá estava eu sonhando com minha vida em New York em vez de viver meu sonho de New York. Nos últimos seis meses ou mais, enquanto Mark passava muitas horas no escritório e no clube de tênis (e com Katie...), pensei em começar a frequentar academias de ginástica, aulas de ioga, até mesmo dar aulas de escrita criativa, mas não fizera nada. Talvez, se tentasse, pudesse realmente ver aspectos positivos no que acontecera. Eu já tinha feito uma amiga, a Jenny, mesmo que não a conhecesse muito bem. Tinha um visual novo, um guarda-roupa novo e já era minha a bolsa mais linda que havia visto em quase 27 anos de vida. Quem precisava do que eu deixara para trás?

Enquanto todos esses pensamentos passavam pela minha cabeça, comecei a digitar. Sem um enredo ou uma história, passei a escrever o que tinha acontecido comigo naquela semana. Documentar tudo para que nem um único segundo escapasse pareceu-me ser um bom começo. Vieram à tona a cerimônia de casamento, o jantar, os brindes, a surpresa de encontrar Mark no carro com as calças abaixadas, o ato de bater na mão de Tim e a decisão de fugir para New York. Antes que eu percebesse, eram quase 20 horas. Eu tinha escrito por mais de três horas e, em mais ou menos uma hora, deveria me encontrar com Jenny, Gina e Vanessa.

Capítulo 8

Às 21 horas em ponto, impulsionada por uma vodca do minibar engolida às pressas, saí do elevador no hall de entrada.

— Meu Deus, Angela Clark! — Jenny exclamou quando eu apareci no bar. Nunca fui uma daquelas garotas que se olha no espelho e diz "sim, estou linda". Mesmo no casamento da Louisa, depois de uma hora e meia à mercê de um cabelereiro e um artista em maquiagens, eu não estava bonita, só parecia uma dama de honra. Mas as coisas estavam mudando. Se eu não estivesse pelo menos bem hoje à noite, nunca iria estar. Depois de vinte minutos e três tentativas de esfumaçar a sombra usando as dicas de Razor, acho que consegui (e ele prometeu que só ficaria melhor quando deixasse mais borrado). Com o cabelo elegantemente desalinhado, um vestido simples, preto com decote em V, o meu Louboutin, a bolsa de festa nova e as pernas nuas, eu nunca havia me sentido tão bonita e tão nervosa em toda a minha vida.

— Oi – acenei com a mão.

— Por que é mesmo que sou sua conselheira em compras? – Jenny me deu dois beijinhos no rosto e me apresentou às garotas. – Gina e Vanessa você conhece. Esta é Erin – todas levantaram a mão e pedi uma vodca com suco de uva, esperando que chegasse logo. – Contei para elas tudo sobre você, mas não disse que era glamour em pessoa – Jenny falou, examinando-me sob todos os ângulos – Você me deixa orgulhosa, querida!

— Para dizer a verdade, não sabia o que vestir. Então, fiquei com o preto. Mas não tive que escolher muito o sapato – estendi o pé para inspeção e ouvi alguns "hum" de aprovação.

— Fez a escolha certa, querida – Gina observou, bebericando seu drinque. – Você está muito bem.

Pelo menos eu tinha acertado o nível de "vestir-me bem". Gina estava incrivelmente sexy com um salto muito alto e um justo vestido roxo de seda na altura dos joelhos. Jenny fazia jus à xará famosa trajando um vestido creme com um decote entre os seios que lhe caía magnificamente bem. As outras duas tinham levado realmente a sério o mantra "curto é o novo preto" que eu tinha visto nas revistas de moda. Individualmente, elas estavam muito sexy, mas juntas pareciam irreais. Se eu fosse um homem, teria ficado aterrorizado.

E nós, cinco mulheres com muito pouca roupa, conseguimos táxis imediatamente e entramos no Grand Soho em questão de minutos. Do lado de fora, não parecia "grand", mas a fachada trivial escondia um interior incrível. Como o The Union, à meia-luz, mas completavam a iluminação lustres magnificamente trabalhados em ferro forjado. No Grand Bar, em bancos altos cromados, estavam

sentados homens e mulheres que, igualmente belos, condiziam com a decoração do lugar. Jenny havia reservado uma parte do salão que já transbordava de pessoas, algumas das quais eu já tinha visto no hotel e outras que eu não conhecia. Todos se davam beijinhos e abraços, dizendo "você está muito bem", mas eu não estava bêbada o suficiente para sentir-me confiante.

— Ei, você está muito bonita – Jenny sussurrou ao meu ouvido quando nos levavam para o nosso cantinho particular de opulência. – Vai se sair muito bem. Basta falar com as pessoas. Você é praticamente uma celebridade local. Está muito sexy! – um reconfortante tapinha no meu ombro, e ela saiu.

Ouvir que eu estava muito bem e poder desfrutar daquele lugar fabuloso não mudavam o fato de eu estar me sentindo um peixe fora da água. O nível de álcool das duas primeiras vodcas estava abaixo e, de repente, eu me senti como Angela Clark em uma sala cheia de pessoas estranhas usando um vestido realmente muito curto. Pela falta de alguma coisa para fazer, fui até o bar. Se estivesse segurando uma bebida, pelo menos teria algo para fazer com as mãos. Apesar de não serem nem 22 horas, o bar estava cheio. Hóspedes do hotel e visitantes tomavam um drinque depois do trabalho, mas consegui sentar quando um homem suado em um terno saiu e dei uma olhada no cardápio de bebidas. De onde eu estava, o grupo de Gina parecia ser o número um em todas as listas mais badaladas de convidados. Acho que ninguém na Inglaterra acreditaria em mim se lhes dissesse que aquelas gatas lindas na área VIP eram funcionárias de hotéis e cabeleireiras. Elas pareciam estrelas de cinema para mim. E não importa quantos makeovers eu fizesse, há apenas três dias eu era só Angela Clark, a alguém. Ainda.

Esperando por alguém? – perguntou uma voz ao meu lado.

Se esse homem me oferecesse dinheiro por sexo, eu teria que considerar. "Por favor, pergunte-me quanto por sexo oral", eu repetia mentalmente para mim mesma. Ele era alto, tinha ombros largos e as feições muito bonitas. E, imediatamente, imaginei que o nome dele fosse Chip ou Brad e andasse muito rápido em motocicletas másculas nos fins de semana.

— Para dizer a verdade, estou com algumas amigas – respondi, apontando para o grupo que falava mais alto a casa segundo. – Só descansando um pouco. E pedindo um drinque.

— Eu também – ele disse suavemente. Os olhos dele eram azul-claros e, apesar da sensualidade do ambiente à meia-luz, pude vê-los brilhar quando, com um movimento da cabeça, ele me mostrou um grupo de rapazes sentados à mesa em frente ao bar. – Eu precisava de dois minutos longe do zoológico. Você não concorda que é bem ruim quando a gente sai para um drinque depois do trabalho e só fala sobre isso?

Eu ri, mas não sei bem por quê. Não era, nem mesmo vagamente, engraçado.

— Acho que nunca tomei um drinque depois do trabalho – comentei, agradecendo a todos os deuses nos quais pude pensar quando o banco ao meu lado ficou vazio e ele sentou. – Sou freelancer, então atuo em casa a maior parte do tempo.

— O que vai ser? – o barman interrompeu. Olhei para o cardápio afobada. Não tinha nenhum Sex on the Beach ou Woo Woo.

— Dois perfect Tens – o cara pediu. – Desculpe, você gosta?

— É minha primeira vez aqui, tenho que experimentar – demorei um pouco para perceber que ele acabara de comprar um drinque para mim. – Quero dizer, obrigada – eu estava tentando,

desesperadamente, não ficar vermelha e me deu um branco total. Ele passou a mão pelo cabelo castanho-claro, que se moveu apenas o bastante para fazer meu coração derreter e era curto o suficiente para que ficasse ileso, mesmo depois do jogo de squash.

— Então, você é freelancer em quê? – ele perguntou quando o barman trouxe dois copos enormes cheios de algo que parecia muito refrescante.

— Ah, escritora – disse, tomando um gole. Qualquer que fosse a quantidade de álcool naquela bebida estava bem disfarçada em um monte de suco de abacaxi. A bebida perfeita para o verão. – Escrevo livros para crianças – não me pareceu valer a pena entrar em mais detalhes naquele momento. Isso e o fato de que eu estava me esforçando muito para colocar meus pensamentos em uma frase que fizesse sentido. Ele era tão ridiculamente lindo!

— Que legal! – ele falou, tirando o canudo de seu drinque e bebendo direto do copo... másculo! – Deve ser gratificante fazer algo tão criativo.

— Hã hã... – concordei, percebendo, tarde demais, que meu drinque não duraria muito do jeito que eu bebia e não querendo entrar nos méritos da criatividade de escrever sobre brinquedos que entram em viagens mágicas quando balançam seus sinos musicais – E o que você faz?

— Trabalho na Wall Street – ele respondeu sem muita empolgação. – Não é exatamente criativo, é? – mesmo sentado e de terno, pude ver que os músculos na parte de cima do corpo dele eram muito bem trabalhados.

Não acostumada a conversar com um gato em um bar badalado, senti minha autoconfiança falhar como um pequeno trem que conseguiria subir a montanha se... se o combustível fosse vodca.

— Mas deve ter seus desafios – opinei, tentando colocar meu copo vazio no bar sem que ele percebesse. Não tive essa sorte. – Mal posso imaginar a responsabilidade envolvida.

— Bom, tem – ele concordou, fazendo um sinal para o barman encher meu copo. Peguei minha bolsa, mas ele estendeu a mão. – É desafiador e, felizmente, muito lucrativo. Então, posso me dar o luxo de pagar drinques para escritoras de livros infantis.

— Você paga drinques para muitas escritoras infantis? – perguntei em minha tentativa de paquerar. Estava enferrujada, mas, por Deus, eu ia tentar.

— Só você e J.K. Rowling, se eu me encontrar com ela um dia – ele brincou. Em seguida, pegou a carteira e deu ao barman o que me pareceram ser duas notas de cem dólares o que, ao mesmo tempo, me impressionou e assustou. – Tenho que perguntar... dois drinques me dão o direito a saber seu nome? – ele indagou, passando-me o copo cheio.

— Angela – agradeci, tomando um gole devagar. – Angela Clark. E aceitar os dois drinques me dá o direito de saber o seu?

— Tyler Moore – ele disse, guardando a carteira e tirando outra coisa. Uma pequena caixa pratada, um porta-cartões de visita. – Então, Angela, você está de férias em New York ou temos a sorte de adicioná-la à nossa crescente lista de escritores?

— Vocês têm a sorte de ter-me por um tempo – afirmei, esforçando-me para não olhar o peito dele. O movimento de pegar e guardar a carteira tinha revelado uma camisa branca fina que, por sua vez, aludia a peitorais muito bem trabalhados. – Vou ficar por enquanto, mas não sei por quanto tempo.

— Espero que o tempo suficiente para que eu a leve para sair – ele considerou, abrindo o porta-

cartões e passando-me um deles. Peguei o cartão e, na mesma hora, guardei-o na minha bolsa. Não queria perde-lo.

— Onde você está hospedada?

— No The Union – vi os homens no sofá ficarem em pé e colocarem dinheiro na mesa -, na Union Square.

— Adoro aquele hotel. Tem um lugar que serve de noodles deliciosos do outro lado da praça, faz muito tempo que não vou lá – ele disse, trocando o porta-cartões por um BlackBerry. Quantos bolsos ele tinha? O paletó dele era como a nave espacial Tardis do Dr. Who. – E, agora, você me deixou com fome, o que acha de jantarmos na quinta-feira? Que tal me dar o número do seu telefone?

— Ah, ainda não tenho telefone – estremeci quando ele desceu do banco -, mas quinta-feira seria ótimo. Mesmo. Tudo bem se eu ligar para você?

— Você tem meu número. Eu adoraria falar com você – ele acrescentou e estendendo a mão, que apertei bem contente. Um aperto firme, mãos macias e, possivelmente, unhas feitas, mas eu não estava reclamando. Do jeito que eu via a coisa, ele era um presente cármico do universo. – Tchau, Angela Clark.

E me apaixonei.

Olhei enquanto ele desaparecia pela escada de ferro com seus amigos e tomei um gole da minha bebida. Ah! Por trás, ele era tão lindo quanto de frente.

— Por favor, mais um Perfect Ten – pedi para o barman que passou por mim. Ele assentiu com a cabeça e, milagrosamente, outro drinque apareceu do nada.

Deixei uma nota de 20 dólares no bar e, com um pulinho, desci do banco. Mas eu não estava mais tão firme no meu salto alto e cambaleei até a área reservada da Gina.

— Olá! – Jenny acenou para mim de um banco baixo perto da janela. – Estava preocupada com você até que a vi falando com um cara alto, rico e bonito no bar. O Johnny ontem, hoje um banqueiro sarado... Sério, por que precisa da minha ajuda?

Soltei o corpo quando sentei no banco e suspirei.

— Mas devo ambos a você – argumentei, colocando um braço em volta dela. – É o cabelo, a maquiagem e todas as outras coisas. Não sou eu. Deus do céu, eu não conseguia nem que o meu namorado transasse comigo, imagine só seduzir estranhos!

— Sério? – ela perguntou, tomando um gole do que parecia ser um Cosmopolitan. "Hum", pensei. "aparentemente, não é um clichê. Meu próximo drinque será um desses." – Mas por que seu ex não iria querer jogar você no chão e transar loucamente com você?

— Porque ele estava transando loucamente com outra – e ri alto. – E ele nunca me viu desse jeito. Eu só usava moletons e jeans largos. Nós transávamos uma vez por mês, por princípio. E era uma porcaria desde... Deus! Não consigo me lembrar da última vez que foi bom.

— Que triste... – suspirou Jenny. Encostei a cabeça no ombro dela e fiz que sim com a cabeça. – Ele não tem absolutamente nenhuma desculpa para ter traído você, mas se as coisas estavam tão ruins, você deveria ter terminado há muito tempo.

— E sabe o que é realmente triste? – confessei em voz alta, fazendo gestos dramáticos. – Ele foi

o único homem com quem transei – admiti e tomei o resto do meu drinque. Definitivamente, estava na hora de mais um. – Pois é. Talvez eu devesse transar com Tyler, aquele cara do bar. Ele me convidou para jantar.

— E você vai, certo? – Jenny perguntou, pegando meu copo vazio. – Você tem que ir.

— Eu disse que telefonaria para falarmos sobre quinta-feira – reparei que estava enrolando a língua um pouco. Os dois drinques que eu havia tomado no The Union deveriam estar subindo. – Ele é um gato.

— Bom, não faça as coisas fáceis demais para ele – ela advertiu, dando uns tapinhas na minha mão. Tudo começou a girar um pouco, estava muito quente. Eu queria mais uma bebida. – Mas, definitivamente você deve sair na quinta-feira e, se tudo correr bem, faço o que tem que fazer. Você tem que voltar à ativa, Angie.

— Certo. Voltar à ativa... – repeti, procurando uma garçonete. Quanto tempo será que a garçonete levava para passar por aqui? – E você? Está incrivelmente linda! Que tal um pouco de atividade?

Jenny riu alto.

— Quantos drinques você tomou no bar? – ela perguntou. – Já fui ativa demais, já beijei muitos sapos. Quando fiz 29, decidi que não iria mais namorar caras inúteis apenas por namorar. Então, estou esperando por um bom rapaz.

— Legal – eu disse, apertando a mão dela. – Bem legal. Quer saber? Acho que estou enjoada.

A sala começou a girar um pouco mais rápido e comecei a sentir um pouco mais de calor. Jenny me ajudou a levantar e, de alguma forma, conseguimos chegar lá fora, no jardinzinho ao lado do hotel.

— Quantos drinques você tomou? – Jenny tornou a perguntar, voltando do bar com um copo grande de água. Foi a coisa mais deliciosa que já bebi.

— Só dois no hotel e três daquelas coisas de abacaxi aqui – respondi, respirando fundo. – Mas só comi no café da manhã.

— Você vai passar mal se continuar assim – Jenny alertou. – Beba a água e pararemos a caminho do Planet Rose para comer alguma coisa.

— Planet Rose? – indaguei, tentando ficar em pé, ao mesmo tempo que começava a me sentir um tanto bêbada de novo em vez de um pouco enjoada. Permanecer ereta ainda parecia muito difícil.

— Caraoquê – Jenny explicou, olhando para trás, até a entrada do jardim onde Gina e o resto da gangue faziam a festa na calçada. – Você vai ficar bem? Quer que eu a leve de volta para o hotel?

— Não – recusei, tentando me equilibrar. Cara, que salto alto! – Posso não saber beber nem segurar o meu homem, mas sei cantar. Mostre-me onde está o palco e me dê um microfone – eu cambaleava um pouco, mas, pelo menos, estava em pé.

— Tá legal! – disse Jenny, olhando-me nervosa. – Tem certeza de que está bem?

— Estou bem – falei com voz enrolada. – Vamos para o caraoquê. Mesmo, eu tenho um Singstar, vai ser legal.

— O que eu queria dizer era... Você tem certeza de que não vai vomitar? – Jenny me perguntou

enquanto eu marchava atrás das meninas. – Mas, aparentemente, não vai.

Eu estava um pouco mais sóbria quando chegamos a uma parte completamente diferente da cidade. As lojas e os hotéis de Soho deram lugar a um bar barulhento e escuro ao lado de outro bar igualmente agitado e sombrio e, entre eles, algumas lojas.

— Bem vinda a East Village – Jenny me mostrou a redondeza com as mãos. As garotas muito produzidas pareciam um pouco fora de seu habitat ao lado dos hispters e góticos que saiam dos bares para fumar na calçada, mas elas não pareciam se importar com isso. Depois de umas duas quadras, nós nos empilhamos em um bar que parecia mais ou menos baixo calão, todas as paredes eram vermelhas e as cabines, de pele de zebra. Black Velvet tocava e umas 30 pessoas muito bonitas, colegas e conhecidos de Gina que vieram se despedir, juntaram-se a nós. Eu era a única que parecia estar sendo levada. Só quando fui conduzida até o pequeno bar, percebi que não estavam tocando Black Velvet. Na verdade, alguém cantava Velvet. Alguém realmente muito bom. Não era como um Singstar.

"Calma", disse a mim mesma e, sentada em um banco, tentei olhar casualmente a lista de músicas. "Não vou beber, só vou sentar aqui e ficar calma. Essas pessoas são meus amigos em potencial. Não quero que pensem que sou uma grande perdedora que levou um fora e veio para New York para beber até morrer."

— Ei, inglesa – Gina, em pé na minha frente, segurava um copo enorme de Margarita na mão. – Este é seu. Coloquei você e eu na lista para cantarmos Spice Girls. Para que você se sinta em casa.

— Ah, obrigada.

Mais um drinque não poderia fazer mal, poderia?

Capítulo 9

A manhã seguinte, ou melhor, o início da tarde do dia seguinte chegou rápido demais, dado que eu não conseguia me lembrar de nada depois da minha empolgante interpretação de Wannabe. Ao olhar o quarto a minha volta (teria sido muito mais fácil se ele apenas parasse de girar), vi largados no chão meu vestido, meus sapatos e minha bolsa. Pelo menos, parecia não haver grandes perdas. Tentei me virar na cama, mas a coberta parecia uma camisa de força e, apesar da moleza induzida pelo álcool, eu tinha que sair dali. Chutei a coberta e empurrei todos os lençóis até que, em minha roupa de baixo, me encontrei deitada na diagonal na cama.

Foi quando ouvi o chuveiro.

Não havia sinal de outra pessoa no quarto em nenhum lugar. Rolei para a borda da cama e, lutando contra a vontade de vomitar, fui pegar a primeira coisa que vi para vestir, a blusa branca de ontem, mas o chuveiro parou. Gelei e, abaixada com a blusa desabotoada, me apoiei na beira da cama. O trinco da porta do banheiro mexeu. Muito indelicado, o espelho grande à minha frente me mostrou exatamente o que a pessoa no chuveiro veria em alguns segundos, e não era nada bonito. O corte de cabelo elegante era agora uma bagunça desgrenhada e Razor tinha mentido. Definitivamente, havia um ponto em que borrar a sombra nos olhos não a tornava melhor. E a ideia de uma mulher com sutiã preto, calcinha preta e uma blusa branca pode soar sensual, confie em mim, ali, não era. Desesperadamente, tentei me lembrar da noite anterior — quem poderia ser? Não era o banqueiro, ele sequer tinha ido ao caraoquê. Poderia ser o amigo da Gina. Ray, que havia cantado em um dueto de parar o trânsito You're the one that I want comigo, mas não, definitivamente, ele era gay. E aquele porteiro que nos deixou de boca aberta quando cantou Don't stop we now. Não. Gay também. Putz, não podia ser o Joe. Não o Joe, o garçom incrivelmente lindo. Por favor, não. Por favor, não. Por favor... Tarde demais, a porta do banheiro abriu.

— Boa tarde, dorminhoca — falou a voz bem alegre. — Bom, eu me diverti um bocado e você é muito incrível, mas... eu tenho que ir.

Graças a Deus, era Jenny.

Em pé na minha frente, de bom humor, enrolada na toalha macia e com o cabelo molhado, ela ria alto.

— Você não sabia quem eu era, não é? — ela conseguiu dizer entre as risadas. — Meu Deus, Angie, você é a pior bebedora que já vi. E, não querendo ser engraçada, mas você não está com a sua melhor aparência hoje. Precisa aprender a lidar com isso antes de voltar à ativa.

Fiquei em pé e olhei em volta na esperança de me lembrar de tudo. Nada. A única coisa de que

me recordava era o... sushi. Sim, eu tinha comido sushi. E, agora, tinha-o na memória. Com pressa, passei por Jenny e fui direto para o banheiro. Felizmente, ela não se limitou a rir e provou ser não só uma grande instrutora de vida, mas uma excelente seguradora de cabelo e fornecedora de copos de água. Assim que ela tirou minha roupa e me ajudou a entrar no chuveiro, comecei a me sentir um pouco mais humana. Este era, definitivamente, um curso intensivo de amizade.

— Melhor? — Jenny já estava com o vestido da noite passada e o cabelo preso em um rabo de cavalo alto. Pelo menos, a voz dela era compreensiva, embora a impressão que eu tinha era de que ela começaria a rir a qualquer momento. — Acho que você aprendeu a não misturar bebidas. Aqueles Perfect lens que você bebeu no Grand não se dão muito bem com Margaritas.

— Achei que não tinham álcool — expliquei, besuntando o rosto com creme hidratante e vestindo o roupão macio. Foi como se uma dúzia de pequenas nuvens macias tivesse envolvido meu corpo para me levar de volta para a cama. — Mas acho que estava errada.

— Um pouco — Jenny observou. – Bom, tenho que voltar ao apartamento para dizer tchau à Gina, mas encontro você na recepção às 19 horas, combinado?

Fiz que sim com a cabeça.

— Você diz à Gina que sinto muito não poder estar lá, pede desculpa por mim sobre a noite passada e tudo mais?

— Você não precisa pedir desculpas — Jenny disse, calçando seus sapatos com salto agulha como se tossem chinelos. Mais uma coisa que eu precisava aprender. — Falando sério, a noite foi ótima. E fiquei bem feliz por ter uma desculpa para sair quando você desmaiou. Já havia passado da minha hora de dormir.

— Eu desmaiei? — não conseguia acreditar. Mesmo durante o evento anual de "Beber tudo que tinha no bar" na universidade, mesmo após cinco jarras de sangria nas férias, mesmo depois de oito Sambucas na noite da despedida de solteira da Louisa, eu não tinha desmaiado. Vomitado, sim. Perdido sapatos... tá, sim. Mas nunca desmaiado.

— Tudo bem, Angie — Jenny contemporizou. — Considere esse um batismo de fogo. Vamos sair de novo hoje à noite. Só para jantar. E você está convidada. Ah! A Erin disse que toma café da manhã com você se estiver se sentindo bem. Ela é a pessoa perfeita para lhe dar conselhos sobre o que fazer em encontros antes de sair com aquele gato — e desapareceu pela porta.

Depois que a Jenny saiu, vomitei mais algumas vezes e me preparei para sair do hotel. Era mais um dia lindo no Union Square Park. O sol brilhava como no domingo. Em apenas três dias, o brilho de "novo" e "diferente" tinha passado e despertava em mim algo ainda mais emocionante, a familiaridade. Eu me sentia em casa. Já passara por aquele portão, já entrara naquela estação de metrô, já saíra correndo daquele banco. Depois de passar um pouco de MAC Lipgloss, rímel e um monte de blush, peguei minha bolsa (ainda muito bonita) da Marc Jacobs. A despeito de uma das piores ressacas que já tinha tido, eu ainda parecia mil vezes melhor do que antes da mudança radical. Jenny Lopes era uma santa.

Manatus era um restaurante muito bonitinho, no topo da Bleecker Street, em Greenwich Village, entre uma farmácia 24 horas e uma loja de lingerie de grife. Eu amava New York. Desafiando as ordens expressas da Jenny para tomar o metrô, peguei um taxi na frente do hotel. Eu realmente não acreditava nas minhas chances de não vomitar no trem, então fui de carro com a cabeça para fora da janela. Felizmente, reconheci Erin da janela. Pequena, com o cabelo loiro comprido preso em um

rabo de cavalo, muito bonita. Não foi à toa que ela se tornou a guru da Jenny no que diz respeito a namoros. Achei difícil acreditar que não estivesse comprometida ainda.

— Oi! — ela ficou em pé e me recebeu com um beijo no rosto quando cheguei lá depois de ter passado com muito cuidado entre as mesas e os carrinhos de nenê. — Estava com medo de que você não me reconhecesse.

— A gente não se esquece de alguém com quem cantou em dueto *Baby, one more time* facilmente — comentei e, bem depressa, me sentei, tomando um gole bem grande da água gelada que estava sobre a mesa. — Estou começando a me lembrar. Tragicamente... de tudo — e sacudi a cabeça envergonhada.

— Foi divertido — Erin confessou, fazendo um sinal para a garçonete trazer os cardápios. — Ficamos aliviadas ao ver que você é humana. Desde domingo, tudo o que escuto Jenny dizer é como você é incrível e, não querendo parecer uma chata total, quando você entrou no bar parecendo uma modelo, achei um pouco difícil sentir pena de você. Quero dizer, quem é tão linda e precisa de ajuda com os homens?

— Bom... Eu? Acho que preciso de um pouco de ajuda em geral — não sabia se agradecia o elogio ou pedia desculpas. — E ninguém está me confundindo com uma modelo. Mesmo.

— Bom, o cabelo, o vestido e... Uau! O sapato... — ela elogiou. Felizmente, os olhos dela brilharam ao falar do meu sapato e tive certeza que havia encontrado outra pessoa genuína. – Mas quando você fica bêbada... Fica bêbada. Não é? O que você vai querer?

O garçom em pé ao nosso lado esperava pacientemente.

— Torradas – pedi, sem nem mesmo olhar o cardápio Erin não me pareceu ser o tipo de pessoa que perde tempo com coisas tão triviais como cardápios.

— E eu quero granola com salada de frutas — ela disse, entregando os cardápios ao garçom. — Mas a Jenny me contou que aquele cara lindo, com quem você conversou no bar do Grand, convidou-a para sair. Você já telefonou para ele?

— Putz, ainda não — respondi, procurando minha carteira. Lá estava o cartão. Seguro e sem marcas de vômito. — Eu não estava em condições.

— Tá bom. Ligue agora — Erin sugeriu, fazendo sinal para o garçom trazer mais café. — Sério. Ligue.

Ela me passou o telefone e fiquei olhando os números.

— E o que digo?

— Oi, sou a Ângela Clark, nos conhecemos no Grand ontem à noite — ela falou muito tranquila. — Só queria saber se o convite para jantar amanhã está de pé... Que tal?

— Melhor do que o que eu tinha imaginado — resmunguei, discando antes de pensar sobre o que fazia.

— Tyler Moore — ele atendeu depois de um toque.

— Oi... Hum... Aqui é Angela, Angela, hã... Clark — gaguejei ao falar o meu nome. Sexy, não?

— Olá, Angela Clark — ele respondeu. Eu não conseguia saber se ele tinha reconhecido minha voz ou não. — Estava me perguntando se você telefonaria.

Ele se lembrava de mim!

— Claro que sim — afirmei, tentando parecer tão tranquila quanto Erin. Com as mãos, ela fez um movimento para que eu continuasse. Eu precisava falar mais. — Só queria saber se o convite para jantar ainda está de pé.

— Sim. Amanhã, certo? — Tyler confirmou. Tive a impressão de que ele se inclinara para a frente, flexionando aqueles músculos. Ah meu Deus! — Que tal o Mercer Kitchen às 20 horas?

— Ótimo — aceitei. Eu havia conseguido! Tinha marcado um encontro. — Espero você lá?

— Perfeito. Assim tenho tempo de passar em casa e trocar de roupa. Vejo você no bar às 20 horas, Angela Clark — e ele desligou.

— Então, você vai? — Erin quis saber, batendo com os pés no chão embaixo da mesa.

Fiz que sim com a cabeça e mordi o lábio.

— Vamos nos encontrar no Mercer Kitchen às 20 horas. Isso é bom?

— Isso é muito bom — ela deu sua aprovação e a nossa comida chegou. — O Mercer Kitchen é um ótimo lugar para um primeiro encontro. Escurinho, boa comida, muitas pessoas bonitas, e sugere um drinque depois do jantar. É uma boa escolha.

Dei uma mordidinha na torrada seca. Sair com um cara talvez não fosse tão apavorante quanto eu temia.

— Que tipo de roupa devo usar? Chique? — perguntei um pouco preocupada. Não podia me dar o luxo de fazer compras de novo.

— Hum... Muitos caras de terno vindos do trabalho e garotas super na moda, mas nada muito elaborado — ela observou, dando de ombros.

— Um vestido bonitinho ou jeans e uma camiseta legal. Provavelmente, ele vai estar de terno.

— Ele avisou que iria para casa trocar de roupa — expliquei, mordendo minha torrada bem devagar.

Meu estômago aceitava comida. Estava conseguindo comer!

— Mesmo? Espero que ele não apareça vestido como aquele modelo, o Fabio, ou algo assim — Erin riu. Vendo o medo estampado em meus olhos, ela parou com uma tossezinha. — Claro que ele não vai. Bom, vamos às regras básicas para encontros em New York?

— Com certeza — concordei. — Regras gerais sobre encontros. Não sei o quanto a Jenny contou...

— Acho que... mais ou menos... tudo — Erin disse. — E o que ela não sabia você contou ontem à noite. Acho que sei mais sobre sua vida sexual do que o seu ex.

Fiquei um pouco tonta de novo e troquei a torrada pelo chá. A garçonete havia colocado mais agua quente, então estava fraco como água de batata, mas tomei assim mesmo.

— Desculpe.

— Tudo bem. Preciso saber de todos os detalhes antes de começar ensinar uma nova aluna — ela preveniu. Quando Erin estendeu a mão para pegar o mel, notei que os dedos dela estavam completamente cobertos por diamantes: solitários, anéis de compromisso, anéis de noivado. Um em cada dedo, exceto no dedo anelar. — E, acredite em mim quando digo que sei tudo. Você foi, realmente, muito clara.

— Ah, meu Deus... — esfreguei a testa tentando lembrar exatamente o que havia dito a ela. Talvez eu não tivesse me lembrado de tudo. – Bom, vamos lá.

Na hora seguinte, várias xícaras de café para ela e chá fraco para mim. Erin, uma mistura de Dra. Laura, a psicóloga que há trinta anos tem um programa de rádio na Califórnia, e uma chefe de cheerleaders, falou sobre o que se deve e o que não se deve fazer quando a gente sai com caras em New York. Um guia para iniciantes de "As Regras".

— Se ele se oferecer, permita que ele pague, mas não deixe de levar seu cartão de crédito para o caso de ele esquecer. Faça perguntas sobre ele, porém não indague sobre as ex-namoradas. Pode talar sobre trabalho, mas não entre em questões financeiras para não parecer uma pistoleira. Se ele perguntar sobre relacionamentos anteriores, dê os fatos, e não os detalhes. Se o encontro for muito bem, pode aceitar um segundo convite na hora.

Mas o jantar era em uma quinta-feira, então eu não deveria, em hipótese alguma, concordar em sair na sexta-feira ou no sábado à noite. Sábado durante o dia, talvez. Domingo, tudo bem. Tudo me pareceu um pouco desnecessário.

— Você simplesmente não quer contar nada que o desestimule com isso, quero dizer nada mesmo — ela advertiu com uma seriedade incrível, enumerando seus pontos com os dedos cobertos de diamante. — Não seja muito engraçada. Caras gostam de rir, só que eles não querem casar com uma comediante, certo? O cara é quem deve ser engraçado. Não coma demais. Se ele pedir a comida para você, melhor. Não beba demais. Na melhor das hipóteses, ele vai pensar que você é uma transa fácil. Na pior das hipóteses, ele some.

— Você quer dizer que é pior quando um homem simplesmente não me procura mais do que quando ele dorme comigo e nunca mais telefona?

— Minha querida, estamos em New York... — Erin sacudiu a cabeça.

— Levá-lo para a cama é metade da batalha. E cruzo os dedos para que você tenha alguma experiência nesse departamento, então pode ser que ele queira repetir a dose. É difícil, mas, se você for muito boa na cama, pode mudar a primeira impressão. Às vezes.

— Tuuudo bem — senti meu rosto recuperar a cor. — Não sei se tenho muita experiência neste departamento, então acho melhor não beber demais.

— Veja, essas são apenas as regras para o jantar. Há muitas outras para quando você começar a dormir com ele. Mas, basicamente, não transe no primeiro encontro. Nunca.

— Não será um problema, tenho certeza. Então, já que parece que não sei absolutamente nada sobre namorar ou sobre homens, diga-me tudo de que preciso saber.

Ouvir as instruções de Erin, úteis, bem-intencionadas e requisitadas, equivalia mais ou menos a ouvir orientações para aprender a dirigir, ou seja, lá pela terceira, eu tinha parado de prestar atenção. Agora, em vez de estar um pouco preocupada com o encontro com Tyler, eu estava apavorada. Enquanto ela deixava claro até onde me era permitido "ir" se quisesse ver Tyler de novo, eu me mantinha muito ocupada ao tentar não ser pega olhando para o cara sentado no canto do restaurante. Escondido atrás de um livro velho, um romance de Murakami, ele saía de trás do livro apenas para mexer em seu iPod e pedir mais café. Alguma coisa no cabelo preto desgrenhado e nos vívidos olhos verdes era vagamente familiar, mas resolvi que ele era só muito lindo.

Então, desde que siga "As Regras", você vai ficar bem — Erin continuou falando sem sequer

perceber que eu não estava prestando atenção. — E não é como se você quisesse se casar com esse cara agora, é? Você só quer se divertir, certo?

— Hum... Certo, nada sério — concordei, tentando não pensar em mim e em Tyler na Tiffany, Tyler de joelhos, eu chorando tendo palmas. — Erin, posso fazer uma pergunta?

— É claro — ela assentiu. — Que tipo de professora eu seria se não estivesse aberta a críticas?

— Ah, nada disso — falei bem rapidinho. — É que eu estava pensando... Bem, só pensando... Por que você não está casada? Sei que não é casada, mas você é uma enciclopédia completa no que diz respeito a namoros. E você é tão linda, tão agradável e...

— Eu fui casada — ela revelou sem rodeios, estendendo a mão direita.

— Casei aos 21 com o cara mais querido que já conheci — ela me mostrou um dos solitários. — Mas, quando fiz 23, ele tinha amadurecido e não era mais legal. E me traia com tudo que se movesse.

— Sinto muito — disse bastante sem graça. — Acho que é muito melhor estar solteira do que permanecer em um casamento ruim.

— Hum... Bom, não terminei ainda — ela suspirou, olhando para os outros anéis. — Depois, fiquei noiva do dono de um hotel. Este aqui — ela me mostrou uma linda aliança de safira e diamantes -, mas o relacionamento foi uma muleta que encontrei para me recuperar; então, terminei um mês antes do grande dia. E, quando tinha 29, casei com Joel, o meu cabeleireiro — o do anel de noivado de diamante.

— Ah! — exclamei baixinho. Ela era, claramente, a pessoa certa para dar conselhos sobre como levar um homem para a igreja, mas não sobre como evitar várias viagens à igreja.

— Mas nós dois sabíamos que não iria funcionar, então eu o deixei — ela contou em voz baixa, inclinando a cabeça para o lado. — E não vou casar de novo.

— Mesmo? — realmente, não sabia o que mais dizer. De repente, eu tinha um pouco menos de fé em "As Regras".

— Não me interprete mal. Adoro namorar e espero encontrar alguém com quem possa ter filhos, mas não acho que vou me casar novamente. Não é tão importante para mim. Tenho uma carreira maravilhosa e amigos fantásticos. Acho que demorei muito tempo para perceber que não preciso de um homem para me validar.

— Acho que é bem legal — comentei mas me sinto uma boba agora.

— De jeito nenhum — Erin riu. — Realmente espero que minhas amigas encontrem caras legais, que se casem e sejam felizes, mas eu não me preocupo tanto com isso. Tenho uma empresa de relações públicas bem-sucedida, dois acordos de divórcio saudáveis e saio com caras legais o tempo todo. Só que, aos 37 anos, não quero mais me acomodar.

— Em primeiro lugar, você não tem 37... — fiquei boquiaberta. Achava que ela era mais nova do que Jenny, e Jenny não era uma candidata a Botox. — Em segundo lugar, você acha que sou uma boba por ir a esse encontro? Será que eu não deveria dar um tempo e cuidar de mim?

— Você quer ir? — ela perguntou.

Pensei por menos de um segundo.

— Sim, quero.

— Então você deve ir e se divertir — ela arrematou, tirando uma carteira linda da Chanel da bolsa. — Só não deixe que isso seja tudo para você. Jenny contou que você é uma escritora.

— Eu quero ser — corrigi, dando de ombros. — Tudo que estou escrevendo agora é uma espécie de... bom... um diário.

-Mas o seu diário agora deve ser fascinante! — ela opinou, procurando um cartão de visita na carteira. — Eu represento a revista The Look, e eles estão sempre à procura de blogueiros para o site deles. Não é muito, mas pode ser mencionado na revista e não se sabe quem pode ler. Quer que eu marque uma reunião?

— Minha nossa, quero sim! — aprovei, já me imaginando na Starbucks, teclando e deixando as pessoas chateadas com meus suspiros dramáticos — Se alguém estiver interessado em ler, eu adoraria escrever para eles.

— Bom, deixe-me talar com algumas pessoas quando eu for lá mais tarde. — Erin disse, deixando dinheiro sobre a mesa e, com a mão, recusando o meu protesto. — E, hoje à noite, conto como foi. Você vai jantar conosco mais tarde, não vai?

— Só se você me prometer que não me deixará beber aquelas Margaritas horríveis — e fiz uma careta. Só o tato de pensar nelas fez com que eu olhasse em volta à procura do banheiro das mulheres.

Com dois beijinhos no rosto e um "ligue para mim", Erin foi embora. Nenhum dos garçons pareceu se importar que, sentadas há mais de uma hora, tínhamos consumido só mais chá e café, mas, mesmo assim, pedi um chocolate quente. E, com o meu caderno e a caneta do hotel que tirei da bolsa, comecei a anotar meus pensamentos. Deus do céu! Imagine escrever um diário on-line para a The Look. Talvez não fosse uma revista tão conhecida internacionalmente quanto a Elle ou respeitada como a Vogue, mas, definitivamente, era uma das melhores. "Recado para mim mesma: comprar algumas revistas." Peguei meu iPod no fundo da bolsa e procurei algo inspirador. Hum... Roqueiras barulhentas, indie boys misteriosos ou Britney? Depois da palestra sobre as meninas poderosas da Erin, não teria que ser algo como roqueiras barulhentas?

Após uma página de anotações, vi o chocolate quente ser colocado à minha frente. Agradeci com a cabeça, perdida em minhas considerações acerca da dificuldade das regras de namoro, quando percebi que quem tinha trazido o chocolate quente acabara de sentar na cadeira do outro lado da mesa. Olhei para cima devagar e vi o cara lindo que estava no canto do restaurante com os cotovelos firmemente sobre a mesa e o queixo apoiado na palma da mão, sorrindo para mim.

— Oi — ele murmurou.

Dei um stop no meu iPod e olhei surpresa.

— Você não acha que seria legal poder ir até as pessoas e dizer "ei, posso dar uma olhada no seu iPod?" — ele falou, estendendo a mão e pegando o meu na mesa. Os fones do meu ouvido caíram no caderno – Assim a gente saberia se deve ou não convidar essa pessoa para sair. Digamos que ela estivesse ouvindo... lésbicas angustiadas! – ele olhou para mim, muito sexy, ele tinha a pele clara e aquelas olheiras de uma pessoa que viva à noite. – A maioria dos homens ficaria assustado. Mas alguns voltariam para a lista de músicas e procurariam por... sinais mais encorajadores como... Justin Timberlake?

— É uma música legal — argumentei relutante, mas nem eu acreditaria em mim.

_ Bom, as mulheres amam o Justin — ele ponderou e continuou procurando. – E, pelo menos, cancela a coisa de lésbica.

— Não sou lésbica! — defendi-me rápido demais.

Ele olhou para mim de novo e riu.

— Ótimo — e puxou a cadeira um pouco mais perto da mesa. — Ah! Só fica melhor. Bon Jovi?

— É Living on a prayer, é um clássico! — protestei fracamente, deixando minha cabeça cair em cima das minhas mãos na mesa. — Por que você não olha as músicas legais? Gosto de coisas interessantes também...

— Por exemplo? — ele perguntou, mexendo no iPod. — E não diga todos os tipos de música. Odeio quando as pessoas dizem que gostam de todos os tipos de música. Isso só quer dizer que não gostam de nenhuma. Olha só! Você tem o álbum novo do Stills. Ouvi dizer que eles são bons.

— Eu os vi ao vivo! — expliquei bem rápido. — Em Londres. Eles são muito bons. Apesar de que eu prefiro o primeiro álbum.

— É sempre bom ouvir uma opinião honesta — ele declarou, estendendo-me a mão. — Alex Reid.

Dei a mão a ele e mordi o lábio.

— Você é do Stills, não é?

— Sou.

— E você viu Justin Timberlake no meu iPod.

Não era assim que eu imaginara conhecer o vocalista incrivelmente sexy de uma banda muito legal de New York. Na maioria das minhas fantasias com estrelas do rock (e eram muitas e variadas), eu, muito descolada e sexy, usava meia arrastão, botas de salto alto e um monte de delineador preto depois de uma festa muito chique em um bar badalado em East London. Em vez disso, estava com uma camiseta rosa, jeans largo e uma rasteira laranja brilhante, o cabelo, ainda úmido, preso em um rabo de cavalo, e torcia para que o rímel não estivesse todo derretido embaixo dos meus olhos ainda.

— Mas tenho o seu álbum — aleguei, tentando ganhar alguns pontos.

— E gosto de... sei lá... The Arctic Monkeys?

— Muito 2006 — considerou ele, devolvendo-me o iPod e encostando-se na cadeira. E ainda estava sorrindo, o que era desanimador. -você tem algumas músicas legais e foi ver a minha banda.

— Tenho e fui — confirmei. Por favor, me convide para sair. Eu não poderia estar mais longe de não necessitar de um homem para me "validar". Precisava que aquele homem lindo me convidasse para sair. Azar o seu, Mark Davis, um roqueiro famoso me convidou para sair. Buá buá.

— E se você comprou dois álbuns e um ingresso para o show — ele suspirou e passou a mão pelo cabelo preto despenteado e o deixou cair de novo sobre os olhos.

Ah!

-Com o dólar fraco... Acho que você deve ter gasto umas... 20 libras com a banda?

— Também comprei uma camiseta — lembrei bem séria. — Só isso foi 20 libras.

— Desde que tenha sido dentro do show — ele disse, sacudindo a cabeça. — Aqueles filhos da mãe lá fora venderam a camiseta por dez libras. Será que eles não sabem que todo o dinheiro vem

das camisetas?

Ri nervosa, esperando que ele risse também, o que aconteceu, graças a Deus.

— Então, sei que você tem um gosto... "eclético" em música — Alex começou. — E lhe devo 60... quase 80 libras? Mas ainda não sei seu nome.

— Pois é, e como sei o seu... — aleguei, torcendo para que o que eu estava dizendo soasse engraçado e sedutor, como uma paquera, e não puro nervosismo ou fascinação por astro de rock. Quanto mais pensava, mais eu me recordava de como a banda dele era realmente boa. — Angela Clark.

— E você está de férias, Angela Clark? — ele indagou, servindo-se do meu chocolate quente. Eu ia reclamar, mas achei que poderia me dar ao luxo de perder um chocolate quente para conseguir um astro do Rock. Bom, o vocalista de uma banda indie não muito conhecida que eu tinha visto uma vez em Islington. Muito mais perto de ser um astro de rock do que o bancário do HSBC com quem eu sai por dez anos.

— Mais ou menos — respondi, não querendo entrar em mais detalhes do que o necessário. — Estou aqui com uma amiga por um tempo.

— Bom, se você não está planejando ficar em casa e ouvir Justin, gostaria de ir a uma festa comigo hoje à noite?

Ele me convidou para sair! Ele havia me chamado para sair.

E eu não podia ir.

— Bem que eu gostaria, de verdade — recusei, tentando desesperadamente pensar em uma boa desculpa. — Mas já tenho planos para hoje à noite.

— Deveria ter adivinhado — ele declarou, pegando minha caneta e abrindo meu caderno em uma página em branco. — Bom, esse é o número do meu telefone. Tenho entradas para um show muito incrível no sábado à noite e adoraria que você fosse comigo. Que tal.

— Eu adoraria. — concordei, jogando os conselhos de Erin pela janela. Teria que contar a ela que má aluna eu era, aceitar um encontro para o sábado à noite na quarta-feira, chocante.

— Legal. Achei que você não iria aceitar — ele ficou em pé e se preguiçou. Jeans justo, mas não demais, a obrigatória camiseta desbotada da banda, curta o suficiente para mostrar a barriga retinha quando se esticou e, como acessório, uma trilha fina de pelos pretos traçava o caminho do cós baixo da calça até o umbigo. E, é claro, óculos de sol. Ele guardou o livro em uma bolsa de couro tão surrada que tive medo de deixar a minha Marc Jacobs ver tal terrível abuso. — Se a sua amiga não tivesse saído quando saiu, eu teria desistido. Quem é que escuta todas aquelas besteiras?

— Que besteiras? — perguntei, olhando distraída para o bíceps dele, não esperava que fosse tão musculoso. Quem sabe de tocar guitarra.

Mais uma vez, ah...

— É sério — ele disse quando se afastava. — Não preste atenção a ela, aquelas regras de namoro são uma besteira. Noiva três vezes e não é casada? Não é a melhor pessoa para dar conselhos.

Senti meu queixo cair. Ele tinha ouvido tudo?

— Como foi que você conseguiu ouvir? Você estava com o fone do iPod.

— Então você tinha me notado.

Que metido arrogante!

— De qualquer forma, vejo você na Max Brenner na Union Square sábado... lá pelas 19 horas? É meio turístico, mas é o melhor chocolate quente da cidade. Sem ofensa a este lugar. Ele deu um sorriso de cachorrinho arrependido para a garçonete na saída. Eu a vi visivelmente murchar quando ele passou pela janela sem olhar novamente para ela.

E, assim, me apaixonei.

De novo.

Capítulo 10

Vanessa estava na portaria quando cheguei afobada ao hall de entrada, o aroma delicioso das velas perfumadas fazia com que eu me sentisse em casa.

-Oi, Vanessa. A Jenny está por aí?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Sim, ela está lá atrás. Temos uma banda hospedada no hotel e eles decidiram que a Jenny é a recepcionista favorita deles para todo o sempre. Você quer ir lá tirá-la de seu esconderijo? — Vanessa abria a porta quase imperceptível para a sala dos funcionários onde eu vi o rabo de cavalo da Jenny por cima de um sofá muito confortável.

— Você nunca vai adivinhar o que me aconteceu — gritei do outro lado da sala. — Consegui que um astro do rock... Jenny?

Quando cheguei perto do sofá, parei. O rosto lindo da Jenny estava todo vermelho e inchado, e o rímel, todo escorrido...

-Você está chorando — constatei, afirmando o óbvio.

— Ei, que legal — ela fungou, limpando o rosto na manga da sua camisa preta. — Conte tudo.

— Não, você vai me contar tudo — intimei, sentando ao lado dela. -Que foi que aconteceu?

— Ah, é estúpido — ela tentou sorrir, mas só conseguiu deixar mais algumas lágrimas escaparem. — Eu vi o Jeff. Meu ex.

— Ah... — murmurei, não sabendo o que mais dizer. — O que foi que aconteceu? Ele falou alguma coisa?

— Nada de bom...

— Que m...! — sacudi a cabeça e sentei ao lado dela.

— Hã hã — Jenny balançou a cabeça, bem triste. — Estraguei tudo. Eu o traí.

— Mesmo?! — Jenny não era do tipo que trai, ela era uma pessoa agradável e atenciosa que cuidava muito bem dos outros. Não era possível.

— Você o traiu?

— É. Fui muito estúpida — ela suspirou, esfregando a testa. — Ele só apareceu para, acidentalmente, me contar que está saindo com outra pessoa.

— Mas... você terminou com ele por causa de outra pessoa? — tentei entender sem parecer crítica, porém era difícil. Ao que tudo indica, sou mesmo muito crítica.

— Não. Fiquei muito bêbada, dormi com o Joe, que trabalha aqui no hotel, e contei para o meu namorado porque me senti bastante culpada — Jenny disse desconsolada. — Então, ele me chamou de prostituta, me mandou embora e eu fui morar com a Gina. Eu nunca quis terminar. Só fiz uma coisa errada e não tinha como desfazer.

— Ah.

— Sei o que você deve estar pensando — ela disse em voz baixa.

— Para ser sincera, não sei o que estou pensando — afirmei, segurando mais forte a mão dela -, mas só posso me basear no que eu sei sobre você. Que você é muito boa gente.

— Ah, meu Deus! — Jenny desabou em um choro intenso. — Sinto muita falta dele — ela, lentamente, caiu para o lado e no meu colo. Sem saber o que fazer, delicadamente passei os dedos no rabo de cavalo dela e fiquei em silêncio até que ela parou de soluçar. Passaram-se uns longos cinco minutos antes de Jenny soltar um grande suspiro e sentar. Ela sorriu e apertou minha mão na dela.

— Sei o que você deve estar pensando. Que eu sou uma sem-vergonha completa, mas, honestamente, não foi assim — ela explicou com sinceridade. — Não é algo que eu faça sempre. Às vezes, as pessoas simplesmente erram. Gostaria de poder fazer Jeff entender que eu faria qualquer coisa para tê-lo de volta. Qualquer coisa.

-Na hora certa, ele vai perceber — falei para confortá-la, mas não sabia se era verdade.

— É — Jenny concordou. — O que você acha de nos produzirmos lindamente e irmos comemorar o seu astro do rock? Eu adoraria um drinque.

Sorri e segurei a mão dela.

— É prá já.

A noite de comemoração na cidade que eu tinha antecipado acabou em uma refeição tensa, em silêncio, num restaurante perto do apartamento da Jenny. Entre as frequentes idas de minha "melhor nova" amiga ao banheiro para chorar, os vários martínis e toda a obscenidade dirigida à banda hospedada no The Union, que havia decidido que Jenny não era de fato a recepcionista, mas um brinquedo pessoal, além de minha ressaca retardada e dos detalhes da falha da Erin em conseguir uma nova cliente, a noite foi um pesadelo completo. Depois de beber três Cosmos, as línguas estavam soltas, mesmo que as coisas não estivessem melhores.

— Se um cara a traísse, você o aceitaria de volta? — Jenny perguntou, tirando a casca de laranja de seu drinque. — Não quero dizer ele ter outro relacionamento, mas só uma vez.

Apertei os lábios e me encostei na cadeira. Eu realmente não queria entrar em uma conversa do tipo: "uma vez trapaceiro, sempre trapaceiro".

— Não sei — Erin se antecipou, tomando um gole de sua bebida. — Se eu gostasse dele, não. Mas, se eu estivesse preparada para traí-lo, então sim.

— Voltei com o meu namorado quando ele me traiu — Vanessa revelou — e ele me traiu de novo e de novo. Acho que, quando eles sabem que a gente perdoa, vão nos enganar até quando a gente deixar. Sei que é clichê, mas é verdade.

— Hum... — penny olhou para mim de lado. — O que você acha, Angela? Se o seu ex aparecesse agora com um buquê de rosas e pedisse desculpas, o que você faria?

— Não sei — respondi, olhando fixamente para o meu copo. — Acho que o mandaria de volta para o lugar de onde veio.

-Não, você não o mandaria — Jenny balançou a cabeça e tomou seu drinque de uma vez só. — Você o aceitaria de volta num piscar de olhos. E sabe disso.

— Nossa mãe! — e mordi os lábios. — De onde foi que surgiu a anti-Oprah?

— Deus do céu! — Erin exclamou, colocando o cardápio de drinques na mesa e ficando em pé. — Bem-vinda ao lado negro da Jenny, Angela. Conheça a Jenny bêbada.

Olhei para a minha nova amiga com a cabeça apoiada nos braços cruzados sobre a mesa e os ombros caídos.

— Depressão profunda, presente. Determinação para levar todo mundo para baixo com ela, presente. Ela não vai parar enquanto não tiver ofendido todos que conhece, até mesmo a nova amiga — avisou Erin, vestindo o casaco. — E não vou ficar para ver isto, querida. Ela estará bem amanhã.

Erin deu um beijo no rosto em mim e outro em Vanessa e um tapinha nas costas de Jenny quando saía.

— Vamos lá, amiga, ou aquela única noite custará mais do que apenas um namorado.

-Isso é tão oposto à diversão — Vanessa suspirou, terminando sua bebida e começando a se despedir. — Desculpe, Angela, não consigo aguentar isso mais uma vez. Alguns amigos meus estão indo para o Bungalow, por que você não vem? Não há o que fazer quando ela está assim.

— Não, vou ficar — balancei a cabeça sem saber bem o que ficar queria dizer -, mas obrigada.

— Você tem certeza? Uma porção de caras lindos... e meu amigo nos faz entrar — Vanessa me deu meio segundo para mudar de ideia e saiu dando tchau.

Olhei para Jenny.

— Sou tão patética... — ela resmungou com a cabeça apoiada nos braços cruzados sobre a mesa. — Você deveria me deixar aqui.

-Deveria, mas acho que não vou — declarei. Eu tinha alguma tolerância para autopiedade, mas não o suficiente. — Isso acontece muitas vezes?

-Só quando penso nele — ela respondeu, ainda com a cabeça baixa.

-E você pensa nele muitas vezes? — minha vez de terminar a bebida e colocar o casaco.

-O tempo todo... — o mesmo lamento abafado.

-Você já pensou em colocar sua própria teoria em prática?

Puxá-la do banco onde estava sentada foi mais difícil do que deveria ter sido, visto que ela pesava tanto quanto uma pulga.

-Já pensei sobre isso — ela admitiu, deixando-me colocar o casaco em seus ombros -, só que não consegui. Não mereço esquecê-lo.

— Veja... — principiei, olhando-a nos olhos com firmeza. — Você fez algo errado e pode ser que nunca volte com o seu ex, mas, se eu aprendi uma coisa nesta semana, é que dá para fugir, chorar um monte e, com um pouco de sorte, encontrar um caminho mais feliz, mais ou menos no meio, chamado "continuar vivendo". E seguir em frente, caso contrário, você não tem autoridade

como minha treinadora da vida e, então, como eu fico?

-Pois é... Acho que você precisa mesmo de mim — ela fungou. — Eu só não sei como fazer para esquecê-lo.

-Você já tentou fugir para o outro lado do mundo? Funciona — fiz uma careta. — E, para dizer a verdade, fugir me parece muito melhor do que a sua lamentação.

-Mas você não fica acordada à noite, desejando que ele estivesse com você? — ela questionou, inclinando a cabeça e se apoiando em mim.

-Na verdade, não — divergi, sentindo o ar fresco da noite quando, cambaleando, descemos os degraus e saímos. — Nós dormíamos em horários diferentes; então, não íamos para cama juntos muitas vezes. E eu não recomendo estar exausta no fim do dia como uma maneira de se recuperar do fim de um namoro.

— Você sabe o que eu quero dizer — ela falou com a voz arrastada, atravessando a rua sem sequer olhar para o sinal de pedestres. — Você não o quer com você? Você sabe, com você? Só para sentir o peso dele em cima de você?

-Ah... — andei um pouco em silêncio. — Bom, faz um tempão que não sinto isso. O nosso não era o melhor sexo do mundo. Acho que, pensando bem, estou sozinha há muito tempo...

Enquanto eu pensava sobre há quanto tempo me sentia só, percebi que realmente caminhava sozinha. Jenny não estava do meu lado. Olhei para trás e a vi na porta de uma lanchonete gritando com alguém lá dentro.

-Aumente o volume! — ouvi-a gritar enquanto eu voltava correndo pela rua. — Aumente o volume dessa porcaria de música!

-Vá passear! — o cara atrás do balcão se afastou quando segurei o braço de Jenny. — Controle sua amiga, moça — ele resmungou para mim.

-Ei, Jenny — puxei-a gentilmente para longe da porta. — Vamos lá... Vamos para casa.

-Essa música tocava o tempo todo quando estávamos namorando — ela se justificou, deixando que eu a levasse para a casa dela. — Eu odiava essa música.

— Jenny, me escute — ponderei, remexendo a bolsa dela atrás da chave quando ela trombou no batente da porta. — Você tem que sair dessa. Será que a Oprah se comportaria assim depois de beber demais?

-Azar da Oprah — ela disse, quase caindo na porta e subindo a escada para o apartamento dela no segundo andar.

-Deus do céu, isso é sério — sussurrei para mim mesma. Não demorei muito para perceber que, em primeiro lugar, é isso que acontece quando a gente passa muito tempo com alguém que não conhece bem. E, em segundo lugar, minha estada em New York não seriam só caras lindos e compras maravilhosas.

Que pena.

Enquanto olhava Jenny se atirar no sofá chorando, perguntei-me se era assim que eu deveria estar me sentindo porque, na verdade sentia um vazio quando pensava em Mark.

— Vamos levar você para a cama — eu disse. — Com um pouco de sorte, amanhã você terá parado com isso, seja lá o que for. Tente dormir um pouco — senti-me impotente, mas eu não sabia

o que fazer, e ela parecia bem feliz chorando suas mágoas.

— Angie, sinto muito — ela se desculpou enquanto cambaleava pelo apartamento no escuro, em direção ao que presumi ser o quarto dela. -Por que você não passa a noite aqui? Tenho que estar no hotel de manhã e não quero que você volte sozinha.

-Bom, já é tarde e estou com preguiça... — empurrei Jenny para o lado no gigantesco colchão macio e deitei ao lado dela. — Só se você prometer não me bolinar.

-Prometo se você prometer não cantar.

-Fique quieta, Lopez.

-Durma bem, inglesa.

Eventualmente, depois de me virar na cama sete vezes, o sol de verão que entrava pela janela do quarto de Jenny me forçou a sair da cama.

-O quê? E nem ganho um beijo? — Jenny resmungou embaixo das cobertas.

-Não antes de você escovar os dentes — espreguicei-me e olhei em volta.

O quarto da Jenny era uma bagunça total. Além de pilhas de livros de autoajuda embaixo de uma meia dúzia de xícaras de café meio vazias, sapatos ocupavam cada centímetro do quarto. Sapatos em caixas, sapatos saindo do armário, até mesmo sapatos em exposição na estante que era parecida com aquelas que a gente vê em livrarias para vender livros de autoajuda. As paredes, cobertas com centenas de fotos em molduras, muitas das quais eram dedicadas a Jenny e um loiro lindo que imaginei ser Jeff. Não era de admirar que ela não tivesse um novo namorado, as paredes do quarto dela eram um santuário para o ex.

— Bom, eu estava pensando — Jenny começou, colocando o braço nos olhos para bloquear a luz do sol.

-Mesmo? Não vi nenhuma evidência disso ontem à noite.

-Fique quieta antes que eu mude de ideia — ela sentou na cama, olhou para a roupa que tinha usado na noite passada e balançou a cabeça. — Como eu disse, eu estava pensando. Veja, Gina viajou ontem e não vai voltar por pelo menos três meses. Se ela voltar... Não posso me dar o luxo de manter o que você pode ver que é um hábito muito caro, meus sapatos, a não ser que encontre alguém com quem dividir o apartamento. Acho que você não pode se dar o luxo de ficar no The Union para sempre e não penso que você queira ir para casa ainda. Você quer morar comigo?

-Mesmo, Jenny? Você tem certeza? — mudar para um apartamento seria um passo enorme na minha vida. Significava que eu iria ficar. -Não sei...

-Mas você já provou que pode me trazer para casa quando estou de porre. Você me quer vagando sozinha por aí em sua consciência?

— Jenny argumentou. — E realmente sinto muito sobre o surto todo de ontem à noite. Prometo que não vai acontecer de novo. Tenho que conseguir esquecer o Jeff.

— Já passou pela sua cabeça tirar algumas das fotos dele da parede? -sugeri. Para dizer a verdade, eles formavam um casal lindo. Os grandes olhos escuros e o selvagem cabelo crespo da Jenny contrastavam com o cabelo loiro e os olhos azuis de Robert Redford do Jeff. — Ouvi falar que isso ajuda.

— É... mas não vai acontecer por enquanto — ela sacudiu a cabeça. -A não ser que eu tenha

alguém morando comigo que faça isso. Então, você topa?

-Se você tirar as fotos... — fiz que sim com a cabeça e estendi a mão para ela.

-Tá bom... — ela suspirou. — Mas só porque já dei o seu quarto no The Union para outro hóspede a partir de amanhã. Então, se você não mudar para cá, estará em apuros.

Capítulo 11

A dor de sair do The Union foi levemente amortecida pelo fato de o apartamento da Jenny ser, praticamente, uma miniversão com dois dormitórios do quarto do hotel. Tudo que não era parafusado Jenny e Gina tinham "pegado emprestado".

— Bem-vinda ao seu novo lar! — Jenny disse, abrindo os braços e mostrando o local. O apartamento inteiro era do tamanho do meu quarto no The Union, mas era legal. Piso de madeira maciça, paredes creme, uma quitinete na sala de estar e um corredor com três portas.

— Bom, aqui é o banheiro, mas só cabe uma pessoa de cada vez, então dê uma olhada rápida — Jenny abriu a porta mais perto da sala de estar. Dei uma espiada: privada, pia, uma ducha na parede em cima de uma minibanheira, toalhas, roupões e muitos produtos da Rapture. — E este é o seu quarto. Você tem sorte, Gina é quem tinha a janela com a vista legal.

Jenny abriu a porta do meu novo quarto. Era um barato. Uma cama de casal imensa ocupava a maior parte do quarto e, no canto, uma minúscula escrivaninha/penteadeira ao lado do lugar de pendurar a roupa. A Gina tinha meio que esvaziado o quarto, mas a cama (da Union Bedding, eu reparei) estava arrumada e, empoleirada na escrivaninha, uma TV pequena. Coloquei minhas malas com cuidado na cama e dei a volta para chegar até a janela. Estávamos no segundo andar na Lexington Avenue, pertinho da 39th Street e, quando estiquei o pescoço, vi o Chrysler Building tocar o céu no fim da tarde. Lindo. Lá embaixo, pessoas perambulando depois do corre-corre do dia de trabalho desfrutavam os últimos raios de sol.

No apartamento, eu atazanava Jenny com minhas perguntas sobre as preferências sexuais das minhas celebridades favoritas que já haviam ficado no The Union.

— Vince Vaughn?

— Hétero.

— Owen Wilson?

— Super-hétero.

— Aquele cara lindinho do programa de TV de que eu gosto?

— Quente.

— Quente quer dizer que ele gosta de mulher?

— Não.

— Ah...

— Então, o que você acha? — Jenny perguntou, apoiando-se no batente da porta do meu quarto. — Não é ruim, é? O primo da Gina subloca para nós. Temos muita sorte.

— Jenny, é incrível — eu disse. — Realmente incrível. A gente só escuta histórias de horror na TV sobre os apartamentos em New York.

— Bom... pode ser que você veja uma barata antes de sair — Jenny admitiu. — Mas são poucas e não muito frequentes. É um bom prédio. Mas agora — ela esticou o braço e me puxou da cama, gritando como uma cigarra — vamos celebrar!

Como para Jenny celebrar queria dizer passar a tarde comendo pizza de pepperoni, tomando algumas cervejas sentadas no chão da sala e assistindo ao *America's Next Top Model*, tive certeza de que nos daríamos muito bem. Comemos, fofocamos, e ela me contou a história dos apartamentos em que tinha morado em New York: um infestado de ratos no Lower East Side que, na época, ainda não era chique; o estúdio em um edifício moderno no Harlem que foi convertido em apartamentos de luxo, o apartamento de um quarto em Chelsea com ex, e depois este com Gina. Nada ruim, ela me assegurou.

— Até agora, só morei com o Mark. Trágico, não? — comentei pensativa, mastigando um pedaço de pizza. — Tirando a faculdade... mas, mesmo lá, estávamos juntos o tempo todo. Deus, que patético! — e senti a melancolia chegando.

— Você sabe que a acho incrível, não sabe? — Jenny falou, abrindo duas cervejas e passando-me uma. — E que você ter vindo para cá para descobrir o que você quer da vida é muito legal. Mesmo.

— Mas... — objetei, tomando um gole para me precaver do que estava por vir.

— Bom... Acho que a melhor maneira de você superar o Mark é falar sobre ele — Jenny sugeriu com cautela e não apenas afastar o pensamento. Caso contrário, ele aparece quando você menos espera e, então, você se sente um lixo.

— Pode ser — resmunguei com a boca cheia de pizza. Isso era exatamente o que eu tentava não fazer. Meus problemas com Mark estavam muito felizes entre mim e o meu computador naquele exato momento no tempo. — Mas, sempre que penso nele, mesmo que eu esteja me sentindo superbem, desabo. Para dizer a verdade, ia lhe perguntar sobre isso. Normalmente, sou uma pessoa bem estável.

— Estável ou apenas não sente as coisas? Às vezes, a gente fica tão acostumada a não sentir nada, a simplesmente continuar levando a vida, que esquece como é estar muito feliz ou muito triste. E, se o Mark foi o único cara com quem você já saiu, acho que ter o coração quebrado em pedacinhos é uma coisa nova para você.

— Não penso que meu coração esteja em pedacinhos — sacudi a cabeça. — Ele andava me pondo chifre, estou melhor sem ele. Além disso, acho que você tem razão. Não éramos felizes há muito tempo, então me fechei e me convenci de que isso era normal. Ah... Talvez eu ainda me encontre perdida na diferença de horário da Inglaterra para cá ou coisa parecida.

Estiquei o braço para pegar mais pizza e olhei para Jenny. Ela me fitava com o mesmo olhar compreensivo que me dirigiu na manhã em que vomitei.

— Angela, você é muito corajosa, uma verdadeira heroína – ela começou -, mas tudo bem ficar chateada. Você colocou todas as suas expectativas durante dez anos da sua vida nesse relacionamento, mesmo que não tenha sido tão legal, e ele traiu você. Ninguém supera isso em três

dias.

— Estou bem — insisti. Mas a depressão batia à porta de novo. — Nunca tive que superar o fim de um namoro antes. Talvez eu seja realmente muito boa nisso.

— Só estou dizendo que tudo bem não estar legal — Jenny sentou ao meu lado. — Talvez se sinta melhor se você se permitir ficar chateada. Isso pode ajudá-la a equilibrar algumas dessas emoções malucas que você tem sentido.

— É só que... eu nunca o teria traído — externei bem devagar. — Mesmo que tivesse conhecido outra pessoa, eu nunca o teria traído.

E, no início, as lágrimas chegaram devagar.

— Eu sei, querida — Jenny disse, pegando a cerveja da minha mão. — Você é uma pessoa muito legal e tem razão. Você está muito melhor sem ele.

— Mas por que ele fez isso? — gemi. — Por que ele me traiu? E por que ele não me ama mais?

Encostei a cabeça no ombro da Jenny e encharquei a camiseta dela com minhas lágrimas.

Era isso que eu estava evitando. O cabelo, a maquiagem, as roupas não encobriam meu verdadeiro eu, aquela pessoa com quem Mark passara dez anos para, então, decidir trocá-la por uma tenista qualquer.

— O amor acaba, Angie — Jenny admitiu com a voz embargada por suas próprias lágrimas. — Já aconteceu a todos nós, só que... bom... a maioria das pessoas passa por isso antes de chegar aos 27 anos. Mas tudo vai dar certo. Olhe só tudo que já conquistou!

— Vinte e seis! — gritei, pegando a cerveja e gesticulando freneticamente com a garrafa na mão. — E o que exatamente consegui? Mark me conhece há dez anos e não me ama. Qualquer cara que eu encontre vai sentar, conversar comigo por dez minutos e chegar à mesma conclusão, cabelo novo ou não.

— Isso não é verdade — Jenny discordou. — Será que aquele cara na outra noite só a convidou para sair por causa do seu cabelo?

— Ele provavelmente acha que sou uma prostituta como aquele outro do parque. Ou, no mínimo, uma inglesa bêbada de férias que vai ser uma transa fácil.

— E o que foi que você achou dele? — Jenny pegou a cerveja da minha mão para que eu não a derramasse por tudo.

— Eu o achei lindo.

Jenny me dirigiu aquele "olhar" dela.

— E muito sexy. E, provavelmente, bem rico.

— E você não pensou em ficar com ele? — ela perguntou, levantando uma sobrancelha.

— Sim... — respondi. — Acho que sim. Mas você me disse para pensar nisso!

— Pois é — Jenny argumentou. — Talvez ele estivesse pensando "gostaria de levar esta gata para cama", só que você tinha a mesma intenção! Você não imaginou se casar com o cara, só queria transar com ele. Isso é permitido, sabia?

"Eu pensei em casar com ele... só um pouquinho", admiti mentalmente. Mas, provavelmente, era melhor não contar isso agora.

— Mas... eu não saberia apenas "transar" — confessei em pânico, percebendo que ela estava certa. — Eu e Mark éramos simplesmente muito ruins na cama. É só que... eu achava que não era a coisa mais importante do mundo. E agora que tenho que fazer isso com outros caras?

— Ei, você não sabe se você era ruim — Jenny apontou para mim e ficou séria. — Um trabalhador é tão bom quanto as ferramentas que tem e, desculpe, mas, se ele estava transando com outra, como é que você poderia fazer a coisa ser legal? E, para sua informação, isso é muito importante.

Pensei sobre isso por um segundo. Fazia sentido. Mark nem mesmo tentava me levar para a cama há meses e, mesmo sabendo a razão, eu não me sentia melhor sobre ter que ir para a cama com outra pessoa.

— Mas... e se ele deixou de me amar porque eu era muito ruim na cama? — revi mentalmente nossas últimas tentativas meia-boca.

— Então, talvez, talvez, um pouco mais de experiência ajude, se esse for um fator contribuinte — Jenny alertou. — Mas, depois de dez anos juntos, se é por isso que ele a traiu, então ele é pior do que eu achava que fosse. Talvez você nunca saiba por que ele fez o que fez, mas precisa admitir o fato de que, agora, está solteira. E curtir isso.

— Como? — suspirei. E como é que a pizza já tinha acabado? — Nunca tive que ser solteira antes.

— Você nunca tinha vindo para New York antes, mas veio para cá e está dando certo — Jenny disse e, em pé, desapareceu dentro do freezer. De maneira triunfante, ela me mostrou um pote de sorvete da Ben & Jerry. Realmente, ela trazia todas as respostas. — E vai dar certo. Se você tiver que sentar no apartamento e chorar por um mês, trago sorvete todos os dias. Se você quiser transar com todos os homens de Wall Street, trago preservativos. E tampões de ouvido. Mas você vai encontrar um jeito de lidar com isso.

Agradecida, peguei uma colher e a mergulhei no sorvete delicioso.

— Obrigada — sussurrei e, na mesma hora, comecei a chorar.

— Ei — Jenny colocou a minha cabeça no ombro dela. — Só para sua informação, os exemplos que eu dei foram muito extremos. Vou mandá-la para o inferno se você começar a trazer todos os caras de New York para casa.

— Eu não acho que seria uma boa prostituta. Olhe para o estado em que estou. Vou para o meu primeiro encontro em dez anos daqui a... três horas? E estou aqui sentada, cheia de pizza e cerveja, chorando no seu ombro porque acho que sou uma porcaria na cama.

— Caraca! — Jenny exclamou, tirando a cerveja da minha mão de novo. Isso estava ficando chato. — Você vai para o melhor primeiro encontro que alguém já teve. Não se preocupe. Gina pode não estar aqui, mas sou uma estilista incrível, acredite em mim. Dê-me uma hora e você estará linda de arrasar.

— Limpa e sem molho de pizza em volta da boca já seria muito bom — resmunguei quando me vi no espelho.

Quando surgi na Lexington parecendo se não a mulher, pelo menos não aquela mulher de poucas horas atrás, comecei a andar a pé porque a multidão de táxis que passava por nosso bloco estava mais escassa. Não conseguia acreditar que caminhava para o meu primeiro encontro. Com um

homem lindo. Um vestido frente única rosa de seda da Marc by Marc Jacobs. E um sorriso maroto no rosto que crescia a cada segundo. Não conseguia acreditar que tinha combinado de sair com Alex no sábado à noite. Será que era mesmo muito vulgar aceitar sair com um cara quando a gente já tem um encontro marcado com outro? E já havia me esquecido completamente de todos os conselhos da Erin. Eu não saía com um cara desde que Mark tinha me levado para ver Speed 2 (e não sei se conta porque Mark prestou atenção ao filme do início ao fim). Agora, aqui estava eu, em New York, a caminho de um jantar com um banqueiro lindo e rico. Mas, em vez de me visualizar ao lado de Tyler rindo de uma piada e tomando vinho tinto, tudo que eu conseguia pensar era em Mark e aquela escória de mulher juntos, de mãos dadas, rindo e lendo revistas de decoração. Procurei na minha bolsa (divina) a porcaria do celular velho que a Jenny tinha me emprestado e disquei o número da Erin.

— Erin White.

— Oi, Erin. Angela Clark.

— Oi. Ia ligar para a Jenny agora. Tenho uma ótima notícia — a voz alegre da Erin era exatamente o que eu precisava ouvir para parar de pensar e me distrair.

— Uma boa notícia seria excelente agora. Estou indo para o encontro com Tyler — falei enquanto mantinha os olhos na rua e o braço esticado para chamar um táxi que passava.

— Ah, legal. Lembre-se, pareça interessada, faça muitas perguntas, não fale muito sobre o seu passado ou o seu ex e não pareça interessada demais. Você quer que ele fique curioso.

— Era essa a boa notícia? — fiz sinal para um táxi que estava com a luz acesa. Ele manobrou drasticamente pela rua em minha direção e parou a centímetros do meu Louboutin. Sapaticídio, um destino pior que a morte. — Mercer Kitchen? Hã, na Mercer Street?

— Não! — Erin se matou de rir ao telefone, ignorando minhas instruções para o motorista. — Estive na *The Look* hoje. Eles querem conhecer você. Amanhã.

— Ah, meu Deus, sério? — não conseguia acreditar. — O editor da *The Look* quer me conhecer?

— A editora da revista on-line, Mary Stein. Você pode estar lá às 10 horas?

— Sim! — gritei. — Que incrível! Muito obrigada, Erin.

— Não por isso. Basta ser honesta. Mary pode ser um osso duro de roer, mas ela é legal. Agora, mais importante, ao seu encontro.

— Estou um pouco preocupada sobre ser honesta — olhei pela janela quando fizemos uma curva rápida e súbita para a direita. E, até que enfim, vi o sinal para West Houston. — Mas já estou quase lá. Deseje-me boa sorte.

— Você não precisa de sorte, apenas siga "As Regras". Tchau, querida.

Demorei alguns segundos para descobrir onde ficava o Mercer Kitchen. O motorista do táxi, sem cerimônia nenhuma, deixou-me no meio da Mercer Street por causa do "tráfego" que não existia. Após ver algumas pessoas bonitas entrarem em uma porta de vidro sem nome que, ao ser aberta, deixava passar cheiros deliciosos, música e muitos risos, caiu a ficha. Abri a porta e entrei. O lugar era pequeno, mas cheio de gente que parecia feliz. Queria que a atmosfera descontraída fosse contagiosa ou, pelo menos, disponível em um copo a um preço razoável. Sentado no bar, com outro terno de corte lindíssimo, camisa branca e sem gravata, Tyler. Ele parecia estar completamente à vontade, mesmo sozinho entre meia dúzia de casais que riam e se abraçavam, beijavam-se e se

tocavam. Depois de quase cair — foi por pouco esgueirei-me em volta da escada imensa no meio da sala para chegar até o bar e levantei a mão para dizer oi. Tyler desceu do banco onde estava sentado e me recebeu com um beijo no rosto. Seu perfume era divino, fresco e limpo, mas masculino e delicioso.

— Oi — ele falou, fazendo contato visual com o barman, apontando para a sua bebida e levantando dois dedos. Supermaneiro. — Na última hora, fiquei com medo de que você não soubesse onde o restaurante ficava.

— Perguntei a uma amiga — expliquei, acomodando-me no banco ao lado dele. — Não sabia quais eram as regras, se deveria chegar cedo ou tarde, então achei que... você sabe... seria diferente e chegaria na hora — e olhei para o relógio na parede. — Bom, quem sabe um pouco tarde. Desculpe-me.

— Tudo bem — ele disse. — Para dizer a verdade, eu cheguei um pouco tarde. Muito trabalho. Nem tive tempo de passar em casa, então não se preocupe com isso.

— Você não mora aqui perto? — perguntei, tentando ficar dentro dos temas aprovados. — Quero dizer, perto do seu trabalho?

— Não — ele sacudiu a cabeça e seu cabelo balançou. Bem igualzinho aos anúncios para homens da L'OréaL Ah! Ele realmente valia a pena. — Moro fora do centro e trabalho no centro. Às vezes, é complicado, mas eu não gostaria de viver nessa região de novo. Você ainda está no The Union?

— Não, mudei hoje — respondi. Muito bem! Eu estava tendo uma conversa. — Estou no Murray Hill, no apartamento da minha amiga, na 39th com a Lexington.

— Que ótimo. Moro na Park, logo depois — o garçom colocou as nossas bebidas na frente de Tyler que, à conta virada para baixo, respondeu com um Amex preto. Minha nossa! Eu só tinha lido sobre esses cartões de crédito. — Espero que você não se importe por eu ter pedido o seu drinque. Eles fazem coquetéis deliciosos aqui.

Peguei o coquetel graciosamente e tomei um gole. Man Alive, vodca misturada com uma gota do suco Ribena. Seria bom ir devagar.

— Acho que a nossa mesa já deve estar pronta — ele avisou, pegando nossas bebidas e ficando em pé. Não me lembrava de ele ser tão alto. — Vamos?

Com um sorriso muito simpático, a hostess nos levou para uma mesa, em um canto no fundo do restaurante, de onde podíamos ver absolutamente todo mundo. E todos pareciam gostar da comida.

— Eu poderia comer um boi! — peguei um cardápio da garçonete e, esfomeada, comecei a ler. — Hum... Você já experimentou o hambúrguer?

— Adoro garotas que comem — Tyler riu, sacudindo a cabeça e aceitando o cardápio da garçonete. — Sei que todo mundo diz isso, mas não tem nada pior do que levar uma garota para jantar e depois vê-la empurrar uma folha de alface de um lado para o outro no prato.

Sorri tensa. Isso era bom ou ruim? Será que ele tinha me chamado de gorducha?

— Honestamente — ele continuou falando sem tirar os olhos do cardápio. — Namorei uma modelo francesa por um tempo e juro que nunca a vi consumir nada além de refrigerante diet.

E era comum um cara começar um primeiro encontro falando sobre ex-namoradas? E, afinal, ele tinha me chamado de gorducha?

— Bom, eu como — admiti sem saber o que mais dizer. — O que você recomenda?

— Tudo é gostoso — ele comentou, colocando o cardápio na mesa e fitando-me com aqueles olhos claros. — O peixe sempre é delicioso, hambúrgueres são muito bons. E gosto do frango, mas eu acho que... É. Vou pedir cordeiro hoje.

— Você vem muito aqui? — perguntei, começando a ter a sensação de que eu não era a garota especial do Tyler.

— Gosto daqui — ele declarou. — É tranquilo. A comida é maravilhosa e sempre encontro com gente interessante.

Ah, ele estava falando de mim. Que amor.

— Nesse caso, quero o frango.

Enquanto ele começou a conversa sobre o que eu faço, o que ele

faz, há quanto tempo eu estava na cidade e pontos turísticos que eu já tinha visto, fiz uma breve comparação entre Tyler e Alex. Alex era sexy e arrogante, com toda aquela pose de quem faz parte de uma banda, ao passo que Tyler era bonito de uma maneira elegante, do tipo "eu cuido de mim, deixe-me cuidar de você".

— Bom, eu sou uma espécie de capitalista de risco — ele esclareceu depois de ter pedido a comida para nós dois. — Mas, a menos que você tenha escrito algum livro para crianças sobre o sistema bancário, não vou nem tentar lhe explicar. Não a estou menosprezando, mas é incrivelmente chato. E não quero deixá-la chateada já.

— Tudo bem — concordei, colocando o cabelo atrás da orelha e pegando um pedaço do pão quentinho que havia sido colocado no meu prato. — Não me dou muito bem com números. Gosto de palavras, especialmente palavras para crianças.

— Isso nos poupa uns 15 minutos muito chatos — e empurrou o azeite de oliva na minha direção para que eu o colocasse no pão. — É muito mais interessante falar sobre o que você está fazendo em New York. Como conheceu sua amiga?

— Hum, é uma história um pouco mais comprida — engoli o pedaço de pão que estava preparando. — Sem entrar em muitos detalhes sem graça, terminei meu namoro com... alguém, então resolvi tirar umas férias e eu não conhecia New York. Encontrei minha amiga, a garota com quem moro, no hotel. Ela estava procurando alguém para dividir o apartamento e eu, algum lugar para ficar. Assim, aqui estou.

— Mesmo? — Tyler pareceu confuso. — Você simplesmente entrou em um avião e veio para New York? O fim do namoro deve ter sido ruim.

— Parece que não devo falar sobre isso — observei. — Minha amiga me disse para não dar detalhes sobre o ex antes do quarto encontro.

Tyler riu, balançando a cabeça.

— Amo "As Regras". Você não pode me dizer nem mesmo se eu perguntar?

— Você pode não querer saber — parei de falar um pouco para pesar os conselhos sagrados da Erin, o sorriso caloroso e os olhos curiosos de Tyler.

O garçom, com nosso prato, apareceu por trás dele. Quem sabe se eu contasse enquanto ele estivesse distraído com o cordeiro... Teria que contar eventualmente, não teria? Antes que o

casamento fosse financia do pelo Amex preto, eu teria que contar...

— Conte — ele pediu, fazendo espaço para o prato sendo servido. — Estou perguntando.

— Está bem. Mas não se atreva a sair antes de ter comido — não queria pegar o garfo antes de contar toda a história. Mesmo que fosse a versão curta. — Surpreendi meu namorado transando com uma garota, com quem ele estava saindo há algum tempo, no banco de trás do nosso carro, durante o casamento dos nossos melhores amigos. Gritei com a noiva e a fiz chorar, quebrei a mão do noivo com meu sapato e, mais ou menos, arruinei o casamento. Então fugi para New York. Que tal?

— E eu achava que uma escritora de livros infantis seria tímida e reservada — ele assobiou. — Agora está ficando interessante.

— Acho que, antes de sábado, eu poderia ser chamada de tímida e reservada — garanti, cortando o frango. — Mas ver o namorado com a cueca nos tornozelos quando se está usando um vestido de dama de honra faz a gente chutar o balde.

— Espere aí — Tyler colocou o garfo e a faca sobre a mesa. — Você está falando deste sábado? Sábado, cinco dias atrás?

Pensativa, fiz que sim com a cabeça.

— Parece que foi há tanto tempo... Mas acho que é por isso que eu não deveria contar a você. Assustado?

— Daqui a pouco talvez fique. Agora, estou tentando descobrir por que você veio para New York se não conhecia ninguém — ele considerou. O garfo e a faca ainda na mesa. — Deus do céu, tudo que fiz sábado foi correr e cortar o cabelo.

Ai, que burra fui ao contar!

— Concordo que, provavelmente, foi um pouco radical. Sei lá. Sempre quis conhecer New York. Meu namorado, digo meu ex, nunca quis vir para a América do Norte. Ele odeia voar. Então, pensei que este seria o momento perfeito para simplesmente vir — justifiquei, servindo-me

do purê de batata. Se esta era a única refeição que iríamos fazer juntos, pretendia comer tudo. O purê de batata estava uma delícia. — Como é que eles conseguem fazer o purê ficar tão cremoso sem deixá-lo todo mole com o molho? Que delícia!

— Não consigo me imaginar fazendo qualquer coisa parecida — Tyler pegou o garfo, um bom sinal. — O mais longe que fui quando fiquei furioso depois do fim de um namoro foi a Ice Cream Factory, em Chinatown.

— Bom, as circunstâncias eram extremas — lembrei, observando-o com atenção. Será que eu tinha estragado tudo? Ele pegou a faca. Ufa!

— Então, esta é a primeira vez que você sai para um encontro desde que terminaram? — A faca, parada no ar.

— É — admiti com os olhos grudados nos talheres indecisos. — Eu só... Honestamente? Não estava planejando sair em encontros nem nada, mas você me pareceu... você sabe... bom e normal, então pensei: por que não?

— Bom, estou feliz que tenha vindo — ele disse. A faca voltou para o prato. — Azar do seu ex e felicidade para Manhattan.

— Não toda Manhattan — sacudi a cabeça. — A amiga com quem divido o apartamento estabeleceu algumas regras bastante rigorosas quanto a isso. A verdade é que nunca saí com outros caras, então tenho muito a aprender, creio.

— Acho que tem muita coisa que eu poderia aprender com você — Tyler deu um pequeno sorriso e cortou o cordeiro. — Quer experimentar?

E, antes que eu percebesse, lá estava eu comendo do garfo dele. Como nos filmes.

Um bolo de chocolate Valrhona sem farinha, dois cappuccinos e um passeio ao luar em Soho mais tarde, o encontro acabou. E eu estava nas nuvens.

— Gostei muito da noite — Tyler falou, levantando o braço para chamar um táxi. — Melhor encontro que já tive com uma escritora de livros infantis que quebrou a mão de um cara com o salto de um sapato.

— Posso perguntar uma coisa? — indaguei, pegando a mão livre de Tyler. Até mesmo ficar de mãos dadas era estranho. Mark e eu não formávamos um casal que andasse de mãos dadas. Ele disse que sim com um movimento de cabeça quando um táxi parou no meio-fio. — Você sai com muitas garotas? Não estou dizendo como no filme Atração Fatal, mas não conversei com muitos caras desde que cheguei aqui, então não sei bem como isso funciona.

Ele segurou a porta do táxi aberta para eu entrar e sentou ao meu lado antes de responder.

— Para 39th e Lex — ele indicou ao motorista e, então, virou para mim. — Acho que, para ser honesto, saio muito. Mas não tive uma namorada séria nos últimos dois anos, e não foi por falta de procura.

— Certo — eu disse, olhando para a frente. Ele estava sendo honesto. Isso era bom, não era?

— Mas não saio com um monte de garotas ao mesmo tempo — ele continuou. — E a gente normalmente sabe depois do segundo ou terceiro encontro se vai dar certo.

— Sério? — perguntei, virando-me para ele. Ele era bonito mesmo sob a luz interna de um táxi. — Geralmente, demoro um monte para me decidir sobre... bom... qualquer coisa.

— Parece-me que você tomou algumas decisões bem repentinas ultimamente — ele observou, colocando meu cabelo atrás da orelha. — E estou muito feliz com isso.

— Talvez seja parte do meu novo eu — comentei sem graça. — Mas sou libriana, indecisa, acho que você vai notar isso logo...

Antes que eu pudesse falar qualquer outra besteira, ele me calou com um beijo suave e gentil. Fechei os olhos e deixei que ele me beijasse no banco de trás do táxi. Com a mão direita, ele segurou firmemente meu rosto e a deslizou pelo meu pescoço, meu cabelo. Senti a mão esquerda dele na minha coxa. Para meu primeiro beijo com outro homem em dez anos, foi muito bom.

— Então, posso vê-la de novo? — Tyler perguntou, afastando-se.

— Hã hã — assenti, tentando controlar minha respiração. Tinha me esquecido de como beijos podem ser deliciosos. — Adoraria.

— Que tal domingo à noite? — ele ainda não tinha tirado a mão das minhas costas que, tensas, pediam mais. — Algo divertido. Talvez um filme?

— Ótimo — balbuciei. "Por favor, me beije de novo. "

— Fantástico. Eu ligo para você — ele passou os dedos pelo cabelo na minha nuca, fazendo-me

tremer toda.

— Ou eu ligo. Quero dizer, você pode me ligar ou eu ligo para você, tanto faz — eu já tinha me esquecido, mais ou menos, de que estava em um encontro, imagine só "As Regras"...

— Eu telefono, prometo — ele disse. E, então, voltou para um segundo beijo, com língua e mãos... Acho que ele tocou meus seios por acidente, mas eu queria que fosse acidentalmente de propósito. O táxi parou em frente ao apartamento bem antes de eu estar pronta para parar, mas sabia que, apesar do conselho da Jenny, deveria entrar sozinha. Mais um beijo (só um selinho, mas a pressão, firme) e saí do táxi. Meu primeiro encontro tinha sido um sucesso, pelo menos no que me dizia respeito.

— Então, como foi? — Jenny estava à porta antes mesmo de eu colocar a chave na fechadura. Ela, diante de mim, em pé, de pijama, com a toalha na cabeça como um turbante, máscara no rosto e nos pés, Bliss Softening Socks. — Ah, meu Deus! Olhe para você. Você o beijou!

Fiquei vermelha da cabeça aos pés.

— Ah, meu Deus, você o beijou! — ela gritou, pulando para cima e para baixo. — Espere dois segundos.

Entrei e cai sentada no sofá. Que sensação tão estranha! Minutos depois, Jenny reapareceu sem a toalha e com a pele aveludada como um pêssego, ainda com as luvas para suavizar os pés.

— Agora, conte-me tudo — ela pediu, pegando um pacote de Oreos e duas latas de Diet Coke. — Todos os detalhes infames. Ele pagou? Ele foi incrível? Você vai vê-lo novamente?

— Hum... sim, sim, maravilhoso e sim, domingo! — respondi em sequência, olhando para a frente, ainda um pouco atordoada. — Foi bem legal. Nós conversamos um montão. Comemos. Em seguida, passeamos em Soho um pouco e pegamos um táxi. E depois ele me convidou para ir ao cinema domingo à noite. Ele vai me telefonar.

— Uau! — Jenny exclamou, acomodando-se no sofá e dividindo uma bolacha ao meio para lamber o recheio. — Parece ter sido um encontro perfeito. Estou com inveja.

— Foi muito bom mesmo — admiti. — Mas ainda me sinto estranha. Estou leve, nas nuvens... como se eu quisesse me abraçar todinha e, depois, parece que vou explodir ou algo assim.

— Bom, deixe-me ver — Jenny pegou mais um Oreo sem se preocupar em abrir e lamber o recheio. — Você acabou de sair com um banqueiro supersexy de Wall Street com quem já marcou outro encontro e tem um encontro marcado com um cara lindo de uma banda que a paquerou enquanto você tomava o café da manhã. Eu diria que você não só está se saindo bem; está se saindo maravilhosamente bem. Você nasceu para isto, querida!

Tomei um gole da coca e balancei a cabeça.

— Não vou dizer que não é bom, porque é. Eu estava com um pouco de medo de beijar Tyler, mas foi muito bom. Realmente muito bom — tomei mais um gole de coca e respirei fundo. — E, quando estava conversando com Alex, juro que me senti melhor do que com Mark há... bom... desde sempre. Mas não sei... talvez seja só uma reação de rebote do fim do namoro.

— Talvez — Jenny deu de ombros. — Mas não tem nada errado com isso. Ninguém está propondo casamento, o namoro não tem que ser totalmente sério. A não ser que Tyler seja um milionário.

— Ele tem um Amex preto — contei, segurando o braço dela.

— Case com ele! — ela gritou. — Case com ele!

Capítulo 12

Felizmente, de manhã a cidade teve a decência de ficar meio grau meio grau mais fresca. Assim, decidi ir a pé até a *The Look*. Com a mãe suada, peguei as instruções que a Erin havia me dado. Atravessei a Park Street e subi. Depois, cruzei a Times Square. Aos poucos, as ruas ficavam cada vez mais e mais cheias de gente, até que eu estava sendo levada pela multidão. E, no auge do calor de verão, foi extenuante. Olhei para os outdoors gigantes, as placas espalhafatosas dos restaurantes, os painéis onde as notícias rolavam e tentei achar o lugar para onde eu queria ir sem ser derrubada por um turista japonês e a sacola imensa com a máquina fotográfica que ele carregava. Senti-me muito pequena. Era como se o mundo real tivesse sido digitalizado, o contraste colocado no máximo e, depois, ampliado em 500%. Fazia com que a Piccadilly Circus parecesse anêmica. Depois de cruzar a mesma rua umas cinco vezes, vi um fluxo constante de mulheres muito magras, muito bonitas e maravilhosamente vestidas de preto da cabeça aos pés entrar em uma porta estreita de vidro preta por onde eu já havia passado. Uma placa pequena, de muito bom gosto, ao lado da porta dizia... Spencer Media. Ah! É claro.

Escondido em um canto de Broadway, o edifício, lindíssimo em art déco, parte da paisagem de Manhattan, era mais elevado do que os outdoors animados e os anúncios iluminados. Enquanto eu, no elevador, subia cada vez mais alto, coloquei meu peso em um pé e depois no outro. Erin tinha dito que o nome dela (minha editora!) era Mary Stein, mas eu não tinha a mínima ideia do que ela estaria esperando. Em vez de um portfólio, tinha comigo impressas, minhas entradas no meu diário e os registros da Amazon, um resumo dos meus livros. Com um pouco de sorte, ela não me mandaria embora do escritório rindo.

A secretária de Mary me levou para o escritório depois de, em silêncio, avaliar-me rapidamente. Ao que parece, passei, e ela me perguntou se eu queria um café antes de me deixar sozinha. O escritório era claro e bem iluminado e a vista da cidade, deslumbrante. Olhando pela janela, prometi a mim mesma que iria ao Empire State Building logo que a reunião terminasse.

— Angela Clark.

Era Mary. Ela não parecia ser uma editora de revista, muito menos uma editora maneira da web. Mary, facilmente na casa dos 50 anos, não tinha mais do que um metro e meio de altura e, com o cabeço grisalho em um Chanel curto, parecia ser muito boa gente.

— Sim – estendi o braço para um aperto de mão firme e acolhedor. – Você deve ser Mary.

Ela apontou para uma cadeira em frente à sua mesa e, em seguida, sentou-se em sua cadeira.

— Erin me disse que você é escritora.

Direto ao assunto.

— Sim – concordei ardorosamente com a cabeça, pegando minhas "folhas" de propaganda. – Não tenho comigo meu portfólio, mas trouxe uma lista impressa dos livros que escrevi. São na maioria ligados a filmes infantis, mas posso escrever qualquer coisa, mesmo.

— Hum – Mary avaliou, folheando as páginas e devolvendo-as para mim. Talvez ela não fosse ser tão simpática comigo. – Preciso de uma blogueira. Você já deve ter visto o nosso site. Então, onde acha que o seu blogue se encaixaria?

Ela me olhou séria. Eu não tinha visto o site. Ops. Mas, louvado seja o homem odioso na Starbucks, eu sabia o que um blogueiro era.

— Bom, estou passando por uma situação única no momento – comecei.

— Uma situação única não interessa a meus leitores – ela interrompeu, desviando o olhar para o monitor de tela plana e começando a mexer no mouse.

— Bom, única de certa maneira porque é algo pelo qual todas as mulheres já passaram – falei. – Terminei com meu namoro de dez anos e agora estou saindo com outros caras pela primeira vez.

— Continue – ela disse, ainda olhando para a tela, mas só mouse parou.

— Bom, descobri que ele estava me traindo no casamento da minha melhor amiga. Fiz um pequeno escândalo e, despois disso, fugi para New York – expliquei bem rápido. – Agora, estou paquerando e saindo com outros caras. Dois caras. Um banqueiro e um cara que faz parte de uma banda – esclareci. Eu tinha que admitir que, para mim, parecia muito excitante. Provavelmente, seria muito mais interessante se não fosse eu a passar por tudo isso sozinha.

— Você tem uma cópia? – ela perguntou, agora, com toda a atenção voltada para mim. – Você é o quê? Bridget Jones em New York?

Entreguei-lhe as páginas impressas do meu diário.

— Definitivamente, não sou Bridget Jones – declarei. – Não é sobre sair com caras. Acho que é mais sobre me encontrar, descobrir quem sou.

— Hum... – ela disse, digitalizando as páginas com os lábios apertados e os olhos sérios. – Definitivamente, você não é Bridget Jones, mas parece interessante. E é sobre namoro.

— Certo – dei de ombros. Eu escreveria sobre uma sortista de um braço só andando a cavalo se ela me contratasse como escritora. – Pode ser sobre namoro.

— Conte como terminou seu relacionamento. É engraçado? Parece engraçado – e bateu nas páginas do diário que eu tinha dado para ela.

"Aguente firme", disse a mim mesma. "Ela vai fazer de você uma escritora." Então, contei todos os detalhes da separação e tentei fazer com que parecesse engraçado em vez de me debulhar em lágrimas. Mary, em silêncio, olhou para mim sem emoção nenhuma até eu terminar.

— Ótimo. É engraçado e acho que você sabe escrever – ela disse. – Combinado. Você escreve de 200 a 300 palavras por dia e manda para mim por e-mail. O salário não é ótimo, mas é só para o site. Se vamos fazer isso, preciso de uma foto sua; então, ache uma. Mas é bom manter todas as outras pessoas anônimas.

— Está bem – não sabia o que dizer. Não era o momento glorioso com o qual sonhara. Por exemplo, não tinha champanhe. – Ah... Acabei de me lembrar: não tenho um visto de trabalho. É

um problema?

— Você está brincando comigo? – Mary parecia estar muito, mas muito braba. – Não posso pagá-la se você não tiver um visto. Você pode, muito bem, ir embora.

— Mas cheguei aqui domingo – fiquei em pé, mas tentava desesperadamente conseguir o trabalho. – E... e você não tem que me pagar. Trabalho de graça.

— De graça? – ela levantou uma sobrancelha. – Sério?

Confirmei com a cabeça, meio sentada, meio pé.

— Qualquer coisa, Mary. Por favor. Vou escrever a coluna mais engraçada que você já leu. Mesmo.

— Acho que não posso deixá-la trabalhar de graça... Posso pagá-la como colaboradora freelancer – ela disse pensativa, olhando para o diário. – E você disse que só chegou aqui domingo... Então, isso aconteceu nesta semana?

De novo, concordei com a cabeça.

— Bom, traga os três primeiros dias do diário, um texto de abertura de umas mil palavras e uma foto na segunda-feira. Então, vamos conversar sobre o resto.

E a reunião terminou. Não sei se Mary tinha uma campanha silenciosa ou se fazia sinais de luz invisíveis, mas sua secretária apareceu na porta e me fez sinal para sair. E não me deram o tal café.

Mal conseguia acreditar no que estava acontecendo. Eu ia ser uma escritora. Ia escrever para uma revista de verdade. Bom, para o site da revista, mas mesmo assim. Ter entrado naquele avião domingo foi a melhor coisa que eu poderia ter feito. Jenny trabalhava em seu segundo turno e Erin estava fora da cidade neste fim de semana. Eu precisava celebrar o meu trabalho, meu sucesso em New York. Só tinha uma maneira. Desci a Broadway, orgulhosa e confiante, a caminho do Empire State Building para compartilhar meu sucesso com a cidade.

O que teria sido ótimo se a temperatura na cidade não estivesse quatro graus acima da média para agosto e cheia de turistas suados, um monte de crianças em férias escolares com uma clara e única coisa para fazer: passar por mim e, sempre que possível, derrubar a minha bolsa (maravilhosa) da Marc Jacobs do meu ombro. Aliás, ela brilhava em um tom lindo tom de rosa. Consegui fazer todo o caminho até a 34th Street sob o sol escaldante, mas devia estar sofrendo de leve insolação quando tentei passar pela Macy's. Antes que soubesse o que estava acontecendo, tinha sido sugada pelas portas, tomado um refrescante iced tea, usado um banheiro confortável e limpo, e gastado 250 dólares em cosméticos no balcão da Benetfit. Uma hora mais tarde, eu vagava de novo na calçada e, ao virar a esquina, vi a fila insanamente longa para subir no Empire State Building. O sol, que batia em mim e em minhas compras, ameaçava derreter minha maquiagem recém-comprada, e eu estava tão perto de casa... Substituiu meu orgulho de nova escritora o remorso de compradora, e, antes que eu visse o que estava acontecendo, minhas pernas me levaram pela Lexington de volta ao apartamento para o meu laptop e para a cama.

Quando acordei sábado de manhã, mal conseguia acreditar que há uma semana tinha acordado em minha cama. Tanta coisa acontecera em um espaço tão curto de tempo. Mas, assim que me lembrei do meu encontro com Alex logo mais no fim da tarde, o tempo pareceu andar para trás. Eram as primeiras 24 horas de folga da Jenny em mais de uma semana, o que significava que ela dormiria por pelo menos 14 horas. Ela se ofereceu para sair comigo quando chegou do trabalho,

mas estava morta de cansaço em seus sapatos lindos; então, deixei-a descansar. Saí para o café da manhã, tomei banho, limpei a cozinha, dei uma geral no banheiro e levei todas as minhas roupas para a lavanderia. Achei insano que praticamente ninguém em toda a cidade lavasse a própria roupa, mas Jenny me garantiu que só os super-ricos tinham uma máquina de lavar roupa em casa, e levar a roupa para lavanderia era perfeitamente normal. Consegui conter um ataque de pânico ao pensar no que fazer quando eu quisesse usar algo que estava sujo no dia seguinte quando Jenny me apresentou sabão líquido para lavar roupas à mão, em recipientes meio vazios de Febreze, o eliminador de odores, para baixo da pia. Então, eles também tinham isso...

Por falta de alguma coisa para fazer, tomei outro banho, fiz escova no cabelo e coloquei um vestido curto listrado muito bonitinho da Ella Moss até às 17h30. Ainda tinha uma hora e meia para aplicar a maquiagem, reaplicar a maquiagem, colocar mais um pouco de maquiagem e depois ficar completamente apavorada por ter um encontro com um cara que fazia parte de uma banda. Impulsionada por uma Margarita feita com uma mistura pronta e um beijo – ambos dados por uma Jenny muito sonolenta -, peguei minha bolsa e me preparei. Meu coração batia mais rápido quando fechei a porta atrás de mim e saí para só ter certeza. Nenhum sinal de Alex cancelando ou confirmando. Mas havia uma mensagem muito querida de Tyler dizendo que havia adorado as horas que passamos juntos e iria me pegar em frente ao meu prédio às 18h30 no domingo.

A Max Brenner escondida na Broadway, em frente à Virgin Megastore. "Pelo menos, posso ver o The Union daqui", falei para mim mesma quando saí do táxi. As portas da Max Brenner abriram e vi o que parecia ser o laboratório enorme de chocolate de *A fantástica fábrica de chocolate*. Totalmente diferente do que eu esperava. E não era o lugar para a quantidade de delineador que eu estava usando. E o primeiro local que vi em toda New York incrivelmente bem iluminado. Putz. Sentado bem no meio das mães que sussurravam e dos pais que se entreolhavam, vi Alex. Eu não poderia imaginar uma cena mais absurda. O cabelo preto dele parecia não ter visto uma escova ou um pente, bem, nunca. Os vincos de sua camiseta verde estavam amassados. No meio dos "pais de fim de semana" e das mães que pareciam querer "um shake de chocolate para a sobremesa", ele parecia ser alguém que começaria a atirar a qualquer momento. Fora do ligar, talvez. Um maluco completo, definitivamente. Atraente? Em absolutamente. Ele sorriu de leve e acenou quando me reconheceu e meu coração, aparentemente, era o único músculo do meu corpo capaz de se mover. Se meu pulso estava rápido quando saí do apartamento, agora, definitivamente, corria para a liberdade.

— Oi – ele disse quando sentei à mesa, depois de me esforçar muito para colocar um pé na frente do outro e andar até lá. – Você veio.

— Vim – assenti, olhando para o relógio. Atrasada de novo. – Desculpe, mas não conseguia lembrar exatamente onde ficava esse lugar.

— Tudo bem – ele estava sorrindo. Cheguei a pensar que ele pudesse estar sob o efeito de alguma droga.

— Não teria imaginado que esse fosse o seu tipo de lugar – considerei, olhando em volta para o monte de coisas de chocolate. – Não muito rock and roll, é?

— Não – ele concordou e também olhou em volta. – Mas o vício é muito rock and roll. E pode ser que eu não conte para todo mundo, mas tenho um problema sério com chocolate quente. Verdade, você não vai acreditar como isso é bom. Experimente.

Peguei o cardápio e vi um monte de coisas gostosas, como chocolate quente ao leite, chocolate

quente amargo, branco, com pimenta, com noz-moscada, com caneca, sorvete de chocolate, pizza de chocolate. Tudo isso de chocolate e um cara muito lindo que era de uma banda? Havia uma boa chance de eu estar no paraíso, daí me perguntei se tinha sido atropelada no caminho.

— Uau! – exclamei, olhando de novo para ele. Se ele continuasse me fitando com aquele sorriso, eu não saberia mais o que dizer logo, logo. – Então, você é um chocólatra?

— Culpado – ele assumiu, levantando a caneca estranha, sem alça para segurar. – Eu culpo a banda. A gente acha que, se não entrar em uma clínica de reabilitação mais cedo ou mais tarde, não estará realmente comprometido com a música.

— Posso imaginar – comentei, começando a entrar em pânico, mexendo a caneca com a sopa grossa de chocolate no fundo. – Você quer confessar os seus?

— Sou mansinha – admiti, sentindo o rosto começar a ficar vermelho. – Desde que cheguei a New York, tem sido Ring Dings. Em casa, gosto de Cadburry Creme Egg. Às vezes, como três. De uma vez só.

— Uau, isso é perigoso! – ele riu, chamando a garçonete e pedindo dois chocolates quentes regulares. Será que eu não teria a chance de pedir nada para mim nesta cidade? – Talvez você não devesse estar me contando isso. Não seria contra as regras da sua amiga?

— Acredito que você esteja se referindo a "As Regras"... Não sei. Será que isso está sob o título "Não diga nada que possa assustá-lo" ou "Não coma demais"?

— Possivelmente sob o título "Não revele sua personalidade de forma nenhuma, por medo de ele não ter uma".

Balancei e mordi o lábio para não rir demais. Talvez eu não fosse capaz, nunca, de jogar pelas regras da Erin.

— Então, há quanto tempo você está em New York? – ele perguntou, inclinando-se para a frente e colocando os cotovelos na mesa.

— Só uma semana – respondo. Por mais que eu quisesse pensar em alguma coisa para falar com Alex, realmente não acho que poderia contar tudo sobre minha vinda para New York mais uma vez. – Estou com uma amiga em Murray Hill.

— E você está em algum tipo de férias? – ele se encostou na cadeira quando as bebidas chegaram. Ah, não! Agora eu teria que manobrar um bigode de chocolate quente e uma conversa difícil com um homem muito sexy e lindo. Era o lindo que mexia comigo, eu sabia disso. Tyler era supersexy, mas nunca me pareceu que, se eu dissesse a coisa errada, ele iria para casa, um loft no centro, e rindo de mim, se sentaria com os membros do The Strokes. Talvez eu estivesse pensando demais sobre isso.

Bom, além de curtir em uma espécie de férias, estou escrevendo para o site da revista The Look – disse muito orgulhosa de mim mesma por ter uma razão para estar ali que não envolvesse quebrar a mão de alguém. – Então, ficarei aqui uns dois meses, mais ou menos.

— Que legal! – ele aprovou. – Adoro New York, mas não sei como você pôde sair de Londres. É uma cidade incrível.

— Está brincando comigo? – perguntei e, corajosamente, bebi um gole enquanto falava. – New York é incrível. Faz com que eu me sinta... como se estivesse realmente vivendo, sabe? Faz com que eu queira fazer coisas novas e, simplesmente, descobrir cada centímetro da cidade. Ver tudo que há

para ver.

— E Londres não? – ele indagou, afastando o cabelo da testa. Tomei mais um gole do chocolate quente. Definitivamente delicioso.

— Quando eu era menina, nós morávamos a cerca de uma hora de trem de Londres, e tudo que eu queria fazer era ir para lá – expliquei, tentando não me distrair com os olhos incrivelmente verdes dele. – E, quando cheguei lá, foi tipo... uau... Londres! Mas, depois de um tempo, a cidade começa a sugar a gente. Tudo é tão difícil. Tudo é tão caro. O metrô lá custa quase cinco vezes mais do que o metrô aqui e, ao chegar em casa, preciso de um banho imediatamente. Não sei... Tem coisas que eu amo em Londres, mas há outras que é pegar ou largar.

— Você vai sentir a mesma coisa sobre New York, eventualmente.

— Difícil de acreditar – duvidei, dando o meu primeiro sorriso fácil, genuíno. – Deus do céu. Sinto-me como se estivesse traindo Londres. Adoro a cidade, mas acho que precisava de um tempo, só estava cansada de lá.

— Quando um homem está cansado de Londres, ele está cansado da vida – Alex citou.

Olhei para ele sorrindo.

— Tenho um diploma em Inglês. Conheço Samuel Johnson. Mas... e você?

— Bom, posso ser norte-americano, mas – ele se inclinou para a frente e sussurrou – eu leio. Não conte a ninguém.

— Dou-lhe minha palavra de honra escoteira – falei, fazendo a saudação com a mão. Ficava cada vez mais fácil estar alo, ele ainda era muito, mas muito mais maneiro do que eu jamais seria. – E você, sempre morou em New York?

Ele fez que não com a cabeça.

— Minha família é do norte do estado, mas eu sempre quis vir para cá. Mesma coisa que você, acho. A cidade chama a gente. Fui para a faculdade no Brooklyn e nunca mais saí de lá.

— Você mora no Brooklyn? – perguntei, tomando mais um gole de chocolate quente. Honestamente, se ele levantasse e fosse embora naquele momento, eu ainda seria muito grata a ele por me apresentar aquele lugar. Willy Wonkaville ou não, o chocolate era incrível. – Eu achava que Brooklyn ficava a um milhão de quilômetros.

— Bom, para algumas pessoas, três paradas de metrô é um milhão de quilômetros. – Alex disse, estendendo a mão e limpando um pouco de marshmallow derretido que estava perdido no meu lábio. Percebi imediatamente, como eram calejadas as pontas dos seus dedos. E meus lábios tremeram sob o toque. – Fica só a dez minutos da Union Square, mas as pessoas têm essa mania de que "Manhattan é New York". Não é verdade, o Brooklyn é incrível. Adro viver lá. E eu nunca poderia ter um apartamento tão incrível como o meu por aqui.

— Tenho que dar uma passada lá para conheceu – e mordi o lábio para que parasse de formigar. – Não tinha me passado pela cabeça ir até lá.

— Você acabou de se convidar para ir à minha casa? – ele indagou as sobrancelhas franzidas, o sorriso sumiu. – Sério? Como você é moderna!

— Não, eu... eu quis falar Brooklyn – vacilei, apertando minha caneca com força. – Quer dizer, ir até o Brooklyn e olhar as coisas... – Muito bem, Angela. E fiquei vermelha como um pimentão.

— Porque você é bem-vinda a qualquer hora – ele brincou. – Só espero que sua amiga aprove.

Gato mau, muito mau.

E eu estava gostando dele de verdade.

— Não acho que precise de permissão para ir até a outra parte da cidade – declarei, recusando-me a sorrir para ele embora quisesse. Aliás, queria fazer um monte de coisas naquela hora, mas não as faria ali.

— Bom, ela falou alguma regras muito rígidas para o encontro que você tinha – ele ficou em pé e estendeu a mão para mim. Nós já estávamos deixando o chocolate quente? – Por falar nisso, como foi o encontro? Não ótimo, é óbvio, porque você está aqui.

— Foi bom, obrigada por perguntar – respondi. Discutir meu encontro com Tyler com Alex seria muito estranho. E as coisas já estavam estranhas o suficiente.

— Você vai sair com ele de novo? – ele perguntou, deixando uma nota de 20 dólares sobre a mesa com a conta. Quanto custava o chocolate quente? Talvez não fosse uma boa ideia voltar lá com Jenny.

— Acho que esse tipo de pergunta é definitivamente contra "As regras".

Eu não sabia mais o que dizer. Era normal falar sobre encontros com outros caras quando a gente estava em um encontro? Mas... E se este não fosse um encontro? Talvez ele tivesse me convidado para sair como um amigo.

Putz!

Será que estávamos em um encontro de amigos?

— Hum... – ele expressou. Seus olhos brilhando quando saímos para o calor úmido na calçada. Deus do céu, já estava começando a aconteceu. – Achei que seria só aquele encontro.

— Por quê? – questionei, eu não estava me recusando a olhar para ele desta vez, apenas não conseguia. Sentia muita vergonha.

— Você já sabia que iria sair comigo hoje – ele disse, chegando perto de mim. – E não consegui parar de pensar nisso; então, achei que você estaria sentindo o mesmo.

Ele se inclinou e me beijou suavemente nos lábios. Foi achocolatado, gentil e eletrizante. Eu não iria fugir para o The Union, mas, neste ritmo, precisaria de um quarto. Com um pouco de sorte, Jenny ou Van me dariam um bom desconto. Será que tinham quartos por hora?

— O show não é longe. Você quer andar até lá? – ele perguntou, afastando-se de mim e segurando a minha mão. Pelo menos, agora eu sabia que era definitivamente um encontro.

— Tudo bem andar – consegui dizer, repetindo o beijo mentalmente. Não pude deixar de compará-lo com o de Tyler. Os beijos de Tyler tinham sido firmes e insistentes, porém doce. O beijo de Alex fora muito gentil e suave, mas definitivamente, cheio de confiança. E fez com que eu quisesse muitos outros.

Andamos pela Broadway falando sobre nossa família, nossos amigos, coisas que queríamos. Consegui transforma meu blogue na The Look em um contrato de seis livros e um filme. Alex falou sobre fazer músicas para filmes, teatro e sua paixão pela arquitetura, mas mal mencionou a banda.

— É muita coisa a ser feita – considerei, amando a sensação de estar de mãos dadas. – Como vai conseguir fazer tudo isso e um novo álbum?

— Boa pergunta – ele respondeu. – Quem sabe se haverá outro álbum? Estou dando um tempo por enquanto. Acho que ficamos um pouco desgastados e não sei se consigo levar a coisa toda agora. Estamos juntos há... oito anos, somando todo o tempo antes de fecharmos o contrato. Chega uma hora que a gente quer fazer algo diferente.

— Sei o que você quer dizer – contemporizei, tentando não parecer uma fã desapontada. – Deve ser difícil tomar uma decisão em grupo sobre algo tão importante.

— É – ele concordou. – Mas, se o coração de uma pessoa não está empenhado, acabou. Ainda tocamos ao vivo por aí na cidade, mas sinto que não curtimos como antes. Essas coisas chegam ao fim como todas as outras. Não há nada pior do que ficar quando não há uma razão para ficar.

Continuei a andar pensativa. Fazia sentido. E não apenas sobre a banda dele.

— Disse algo errado? – ele perguntou, depois da nossa terceira quadra em silêncio.

— De jeito nenhum – expressei. Com ou sem "As regras", eu realmente não queria falar sobre o Mark com ele. – Estava pensando em como você está certo. Temos que seguir nosso rumo.

— Exatamente – ele apertou minha mãe e paramos na frente de uma fila de pessoas vestidas com jeans justos e camisetas desbotadas que pareciam entediadas. Para mim, parecia ser a fila de um show. – Vamos?

— Ei, cara – o segurança alto e magro na porta cumprimentou Alex com a cabeça e nos deixou entrar. Descemos uma escada e chegamos a um bar abarrotado de gente. Olhei em volta e tentei parecer á vontade, enquanto Alex falava com a menina atrás do guichê das entradas. Do outro lado da sala, um grupo de meninas esticava o pescoço para ver melhor e não exatamente cochichava suas intenções do que fazer com ele. De repente, fiquei na defensiva. Como se atreviam a dizer aquilo para o cara que estava comigo na minha frente? Mas, em algum lugar, não muito escondido, senti um pouquinho de orgulho. Ali estava aquele supergato que poderia ficar com qualquer garota daquela fila, no entanto ele estava comigo.

— Ei – Alex me chamou, segurando a porta para o salão principal aberta. – Você quer beber alguma coisa?

Dei uma última olhada para as meninas e virei as costas.

— Vou buscar – ofereceu-me. – O que vai querer?

— Cerveja.

No bar, na posição oficial, com os braços apoiados no balcão, uma nota de dez dólares na mão e o olhar um pouco impaciente, eu tentava fazer contato visual com um dos barmen. No espelho sujo e velho escondido atrás das fileiras e mais fileiras de garrafas, não reconheci a garota ao lado de Alex. Com o cabelo desalinhado, sombra pesada e sexy nos olhos, ela pareceria um pouco sem-vergonha se não estivesse tão elegante. Então, percebi que a garota sem-vergonha era eu. Não sei se era a proximidade de um roqueiro genuíno ou se o treinamento da Jenny tinha surtido efeito, mas eu realmente estava bem. Ou quem sabe fosse porque eu estava me divertindo. Ora, estava oficialmente saindo com um cara e me divertindo!

Percebi que um show é um show, em New York ou em Londres, quando passamos por trás do bar e entramos em um salão à meia-luz (felizmente) e cheio de fumaça. O chão era pegajoso. O bar cheio de gente servia cerveja quente e cara em copos plásticos. E, em pequenos grupos, hipsters com jeans muito apertados e camisetas do CBGB e suas pequenas namoradas com jeans igualmente

justos. Apesar de estar intimada com toda a atenção que Alex estava recebendo, senti-me em casa. O Bowery Ballroom em New York poderia ser, facilmente, qualquer lugar pequeno em Londres.

— Você vai a muitos shows em Londres? – Alex gritou no meu ouvido quando o primeiro grupo começou a debulhar suas guitarras e a brutalmente agredir a bateria.

Fiz um sinal positivo com a cabeça e, ao me aproximar do seu ouvido para falar, senti com o nariz o adorável cabelo desarrumado dele.

— É. Eu ia sempre, mas meus amigos gostam muito do tipo de música que eu gosto.

Não contei que nenhum dos meus amigos gostava do mesmo tipo de música que eu nem que Mark tinha sido meu único companheiro de shows nos últimos dez anos. Quando nos mudamos para Londres, íamos, pelo menos, uma vez por semana, mas, nos últimos dois anos, ele começou a reclamar que os shows eram tarde demais, não tinha lugar para sentar, a cerveja era cara e ruim. Então, mais de uma vez nos últimos meses, fiquei sentada lá atrás sozinha depois de receber um torpedo onde ele dizia que trabalharia até tarde. Mas isso não parecia ser algo que Alex precisasse saber naquele momento. Queria que nosso encontro fosse divertido.

— Pois é – ele disse, tomando a cerveja sem reclamar. – Às vezes, acho que é muito mais fácil ir aos lugares sozinho. Os filmes que perdi porque não tinha com que ir...

Não consegui imaginá-lo sem ter com quem sair nem por um segundo. Quase todas as garotas ali tinham olhado para ele, eu estava começando a ficar incomodada com as avaliações não tão silenciosas que faziam de mim ao seu lado.

— E, além de ouvir Justin, o que você fez hoje? – ele sorriu, levando-me para um canto tranquilo do palco de onde podíamos ver melhor. – Essa história de escrever parece muito legal.

— Além de ouvir Justin? Meu Deus, isso ocupa a maior parte do meu tempo – brinquei, tentando não ouvir as pessoas sussurrando, não tão sutilmente, à nossa volta. – Mas, sim, a história de escrever é muito legal, espero. É só um diário on-line, um blogue, mas, ah... não quero colocar olho gordo. Nunca publiquei nada antes, por isso é importante para mim, mesmo que, provavelmente, não seja algo tão especial assim.

— Mas parece interessante – ele opinou e erguei o copo. – Você vai escrever sobre o nosso encontro?

— Acho que sim – admiti, não tendo pensado nisso ainda. – Puramente por integridade jornalística, é claro. Totalmente anônimo. Protegerei sua inocência.

Ele chegou mais perto de mim de novo e, segurando-me contra a parede, beijou-me forte. Com os lábios nos meus, qualquer preocupação em proteger sua inocência dissipou-se. Com o corpo preso entre a parede fria e pegajosa e o corpo tento de Alex, tentei não deixar a cerveja que segurava na mão cair.

— Se você vai escrever sobre mim, deve saber que – ele avisou com a respiração entrecortada quando nos separamos – levo as críticas ruins para o lado pessoal.

— Não acho que será um problema – falei sem saber bem o que dizer. Sentir o hálito dele quente, achocolatado, tão perto do meu ouvido me fazia tremer, tanto que fechei os olhos para guardar devidamente o beijo na memória. Eu, encostada na parede, aqueles lábios macios, a maneira como senti o corpo dele no tecido fico do meu vestido... Antes que pudesse reviver o beijo completamente, senti Alex chegar perto de mim, por trás, e colocar o braço em volta da minha

cintura, a mão no meu quadril. Encostei meu corpo no corpo dele e coloquei a cabeça para trás, em seu peito. Foi tão bom, tão fácil.

Ficamos em um silêncio confortável até que Alex se desculpou e foi ao banheiro e ao bar, um pouco antes do show principal. Fiquei olhando-o descer a escada e, descaradamente, medi-o de cima a baixo com um sorriso enorme no rosto. Era estranho. Eu estava me divertindo tanto, mas Alex me deixava tão nervosa, com grandes borboletas no estômago. Tyler não me deixava nem um pouco nervosa, tudo que ele dizia e fazia era para que eu ficasse à vontade. Acho que o entendia. Ele trabalhava em um banco, tinha ternos elegantes e tudo mais, mas eu me sentia mais desconfortável ao me vestir bem e ir a um restaurante chique. Provavelmente, por causa do medo de derramar molho no meu vestido. E creme. E café.

— Você esta com Alex? – perguntou, bem na minha frente uma garota pequena, muito bonita, vestida da cabeça aos pés em roupas justas e pretas, e o cabelo como o da Debbie Harry, um Chanel loiro oxigenado.

— Hã... Como? – questionei. Ela não parecia ter vindo para fazer amigos.

— É bom você saber que ele é um filho da mãe total – ela disse sensualmente. – Ele já dormiu com quase todas aqui. Quem sabe até com alguns caras.

— Bom, nós acabamos de nos conhecer – comentei, sem saber bem o que fazer com a informação que ela me dava e não querendo manter a conversa. – Não fiz planos desse tipo ainda.

— Tudo bem – ela me olhou de alto a baixo e tomou um gole do drinque que tinha na mão. – Só estou contando para você o que todo mundo aqui já sabe – vi Alex nos olhando do bar e ele não parecia feliz. – Então, se eu fosse você, teria cuidado ao fazer "planos desse tipo" – ela girou em seus saltos altos e desapareceu na multidão.

— Oi – Alex falou, voltando com a minha bebida e uma expressão séria. – Ela disse alguma coisa a você?

— É... disse – respondi. O que contar a ele? Por que ela revelara aquilo? Mas, naquele exato momento, eu não queria acreditar em uma palavra que fosse.

— Ah! – ele procurou a garota loira na multidão. – Você a conhece?

— Não... mas parece que ela conhece você – comentei. Ela havia sumido

— Saí com uma das amigas dela um tempo atrás, só isso – ele explicou, voltando para sua posição atrás de mim. – Não terminou muito bem.

— Acho que você pode me contar qualquer final ruim que eu conto um pior – argumentei, querendo fugir do assunto. – Não se preocupe com isso. – Uma amiga braba da ex. Fazia sentido. Eu queria que a Loisa estivesse inventando mentiras sacanas sobre Mark. Mas, provavelmente, ela estava trocando receitas de cupcakes com "Katie" agora. Alex respondeu com um beijo no meu pescoço e me deixou relaxar com a música, encostada nele. E a banda principal subiu ao palco.

— Eles são muito bons – eu disse quando saímos para a rua à meia-noite. Eu adorava a sensação de pós-show de rock. – Uau, muito bom!

Alex riu e pegou minha mãe.

— Você quer beber alguma coisa ou algo assim?

Olhei para o relógio e fiz uma careta. Já era mais de meia-noite. Eu estava me divertindo muito,

mas uma pequena parte de mim continuava a me lembrar de que iria me encontrar com Tyler no dia seguinte à noite e, realmente, não queria me parecer um lixo completo. Só que o olhar no rosto de Alex e o jeito com que ele apertava minha mão tornava a decisão muito difícil. Bom, o olhar, as mãos dadas e as quatro cervejas que eu já tinha tomado com nada no estômago além de Ring Dings. Se bebesse mais, não sabia se continuaria fazendo as minhas melhores escolhas.

— Eu deveria pensar em ir para casa, mesmo... – falei sem acreditar muito nas palavras que me saíam da boca. – Avisei à minha amiga que voltaria e – ele me olhou com a mesma cara de cachorrinho arrependido que eu o tinha visto fazer para garçonete do Manatus.

— Só um drinque? – sugeri, deixando que ele me puxasse pela rua.

Muito bem, só um.

Três drinques depois, estávamos aninhados em um bar minúsculo com um jukebox, fantástico e cerveja bem geladinho. Falamos sobre música, sobre shows a que tínhamos ido, shows que havíamos perdido, discutimos nossos álbuns favoritos e sonhamos com o festival ideal, ele sendo parte da banda principal, é claro. Logo, três drinques viraram quatro e, só depois que a meia-noite se transformou em quase duas da madrugada, eu me lembrei de que já deveria estar em casa.

Estava bêbada demais para ter que andar com cuidado para o toalete, mas sóbria o suficiente para me reconhecer bem perto de ficar chumbada. Graças a Deus, a cerveja norte-americana é fraca. Checando o dano do show na minha maquiagem no espelho, achei que ainda estava boa e consegui colocar mais (então, não estava tão bêbada quanto julgava), mas coloquei várias camadas de hidratante labial. Os beijos de Alex ficavam cada vez mais agressivos e meus lábios estavam sensíveis. E eu, muito mais do que um pouco excitada. Senti os lábios com a ponta do dedo indicador. Os beijos de Tyler eram firmes e suaves, mas Alex não pensava duas vezes em ser ousado. A antiga Angela teria ficado assustada com qualquer tipo de demonstração pública de afeto, mas a nova parecia se sentir muito bem com isso. E com o fato de estar saindo com dois homens. E ficava em banheiros sujos mais tempo do que o estritamente necessário. Ui... Eu realmente tinha que ir para casa. Minha cabeça estava começando a girar e a dúvida era "ir para casa com ele" ou "ir para casa e vomitar" e, nesses casos, sempre há apenas um vencedor.

Quando voltei para a mesa, vi Alex conversando com duas garotas. Ele ria e dava-lhe os mesmos sorrisos suaves e olhares intensos que fizeram com que eu me sentisse a única garota em New York. Definitivamente, era hora de ir.

— Acho que está na hora de ir – disse em voz alta. As meninas olharam uma para outra, sorriram alegremente para Alex e sentaram no meu lugar, uma no colo da outra.

— Certo, vamos lá – Alex, concordou, ficando em pé e colocando o braço nos meus ombros.

Dei um pequeno sorriso para mim mesma, olhando para baixo, e aceitei que Alex me levasse para fora do bar, deixando as meninas, de mau humor, sentadas no meu lugar.

— Murray Hill? – ele perguntou quando entramos em um táxi amarelo vazio antes que um dos outros casais com os braços esticados adentrasse o veículo.

— Por favor, 39th Street com Lexington – instruí o motorista, sentado no banco rasgado.

Alex não me deu nenhuma chance de me perguntar se ele tentaria alguma coisa, se esperaria por sum sinal ou, mesmo, que o táxi entrasse no tráfego antes de esticar o corpo sarado sobre o banco de trás e segurar meu rosto com as duas mãos. Enquanto, tarde da noite, o táxi corria pelas ruas de

New York, fui colocada em uma posição meio sentada meio deitada no banco de trás. A noite não estava fria, mas tinha um friozinho que foi completamente dissipado pelo calor do corpo de Alex em cima do meu. Senti as mãos dele no meu corpo descerem para a pele nua da minha coxa, embaixo do vestido que havia subido e, embora eu soubesse que as coisas estavam indo rápido demais, não queria que ele parasse. Antes que eu tivesse que tomar uma decisão realmente muito difícil, o táxi parou de repente e fomos, os dois, jogados no chão entre os bancos. Ri nervosa e tentei descobrir como sair dali sem mostrar o que ele ainda não tinha visto.

— Você quer entrar?

As palavras saíram da minha boca antes mesmo que eu pensasse nelas. Então, é isso que nós mulheres queremos dizer quando nos queixamos de que homens deixam o pênis tomar todas as decisões por eles.

— Eu realmente quero entrar – ele disse, ajudando-me a sentar -, mas não vou.

Olhei-o surpresa. Não que eu achasse sertão especial que nunca seria rejeitada, porém tinha realmente sentido que era para onde as coisas estavam indo. E, quando estávamos nos beijando, senti algo mais que, biologicamente, sugeria que ele pensava a mesma coisa.

— Se eu entrar agora – ele sussurrou, inclinando-se para abrir a minha porta -, com o que sonharemos?

Sorri timidamente. Eu não podia passar por recatada, mas não esperava que ele fosse um romântico.

— Você pode esperar um segundo enquanto acompanho a moça até a porta? – ele perguntou para o taxista, que resmungou algo que me pareceu sim.

Alex colocou meu cabelo atrás da orelha e ficou me olhando nos olhos por um segundo a mais do que o necessário.

— Eu me diverti muito, Angela – disse ele, dando-me um de seus beijos mais suaves, — Você me telefona?

Confirmei com um sinal de cabeça, tinha perdido completamente a capacidade de falar, e fiquei olhando-o voltar para o táxi. Deixando de lado a maldosa loira oxigenada, achei que a noite tinha sido muito boa.



Estava no meu terceiro café com leite na Starbucks, no domingo de manhã, quando comecei a aceitar a ideia de que escrever um blogue não seria assim tão fácil. Olhei para a tela branca à espera de inspiração. Eu sabia que Mary queria a introdução e três dias do diário e tinha consciência de que o certo seria quinta, sexta e sábado. Mary tinha sido bastante insistente sobre o tema namoro, ou seja, meus primeiros encontros com Tyler e Alex. Mas eu não sabia como escrever sobre esses encontros sem parecer uma sem-vergonha ou dar a impressão de que eu estivesse fofocando sobre dois caras diferentes com toda a cidade. Isso não seria falta de educação? Poderia escrever no blogue sobre Tyler e Alex sem a permissão deles? Eu estava realmente sentada na Starbucks em New York, elétrica por causa da cafeína, fazendo perguntas ridículas a mim mesma? Tomei o resto do meu café e comecei a digitar. Em vez de me preocupar com o que as outras pessoas pensariam, tentei imaginar que tipo de coisa eu gostaria de ler. Então, comecei a escrever sobre algo fácil. Algo de que eu gostava muito.

A minha linda bolsa Marc Jacobs.

As aventuras de Angela: como uma bolsa curou um coração partido.

Dei-lhe um olhar amoroso e um tapinha, nada que pudesse machucá-la, é óbvio. Eu ainda não conseguia acreditar que havia gastado metade de uma prestação da casa em uma bolsa. Em alguns pedaços de couro e metal que, costurados juntos, guardavam as minhas coisas. Costurados por anjos... Por que eu nunca tinha comprado algo tão fabuloso antes? Provavelmente, porque eu não achava que merecesse. Assim como eu não achava que merecesse estar saindo com caras lindos como Tyler e Alex. Assim como eu não achava que merecesse o trabalho do blogue. Assim como eu não precisava de outro café. Espere aí, disso eu não precisava, mas era o que tinha. Como a bolsa. Deixei para lá. Comecei a escrever e fui em frente. Todos os detalhes. Era quase divertido. A Angela do meu diário estava vivendo uma vida maravilhosa, sem nenhuma das malditas preocupações que atormentavam a Angela do mundo real. Depois que terminei, li e deletei tudo que pudesse deixar minha mãe braba. Em seguida, coloquei tudo de novo. Chegava de café para mim.

Com o diário organizado, voltei para a introdução. Precisava escrever sobre o fim do namoro enquanto me mantinha animada. Mary estava esperando por isso. Mas, mesmo com toda a cafeína, era muito mais complicado do que escrever sobre sair com caras. Durante toda a minha vida, eu tinha sido algo de alguém, a filha de Annette, a amiga de Louisa, a namorada de Mark. Mas quem era eu agora? Eu tinha fugido para deixar de ser a ex de Mark, a dama de honra que arruinou o casamento, a menina que vivia com a mãe. Nesta última semana, com Jenny, Erin e Vanessa, eu tinha sido a garota meio louca que passara por um fim de namoro ruim/heroico. Com Tyler, eu

tinha sido a inglesa excêntrica que gostava de quebrar a mão dos homens. E com Alex, consegui melhorar um pouco minha imagem e ser apenas a inglesa um pouco excêntrica. Um pouco de sorte e eu seria capaz de conseguir que, até o fim do mês, alguém me descrevesse como "uma garota que conheci, acho que ela é inglesa".

Decidi que só havia uma coisa a fazer: ser total e brutalmente honesta. Abri o diário que havia escrito no The Union e o reli. Estava tudo lá, encontrar Mark no estacionamento, gritar com Louisa, bater no Tim com meu sapato, até fazer xixi no nécessaire do Mark. Esta era a versão para Mary. Talvez não a parte de fazer xixi no nécessaire. Deletei o incidente, mas fiquei lá sentada com um sorriso, imaginando o olhar no rosto dele da próxima vez que fosse usar o pincel de barba feito de pelo de texugo. "Sim, Mark, está com um cheiro um pouco engraçado".

Apesar de a Jenny insistir que era absolutamente normal sair com dois homens ao mesmo tempo (e escrever sobre isso no blogue), ainda me parecia um pouco estranho sair com Tyler menos de vinte e quatro horas depois de ter saído com Alex. Cheguei a considerar qual seria o protocolo para sugerir que Jenny saísse no meu lugar. Ele era o tipo dela. Mas, quando abri a porta do apartamento e o vi em um Armani preto, reconsiderei.

— Oi – falei, aceitando o beijo no rosto e achando que, claramente, não estava trajada à altura com um vestido de malha da Splendid e Havaianas. – Hum... Você disse cinema, não?

— É verdade... – ele admitiu, olhando para o táxi do outro lado da rua com o motor ligado. – Mas depois lembrei que você só está na cidade há uma semana e eu estaria ofendendo New York se a levasse ao cinema para ver Cameron Diaz. Então, mudei de ideia. Espero que não se importe.

— De jeito nenhum – respondi, entrando no carro amarelo que esperava. – É só que... estou vestida de acordo?

Falando sério! Um terno Armani preto, camisa branca aberta no pescoço, e não havia nem mesmo um fio de cabelo fora do lugar.

— Você está muito bem – ele elogiou, colocando o braço em meus ombros. – E vai adorar, prometo.

Dei de ombros e sorri. Até agora, tudo bem. Uma pequena surpresa como uma mudança de programa não poderia machucar.

Depois de alguns minutos ouvindo buzinas barulhentas, chegamos a um teatro.

— É como ir ao cinema – Tyler afirmou, abrindo a porta para eu sair. Não, não era nada como ir ao cinema. Era como ir a um show da Broadway. Eu, superanimada. – Consegui duas entradas para Wicked com um cara no trabalho. Dizem que é muito bom. Você já viu?

Sacudi a cabeça dizendo que não.

— Que incrível! Eu queria ter visto em Londres, mas nunca fui. Adoro musicais, assumo.

— Bom, você me disse que gostava de música – ele se justificou, conduzindo-me pelo hall de entrada como um acompanhante profissional. Foi uma interpretação interessante de eu gostar de música, mas não estava reclamando. Quanta consideração, que homem gentil! E me lembrei de que aquele homem encantador frequentava a academia muito regularmente quando ele, com o braço em volta da minha cintura, levou-me até meu lugar na terceira fila. – Então, quebrou a mão de mais alguém desde que a vi pela última vez?

Sacudi a cabeça dizendo que não e comecei a ficar arrependida de ter contado a ele todos os

detalhes do fim do meu namoro. "As Regras" eram regras por uma razão, entendi isso então.

— Não, mas consegui um emprego – contei. Desta vez, não revelei todos os detalhes. Não achei que ele ficaria necessariamente empolgado com a ideia de ser o astro de uma procura por amor sendo contada on-line.

— Que ótimo! – ele exclamou, dando-me um beijo bem rápido, totalmente inesperado. – Então, estamos celebrando. Você deveria ter me contado.

— Não é nada de especial – expliquei, ficando vermelha. Ele achou que eu deveria ter lhe contado. Ahhhh. – É só uma coisinha on-line, não vai ser impressa na revista.

— Não tire o valor da coisa – ele me repreendeu, segurando minha mão quando as luzes piscaram duas vezes. – Você disse que queria ser uma escritora, agora você é – e me olhou. – Você inspira a gente, sabia? Uma semana na cidade e veja tudo que já conseguiu. Espero que um pouco desta sorte passe para mim. – Ele realmente sabia o que dizer para fazer com que eu me sentisse muito bem. A orquestra começou a tocar quando ele se apoiou no veludo do braço da cadeira e me deu um beijo muito gostoso.

— Acho que isso ajuda a sorte a passar mais rápido – murmurei, apertando os lábios depois do beijo que pareceu não ter fim.

— Pretendo tentar até conseguir – Tyler sussurrou quando os atores subiam no palco.

Afundei na cadeira e sorri no escuro. Pelo menos eu teria alguma coisa sobre a qual escrever no meu diário quando retornasse ao apartamento.

O resto da noite foi muito especial. Completamente envolvida no romance do show, apertei a mão de Tyler, descansei a cabeça em seu ombro e escondi o rosto no casaco dele durante as artes mais tristes. Depois do teatro, andamos até um restaurante à luz de velas que ficava na esquina. Eu me transformei em uma gatinha que ronronava e, toda sorrisos e coquete, acariciava o braço dele. Meu Deus, se Mark soubesse que musicais tinham esse efeito em mim, ele, talvez, tivesse me levado mais vezes.

— Você é realmente incrível – Tyler disse, dando-me o sorvete na boca. Normalmente, esse tipo de comportamento em casais me deixava enojada, mas, com Tyler, parecia doce e amoroso. – Mal posso acreditar que você conseguiu tudo isso em uma semana. Acho que não sou o tipo que corre riscos como você.

— É tão estranho ouvir alguém me descrever – confessei, oferecendo uma colher de cheesecake para agradecer o sorvete. – A única coisa arriscada que fiz foi vir para New York, mas está dando certo. Quem sabe eu devesse pensar melhor sobre essa história de correr riscos.

— Creio que é uma ótima ideia – Tyler declarou. – Sempre planejei minha vida. Fazer parte da Ivy League na faculdade, ter um bom trabalho em um banco grande. Penso que agora vem esposa e filhos, mudar para Connecticut e me aposentar na Flórida.

— Parece interessante – avaliei, sacudindo a cabeça. – Acho que tinha algo assim planejado, mas, então, encontrei meu namorado com a cueca nos tornozelos. Não recomendo.

— Se eu encontrasse o meu namorado com a cueca nos tornozelos, algo teria saído muito errado com o meu plano – com os olhos levemente apertados, sacudiu a cabeça e riu. "Ah, ele fica lindo quando ri", pensei e analisei os pontos bons dele. Doce, engraçado, grandes perspectivas, faz com que eu me sinta como a realeza, e, francamente, não faz mal aos olhos: embaixo daquele terno,

músculos de ferro.

— Se você fosse sair totalmente fora do plano – eu precisava encontrar uma brecha naquela perfeição toda -, o que faria?

— Não sei – Tyler revelou, relaxando no encosto da cadeira. – Se eu fosse totalmente egoísta? Fazer qualquer coisa que quisesse?

— Qualquer coisa – confirmei.

— Tiraria um ano de férias e viajaria com os Yankees. Iria a todos os jogos – ele disse, sorrindo para si mesmo. – Você consegue imaginar?

— Para dizer a verdade, não – fiz uma careta. Não era a resposta romântica que eu esperava.

— Ou então, alugaria uma ilha, como aquela que aquele cara tem nas Ilhas Virgens – ele sugeriu.

— A Ilha Necker? – melhor.

— É – ele fez que sim com a cabeça. – Eu alugaria a Ilha Necker e me esconderia lá por alguns meses. Só o sol, a areia, alguns vinhos e uísques maravilhosos. E TV por satélite para ver os jogos dos Yankees, E Wi-Fi para você poder escrever, é claro.

— Eu vou junto? – perguntei, brincando com o meu guardanapo.

— É a minha fantasia, não é? – ele argumentou, estendendo o braço e segurando minha mão sobre a mesa. – Então, levo quem quiser.

Em silêncio, vermelha da cabeça aos pés, tentei fitá-lo nos olhos, mas eu tinha acabado de me tornar "a garota completa", e não conseguia nem olhar para ele.

— A comida daqui é muito boa, mas o café é horrível – ele sussurrou alto o suficiente para o garçom que passava ouvir. O garçom fungou alto e continuou andando. – E tenho a impressão de que não somos mais bem-vindos aqui – ele riu. – Por outro lado, faço um café ótimo. Vamos até minha casa?

Olhei para o garçom, que já fechava a nossa conta. E parecia mesmo que, na melhor das hipóteses, ele cuspiria em nossos cafés...

— Moro a dez minutos daqui – Tyler disse, pegando a carteira e colocando o lendário Amex preto em cima da conta sem sequer olhá-la. Eu queria pagar hoje à noite, mas, de certa forma, adorava o fato de ele não me deixar fazê-lo. – E o café é bom de verdade. Gaggia.

Seja lá o que for um Gaggia, concluiu a proposta. Mas era só um café, de jeito nenhum Tyler seria menos cavalheiro do que Alex. Entramos em um táxi que, devagar, deu a volta no parque. Um lugar que eu ainda não havia visitado, muito bonito iluminado à noite.

— Você quer andas as últimas duas quadras? – Tyler perguntou, lendo minha mente. Fiz que sim com a cabeça bem feliz. Já na calçada, encostei-me no muro e olhei para o lago. Parecia a cena de um filme. O meu filme.

— Às vezes, a gente esquece como tem sorte por ter tudo isso à nossa porta – ele suspirou, tirando o paletó e colocando-o nos meus ombros. No paletó, ainda levemente quente, senti o perfume de sua loção após barba. – É incrível ver as coisas através dos olhos de outra pessoa.

Virei para dizer algo, mas fui interrompida por seu beijo. Os braços dele me envolveram pela cintura e, sem interromper, ele me levantou e me colocou sentada no muro como se eu fosse feita de ar, como se eu não pesasse nada. Deixei o beijo crescer mais e mais até que minhas mãos ficaram

perdidas em seus cabelos e, descuidadamente, minhas pernas abraçaram as dele. Esqueci completamente que estava no meio de uma rua movimentada, tão inteiramente entregue àquele beijo, àquele momento. De repente, senti todas as minhas frustrações borbulharem na superfície. Todas as noites deitada na cama esperando Mark voltar para casa, cada sorriso esperançoso rejeitado, cada carinho não reconhecido, até mesmo a recusa de Alex na noite anterior, apesar de suas honoráveis razões, tudo explodiu naquele beijo.

— Meu apartamento fica logo ali na esquina – Tyler me levou gentilmente. Seus olhos ardentes me disseram que eu tinha que ir. Eu o queria muito. Em meu coração, a certeza absoluta de que o que estava para acontecer seria muito bom. Em silêncio, numa rápida caminhada, ou quem sabe numa corrida lenta, fomos. Uns dois minutos depois, chegamos ao apartamento na Park Avenue, mas parecia que tínhamos andado um milhão de quilômetros. Ao passar pela porta, tirei o paletó lindo de Tyler e chutei minhas rasteiras enquanto andávamos pelo corredor. Sabia que deveria parar e pensar sobre o que estava fazendo. Mas não parei. Não me importava se fosse sexo por vingança, exorcismo de sexo ou apenas algo que eu queria fazer com alguém de quem gostava. Tudo o que eu sabia era que, se a porta atrás de mim levasse para o quarto, precisava ser aberta. E era o quarto. Tyler me puxou para dentro e acendeu a luz de cabeceira quando deitamos na sua cama enorme. Aquele não era o momento de pensar nos meus motivos, disse para mim mesma. Senti-me pequena e delicada. Tyler, em cima de mim, com os lábios ainda nos meus, acariciava minhas curvas com firmeza. Era o momento de deixar que meu corpo tomasse algumas decisões por mim. E, se todas as decisões do meu corpo fossem assim tão boas, eu o consultaria muito mais regularmente a partir de agora.

A manhã se apresentou com o alarme do despertador. Não tinha a mínima ideia de que horas eram, mas parecia cedo. Muito cedo. Ao esticar os braços, fiquei maravilhada com a largura da cama, com os lençóis macios, com o sol que brilhava na janela panorâmica gigante... Espere um pouco...

— Bom dia – Tyler apareceu na porta, totalmente vestido com terno e gravata, e eu segurei a coberta firmemente embaixo do queixo. Rápida verificação: sim, eu estava nua. Ele sentou na cama e colocou duas xícaras de café fumegante na mesa de cabeceira. – Como não o tomamos ontem à noite... – ele lembrou, curvando-se para me dar um beijo longo e lento.

Eu ainda não sabia o que dizer.

— Desculpe... é tão cedo – ele continuou falando apesar disso. Pegou a xícara e tomou um gole pensativo. – Segundas-feiras são complicadas. Tenho que chegar antes de todas as reuniões começarem; caso contrário, não tenho a menor chance. Normalmente, estou no meu BlackBerry domingo à noite, mas, como você sabe, eu tinha coisas melhores para fazer ontem.

Sorri timidamente e procurei meu café com a mão.

— Hum... – fiz que sim com a cabeça e tomei um gole bem devagar. Quanto mais tempo isso levasse, menos provável ter que puxar conversa. "Puxa", pensei ao tomar mais um gole, "ele realmente faz um café fantástico."

— Mas tenho que ir embora – ele passou a mão no meu cabelo e me deu outro beijo. – Apenas feche a porta quando sair, ok? A porta tranca sozinha; portanto, não se preocupe com alarmes ou nada. Você me liga mais tarde?

Movi a cabeça em sinal positivo e aceitei mais um beijo antes de ele levantar para sair. Coloquei meu café na mesa e enterrei o rosto no travesseiro sem ver que Tyler tinha parado na porta.

— Eu só queria dizer – ele falou do outro lado do quarto – boa sorte na reunião.

Graças a Deus, ele não havia mencionado nada sobre como tinha sido incrível. Eu simplesmente não conseguiria lidar com isso.

— Obrigada – agradeci sem me sentar.

— E eu queria dizer que, ontem à noite, foi muito – eu tinha pensado cedo demais -, muito incrível.

Ah... quase.

Capítulo 14

— Antes de dizer qualquer outra coisa, antes mesmo de pensar – ela ordenou, tirando da minha mão as sacolas da Starbucks e os jornais que eu tinha comprado para camuflar a minha walk of shame -, que tal o sexo?

— Maravilhoso! – revelei. – Mesmo. Sei que minha experiência nessa área é bem ruinzinha, mas ele foi fantástico. Ele é forte e grande, vai para a academia e... nós transamos três vezes e eu... Deus do céu... Ah. Eu não sei...

— Certo. Você já respondeu às minhas próximas três perguntas – Jenny comentou, enfiando os dentes em um donut. – E quando você vai vê-lo de novo?

— Ah! Pare com isso... – peguei um donut e sacudi a cabeça. – Ele teve que sair cedo.

— Tudo bem, desde que ele telefone hoje ou amanha – Jenny disse, olhando para mim. – Mas não acho que é isso que a está incomodando. Você sabe que ele vai telefonar, não sabe? Então, o que é que você tem? Por que não está dando pulos de alegria?

— Não fique braba. Mas é que... eu estava pensando quando voltava para cá... Eu só transei com Mark – expliquei, sentando em um banquinho e puxando meu cabelo para trás para fazer um rabo de cavalo bagunçado. – Sei que você não concorda, mas, apesar de ter sido incrível, hoje de manhã eu me senti... bom... como se tivesse traído o Mark. Eu sei, eu sei – estendi a mão para que ela não falasse. – Sei que não faz sentido, que ele sequer terminou comigo antes de dormir com outra, mas é como eu me sinto.

— Certo. Você não consegue evitar – Jenny concordou. – Mas você não vai deixar que isso a impeça de sair com Tyler de novo, vai? O que você tem que fazer é colocar mais uns dois caras no meio.

— Não sei... E se eu não parar de me sentir assim? E o Alex? Vinte e quatro horas atrás, eu o convidei para subir e agora dormi com Tyler? Acabei de começar a sair com dois caras e agora vou dormir com os dois?

— Essa é fácil de responder – Jenny concordou, dando um tapa na minha mão quando tentei refazer o rabo de cavalo. – Você quer ver o Alex de novo?

Fiz que sim com a cabeça.

— E você quer ver e potencialmente dormir com Tyler de novo?

Tornei a fazer que sim com a cabeça.

— Então, está bom. Você não tem que escolher até que esteja pronta – Jenny pegou um café e

mais dois donuts. – E, a propósito, três vezes em uma noite, apartamento na Park Avenue e um Amex preto? Você vai sair com ele de novo ou, então, vai me dar o número do telefone dele – ela se debruçou sobre o bar e me deu um beijo no rosto. – Vá se arrumar para sua reunião com Mary, eu vou para a cama.

Ter uma reunião significava que eu não tinha tempo suficiente para pensar muito sobre o que havia acontecido, mas consegui fazer uma rápida auto-análise enquanto passava rímel (Razor teria ficado tão orgulhoso!). Fitando-me nos olhos, tentei sorrir para a nova garota que olhava para mim. Não era a roupa nem o cabelo ou até mesmo o bronzeado leve da semana passada. Apesar de tudo isso ser novo, eu simplesmente não conseguia me lembrar da última vez que me olhava no espelho antes de vir para New York. Não só para dar uma conferida enquanto passava, não só para repartir o cabelo, mas realmente me olhar nos olhos. Na melhor das hipóteses, eu dava uma olhada rápida quando saia do chuveiro com o propósito de ver o resultado do meu tormento dos Vigilantes do Peso, jamais em um momento feliz. E agora, lá estava aquela garota estranha olhando para mim. Uma garota que sai com dois caras ao mesmo tempo, escreve para o site de uma revista de moda e mora em New York. Uau!

A caminho da porta, peguei meu celular e olhei a agenda, Jenny, Erin, The Look, Tyler e em primeiro lugar na lista... Alex. Eu tinha prometido telefonar para ele, e realmente queria, mas era muito estranho ligar para um homem com quem eu queria dormir quando havia acabado de dormir com outro homem. Não importa o quanto Jenny me dissesse para não me preocupar, que namorar em New York tinha regras diferentes ("As Regras" de novo!). Parecia errado para mim. E, para ser honesta, deixando o feminismo de lado, queria que qualquer homem que dormisse comigo quisesse dormir só comigo. Pronto, eu tinha dito. Eu era, praticamente uma puritana.

Achei que a hora mais segura para que a secretária eletrônica do Alex atendesse ao telefone seria cedo. Aquela palidez tão sexy não vinha de corridas ao longo do rio de manha cedo. Convencida de que ele não iria atender, engoli em seco e disquei. Mas ele respondeu ao primeiro toque.

— Aaalô? – ele parecia sonolento e muito lindinho.

— Alô! Alex? – entrei em pânico; não tinha nada preparado, exceto alguma bobagem sobre telefonar de novo mais tarde.

— Sim? – até agora, tudo indicava que ele não reconhecerá minha voz.

— É Ângela – identifiquei-me, xingando-me por ter ligado. – Ângela Clark?

— Ah! Oi – ele bocejou bem alto. Meu plano não tinha dado certo. – Estava me perguntando quando você ia telefonar.

— Eu disse que telefonaria... – defendi-me. Só havia passado um dia. Será que eu deveria ter telefonado antes? Erin estipulara três dias. Maldita Erin! – Sabe, sábado foi muito legal, obrigada.

— Hã hã – ele respondeu. – Desculpe, mas acabei de acordar. Não funciono muito bem de manhã cedo.

— Ah, eu também não – concordei, correndo para a Times Square -, mas tenho uma reunião, então pensei em ligar e... desculpa. Eu deveria ter telefonado mais tarde.

— Não, tudo bem – ele disse com outro bocejo imenso. Eu o imaginei acordando. O cabelo todo para o lado, marcas de travesseiro no rosto. – Você quer sair na quarta-feira? Quer ir ao MoMA?

— Parece ótimo – e respirei aliviada por ter dois dias para resolver meus questionamentos e descobrir o que era MoMA.

— Legal. Encontro você na frente na entrada principal. Às 15 horas?

— Perfeito, até lá.

E, em vez de procurar o prédio da Spencer Media, fiquei tentando adivinhar o que ele usava para dormir. Talvez estivesse andando nu em seu apartamento. Não era a melhor coisa a ser pensada agora. Ângela...

— Bom, Ângela – Mary avaliou, andando de um lado para o outro em seu escritório com as páginas do meu diário na mão -, para dizer a verdade, é bom. É rápido, é engraçado... bom, engraçadinho. E, se eu fosse uma leitora, estaria interessada no tipo de homem com quem está saindo. Você ainda está saindo com os dois?

— Sim – respondi, observando-a com ansiedade e procurando o café que me tinha sido oferecido quando entrei. – Estou, mas acho tudo isso um pouco estranho. Não sei. Talvez devesse sair só com um deles. Ou ir um pouco mais devagar, mas com um deles. Ou com os dois. Ou alguma coisa.

— Não acho – Mary discordou, sentando-se, finalmente, atrás de sua mesa. – Se você quer este blog, continue saindo. Precisamos dar apelidos a eles para que eles não nos processem. Vou chamá-los de Wall Street e Brooklyn. Eles são a sua história até que algo ou alguém aconteça.

— O.K. – acedi devagar. Eu realmente deveria ter relido o material depois que o nível de cafeína baixou, mas queria muito o trabalho. – Vou sair com Alex na quarta, mas não fiz planos com Tyler ainda.

— Faça – Mary chamou a secretária e me entregou um cartão de visita. – Você me manda a coluna por e-mail todos os dias até as 16 horas. Continue descrevendo em pormenores os lugares, foco nos detalhes. Queremos os leitores interessados em onde você está indo e no cara com quem você vai, mas não na sua vida sexual.

— Certo – assenti com a cabeça, enfaticamente. – Posso fazer isso.

— Então, você me manda o material por e-mail todo dia até as 16 horas. Tenho uma reunião com a equipe de marketing e a de editorial na quinta-feira e, se seu material continuar a chegar nesse padrão, mostro para a equipe na quinta.

— Obrigada – manifestei-me em total estado de choque. – Não vou desapontar você, Mary.

— É melhor não – ela preveniu, virando-se para o computador. – Esteja aqui às 16 horas na sexta-feira para analisarmos o andamento a história e falaremos sobre colocar As aventuras de Ângela no ar.

— As aventuras de Ângela – saí do escritório, sorrindo e dando um tchau meio desajeitado. – Até sexta-feira. Obrigada, Mary.

Lá fora, piscando sob a luz do sol, sem saber bem o que acontecera, tive certeza de que a reunião caminhara bem. Parada perto da assustadora placa gigantesca de neon da ToysRus, levei um minuto inteiro para entender o que era a vibração no meu quadril. Eu tinha colocado o celular no bolso depois de ligar para Alex. Há mais de uma semana não recebia uma mensagem de texto, tinha quase esquecido que elas existiam. Quem diria que isso poderia acontecer.

Oi. Reunião do almoço cancelada. Tenho reserva no Tao, pena desperdiçar. Abusa da minha conta corporativa comigo às 13 horas?

Era Tyler

Eu havia jurado que iria ao Empire State Builing hoje, mas agora existia outra coisa em que pensar além da minha agenda turística.

Minha coluna.

Mary tinha me dito para fazer planos com Tyler, não tinha? Ela estava, praticamente, me forçando a aceitar o convite. E eu já ouvira dizer que o Tao era incrível. Com a minha carreira e o estômago em mente, aceitei com um torpedo. Tentei não pensar na maratona da noite anterior. Mas não foi fácil. Enquanto passeava pelo centro, com tempo livre, continuei a repassar desenfreadamente os detalhes. As mãos suaves, o corpo rígido, o calor de seus beijos e como, naquelas poucas horas felizes, eu não tinha que ser ninguém. Eu era apenas parte do ato. Não precisava pensar nos acontecimentos desastrosos da Inglaterra nem nos problemas de sair com dois caras em New York. Nada além de mim e Tyler. Um alívio bem-vindo, uma liberação muito bem acolhida. Uma parte minúscula de mim estava bastante satisfeita porque eu me lembrava, pelo menos um pouco, do que fazer. Era como andar de bicicleta e sorri sozinha. Ah! Eu tinha que colocar isso no blog. Ou talvez não – nenhum detalhe pornô.

Às 13 horas, eu havia conseguido gastar 500 dólares em roupas íntimas na Saks da Fifth Avenue, estimulada pela deusa do sexo recém-despertada em mim. Nada muito picante, apenas sutiãs muito bonitos e calcinhas que combinavam. Cheguei ao Tao dez minutos antes da hora (olha só!) e fui levada para a mesa onde Tyler, sentado, mexia no seu BlackBerry. Será que eu conseguiria chegar antes de um homem em um encontro? Talvez atraso fosse uma das coisas novas em mim, pensei já sentindo o nervosismo de pós-coito no peito enquanto nos dávamos um beijo de oi. Nada sensual, só um beijo caloroso e firme nos lábios.

— Oi – ele disse, puxando a cadeira para mim. – Fez compras? – com a cabeça, ele apontou para as minhas sacolas gigantes. Então, ocorreu-me o que deveria parecer. Eu, praticamente, o devoro na rua; depois apareço para o almoço no dia seguinte com sacolas e mais sacolas de roupa íntima...

Que sem-vergonha!

— São presentes – eu disse.

Que mentirosa!

— Ah, está bom. Presentes – ele sorriu. – Como foi sua reunião? Você já é editora-chefe?

Grata por ele ter mudado de assunto para alguma coisa sobre a qual eu poderia falar sem ter que imaginá-lo quente, suado e nu, parei de me esconder atrás do meu cardápio e sacudi a cabeça dizendo que não.

— Foi tudo bem – expliquei. – Ela gostou do material que escrevi e me pediu para enviar 500 palavras por dia e estar lá na sexta-feira para outra reunião. Ainda não é certo. Nada de tão especial. Mesmo.

Era grande e muito especial.

— Você está brincando? – ele disse, colocando o cardápio na mesa. – É fantástico! Estamos comemorando oficialmente.

Então, sorri.

Eu gostava de Tyler.

Logo, eu estava no segundo copo de uma garrafa de Laurent Perrier às 13 horas, em plena tarde, e, gesticulando muito, fazia planos sobre a minha futura carreira.

— Quero dizer, eventualmente – esclareci, abrindo os braços e quase derrubando a garrafa da mão do garçom -, eu realmente gostaria de escrever. Só escrever, para revistas ou livros, tanto faz. Não necessariamente sobre coisas profundas e significativas, mas algo que alguém possa curtir. Algo que as pessoas possam ler por uma hora para relaxar e escapar de... sei la... de tudo aquilo de que precisam escapar.

Tyler concordou com um aceno de cabeça e tomou um gole de sua água. Ele não estava bebendo, tinha reuniões durante toda a tarde e quanto mais embriagada eu ficava, mais surpreendentemente sóbrio ele parecia. Do ocasional copo de vinho no jantar, eu tinha passado a bêbada quase todas as noites da semana e no meio de uma tarde de segunda-feira surpreendentemente rápido. Até agora, hoje, descobrira que em uma editora, uma deusa do sexo irresponsável e, aparentemente, um pouco extravagante na bebida.

— Assim que terminarmos aqui, acho que deveríamos fazer algo para realmente comemorar a ocasião – ele sugeriu – caso você não se lembre do almoço.

Olhei para o meu prato. Ainda cheio. Meu copo, completamente vazio.

Tyler pagou a conta e, antes que eu percebesse, estávamos saindo do restaurante, bonito e opulento, e íamos para a cidade.

— Para onde vamos? – perguntei, deixando Tyler pegar minha mão e me guiar pelas ruas movimentadas. O centro estava absolutamente cheio de gente.

— Ah, só existe um lugar – ele sorriu, fazendo-me parar em frente a uma loja grande na Fifth Avenue. Ah, meu Deus! Era a Tiffany – para pegar algo especial a fim de comemorar uma ocasião igualmente especial.

E ele me beijou gostoso para me lembrar de como eu estava pensando em sugerir que fossemos um pouco mais devagar. Mas não na frente da Tiffany, seria rude demais. Tyler me puxou pelas portas e fomos direto até os elevadores na parte de trás da loja. Desesperadamente, tentei ficar sóbria e absorver cada segundo. Um homem lindo, sem um limite que eu conhecesse no cartão de crédito, levou-me à Tiffany. Isso era algo para ser lembrado para sempre.

Tudo brilhava e reluzia quando passamos com pressa. Diamantes e rubis e safiras e todas as outras pedras preciosas, tudo brilhava sob a iluminação cuidadosamente planejada. Quando as portas do elevador fecharam, os diamantes piscaram adeus e começamos a subir. O elevador, implacável, abria a porta piso após piso para que eu visse as belíssimas jóias, bijuterias e tesouros, e nós continuávamos lá dentro. Comecei a achar que ele tinha me levado lá para usar o banheiro, o que, considerando o que eu havia bebido, não teria sido uma má idéia. Eventualmente, as portas abriram no andar de presentes e nós saímos. Tyler parecia saber exatamente para onde estava indo. Em silencio, ele sorria e me levava pela mão. Se eu não estivesse tão desesperada para ir ao banheiro e por alguma coisa embrulhada em uma pequena caixa azul, teria dito que ele estava sendo irritamente presunçoso. Além disso, não pude deixar de me perguntar como ele conhecia tão bem essa loja que parecia um labirinto de jóias.

— Aqui – Tyler indicou, parando defronte a uma vitrine. Dentro da tal vitrine, dezenas de objetos de prata esterlina, caixas para cartão de visita, abridores de carta, chaveiros e mais chaveiros e, finalmente, vi o que ele estava apontando: canetas de prata lindíssimas. – Qual delas você gosta?

Estarrecida com a surpresa e morrendo de vontade de fazer xixi, não sabia o que dizer. Não conseguia me lembrar de alguém ter feito algo tão querido para mim. Nem mesmo o pedido de casamento de Mark fora tão bem pensado, e ele (supostamente) o havia planejado por meses. "Quer casar comigo?" não soa tão especial quando a gente acabou de discutir um passeio de pônei em Sevilla com um cara por causa de cinco euros.

— Honestamente, você não deveria – murmurei, segurando o braço dele e, de repente, sentindo-me muito feminina. Quem sabe eles colocam algo no ar-condicionado para fazer com que a gente fique mais suscetível a gestos românticos...

— Mas eu quero – ele decidiu, mostrando uma delicada caneta esferográfica de prata para a vendedora – e eu vou. – A vendedora assentiu com a cabeça e pegou a caneta.

Desviei o olhar, sorrindo feliz, ligeiramente tonta. Eu poderia me acostumar a esse tipo de tratamento bem rapidinho, mas, antes disso, realmente tinha que falar com ele sobre ir mais devagar com o relacionamento. Não era justo aceitar presentes caros e jantares luxuosos quando eu ainda me sentia culpada por ter dormido com ele. Porém, não queria ofende-lo.

— Preciso dar um pulinho até o banheiro, rapidinho – sussurrei quando a vendedora apareceu com o meu lindo pacote de presente. Ah! A fita branca na sacola de papelão duro amarelo-claro fez meu coração bater mais forte.

Tyler balançou a cabeça e pegou a sacola de presente.

— Espero você lá fora. Tenho que dar alguns telefonemas.

O banheiro era tão bonito quanto eu esperava que fosse, mas estava tão desesperada que teria usado um buraco no chão. Ah, que alívio! Enquanto lavava as mãos, pensei sobre a situação com Tyler. Não sabia se eram os feromônios (eu estava convencida de que eram bombeados na Tiffany) ou, possivelmente, o champagne, mas me ocorreu que eu andava levando a coisa Tyler/Alex muito a sério. Jenny estava certa, nós estávamos apenas nos divertindo. Tyler me deu uma caneta, e não um anel de compromisso. Por outro lado, Alex e eu só tínhamos saído uma vez! Não era preciso dizer nada para Tyler agora, exceto muito obrigada. Eu seria uma louca se dispensasse um homem generoso (rico e lindo) como ele sem uma razão. Além disso, ele parecia muito à vontade na Tiffany, talvez comprasse um monte de presentes para suas amigas. Seria rude da minha parte fazer disso uma coisa complicada. Afinal, era só uma caneta. Resolvida a convidar Tyler para jantar na quinta à noite, fui ao seu encontro. Prometi a mim mesma que seria direta. Eu o convidaria para sair e, se ele me perguntasse se eu estava saindo com mais alguém, diria que sim. Só estávamos saindo juntos, só um pouquinho mais do que amigos. Amigos com benefícios. Eu havia lido sobre isso e me parecia certo.

Já com saudades, saí da Tifanny e procurei Tyler. Por alguma razão, o sol não o deixava vermelho, quente e suado como todos os outros, mas brilhava no cabelo dele, acentuava seu bronzeado. Ele era o cavalo de corrida de Kentucky Derby e eu, o burro da praia de Blackpool. Deprimente.

— Aí esta você – ele falou, entregando-me a sacola e dando-me um beijo no rosto. – Sinto muito, mas tenho que voltar para o escritório. Preciso resolver algumas coisas urgentes.

— Ah... Odeio quando isso acontece – comentei brincando. Era agora ou nunca. A hora de eu convidar um homem para sair pela primeira vez. – Você quer jantar comigo na quinta-feira? – perguntei insegura.

— Como? – ele indagou, pegando os óculos de sol, que pareciam muito caros, do bolso do paletó.

— Quinta à noite... – repeti mais devagar. – Você gostaria de jantar comigo?

— Ah... Não posso na quinta – ele respondeu, olhando em volta e procurando um táxi. Que tal quarta-feira?

— Não posso na quarta – eu disse, torcendo para que ele não me perguntasse por quê. – Amanhã?

— Que tal sábado? – ele sugeriu. – Minha semana está bem complicada. Nós poderíamos fazer um piquenique no parque. Pode estar meio cheio, mas sempre é divertido.

Antes que eu pudesse dizer sim ou não, ele me deu um beijinho no rosto (foi definitivamente só um beijinho), entrou em um táxi que estava andando um pouco mais devagar e fez sinal universalmente conhecido para "eu telefono". Dei adeus com a mão e fiquei olhando enquanto ele, já ao telefone, ia embora.

— Não acho que isso seja ruim – Jenny opinou com a boca cheia de lasanha. Eu tinha exigido que ficássemos em casa e cozinhássemos naquela noite, muito para o desgosto dela, mas minha amiga parecia estar gostando da refeição que "nós" tínhamos feito relativamente rápido. – Ele convidou para quarta-feira, você não podia. Cinco dias não é tanto tempo, especialmente porque vocês só começaram a sair juntos. Agora, curta a caneta!

Tinha me recusado a mostrar a caneta para Jenny antes de discutirmos as possíveis interpretações para o comportamento de Tyler. O convite para o almoço: bom. O passei na Tiffany: muito bom, sob todos os ângulos. A sugestão de um piquenique: querida, definitivamente um encontro, e não uma coisa de amigo. O adeus distraído provavelmente pensava no trabalho, e eu estava preocupada demais com isso.

— Eu só achei que... talvez... ele quisesse me ver antes do fim de semana – falei, dando de ombros e esticando a mussarela entre a faca e o garfo. – Depois de ontem à noite e tudo...

— O quê? Você é tão boa na cama que achou que ele não conseguiria esperar um pouco pela segunda vez? – Jenny sorriu, devorando a lasanha em seu prato.

— Tecnicamente, seria a quarta – mostrei a língua para ela e fui buscar a sacola da Tiffany que eu tinha escondido. – E não. Não acho. Eu... não sei. Talvez não tenha sido tão bom. Acho que estou bem enferrujada.

— Você não pode estar tão enferrujada! – Jenny gritou, e, rasgando o papel de seda que tirou da sacola, pegou uma linda corrente de ouro de estrela com um diamante em uma das pontas.

— Onde está a minha caneta? – engoli em seco, olhando para a corrente, não me atrevendo a tocá-la. – Será que roubei a sacola de alguém? Eu não estava tão bêbada!

— A caneta está aqui também – Jenny disse. Ouvi um barulho quando ela esvaziou a sacola no balcão. Estremeci quando vi a caneta. – Tem um bilhete. Leia!

Peguei o pedaço de papel e comecei a ler.

— EM VOZ ALTA! – Jenny exigiu, dando-me um tapa no braço.

— "Uma estrela brilhante para a minha estrela brilhante. Tyler" – li. Que romântico! Ele deve ter...

— Pare de pensar e comece a falar! – Jenny intimou, agarrando o bilhete.

— Ele deve ter comprado quando eu estava no banheiro – falei sem parar para respirar. Já não sabia o que pensar por causa da caneta, mas isso? – Não acredito que Tyler fez isso. Acho que vou telefonar para ele.

— Mande um torpedo – Jenny me encorajou ainda com o colar na mão. Tive medo de que, se eu pegasse, desaparecesse. – Você não deve exagerar. Só vai vê-lo sábado. Mande um torpedo. Curto e glamoroso. Algo como: "Obrigada, mal consigo esperar para que você desembrulhe o seu presente no sábado."

— Jenny! – exclamei ainda paralisada com o brilho do presente. – Não posso fazer isso. É demais. Vou dizer apenas obrigada ou algo assim.

Jenny fez outra careta, pegou o telefone da minha mão e correu para o banheiro.

— Jenny, sua chata, me dê a porcaria do telefone – gritei na porta.

Triunfante, Jenny saiu do banheiro e me entregou o telefone.

— O que você faria sem mim, querida?

— Diga que você não fez isso!

— Agora não é hora de ser recatada, benzinho – Jenny voltou para a sala andando casualmente e sentou no sofá, servindo-se de um pacote aberto de Doritos.

Eu não ousava olhar minhas mensagens enviadas, mas desde que já tinha sido feito...

Oi, amei meu presente, talvez eu tenha uma surpresa para você desembrulhar em breve, Beijos, Ângela.

Balancei a cabeça e Jenny, espiando por cima do sofá, deu uma risadinha.

— Honestamente, não é tão safadinha quanto pensei que seria – suspirei, colocando o telefone na mesa e empurrando Jenny para o lado no sofá.

Alimentada e parte ativa no romance, ela finalmente dormiu na frente da TV. Quando tive certeza de que ela estava realmente dormindo, levei a caneta, o colar e o bilhete para o meu quarto e os coloquei na cama. Foi a coisa mais doce que alguém já havia feito para mim. Tentei pensar em alguns dos melhores momentos de Mark e fiquei triste ao perceber que, em dez anos, além do pedido de casamento meia-boca, só conseguia me lembrar de alguns. Rosas na palestra que dei no primeiro dia dos namorados em que estávamos longe um do outro, flores em cada quarto da casa quando fomos morar juntos, plantar um girassol gigante no jardim da nossa casa nos nossos aniversários de namoro. Não demorou muito para que eu reconhecesse o tema e ainda menos tempo para perceber que ele não tinha plantado um girassol nos últimos três anos. Mark estava, provavelmente, muito ocupado plantando outra coisa. E, depois de descaradamente adorar os presentes de Tyler por quinze minutos, embrulhei-os cuidadosamente no papel de seda e os coloquei de volta na sacola. Então, deitei entre os lençóis com o mesmo cuidado e me permiti pensar, durante outros 15 desavergonhados minutos, em alguns dos outros presentes de Tyler.

CAPÍTULO 15

Há oficialmente um dia no meu blogue, era um pouco cedo para bloqueio criativo. Tinha tanta coisa para contar, o almoço de ontem com Tyler, o planejamento do segundo encontro com Alex, a descoberta do colar, tanta coisa, só que não sabia por onde começar. Eventualmente, desisti de escrever "a ligeira raposa marrom saltou sobre o cão preguiçoso" e me vesti. Mais feliz com minha maquiagem, conseguia até passar a sombra sem ter que ler as instruções de Razor. Não confiava o bastão do rímel no olho há dois dias e, há três, não saia com listras de blush no rosto. Sem mencionar o fato de que eu tinha colocado um legging muito justo com um vestido de malha da Twenty8Twelve sem me preocupar se o meu bumbum estava aparecendo ou não. As quatro paredes do apartamento não me inspiravam, então coloquei meu lap-top na minha bolsa (linda) e saí.

Murray Hill era o lugar perfeito para começar a andar sem rumo em Manhattan. No começo, só queria comprar mais café, porém, à medida que caminhava para longe, simplesmente não consegui parar e continuei andando. Os raios de sol atravessaram as ruas mais estreitas e iluminavam as avenidas. Em todo lugar, vi algo mundano, cotidiano e completamente emocionante. O escritório do cirurgião-dentista dr. Jeffrey Walker, a igreja episcopal na Fifth, a Korean Deli cheia de Wonder Bread, Milk Duds e Coca de baunilha. Eventualmente, cheguei à Bleecker Street, mas, em vez de continuar para a Houston e mergulhar (com meus cartões de crédito) no Soho, fui na direção do Village. As lojas ficaram menores e mais peculiares. Parei nos pet shop e me apaixonei por todos os filhotinhos de cachorro que vi. Dei uma olhada nas lojas de disco até que uns caras com camisas do Iggy and the Stooges atrás de um balcão ridiculamente alto me olharam com cara feia. Passei pelas drogarias Duane Reade, imaginando como alguém poderia querer se automedicar tanto. E, eventualmente, encontrei minha inspiração.

Uma loja da Marc by Marc Jacobs.

Minha bolsa foi atraída para a nave-mãe do outro lado da rua. Passei pela loja e olhei as roupas, acariciando-as com amor, surpresa ao ver tantas modelos trabalhando na loja. Consegui colocar um vertido estilo camisa de seda lindo de volta na arara antes de a minha bolsa me puxar diretamente para os acessórios e, praticamente, ronronar para as carteiras que combinavam com ela. Antes de saber o que eu estava fazendo, minha velha carteira estava sendo esvaziada no balcão, prostada diante das, claramente, suas superiores.

Do outro lado da rua, havia um pequeno playground, cheio de crianças e babás ridiculamente chiques e mães muitíssimo bem arrumadas com café e cupcakes da Magnolia Bakery. Sentei em um dos bancos e coloquei meu laptop em cima do tablado de xadrez de concreto. Comprei cupcakes também, mas estava determinada a guardá-los para comer à noite no apartamento com Vanessa e

Jenny. Bom, talvez só um. Hum... Delicioso. Eu nunca tinha comido um cupcake com mais cobertura do que o bolo antes de descobrir que escrever o blogue depois de comer um monte de açúcar era tão fácil quanto escrever depois de um monte de café. Digitei muito feliz, com a bolsa no colo, glacê em todo o rosto e os olhos completamente focados. As aventuras de Angela: presentes na Tiffany

Pronto. Um título tão bom quanto qualquer outro...

Quando voltei para casa de táxi, mandei o blogue por e-mail para Mary e ataquei outro cupcake (vergonhoso... mais um depois de ter comido dois enquanto escrevia), eram 15h50. Jenny e Vanessa iriam voltar juntas para casa para assistir ao America's Next top Model, mas não por algumas horas, então, muito feliz, instalei-me no sofá com uma caixa gigante de bolachas e a TV como companhia, e só levantei para atender ao telefone. Era a mãe de Jenny. Tomei nota do longo recado, cheio de detalhes desnecessários, sobre a viagem do pai dela ao médico da próstata, mas nada que preocupasse, ele estava bem. Falar com a mãe um pouco maníaca de Jenny me fez pensar na minha. Não que houvesse qualquer coisa vagamente maníaca com a minha mãe, ela era mais do que quimicamente equilibrada, mas gostava de entrar em detalhes sobre consultas com o médico. Eu tinha deixado uma mensagem de voz com meu novo número para ela, porém, mesmo que ela não precisasse falar comigo, meio que senti que não me importaria de falar com ela. Só para eu parar de pensar nisso. Só para dizer a ela que eu estava bem, que estava trabalhando e telefonaria de novo em uma semana ou duas. Se eu precisasse.

Ou ela poderia me telefonar...

Mês que vem, quem sabe.

Depois de um longo minuto...

Disquei.

Tocou.

— Alô.

Assustada, estiquei o braço e olhei para o telefone na minha não.

Não era a minha mãe.

Era o Mark.

Atrapalhada, procurei o botão, desliguei e joguei o aparelho no sofá. Que diabos ele estava fazendo na casa da minha mãe?

Sentei no canto do sofá e fiquei lá, balançando devagar para frente e para trás, incapaz de tirar os olhos do telefone para o caso de ele começar a tocar. Não queria pensar sobre isso, não poderia pensar sobre isso. Eu conseguia pensar, um pouco, sobre ele no passado, nós no passado, mas não me dispunha a ter que pensar nele agora e, definitivamente, não queria pensar sobre ele na casa da minha mãe.

Deitei no sofá, liguei a TV e terminei meu cupcake olhando para a tela. Recusei-me a pensar em outro coisa além de Super Sweet Sixteens, Cribs e se deveria ou não tomar um copo de Tila Tequila antes de Vanessa e Jenny chegarem.

Mesmo com a música do meu iPod abafando qualquer pensamento sobre Mark durante a noite, realmente não consegui dormir bem e, na manhã seguinte, isso estava bem claro. Nem mesmo o

Touche Éclat escondeu as olheiras escuras de não dormir direito. Ótimo, traumas reais adicionados ao emocional já bagunçado. Com olheiras ou não, eu estava animada para ir ao MoMa (Jenny, depois de um suspiro, tinha me explicado que era um museu de arte moderna). Uma das coisas que eu mais gostava de fazer nos fins de semana em que Mark tinha que "trabalhar" era passar horas na Tate Modern, em Londres. Olhava a galeria, e via as novas exposições e, às vezes, só sentava do lado de fora ou no hall de entrada e olhava as pessoas por horas. Fiquei ainda mais animada quando vi Alex esperando na entrada. Ele estava tão lindinho quanto na última vez que o tinha visto, mas ganhou pontos no meu caderninho por, aparentemente, ter pensado em pentear o cabelo.

— Oi – ele me deu o seu leve sorriso de sempre quando me aproximei.

Sem um pingo de preocupação com a opinião do público à nossa volta, ele me abraçou e me deu um beijo longo e preguiçoso. Uma delícia.

— Então, o que você tem feito? – ele perguntou. E, de mãos dadas,subimos a escada rolante que levava para as salas de exposição. – Alguma coisa que eu deva saber?

— Tive uma reunião na The Look – contei, não mencionando os "incidentes" com Tyler. Eu os guardei seguros entre as coisas que Alex não precisava saber por enquanto, o que queria dizer que eu não estava mentindo, simplesmente não estava compartilhando tudo. – Tenho outra reunião na sexta e, então, se tudo der certo, os textos serão publicados na web. A editora disse que realmente gostou do meu material.

— Mesmo? Que legal! Tenho certeza de que vai dar tudo muito certo.

— É, espero – acrecentei, apertando a mão dele na minha. – E você? Chegou a alguma grande decisão?

Ele sacudiu a cabeça e me puxou para outra escada rolante.

— Não. Mas amanhã tem ensaio da banda, faremos um show na sexta-feira. Não sei se vamos fazer muitos outros shows, você quer ir a esse?

— Adoraria – respondi, apavorada com a ideia de ser uma das fãs e emocionada com a ideia de, bom, ser uma das fãs. – Onde vai ser?

— No Music Hall of Willimsburg – nós subimos outra escada rolante. – Leve sua amiga, vai ser divertido.

— Legal – comentei. Mais uma escada rolante. – Acho que ela não tem planos.

Não tinha ideia dos planos de Jenny, mas, no que me dizia respeito, ela, agora, iria comigo no show do Alex.

-Nós vamos sair das escadas rolantes ou esse é algum tipo de arte de performance que eu deva saber? – perguntei quando, finalmente, pisamos em chão firme.

— Tem uma coisa que quero mostrar para você – Alex virou no canto do corredor, indo em direção a uma pintura pendurada, quase sozinha, logo na entrada. – Esta é a minha favorita em todo o mundo – ele indicou, parando a uma distância respeitosa da pintura.

Era pequena e, nela, uma menina de costas olhava para uma casa de fazenda de madeira, não muito longe. Mesmo ela estando de costas, era como se eu pudesse ver que ela chorava, incapaz de escapar da situação em que estava. Incapaz de ir embora, ainda que quisesse. Precisasse. Não havia outro lugar para onde ela pudesse ir.

— O mundo de Christina, Andrew Wyeth – li em voz alta para mim mesma. O quinto andar estava quase vazio e o silêncio era inebriante. Apertei a mão de Alex, ainda olhando para a pintura. Queria parar de olhar, mas não conseguia. Antes que eu soubesse o que estava acontecendo, lágrimas escorriam pelo meu rosto.

— É... – comecei. Mas não sabia bem o que dizer. Soltei a mão de Alex e dei meio passo para chegar mais perto. – É tão...

— Eu sei – ele disse, colocando as mãos nos meus ombros. – Quando me sinto preso ou confuso, ou apenas esqueço quem sou, venho aqui para me lembrar. Desculpe, achei que você iria gostar. A garota na pintura está paralisada e rasteja de volta para a casa, mas não sei... Parece que ela quer ir para longe dali e não voltar.

— Talvez ela não saiba o que quer – aventurei, olhando para a menina da casa da fazenda. – Fugir de... fugir para... É a mesma coisa.

Em pé, olhando para a pintura por um tempo que me pareceu ser para sempre. Eventualmente, e só depois de eu ter guardado cada centímetro dela na memória, nós nos afastamos em silêncio e fomos visitar o resto do museu.

Levei um tempo para relaxar, mas Alex foi o companheiro perfeito. Ele sabia tanto sobre o lugar que tive certeza de que ele morava no porão e, assim, o museu ocupou nossa tarde sem que sequer percebêssemos o tempo passar. Vimos tudo o que havia para ver, Monet, Pollock, Picasso, Gauguin, Van Gogh. Era como se toda a experiência de New York estivesse encapsulada em um único lugar. Quando percebi há quanto tempo andávamos sem um rumo certo, eu estava morrendo de sede.

— Vamos beber alguma coisa? – sugeri, tirando Alex de seu devaneio em frente a uma coleção de clássicos do design.

— Putz, que horas são? – ele perguntou mais para si do que para mim. – Temos que ir senão vamos chegar atrasados!

— Para onde vamos? – indaguei, deixando que ele me arrastasse impiedosamente pela Sixth Avenue enquanto fazia o possível para não bater nos turistas que ziguezagueavam nem as pessoas que saiam do trabalho. – Sério. Eu estou com muita sede. Será que podemos parar um segundo?

— Vamos pegar um táxi – ele disse, parecendo não me ouvir. – Será provavelmente mais rápido de carro – chamou um táxi, jogando-me dentro assim que o veículo parou.

Mas o tráfego estava quase tão lento quanto andar a pé com tantas pessoas na rua e, como o táxi avançava um centímetro de cada vez, Alex ficou ainda mais frustrado.

West 50th,49th,48th...

— Alex – falei, não muito educadamente. – Você vai me dizer para onde diabos estamos indo?

— Diabos? Que bonitinho – ele comentou. Sorriu pela primeira vez desde que saímos do museu. – Desculpe, queria fazer uma surpresa, mas temos que chegar lá antes de anoitecer.

— São só 19h30 – eu avisei, olhando para o relógio. Ainda estava claro. – Por que estamos com pressa?

— Porque temos que entrar na fila – ele respondeu, colocando a cabeça para fora da janela a fim de checar o tráfego.

As ruas passavam: 45th,44th,43rd...

— Fila para quê? Questionei, tentando não ser incrivelmente irritante, mas minha boca parecia a rasteira do Ghandi. – Por favor, vamos parar e beber alguma coisa!

— É uma surpresa – ele disse, apertando minha perna com a mão e olhando pela janela como se pudesse fazer o carro andar mais rápido. – Confie em mim, vou lhe dar uma dúzia de bebidas quando chegarmos lá.

E mais: 37th,36th,35th,34th...

— Obrigado, cara – Alex indicou, dando o dinheiro ao motorista. – Vamos descer aqui – ele me puxou para a rua, olhando para o relógio. – Perfeito. Agora, você queria uma bebida?

Balancei a cabeça dizendo que sim. Este não era bem o tratamento de princesa com o qual eu estava começando a me costumar com Tyler. Alex apontou para o carrinho na esquina que vendia pretzels e, graças a Deus, latas bem geladinhas de Pepsi. Lutei com o jeans justo para tirar um dólar do bolso, preocupada demais com a minha dose de cafeína açucarada para perceber onde estávamos.

— Você quer entrar agora? – Alex quis saber, olhando-me perplexo. Bebi a lata inteira em menos de um minuto. Admito que fiz isso mais para provar meu ponto de vista do que por qualquer outra coisa, pois beber líquidos com gás muito rápido me deixava enjoada. Tentei ignorar como ele estava lindo ali, sorrindo para mim em pé com os braços cruzados, enquanto eu tomava a Pepsi de uma vez só.

— Entrar onde? – perguntei depois de beber tudo e dar um suspiro dramático de satisfação.

Alex sacudiu a cabeça e apontou para cima.

— Honestamente, a gente tenta fazer algo romântico...

Olhei para cima, para a linha dos prédios no céu. Estávamos embaixo do edifício mais alto que já vira.

Era o Empire State Building.

Segurei o braço de Alex para não cair.

— Nós vamos lá em cima? – indaguei com um sorriso enorme no rosto

— Vamos – ele respondeu. – Se você ainda quiser. Você disse que queria subir, mas não sei se já fez.

— Ainda não – falei, sacudindo a cabeça e, agora com os pés firmes no chão, olhei para o céu sem nuvens. – Ainda não fui lá. E é tudo que eu queria fazer.

— Você tinha dito – ele sorriu e me deixou ficar parada olhando apesar de estarmos, claramente, atrapalhando todo mundo. Azar, era incrível. Eu só estava em New York há uma semana e meia e já tinha me tornado indiferente a tudo que não estivesse diretamente na minha frente. A cidade é o oposto de um Iceberg. O que você vê na superfície, o que está bem na sua frente todos os dias, é apenas um terço dela, o resto está lá em cima, no céu.

— E temos que estar lá no alto para ver o pôr do sol – Alex lembrou-me, levando-me. Finalmente, da esquina para a entrada.

Ficamos na fila lenta de centenas de turistas. Estranho, mas não me considerava turista. Não com Alex apertando minha mão cada vez que eu ficava em silêncio e olhava para fora das janelas. E permanecer na fila não é chato quando a gente é linda por meia hora. Quando chegamos lá em cima, eu me sentia desesperada por um pouco de ar e tinha esquecido por completo por que estava ali.

Alex me puxou para longe do monte de prateleiras de lembranças lindas na loja de presentes e fomos para o lado sul do deque de observação. Detive-me à porta por um segundo a fim de me preparar para ver tudo. E era verdadeiramente lindo, de parar o coração.

Depois de recuperar o fôlego e ter sido empurrada e atacada por meia dúzia de adolescentes do segundo grau, vi Alex espremido em uma posição privilegiada para ver o por do sol. Sem dizer uma palavra, puxou-me para perto dele e, atrás de mim, apoiou o queixo no meu ombro. Tremi e, de costas, me aconcheguei a ele. Eu não estava apropriadamente agasalhada para a altitude, mas, antes que pudesse ter um único arrepio de frio, Alex colocou sua jaqueta de couro surrado em meus ombros e me abraçou. A cidade pareceu suspirar lá embaixo, preparando-se para passar do dia à noite. As luzes começaram a acender, como uma onda a partir da ponta sul da ilha, conforme as pessoas faziam suas jornadas do trabalho para casa. Com os dedos, segurei a barra de metal e senti meu corpo se entregar. Ver aquilo tudo fez com que o que eu havia visto da janela do escritório da Mary e do meu quarto no The Union parecesse um brinquedo View-Master.

Fez toda a aventura em New York verdadeira.

— Não é lindo? – perguntei a Alex. – Como alguma coisa pode ser confusa e complicada quando isso é tão bonito?

— Tudo aqui em cima é lindo – Alex sussurrou, tocando meu cabelo com o nariz. – Parece irreal quando neva ou quando há uma tempestade. Parece uma pintura. Mas muito frio.

— Eu ia dizer que posso imaginar – disse com os olhos fixos na Estátua da Liberdade que parecia piscar para nós lá longe –, mas acho que não consigo.

— Bom, teremos que vir ver na próxima vez que nevar – ele respondeu.

Balancei a cabeça concordando feliz, ainda procurando no horizonte a confirmação de que tudo ficaria bem. E, então, percebi o que ele tinha dito.

— Mas não vou estar aqui quando nevar – falei tensa. – Tenho que ir para casa quando aquela porcaria do meu visto expirar.

— Você nunca sabe onde vai estar – Alex argumentou, colocando meu cabelo para o lado e beijando-me no pescoço para derreter a tensão. – Seis meses atrás, você sabia que estaria aqui agora?

— Eu não sabia que estaria aqui seis semanas atrás – reconheci, relaxando encostada nele de novo. – E não sei onde estarei daqui a seis semanas.

— Importa agora? – ele indagou. E, com os lábios quentes, traçou o caminho até meu ombro. – Aqui comigo, em casa em Londres, surfando em Honolulu?

Desta vez, todo meu corpo ficou tenso e balancei o cabelo para que ficasse no caminho de seus beijos.

— Posso perguntar uma coisa? – Alex disse, virando-me gentilmente de modo a ficar de frente para ele. Olhei além dele, evitando fitá-lo, mas concordei com um movimento da cabeça. – Por que você chorou quando viu a pintura?

— Ela desperta emoções – respondi, mas nem mesmo acreditei em mim mesma.

— É. É uma pintura de partir o coração, mas nunca vi ninguém ter a reação antes e vou lá sempre – ele comentou. Pisquei os olhos, passando os cílios no rosto dele. Ele parecia preocupado de verdade. – Você pode me contar as coisas, sabe? Não quero que você pense que não por causa

daquelas regras idiotas da sua amiga.

— Não é por causa disso – balancei a cabeça, recusando-me a chorar. Era para ser divertido, era o meu sonho. – É outra coisa, lá de casa. Como, por exemplo, o fato de eu não ter uma casa.

— Quer explicar melhor? – ele perguntou, colocando o que deveria ser uma mão reconfortante no meu ombro. Encolhi-me e, desvencilhei-me dele, virei para a cidade. "Lá vou eu de novo", pensei comigo, "a grande história do fim ruim do namoro." – Sou um convite muito bom apesar de ser um homem.

— Está bem. Vou contar tudo e, então, quando você parar de rir, pode ir embora – afirmei, apoiando-me na grade e respirando fundo.

Alex encostou-se na grade ao meu lado. E eu, olhando adiante sem parar para respirar, contei tudo a ele. Desta vez, não se tornou engraçado eu não aparentava ter sido corajosa, tudo parecia apenas triste. Achara que ficaria mais fácil falar sobre isso, e não mais difícil. Quando acabei de contar minha história encontrei coragem para olhar Alex. Ele não estava rindo, sequer sorria, apenas olhava para mim.

— Então você acha que é a única pessoa que tem uma história assustadora do fim do namoro? – ele perguntou, franzindo as sobrancelhas. – É natural ter passado, sabe? Mesmo que seja um passado recente. Sério, tanta gente acredita naquelas regras bobas. Eu odeio a ideia de que você pensou que não poderia me contar isso.

Olhei para ele, tentando pensar em algo a dizer em seguida.

— Não, não foi isso. Eu... eu acho que poderia ter contado a você. Se eu quisesse. Mas não quero mais ser aquela pessoa. Não acho que gostava muito dela e não quero ser aquela pessoa com você. Agora, aqui... – não disse "com você", mas queria ter dito. – Quando estou aqui, gosto da pessoa que sou.

— Gosto dela também – Alex disse, acariciando meu rosto e enxugando as lágrimas perdidas que tinham escapado por coisas ruins e reagiu, sabe?

— Sai da porcaria do meu país – insistiu, esfregando furiosamente as lágrimas teimosas. Por que elas não paravam? – Quanto mais penso sobre o caso, mais patético me parece. Não consigo acreditar que fiz isso.

— Talvez você não fizesse se acontecesse hoje – ele surgiu. – Talvez você não tivesse feito se acontecesse um dia antes. Quem sabe? E, enquanto nós estamos compartilhando, tenho uma história sobre "um fim de relacionamento patético" que bate a sua.

— Não acredito – declarei, esforçando-me para sorrir. – O que é mais trágico do que fugir?

— Sinceramente, não acho que você queira saber – Alex sorriu.

— Conte, Reid.

— O.k., já que estamos compartilhando, mas é melhor você saber que isso quebra todas as regras da sua amiga.

-Você não tem que me contar se não quiser – ponderei bem rápido.

Tive um pressentimento de que, apesar dos pesares, não queria ouvir a história dele.

— Você pegou seu namorado traindo você, certo? – ele perguntou.

Fiz que sim com a cabeça. – Eu peguei minha namorada me traindo também. Com o meu melhor

amigo. Na minha cama.

— Que mal... – comentei. Ele parecia tão triste. – Ninguém pode culpar você por ter ficado brabo com isso, não é verdade?

— Aparentemente, vinha acontecendo há meses – ele continuou. Foi a vez de ele olhar para os telhados. – De vez em quando, eles disseram.

Não preciso dizer que aceitei bem a situação.

— Bom, e o que foi que aconteceu? – tentei imaginar de que modo ele reagiria a ponto de o fazer se sentir tão mal. – Você bateu nele?

— Sim, mas isso ele mereceu – ele disse sem rodeios. – O idiota é que o que eles me fizeram não foi tão ruim quanto o que fiz para mim mesmo – ele suspirou fundo. – E só quero enfatizar que isso é o que eu estava fazendo, não é o que estou fazendo agora.

Com cautela, indiquei que entendi com um sinal de cabeça.

— Eles não ficaram juntos depois que descobri . Ela me disse que tinha sido um erro e queria voltar comigo, que poderíamos resolver isso, mas não consegui aceita-la de volta. Eu estava... sei lá... com o coração partido, acho, mas também tinha essa coisa de orgulho ferido, coisa de macho, sabe? Então, em vez de encontrar com ela e conversar como eu disse que faria, saí com os caras e fiquei com uma garota, então, por algumas horas, não tive que pensar sobre o que havia acontecido.

— Isso não é tão ruim assim – eu disse, tentando não ficar com ciúmes. Isto não era sobre mim. Fiquei imaginando como ela era... – Só uma coisa de revanche, não?

— Você terá que me deixar terminar, fica um pouco pior – ele tentou sorrir, mas não deu muito certo. – Depois daquela primeira noite, tornou-se cada vez mais fácil sair e ficar com uma garota diferente todas as noites, e simplesmente esquecer o resto. Convenci-me de que estava recuperando o tempo perdido, mas num ritmo muito rápido.

— Ah – não conseguia pensar em palavras específicas para colocar em uma frase. E ele não quis subir até o meu apartamento? "Isto não é sobre você!" Uma vozinha me falou. – Mas... para deixá-la com ciúmes certo?

— É, exceto que, em algum lugar ao longo de tudo, parei de sofre e me transformei em um filho da mãe total. E, sei que é um clichê, mas já bem roída. – De manhã, nada tinha mudado. Eu ainda era o cara que tinha sido traído, só que agora era um filho da mãe também.

— Mas por que continuou? Por que fez isso se não o fazia feliz? – perguntei. Mas minha imaginação estava chegando ao limite.

— Não sabia o que mais fazer – ele disse. – Então, percebi que um dia chegaria alguém que me faria querer parar. E conheci você.

— Ah – soltei a mão dele. Tudo era muito confuso. – Mas, quando eu o convidei para subir, você disse não... – ficava cada vez mais difícil não levar tudo isso para o lado pessoal.

— Eu sei – ele disse, pegando na minha mão de novo. – É que... quando nós começamos a conversar foi diferente. Normalmente, quando uma garota sabe que a gente faz parte de uma banda, começa a agir de forma diferente, e a coisa deixa de ser honesta. Ela só quer ficar com o cara da banda, o que eu percebo que soa totalmente pretencioso, mas é verdade. Mas você sabia e não mudou em nada. Eu era só eu. Não tinha que ser o cara da banda.

— Eu não disse que sairia com você só porque está numa banda – menti um pouquinho. Não achei que era a hora de entrar nas minhas fantasias de fã.

— E foi por isso que não subi com você – Alex explicou bem rápido. – Se tivesse subido, teria sido a mesma coisa de antes. Outra noite, outra garota. Eu me diverti muito com você. Pela primeira vez em um ano, queria ver alguém de novo. Acho que tenho que aprender a sair de novo, a estar com alguém por mais do que, você sabe, sexo.

Não sabia o que pensar. Parte de mim dizia que ele tinha sido machucado como eu, só havia reagido de uma maneira diferente. Mas a outra parte alertava, muito alto, que ele era problema. Seria uma boa ideia continuar saindo com alguém que tinha dormido com quase todo mundo em Manhattan? Não sabia o que pensar.

— Então, aquela garota no show disse a verdade? – perguntei, juntando os fatos.

— Não sei o que ela disse, mas provavelmente – ele admitiu.— Deus do céu. Não deveria ter contado nada disso para você. Mas... estávamos colocando as cartas na mesa. Queria que você soubesse que não sou perfeito. Eu realmente gosto de você. Realmente gosto de como me sinto quando estou com você e quero vê-la de novo, não importa quanto tempo você vai ficar em New York.

— Eu também gosto de você – falei devagar. – Mas, para ser honesta. Estou um pouco confusa.

Alex balançou a cabeça e olhou para baixo. Odiei me sentir daquele jeito. E detestei pensar que ele pudesse estar se sentindo da mesma maneira. Sem saber o que mais fazer, coloquei os braços em volta do seu pescoço e tirei a franja macia de seus olhos. Ele olhou para mim surpreso.

— Você não vai embora? – ele perguntou, chegando mais perto de mim.

— Cada pedacinho de mim está dizendo que eu deveria – revelei sem ter certeza de estar tomando a decisão certa. – Mas estou experimentando coisas novas, não estou?

Fechei os olhos e me entreguei. Nós nos beijamos por muito tempo mas não foi quente e sexy. Foi doce e terno, procurávamos alguma coisa. Duas pessoas buscando alguma coisa uma na outra, algo que tínhamos perdido e não sabíamos como encontrar.

— Podemos começar de novo? – Alex quis saber, segurando-me bem perto dele. E senti frio pela primeira vez em New York. – Podemos fazer de conta que nada disso aconteceu?

Balancei a cabeça concordando.

— Acho que sim.

Em pé, olhamos a cidade. O sol já tinha se escondido há muito tempo. A escuridão parecia um manto reconfortante sobre New York. O Empire State Building e o Chrysler Building, com as luzes recém-acesas, pareciam faróis gigantes que mantinham todos em segurança. Tão completamente diferente, sozinha e desafiadora, esta ilha mágica brilhava. Demos a volta na plataforma, Alex apontou seus marcos favoritos. Fiz comparações cômicas com Blackpool, na Inglaterra, que ele não entendeu muito bem. E, da maneira que vi a coisa, se uma cidade pode mudar tanto só porque o sol se pôs, talvez eu pudesse aprender a viver com algumas mudanças.

Capítulo 16

— Não me diga! – Jenny exclamou. – E você vai sair com ele de novo?

— Vou – respondi. Caminhávamos para o cinema na quinta à tarde.

Era a primeira vez que nos encontrávamos desde a confissão do Alex no Empire State, e eu precisava clarear meus pensamento. Além do mais, com uma temperatura de 37 graus, nosso apartamento, infelizmente, não tinha ar— condicionado. – Honestamente, tudo bem. As cartas estão na mesa agora e nós vamos começar de novo, sem bagagem, sem segredos, sem regras. Só um namoro agradável, simples e fácil.

— Não vai dar certo – Jenny declarou. – Sinto muito, querida, mas vocês sabem demais um sobre o outro. Estão completamente dependentes um do outro. É demais. Fique com o Tyler. Melhor ainda, vamos encontrar outro cara para substituir Alex por enquanto.

— Não vou ficar só com o Tyler – protestei. – E também não vou para de sair com o Alex. Gosto muito dele e, Jenny, sei que você também gostaria.

— Só acho que você esta tornando isso tudo muito difícil para você mesma – Jenny disse, enganchando o braço no meu quando atravessamos a rua. – Era para ser fácil e divertido, uma introdução ao jogo da sedução. De reprente, você esta ligando com um deus do sexo rico e um cara pobre viciado em sexo. Realmente, não entendo qual é a sua com Alex.

— Ele é lindinho, inteligente, engraçado, nós gostamos das mesmas coisas – fiz a lista. – Quando a franja dele cai nos olhos, tenho que me segurar para não passar a mão no cabelo dele, e, quando ele sorri, derreto. Simplesmente derreto.

— E o Tyler? – ela perguntou, sorrindo. – Ele não fez você derreter três vezes domingo à noite?

— Esta bem – assenti já vermelha. – Tyler é lindo. Ele é doce, é inteligente e me trata como uma princesa. Mas... ah... não estou ligada a ele da mesma maneira.

— Acho que você está ligada... – e balançou a cabeça veementemente. – Você está ligada a todo o caminho até a Tiffany. Eu levaria esse tipo de conexão mais a serio que o cabelo lindo de um homem, queridinha.

— Pare com isso – e ri. – Gosto do Tyler. Gosto de estar com ele, de verdade. Mas... quando estou sozinha, sempre penso no Alex.

— Ainda acho que você esta fazendo isso tudo muito difícil para você mesma – ela repetiu, apertando minha mão com força -, mas faça o que achar melhor querida. Esse cara, o Alex, parece ser sinônimo de problemas.

— Bom, você pode julgar por si mesma. Você trabalha amanha à noite?

Jenny sacudiu a cabeça.

— Não, tenho um encontro marcado, muito importante, com a TiVo para ver *America´s Next Top Model*. Tivemos que atender ao elenco de um filme novo para adolescentes a semana toda. Tenho trabalhado feito louca. Para garotos com 17 anos de idade, eles fazem alguns pedidos bem estranhos...

— E quero ouvir todos os detalhes – adorava ouvir as historias sorrateiras que Jenny contava sobre as celebridades que se hospedavam no hotel. – Mas você vai comigo até o Brooklyn ver o show de Alex.

— Em primeiro lugar, querida, não vou ao Brooklyn na minha primeira noite de folga em muito tempo de jeito nenhum – ela argumentou, enumerando as razões com os dedos da mão. – Em segundo lugar, os meus dias de paquerar músicos magricelos ficaram para trás, assim como usar jeans justo. E, em terceiro, não vou ser a vela de vocês dois. Não é saudável.

Com um sorriso doce, esperei um pouco.

-Brooklyn? Mesmo?

— Vou de metrô e pago todas as suas bebidas – prometi. – Quero muito que você conheça o Alex.

— Deus do céu... É melhor eu achar minhas botas – ela suspirou. – Você também vai pagar os doces hoje.

— Com prazer – aceitei, olhando para o Milk Duds, Raisanettes, Sour Worms, querendo saber qual, dentre tantos, experimentar.

Antes de ficar animada com a ideia de apresentar o Alex para a Jenny, tinha algo mais importante com que me preocupar: a reunião com Mary. Interpretei como um bom sinal a secretária dela me cumprimentar com um sorriso e (quase desmaiei) um café.

— Angela – Mary estava quase sorrindo com seus óculos de metal apoiados no cabelo grisalho incrivelmente brilhante. Tinha que me lembrar de perguntar que xampu ela usava. – Diga-me, por que você quer escrever para mim?

— Porque adoro escrever – respondi um pouco surpresa com o jeito de ela dizer oi.

— E? – Mary virou as costas para mim e olhos pela janela.

— Porque... – não sabia o que ela queria que eu dissesse – tenho algo a dizer?

— E o que é isso exatamente? Mary indagou, virando-se para mim. E, literalmente, se inclinou sobre a minha cadeira.

— Ainda não sei – fui honesta, embora não tenha sido a minha melhor resposta.

— Nem eu. Mas todos na reunião da equipe amaram o seu material. Gosto do que você escreve – Mary disse, sentando-se à sua mesa. – É engraçado. Faz com que eu goste de você e queira ler sobre você, mas não sei aonde quer chegar.

— Ah – e murchei na frente dela. – Para onde você quer que eu vá?

— Preciso que vá a algum lugar – Mary indicou, pegando um lápis e tamborilando com ele na mesa. – Vamos ver do que gostamos.

Ela tirou todo o material que eu tinha mandado de uma gaveta. O meu muito espirituoso e despretensioso diário estava coberto com rabiscos feitos com caneta vermelha, cheio de pontos de interrogação e anotações ilegíveis, e eu tinha certeza de que queriam dizer que era, mais ou menos, uma porcaria.

— Gosto de ver New York através de seus olhos – ela começou, pegando uma folha debaixo da pilha de papeis. – Gosto de como fala sobre o que está fazendo e descreve os lugares aonde vai, mas necessito de mais. Os leitores da The Look gostam de ler sobre New York e é ótimo ver a cidade sob um novo ângulo, mas o blogue todo não pode depender disso. Muitos leitores moram aqui e eles precisam de mais do que um guia de viagem.

— Certo – concordei, balançando a cabeça. Peguei um bloco e um lápis, começando a tomar nota. Eram rabiscos também. Há muito tempo eu não escrevia à mão em papel. – Definitivamente, posso trabalhar nisso.

— E os encontros... Estou meio confusa – Mary parou de bater com o lápis na mesa e me olhou atentamente. – No papel, não há muita disputa entre os dois caras, há?

— Não há? – perguntei. Esperava não ter deixado óbvio, em meu blogue, em que estava mais interessada. Tinha ate mesmo elaborado um pouco para tentar estimular certa controvérsia entre os meus potenciais "leitores".

— Deixe-me pensar – Mary começou a ler uma das folhas. – Wall Street realmente fez com que eu me sentisse uma princesa ontem à noite. O jeito como ele sempre abre a porta e puxa a cadeira para mim, a maneira como ele segura minha mão e age com se eu fosse a única pessoa no mundo quando estamos juntos. Eu simplesmente adoro ser tratada assim. É um mundo novo para mim.

— Mesmo? – deixei escapar, muito surpresa.

— Você sabe quantas das nossas leitoras estão procurando um banqueiro de Wall Street para fazer com que elas se sintam como uma princesa? Isso vale ouro para nós – Mary bateu com a folha de papel na mesa. – O cara do Brooklyn é uma reviravolta na historia no momento, querida. Uma distração, mas todo mundo sabe que esse tipo nunca vai chegar a lugar nenhum.

— Acho que você esta certa – sorri. Pelo menos eu tinha conseguido não deixar claro o quanto gostava do Alex.

— Um conselho da mulher, não da editora – Mary encostou na cadeira e sacudiu a cabeça. – Você acabou de sair de um longo relacionamento que terminou mal. Você precisa ser mimada, cortejada e transar um monte. Se quiser que o blogue dê certo, você precisa a sair. Pelo que me disse até agora, esse cara, o Alex, vai transar com você, mas ele pode complicar sua vida. Saia com outros caras. Mantenha o blogue divertido, mas, Angela, não é à toa que os chamamos de banqueiros de investimento.

— Acho que faz sentido no papel – reconheci. Tyler realmente tinha tudo a seu favor. Era ótimo na cama, generoso, lindo e, o mais importante, ele me contou que havia saído com um monte de garotas, mas ele não tinha dormido com todas com quem fizera contato visual no ultimo ano.

— A vida, muito raramente, é tão simples quanto parece no papel – Mary sorriu de novo. Dois sorrisos em uma reunião, Meu Deus! – Então, aqui está a proposta. O blogue As aventuras de Angela esta aceito. Vou colocar a introdução on-line quando atualizarmos o site hoje à noite e, depois, vamos publicar uma entrada por dia a partir de segunda— feira. Você continua mandando as

paginas todos os dias ate as 16 horas, e eu guardo alguns dias no banco de dados. Nós nos encontramos de novo em duas semanas para discutir como está indo.

— Mesmo?

— Mesmo.

Queria pular de alegria e dar um abraço nela, mas, apesar de seus conselhos sobre sair com homens, Mary não me parecia ser o tipo que dava abraços. Eu a imaginava como alguém do tipo que diria "que diabos você esta fazendo?" Então, resolvi guardar o abraço para Jenny.

— Planos para o fim de semana? – Mary perguntou quando me levantei para sair depois de termos discutido a maravilhosa questão das minhas despesas. Basicamente, ia pagar por tudo e me dar U$ 75 por cada dia do diário. Ela estava me pagando dinheiro de verdade para escrever. Olha só. – Ah! Além de clicar no seu próprio link mil vezes?

— Eu não faria isso – e fiquei vermelha. Eu teria inflamações nos tendões do dedo por movimento repetitivo até segunda-feira se isso ajudasse a manter o trabalho. – E, sim. Hoje à noite, vou ao show do Alex com uma amiga, e amanha vou ao Central Park com Tyler, um piquenique.

— Um piquenique no parque? – Mary levantou uma sobrancelha. – Continue assim e vamos ter que mudar esse blogue para um de noiva.

— Claro que não – discordei, sorrindo de leve. – Não é assim. Mesmo, não é.

— Jantar, teatro e Tiffany... – Mary disse sem rodeios. – Ele é bom de cama?

— Você me alertou para não colocar isso no bloque – empalideci.

— Eu disse. Agora estou lhe fazendo uma pergunta – ela me olhou nos olhos. Definitivamente, ela não gostava de abraços.

— Hã... sim – confirmei.

— Divirta-se no show hoje à noite, mas trate esse piquenique como se fosse pagar o seu aluguel – ela quase deu um terceiro sorriso, seria um recorde. – Angela, ele vale a pena.

— Angie, ele é lindo! – Jenny apertou minha mão com força no momento em que entramos no clube e Alex e sua banda já estavam no palco. Quando Jenny decidiu qual roupa não entrava em conflito com seu pânico de "tenho quase 30 anos", aprovou minha escolha de um vestido preto soltinho da Splendid e Keds, instruiu-me sobre como eu deveria deixar que tudo acontecesse com Alex hoje à noite e bebeu três dúzias de cervejas em um bar perto do metro, já passavam das 22 horas. Foi o horário em que chegamos ao show.

Apesar de estar sempre atrasada, ela não havia errado. Alex estava incrível no palco.

— O que acontece com caras em bandas? – Jenny perguntou, pegando duas cervejas no bar e me passando uma, com olhos grudados no palco. – Tinha me esquecido de como eles ficam mais lindos quando estão um metro acima da gente, mesmo que não sejam tão lindos. Lembro-me de quando os Chili Peppers se hospedaram no The Union. Que semana agitada...

— Acho que é uma coisa de paixão – deduzi, hipnotizada pela presença de Alex, todo suado, no palco. Vendo-o lá em cima, contorcendo-se sob as luzes quentes, fiquei feliz de não termos conversado com ele antes do show. Só queria olhá-lo por um tempo sem que ele soubesse. – É a coisa toda de eles serem tão apaixonados por algo que têm que escrever uma música para expressar isso. É o mesmo que acontece com artistas, escritores... Talvez não com quem toque bongô.

— E porque segurar uma guitarra faz com que pareçam lindos. Meu bem – Jenny suspirou, dançando ao som da música -, se ele consegue dedilhar seis cordas dessa maneira, imagine o que ele pode fazer com uma de você.

— Isso também – admiti. A ideia tinha me passado pela cabeça.

— Será que o baixista tem namorada?... – Jenny cutucou-me nas costelas e, com um sorriso maroto no rosto, me puxou para o meio do povo para dançar.

Foi um daqueles shows em que o som do contrabaixo é tão alto que a gente sente a música coordenar o nosso batimento cardíaco. Não havia nada a fazer a não ser bater palmas, cantar e dançar com a música. Com Jenny ao meu lado, eu não precisava me preocupar com o fato de algumas das paqueras de Alex estar no clube. Eu não poderia jurar que não tinha pensando sobre o que aconteceria se a loira de sábado à noite aparecesse de novo, especialmente agora que eu sabia a verdade, mas, dançando com Jenny, tive a sensação de que tudo estava bem. A banda, em seu auge, tocava uma música depois da outra. Ao ver esse show incrível, eu simplesmente não conseguia entender o que Alex tinha me contado sobre a banda se separar, sobre o coração deles simplesmente não estar mais lá. Eles pareciam tão sincronizados, tão elétricos, que a multidão empolgada e suada aceitava tudo que eles tocavam.

Não conseguia me lembrar da ultima vez que tinha dançado, muito menos em um show; só o sentir-me parte da multidão pulsante foi muito bom. E, depois de algumas cervejas e uma ótima companhia para dançar, eu estava me divertindo muito. Para alguém que disse que seus dias de shows haviam ficada para trás, Jenny parecia estar na ativa. Em uma questão de minutos, tinha um bando de caras em volta dela, como leões, mas ela continuou dançando comigo, indiferente. Depois de mais algumas músicas muito incríveis, Alex se despediu em meio a um frenesi estridente de gritos muito apreciativos de sua virilidade. E entendi como seria fácil para ele as garotas que eram... bom, fáceis.

— Quero conhece-lo – Jenny disse com a voz embriagada, segurando meu braço com força, mas ainda dançava. – Para onde ele foi? Para onde nós vamos? Exijo conhece-lo.

— Você vai – afirmei, meio bêbada também, mas fiquei um pouco mais sóbria quando percebi que uma de nós teria que encontrar o caminho de casa mais tarde e, claramente, não seria ela. – Alex disse que nos encontraria no bar depois do show. Você quer um pouco de água?

— Eu pego as bebidas – Jenny saiu em direção ao bar, deixando-me no meio de uma mar de pessoas quentes e suadas que ou se arrastavam para a saída ou, de olho uns nos outros, procuravam alguém com quem terminar a noite. Eu só esperava que ela voltasse do bar inteira. E sem mais cervejas.

— Oi, linda! – dois braços enroscaram-se em minha cintura e eu senti um corpo molhado encostar-se ao meu. – Você viu o show?

— Vi – confirmei, contorcendo-me para virar e olhar Alex. O rosto dele brilhava. O cabelo grudado na testa e a camiseta colada no corpo.

— Vocês estavam fantásticos.

— Nós estávamos, não estávamos? – ele disse, dando-me um beijo quente e pegajoso que tirou qualquer vestígio de maquiagem que pudesse ter sobrevivido ao show. – Cara, foi incrível. Foi o melhor show em meses.

— Não consigo acreditar que você quer desistir disso – comentei, arrumando o cabelo dele para trás. Seus olhos reluziam, ele parecia tão cheio de energia, tão vivo!

— Não quero falar sobre isso – ele sorriu, levantando-me do chão e rodopiando-me no ar. – Mas onde está essa sua amiga?

— No bar... Espero... – olhei para a massa de pessoas em torno dos dois barmen, que pareciam assediados. – E vou avisando que ela gostou do baixista.

— Bom, ele meio que prefere caras. Então, não acho que ela tenha muita chance – ele revelou, segurando-me firme pela cintura e fazendo-me rebolar até o bar, pendurado em mim.

Felizmente, Jenny estava no bar. Infelizmente, Jenny tinha visto algo que não deveria ter visto. Ela estava congelada em um banco com duas cervejas na sua frente e um monte de caras à sua volta, mas não estava falando ou paquerando. Ela não estava nem bebendo. Jenny olhava para alguém em pé perto da porta do outro lado do salão. Os olhos dela pareciam estar em chamas e ela mordia o lábio inferior com tanta força que tive certeza de que iria sangrar.

— Jenny! – chamei-a, soltando as mãos de Alex que me seguravam pela cintura e mantendo-o a uma distancia segura. – Jenny, você está bem?

— É o Jeff – ela indicou, apontando para um homem alto e loiro, em pé do outro lado do salão. A julgar pelo sorriso fácil e o jeito como estava rindo e brincando com os amigos, ele claramente não tinha visto Jenny. E, se tivesse visto, deveria ser um canalha muito cruel.

— Você conhece o Jeff? – Alex disse, passando por mim com o braço esticado para um aperto de mão. – Legal. Sou o Alex.

Jenny olhou fixo para ele.

— Você conhece o Jeff?

— Conheço – Alex respondeu ainda com o braço esticado. – Ele acabou de se mudar para o prédio onde moro, há uns três meses mais ou menos.

— Ele é solteiro? – Jenny perguntou.

Eu estava no meio dos dois e não sabia que resposta queria que Alex desse. Jenny parecia ter ficado sóbria rápida demais, o que não poderia ser uma coisa boa.

— Acho que sim – Alex disse, começando a abaixar o braço. Ele olhou para mim, mas eu não sabia o que dizer a ele com o olhar. – Pelo menos, nunca o vi com uma garota. Ate achei que ele fosse gay – ponderou.

Foi a melhor resposta que ele poderia ter dado. Jenny se animou um pouco, ainda com os olhos fixos em Jeff por cima do meu ombro. E, finalmente apertou a mão de Alex quando o homem atarrancado na cabine de som no meio da sala aumentou o volume da música.

— Eu sou Jenny. Sorriam – ela gritou, tirando uma foto de nós dois com o telefone. – E, se você não cuidar bem da Angie, vou usar esta foto para caçar e matar você.

Alex deu um passo para trás e balançou a cabeça.

— Parece justo – ele berrou. A musica ficava mais alta a cada segundo.

— Tenho que falar com ele – Jenny falou, descendo do banco e nos passando as duas cervejas. – Não posso simplesmente ficar sentada aqui e não ir lá dizer alguma coisa.

— Jenny – entrei na frente dela e a segurei nos ombros de leve. – Você tem certeza? A gente pode simplesmente ir a outro lugar – não sabia se conseguiria lidar com uma reprise da crise da semana passada, e, então, ela só o tinha visto por cinco minutos no hotel.

— Tudo bem – ela disse, empurrando suavemente os meus braços. – Estou em um bom lugar para fazer isso. Sou dona do meu passado. Só vou lá dizer, "oi, como vai você, sim, eu estou linda", e depois volto para cá. Então, nós podemos ir para casa e eu vou chorar até dormir.

— Muito divertido – Alex murmurou no meu ouvido.

— Jenny, não faça isso com você mesma – tentei, mas ela já tinha ido. — Não posso olhar – confessei, escondendo o rosto na camiseta verde e suada do Alex. – O que está acontecendo?

— Achei que nós poderíamos... – ele levantou meu queixo para me dar um beijo, mas eu o empurrei.

— O que está acontecendo com Jenny e Jeff? – eu perguntei o mais baixo que pude.

— Ah... Ela está falando, ele está falando, ele deu um beijo no rosto dela – Alex comentou.

— Ele deu um beijo nela? – gritei, virando o rosto para olhar. Jeff estava, realmente, dando um beijo no rosto de Jenny, e não era um beijinho rápido. Era um mal disfarçado "eu quero beijar você, mas não posso" beijo no rosto. Os lábios dele demoraram perto do rosto dela, tocaram o cabelo dela quando eles sussurravam um para o outro, olhando-se seriamente nos olhos, apertando os braços um do outro e, de maneira geral, não conseguiram disfarçar quanto gostavam um do outro. E a "nova namorada" do Jeff não estava por perto.

— Então, eles se conhecem? – Alex perguntou quando vimos Jenny se enrolar toda em torno do Jeff. – E... nossa! Esse cara não é gay.

— Por que você achou que ele era? – indaguei, virando o rosto antes de ficar vermelha só de olhar para Jenny e Jeff.

— Sei lá. Ele parece ser boa gente, tem um trabalho legal em design, apartamento grande e tudo – Alex deu de ombros -, mas nunca tem uma garota com ele e ele tem uma vibe, sabe como? E o cara anda bem vestido. Sempre.

— Bom, em caso de dúvida, fique com o estereótipo – sugeri, dando uma espiada. Jeff, certamente, não emitia nenhuma vibração gay naquele preciso momento. – Ele é o ex dela, mas ela não conseguiu esquece-lo.

— E se ela continuar agindo dessa maneira, definitivamente não vai conseguir – Alex tomou toda a sua cerveja e apontou com a garrafa. – Vai conseguir ficar em cima dele, ou quem sabe embaixo. Mas você teve uma reunião hoje, não teve? – Alex perguntou, voltando sua atenção inteiramente para mim. – Como foi?

— Ah, meu Deus, esqueci complemente! – bati com a mão na boca. – Meu blogue estará on-line à meia-noite!

— Como você pode esquecer algo assim? É fantástico! – Alex me deu um abraço de urso. Para um cara magrelo, seus músculos eram bem fortes. – Então, a partir da meia-noite, você é uma colunista publicada?

— A partir da meia-noite – concordei com a cabeça e olhei para o relógio. – Aliás, em dez minutos!

— Você sabe o que acho? – Alex chegou mais perto de mim, sua respiração fez cócegas no meu ouvido. – Acho que deveríamos sair daqui e ir dar uma olhada no seu blogue. No meu apartamento.

— E... – hesitei, todo o meu corpo tremendo com a antecipação – E a Jenny?

— Eu estava pensando em nós dois, mas se você gosta desse tipo de coisa... – aquele sorriso safado dele reapareceu. – Só dar uma olhada no blogue, palavra de escoteiro.

— Você nunca foi escoteiro – e dei um empurrão de brincadeira nele. – Não posso simplesmente deixar a Jenny aqui... – mas, naquele exato momento, não consegui vê-la. Ela não teria ido embora sem mim, teria? Era pra ela ser a minha vela!

— Oi, Angie!

Ela apareceu atrás de mim de mãos dadas com Jeff. O rosto dela brilhava. Jeff, atrás dela, com o olhar completamente embasbacado.

— Oi, cara – Alex cumprimentou Jeff.

— Oi – Jeff respondeu, saindo de seu transe por uma fração de segundo. – Grande show.

— Vocês nos dão licença um pouquinho? – peguei Jenny pelo braço e a levei na direção da porta. – O que você está fazendo?

— Ah, Angie – Jenny fez bico, toda melosa, abraçando-me com força. Como é que o perfume dela ainda estava tão gostoso? Tinha certeza de que o meu cheiro estava horrível. – é tão bom! Ele quer que eu vá até a casa dele para conversarmos. Ele disse que quer conversar sobre " as coisas". Não é bom?

— É ótimo – concordei, tirando os braços dela que estavam em volta do meu pescoço -, mas não seria melhor você fazer isso amanha quando estiver sóbria? Quando vocês dois estiverem sóbrios?

— Não, não, não, não! – quando Jenny balançou a cabeça, todo o corpo dela oscilou. – É agora, é o destino. Nosso destino é ficarmos juntos.

— Certo. Então você vai para a casa dele? – perguntei. – Mas nós não íamos para casa juntas?

— Ah.. é ... bom... – ela olhou para o bar. – Você sabe... Você está certa. Jeff pode voltar com a gente!

A ideia de dividir um taxi ate o nosso apartamento com os dois se amassando (na melhor das hipóteses) no banco de trás foi ainda mais assustadora do que o que aconteceria se eu fosse com eles para a casa do Alex.

— Vamos lá – suspirei, arrastando-a de volta para o bar. – Mas vamos até o apartamento do Alex e você vai tomar um café antes de ir para a casa do Jeff. Você quer se lembrar disso amanha de manha, não quer?

— Então, para a minha casa? – Alex quis saber, colocando o braço nos meus ombro, e Jenny caiu nos braços de Jeff. Eu tinha que admitir, os dois pareciam felizes juntos.

— Jenny e Jeff vão ver o site com a gente – balancei a cabeça.

— Acho que Jenny e Jeff poderiam ganhar dinheiro com um site próprio – Alex disse, puxando-me atrás dele enquanto eu conduzia Jenny. – Por que eles terminaram?

— É uma longa historia – respondi quando saímos para a rua. – E acho que nós já ouvimos historias suficientes por um bom tempo.

O prédio onde Alex e Jeff moravam ficava a apenas cinco minutos a pé, mas, por causa do meu nervosismo e da Jenny que, bêbada, tropeçava em seus próprios pés, demorou muito mais para chegarmos lá. Alex não estava brincando quando disse que Jeff morava em um belo edifício, o que não tinha me passado pela cabeça é que, por tabelinha, Alex também morava ali. Por edifício, entenda-se um imenso armazém convertido e, por apartamento, um loft no quinto andar com janelas enormes e vistas panorâmicas do rio.

— Nunca disse que era pobre – ele declarou, procurando no Google o site da The Look em um Mackbook. Jenny e Jeff finalmente saíram do elevador e apareceram na porta. Pelo jeito, recuperavam o tempo perdido de maneira rápida.

— Estou vendo – falei. O lugar era a cara do Alex. A arte original dos álbuns da banda em molduras nas paredes brancas, sofás de couro, uma enorme coleção de CDs ocupava praticamente uma parede inteira, e uma cozinha pequena parecia ser o lugar onde as caixas de takeaway vinham para morrer. – É lindo, Alex.

— Obrigado – ele disse, olhando para mim por cima do computador. – Meu irmão trabalha no mercado imobiliário; então, ele o achou. Compramos há alguns anos, quando os apartamentos aqui eram muito baratos. A pagina está carregando, venha ver.

Sentei no sofá ao seu lado e, espiando por trás do ombro dele, vi os diferentes elementos da pagina aparecerem. O banner principal da The Look, a barra de navegação... E, finalmente, a caixa de texto piscou.

— Jenny, venha ver! – gritei, segurando o braço de Alex. Foi surreal. – Não consigo acreditar!

— As aventuras de Angela. Angela, 26 anos, é a mais recente escritora do nosso glamoroso grupo de blogueiros. Leia tudo sobre suas aventuras em New York só aqui no TheLook.com... – Alex leu em voz alta.

— Pare! Pare! – gemi, sentindo orgulho, vergonha e medo. Tudo ao mesmo tempo. – Sério, você não precisa ler, nunca. Você... não precisa ler isso. Por favor...

— Vinte e seis, hã? Eu teria dito, no máximo, 25 – ele olhou para mim e sorriu. – Parece bem legal. Agora, posso ler ou não?

— Não... – resisti e estremeci quando ele começou a ler de qualquer maneira.

Jenny desgrudou de Jeff o tempo suficiente para que os dois viessem olhar a página.

— Estou tão orgulhosa de você, querida – ela disse, abraçando-me de novo. Não pude deixar de notar que o perfume dela tinha desaparecido, mas "o brilho" do Jeff estava nela toda. – Não fique com vergonha! Isso é ótimo!

— Eu não teria conseguido sem você e a Erin – agradeci, abraçando-a de novo. – Sei que não deveria estar com vergonha, mas é... tão publico. Só de pensar em tudo que escrevi no meu diário e, então, imaginar que vai estar em um site onde todo mundo pode ler – adicionei em silencio: onde Alex e Tyler podem ler.

— Todo mundo sabe que não devemos levar estas coisas a sério – Jenny disse, voltando para o sofá onde Jeff a esperava de braços abertos e... veja só...uma ereção. – Todo mundo vai achar que é ficção.

— Você acha? – perguntei a Alex, roendo a unha. Não roía as unhas desde quando Louisa fez com que eu usasse uma coisa com um gosto horrível, um mês antes do casamento.

— Acho. Ela está certa – Alex concordou, passando a mão que estava livre gentilmente nas minhas costas. – Além disso, o que importa o que estranhos leem?

— Estranhos... professores de escola, minha mãe – enumerei em voz alta. Mas, em silencio, pensava no comentário que Jenny tinha feito sobre guitarristas enquanto os dedos dele iam para cima e para baixo nas minhas costas. Estamos indo devagar, lembrei-me. Devagar. – Não são todos estranhos, são?

— Talvez não, mas quem conhece você saberá o que é real e o que não é – ele falou e, graças a Deus, virou de costas para mim. – Você quer que eu imprima?

— Não, seria muito brega – inicialmente recusei, tentando tirar os olhos da tela. – Por outro lado, talvez fosse bom. Só para o caso de eles tirarem amanha.

Alex riu, apertou o botão de imprimir e colocou o laptop na mesinha de café à nossa frente.

— Você acha que eles conseguirão chegar ate a casa do Jeff? – ele perguntou, olhando para Jenny e seu "ex", que se beijavam furiosamente. Era quase impossível saber qual perna do jeans pertencia a quem.

— Não sei... – parecia um acidente de carro. Eu não conseguia para de olhar, mas sabia que não deveria estar olhando. – A que distancia fica?

— Do outro lado do corredor – Alex ficou em pé e diminuiu as luzes. Eu não sabia se isso melhorava ou piorava as coisas. – Realmente espero que eles consigam chegar lá, esse sofá não aguenta muito mais.

Ele estendeu a mão que, de bom grado, peguei. Nossas opções eram sair da sala ou pegar pipoca e sentar para assistir a um filme pornô ao vivo. De verdade, as pessoas pagam um monte de dinheiro para ver o que estávamos vendo de graça. Querendo ou não.

— Acho melhor deixa-los à vontade – Alex me puxou delicadamente em direção a uma porta escura. – Não acho que vamos jogar cartas hoje à noite.

Atrás da porta escura, estava o quarto dele. Amarrotada, mas arrumada, a cama, um futon, era o centro do palco, e os complementos eram uma guitarra acústica, outro aparelho de som e um guarda-roupa sem portas cheio de camisetas desbotadas e jaquetas de couro. Escondido lá no canto, um terno. Acho que todo homem tem que ter um terno. No batente da janela baixa, velas, e notei que, sem exceção, nenhuma tinha sido acesa, então, ou Alex gastava muitas velas ou elas haviam sido colocadas para mim. Não tinha certeza se era demasiado doce, excessivamente suave ou uma potencial volta aos dias de sexo em série. Fiquei na porta enquanto ele ligou o som.

— pode ser que a gente não os veja daqui, mas também gostaria de não ouvi-los – ele pegou uma caixa de fósforos em cima de uma cômoda alta e fina ao lado da cama e passou a acender as velas. Comecei a achar que era... muito romântico.

— Eu também não – respondi. Meus olhos voltavam para cama de novo e de novo. Ao lado da cama que julguei ser onde Alex dormia, uma pilha enorme de livros, biografias, clássicos e coisas cultas mais novas. Será que ele realmente os lia ou eram apenas enfeites?

— Angela, não trouxe você aqui para... – Alex parou sem jeito ao lado da janela. Percebi que eu estava agarrada ao batente da porta como a uma boia salva-vidas. – Você pode entrar. Não vou atacá-la.

Ri baixinho de mim mesma, fui até a cama e acomodei-me no canto.

— Desculpe, eu sei. Eu deveria ir para casa – aleguei, olhando para os meus sapatos. Estavam sujos com alguma coisa preta depois do show. Mas tudo em que eu conseguia pensar era se tinha ou não visto todo o apartamento de Alex. – A Jenny está segura e tudo mais.

— Não quero que você vá para casa – Alex sentou ao meu lado no pé da cama. – Mas, se você quiser que eu chame um taxi, eu chamo. Ou você pode ficar, podemos conversar um pouco e prometo que vou manter as mãos onde você pode vê-las.

Ele parecia tão doce, tão sincero ao levantar as mãos com a palma para o alto. Como alguém que pulou para cima e para baixo no palco, se contorceu em torno da guitarra e se debateu com o pé do microfone tantas vezes que eu tinha certeza de que ele estava cheio de manchas roxas podia tornar-se tão doce, tão querido, em apenas algumas horas? Será que tudo isso era parte do ato? "Só há uma maneira de descobrir", pensei e peguei uma das mãos dele.

— Você terá que se encarregar de falar – avisei, deitando apoiada no cotovelo. – Estou realmente acabada.

— Sem problemas – ele disse, sorrindo, apertando minha mão e deitando de lado. – Consigo manter você ocupada a noite toda.

Dei risada.

— Você realmente falou isso? – perguntei, dando-lhe um tapa no ombro.

— Você sabe o que quero dizer – ele riu, esfregando o ombro com uma expressão de dor no rosto. – Você bate muito forte para uma garota.

— A gente tem que ser capaz de se defender quando está no quarto de caras melosos e escuta todo tipo de cantadas – sorri, relaxando um pouco. – Foi mal eu dizer isso. Desculpe.

— ok. Tudo bem – Alex fez uma careta. – Sabe, estou realmente fedido. Você se importa se eu tomar um banho rápido?

Sacudi a cabeça.

— Nem um pouco, mas não espere que eu esteja acordada quando você voltar.

— E não vou acordá-la – ele rolou na minha direção e me deu um beijo suave. – A menos que você queira.

Antes que eu pudesse descobrir o que eu mesma queria, ele saiu da cama e desapareceu pela porta.

— Não estou olhando, gente – Alex disse no escuro. – Continuem profanando o meu sofá.

Sorri e deitei na cama. Agora, tudo que eu tinha que fazer era descobrir o que eu faria quando Alex saísse do chuveiro, limpo, fresco, molhado e... Fechei os olhos por apenas um segundo, a luz das velas brilhava...

— Alguém deveria apaga-las – sugeri baixinho no quarto vazio

Quando abri os olhos, alguém as tinha apagado. Senti um corpo em cima de mim, respirava suavemente e, com carinho, colocava meu cabelo para trás, acordando-me gentilmente.

— Alex? – murmurei, sentindo lábios suaves e quentes e uma mão úmida tocar-me o pescoço nu. Abri os olhos piscando, mas estava escuro no quarto. A única luz vinha da cidade, um mundo lá longe atrás da janela.

— Desculpe – ele sussurrou. – Disse que não a acordaria, mas...

— Tudo bem – respondi sonolenta, mudando um pouco de posição para acomodar o peso do corpo dele. Seu cabelo úmido caiu no meu rosto enquanto nos beijávamos devagar com as mãos entrelaçadas acima da minha cabeça. Lentamente, comecei a acordar, e os beijos ficaram mais e mais fortes. E urgentes. Acidentalmente, puxei a toalha dele ao levantar as pernas quando nos viramos na cama e senti sua pele macia e quente depois do banho. No escuro, sem ver, parecia que o fato de ele ser magro era uma ilusão, pois senti os músculos nas costas dele moverem-se sob a pele quando ele deitou em cima de mim. Quando nossas pernas se abraçaram e minhas mãos se perderam em seus cabelos negros, a porta do quarto abriu e a luz iluminou a cama.

— Putz, desculpe – Jeff disse, propositadamente desviando o olhar. – Alex, cara, a Jenny vomitou no tapete. Você tem material de limpeza em algum lugar?

Cobri o rosto com as mãos, sem saber se ria ou chorava. Mesmo sem ter a intenção, na hora certa, Jenny cumpriu seu papel de vela.

— Ela está bem? – Alex saiu da cama e enrolou a toalha na cintura a caminho da sala. – Ela está no banheiro?

Adorei ele ter perguntado se ela estava bem antes mesmo de colocar a cueca, o que, tragicamente, ele fez em seguida.

— Hoje não, hein? – ele me deu um sorriso torto da porta. Balancei a cabeça e sorri para ele. "Droga, Jenny", pensei, "por que você tem que me fazer cumprir minha promessa?" Atravessando na ponta dos pés a bagunça fedida na sala, encontrei Jenny, que tinha se acomodado no banheiro, com o rosto em cima do vaso sanitário, ajoelhada sobre a camiseta suada do Alex.

— Ah Jenny... – suspirei. E, ajoelhada ao seu lado, tirei o cabelo do rosto dela num gesto nada romântico. – Você vai ficar bem?

Falar não estava dentro do que ela conseguia fazer, mas deu um jeito de acenar com a cabeça antes de começar a vomitar de novo. Quando as ânsias diminuíram, só uma a cada três minutos, ela ficou mais calma, então saí para pegar agua e encontrar a calça que ela não estava usando. Aparentemente, as coisas tinham ido bem longe com Jeff antes de todas as cervejas que ela havia tomado resolverem querer liberdade. Apesar de sermos muito amigas, eu ficaria muito mais feliz se ela estivesse usando uma calça ou, pelo menos, uma calcinha.

Na sala, Alex e Jeff, ambos seminus, esfregavam uma grande mancha aguada com spray de limpeza e panos improvisados. Sei que não seria bem a hora de dar gargalhada, mas não pude deixar de rir.

— Vocês dois estão bem? – perguntei e, na cozinha, enchi de agua um copo vazio que me pareceu limpo.

— Hã hã – Alex resmungou do chão. Ele não parecia bem. Jeff aparentava estar bem até uns dez minutos atrás, quando as coisas tinham dado terrivelmente errado. Sua camiseta estava manchada e a calça, como a de Jenny, não estava onde deveria estar. Dei a volta nos dois com o copo na mão e, com cuidado, peguei a calça jeans de Jenny. Satisfeita ao ver que tinha sido tirada antes de as cervejas revoltadas saírem, levei-a para o banheiro, onde Jenny tentava se levantar apoiada no boxe do chuveiro para lavar o rosto, mas sem muita sorte.

— Ei – disse, dando-lhe o copo de agua, que ela bebeu bem devagar. – Melhor?

— Caraca, que vergonha – ela gemeu, passando-me o copo e colocando as mãos na agua fria da torneira para, depois, passa-las no rosto. – Vomitei no Jeff.

— Isso não é tudo que você fez no Jeff, foi? – indaguei, limpando um pouco de vomito no ombro dela com um lenço de papel. – E o que foi que aconteceu lá?

Ela me deu um sorriso fraco, pálido.

— Nós vamos tentar de novo. Ele disse que sentiu minha falta – ela esfregou a mão nos olhos, ampliando o efeito "panda". – Ele disse que não houve ninguém desde que terminamos.

— Que legal! – comentei, dando a ela o copo de novo para que tomasse mais agua. – Isso é muito bom. Estou muito feliz por você.

— E veja só: se não tivéssemos vindo ao Brooklyn, eu não teria encontrado com ele – ela disse, suspirando, felizmente de costas para o espelho do banheiro. – E como teria sido estranho se você viesse aqui e o tivesse visto, mas não soubesse que ele era o meu Jeff? Muito estranho. É o destino.

— Talvez seja – concordei, sentando no assento fechado do vaso sanitário, mas puxando a descarga só para ter certeza. – Há definitivamente alguma coisa fazendo com que Alex não consiga fazer nada além de me deixar muito, mas muito excitada mesmo.

— Ah... Desculpe, amiga – Jenny tentou dar outro esboço de sorriso.

— Mas tudo bem – falei para mim mesma. – É melhor assim. Nós dissemos que iriamos devagar, e acho que estava começando a ir um pouco rápido demais. Além disso, tenho um encontro com Tyler amanha à tarde, e não acho que conseguiria ir se algo mais serio tivesse acontecido com Alex.

— Viu só? Você não está se divertindo. Era para você estar só curtindo a coisa toda – Jenny gemeu. – Por que eles tem que fazer tudo tão complicado?

— Vocês duas estão tendo algum tipo de reunião secreta ai dentro ou posso entrar para fazer xixi? Por favor... – Alex falou do outro lado da porta. Ajudei Jenny a andar e saímos piscando os olhos na direção da sala, que estava toda iluminada.

— Sinto muito – desculpei-me baixinho para Alex quando ele passou para o banheiro.

— Quanta luz! Não é legal... – Jenny, com as mãos nos olhos, tropeçou. Olhei para ela, para Jeff e para Alex. Em um grupo de quatro pessoas, era estranho ser a única vestida.

— Acho que a gente deveria ir – disse, olhando em volta a procura da minha bolsa e passando a custodia de Jenny para Jeff que, bem feliz, a segurou. Só podia ser amor ele conseguir sorrir para ela naquele estado. – A gente consegue um taxi aqui?

— Não é fácil a esta hora – Alex gritou do banheiro, ainda fazendo xixi – Tudo bem. Vocês podem ficar aqui se quiserem.

Olhei para Jenny apoiada no sofá e, enquanto Jeff, timidamente, dava tapinhas no ombro dela, ela acenou com a cabeça concordando. Deus sabe como eu não queria entrar em um taxi com a Jenny toda suja de vomito, e eram 2 horas da madrugada. Eu estava completamente exausta. Alex reapareceu e me deu duas camisetas.

— Vocês duas dormem no quarto, eu fico no sofá – ele sugeriu, dando-me um beijo no rosto e fazendo um sinal para Jeff sair.

— sim, claro – Jeff assentiu, passando Jenny de volta para mim. – Sinto muito pelo tapete, cara. Vou ver se acho alguém para limpar.

— Tchau – Jeff falou da porta para Jenny. – Ligo amanha.

Antes que Jenny pudesse responder, Alex fechou porta e, de braços cruzados, batia a ponta do pé no chão.

— Então, para a cama – anuí. Jenny, bêbada, pareceu entrar em um estado comatoso. Levei-a para o quarto, tirei a blusa preta de alças dela e a vesti com a camiseta dos Ramones do Alex. Ela engatinhou na cama ate quase chegar aos travesseiros e desmaiou.

— Sinto muito – disse novamente para Alex. – Não foi assim que eu havia imaginado a noite.

— Na próxima vez – ele comentou, puxando um travesseiro debaixo do sofá. – Você sabe o que dizem sobre os melhores planos.

"Eu só queria transar", pensei comigo.

— Você vai ficar bem ai com ela?

— Não sei, mas grito se ela tentar alguma coisa.

Capítulo 17

Na manhã seguinte, Jenny acordou cedo e, ainda meio bêbada, queria comer algo doce. Tentei convence-la de que a melhor coisa nessas horas é comer um sanduiche de bacon, mas ela não se convenceu.

Aliás, a sugestão provocou ânsia. Tentei não me olhar no espelho quando sai da cama, mas, acidentalmente, vi meu reflexo de relance e não consegui mais tirar os olhos. Eu não estava nada bonita. Meu cabelo, oleoso e armado depois do show, tinha formado um topete suado durante a noite. Manha maquiagem derretida tinha conseguido entrar em cada ruga e cada marca do travesseiro o meu rosto. Parecia dez anos mais velha e, ainda por cima, com um hálito de cachorro. Não era uma bia imagem para minha primeira manhã depois da noite em que nada aconteceu com o Alex.

— Pelo menos você não está como eu – Jenny resmungou ao meu lado, também infeliz com o reflexo no espelho antes de, de repente, curvar-se sobre a cama com mais ânsias, mas (felizmente) não vomitou.

— Isso é verdade – admiti, meio que a carregando para o banheiro.

— Obrigada — ela disse, apunhalando-me com o olhar. Sentada no vaso sanitário, ela tentava arrumar o cabelo, em qualquer tipo de estilo, mas não havia como.

Apesar do esforço de Jenny em me fazer desistir, não consegui simplesmente sair sem acordar Alex. Então, na ponta dos pés no tapete ainda úmido, fui até o sofá , onde ele, calmamente dormia. Ele estava exatamente como eu o havia deixado, exceto por algo extra em sua cueca.

— Ótimo! – Jenny disse da porta com risadinhas sufocadas. Ela me fez sinal de o.k. com as duas m=aos. Respondi, mostrando-lhe o dedo médio. Além do mais, não pude deixar de notar que não era nada que provocasse risadas.

— Alex – disse suavemente, mantendo uma distância ente nós para o meu hálito de cachorro não causasse problemas. Eu havia enxaguado a boca rapidamente no banheiro e tentado o velho truque da pasta de dente com o dedo. Mas não tinha dado muito certo.

— Hã? – ele abriu um olho. Parecia confuso. – Angela?

— Nós vamos embora gora – sussurrei e , com a mão, toquei bem leve o ombro dele, mantendo os olhos bem longe da área abaixo da cintura. – Eu e Jenny, nós estamos indo.

— Está bem – ele resmungou, virando de bruços.

— Vai doer – Jenny falou baixinho do outro lado da sala. Outro dedo médio pra ela quando

saímos do apartamento.

Com apenas algumas horas antes de encontrar Tyler no parque, eu tinha sérios reparos a fazer. Mandei Jenny para a cama com dois comprimidos de Advil, uma garrafa de agua e metade de tudo que encontrara na vitrine da padaria da esquina e me acomodei no banheiro. Pela primeira vez em muito tempo, enchi a mini banheira e me preparei pra ficar de molho. Precisava tirar todas as fantasias com Alex da cabeço e toda a baba de Jenny do cabelo. "Se eu tivesse mais tempo, cancelaria", foi o que pensei quando entrei na banheira pequena e relaxei. Não achava que eu era o tipo de garota que gosta de dramas, mas minha vida tinha sido tão chata por tanto tempo que, talvez, um pouco de drama fizesse bem. E, pelo menos, faria com que o blogue fosse muito mais interessante do que a minha velha vida: levantar, escrever um livro de 32 páginas sobre uma abelha que fala, comer alguns bolinhos de arroz com calorias controladas, esperar o meu namorado que estava transando com sua companheira de tênis voltar para casa e ir para a cama usando um pijama de abotoar que parecia ser de um homem idoso.

Num dado momento, saí da banheira. Lambuzei a pele com loção para o corpo, mas ainda tinha certeza de que conseguia sentir o cheiro do show em mim. Com um pouco de sorte, um agradável passeio no parque resolveria isso. Vesti um conjunto de short e blusa, enfeitei com o belo colar da Tiffany que eu ainda não tinha usado e comecei a sentir vontade de respirar ar fresco e tentar conversar com Tyler sem mencionar qualquer uma das minhas aventuras com Alex.

Como Tyler havia previsto, o Central Park estava cheio de gente, mas incrível.

— Como isso pode existir no meio da cidade? – quis saber maravilhada. À medida que nos aventurávamos mais e mais no parque, a cidade deu a impressão de desaparecer, deixando em seu lugar um oásis repleto de pessoas. Famílias, casais, grupos de amigos, todo tipo de pessoas que se possa imaginar estava lá.

— Você gostaria de ouvir a aula de história ou essa foi uma pergunta retorica? – Tyler perguntou. Ele estava carregando uma mochila grande e rezei para que estivesse cheia de comida. Eu havia passado tanto tempo me arrumando, passando gel para desinchar os olhos e vendo se a Jenny ainda estava respirando, que tinha me esquecido de comer. – E é ótimo. Dizem ser o pulmão da cidade.

— Posso ver o porquê – concordei. Saímos do caminho em que andávamos e fomos para um lugar ensolarado, relativamente isolado, perto de um lago grande, muito lindo. – É inacreditável que tudo isso tenha sido feito pelo homem.

— Vocês não tem parque com este em Londres? – ele indagou, colocando um cobertor no chão antes de me deixar sentar.

— Temos parques – eu disse — muitos parque. Mas isso aqui é impressionante. Londres é tipo pot-pourri, o que eu adoro, mas a ideia de que alguém sentou e disse "temos que ter um parque enorme no meio desta cidade planejada e organizada" é dez. E, o que eu acho mais incrível, ninguém teve autorização para construir aqui quando começou a faltar espaço. Não é o caso de Londres.

— Sinto muito – Tyler sorriu, abrindo a mochila e tirando uma garrafa de vinho tinto -, mas parei de prestar atenção quando você disse pot-pourri.

— Há há! – aceitei a taça de vinho e deixei que ela enchesse. Por favor, tomara que tenha um pouco de comida la dentro também... – Você faz com que eu me sinta tão inglesa...

— E isso é ruim. – ele se serviu do vinho e colocou a rolha de volta na garrafa. – Adoro quando

você diz coisas assim.

— Não, claro que não é uma coisa ruim – comentei. E onde estava a comida? – É que faz com que eu lembre de que não posso ficar aqui para sempre. O que é f...

— Eles não vão querer que você de volta se você começar a dizer coisas como "f..." – repreendeu-me Tyler de leve.

— Desculpe-me –sorri, protegendo os olhos do sol com a mão. – É uma vergonha que construtores mal)intencionados tenham autorização para construir onde a vegetação é tão bonita.

— Também acho – Tyler igualmente sorriu, dando-me um beijinho na ponta do nariz.

Deitei no cobertor e olhei para o céu sem nuvens. Aquele deveria ser o único lugar em toda Manhattan onde eu poderia olhar para cima e não ver arranha-céus. E me senti tão longe do mundo real.

— E além disso, a gente nunca sabe o que vai acontecer amanhã – observou Tyler deitado ao meu lado. Ele parecia tão solido e reconfortante... – Quem sabe onde a gente vai estar daqui a seis meses?

— Pode parecer estranho, mas você não é a primeira pessoa que me diz isso – revelei ao lembrar que Alex tinha me dito a mesma coisa, lá em cima, perto do céu. Tyler se inclinou e me beijou suavemente, o que me trouxe de volta para a terra num solavanco.

— Você vai ter que voltar um dia — ele considerou, tirando um saco de batatas fritas da mochila. Sério? Batatas fritas? Cheetos?

— Obrigada – francamente, eu teria comido qualquer coisa naquela hora, mas estava esperando algo com um pouco mais de classe. Ele era tão cheio de charme. –Tyler – virei de barriga para baixo e o vi comendo feliz-, você já ficou com o coração partido?

— Não há nada de que eu goste mais do que me esconder no parque com uma pacote de Cheetos – ele disse. – Você acha que isso é muito ruim?

— Não, mas você não respondeu a minha pergunta – insisti, jogando umas batatas fritas de queijo nele. O impressionante foi que ele pegou uma delas com a boca. – Você já sofreu por amor?

— Algumas garotas terminaram comigo, claro — ele falou pensativo, tomando um gole de vinho. – Mas não sei se posso dizer honestamente se já sofri por amor.

— É mesmo. – tentei beber o vinho, mas não combinava muito com os Cheetos. Isso colocava uma mancha na sua sofisticação, mas provava que ele era humano. – Acho que algumas pessoas têm sorte.

— Talvez— Tyler mexeu na mochila , tirou uma caixa dourada, lindamente embalada, e a entregou para mim. – Ou quem sabe eu tenho tido azar. É difícil ficar com o coração partido se o coração da gente não está envolvido.

Peguei a caixa e desfiz o laço. Ah! Graças a Deus. Chocolate. Brilhantes trufas artesanais. E muitas delas. Status de sofisticação recuperado, condição sobre-humana restaurada.

— Você nunca se apaixonou? – perguntei, pegando uma das trufas e colocando-a em sua boca. – Não acredito.

— Não sei quem sabe – ele se mostrou um pouco evasivo, pegando minha mão e beijando a ponta de meus dedos. – Porém posso dizer que nunca fiquei mal quando um relacionamento

terminou. Nunca saí do país por causa disso.

— Acho, quer dizer, tenho certeza de que, se você não sabe se estava apaixonado, então, provavelmente, não estava, — alegremente, aceitei o chocolate que ele segurava, tocando os dedos dele com os meus lábios. – Não acredito que várias mulheres não disputaram você a tapa.

— Talvez elas tenham se apaixonado por mim – ele deu os ombros. – Só não conheci ninguém que fizesse com que eu me sentisse assim, tão apaixonado.

— Então você é um destruidor de corações! – eu ri. Mas parecia improvável, ele era tão encantador. – Pobres garotas.

— Talvez eu esteja esperando a garota certa.

— E quem seria ela? – voltei para o vinho. Descia muito melhor com o chocolate do que com o Cheetos, tanto que eu tinha quase esquecido a fome. Virei e deitei de costas de novo no peito largo de Tyler.

— Ainda não sei – ele respondeu, acariciando meu cabelo. – Acho que ela seria inteligente e interessante, então teríamos muito que conversar. Não quero parecer superficial, mas ela teria de ser bonita. E me faria sorrir o tempo todo.

Inclinei a cabeço para trás e sorri para ele.

— Ela parece ser boa gente – não tinha percebido que minha taça já estava vazia de novo. Tyler a encheu.

— E eu gostaria de ter vontade de beijá-la toda vez que a visse – ele disse, esticando-se para me dar outro beijo. – Assim.

— Eu gosto dos seus critérios – falei, virando-me no cobertor para evitar beijos demais.

Depois do frenesi do show da noite passada, cuidar de Jenny, de ficar tão perto e, ao mesmo tempo, tão longe de Alex, era muito tranquilo estar ali. O dia estava lindo. O cheiro de grama fresca... E um homem atencioso e doce me dava chocolate na boca e beijos ardentes. Adorava como Tyler fazia eu me sentir como se tivesse que ser tratada com delicadeza, ser protegida. Fazia com que eu acreditasse nisso. Ficamos ali deitados juntos. Conversamos sobre nossa semana, bebemos vinho, comi chocolate e Tyler, seu Cheetos nojento, até que o vinho acabou.

— Eu sabia que deveria ter trazido duas garrafas — Tyler disse, sacudindo as últimas gotas na minha taça. – Ainda mais com você, uma pau-d'água...

— Quase não bebo – sem muita credibilidade, defendi-me. – De verdade, passo meses sem beber uma gota. Imagine só beber a maior parte de duas garrafas antes das três da tarde... Acho que é por que isso que estou me sentindo tão leve.

Era verdade. Minha cabeça estava agradavelmente confusa e eu, envolvida no mimo com que Tyler deliberadamente me rodeava.

— Então, você está apenas recuperando o tempo perdido — Tyler sorriu, colocando a garrafa vazia, as taças e os pacotes vazios de volta na mochila. Não deixou lixo. Que homem perfeito e encantador.

— Estou cansada – bocejei para ter o efeito desejado. – Fui dormir meio tarde ontem.

— Foi a algum lugar interessante? – ele perguntou.

— O show do Alex no Brooklyn – revelei, sem pensar.

— Alex? – não se tratava de uma acusação, mas era, definitivamente, uma pergunta.

— Ah, um dos amigos do namorado da Jenny – respondi bem rápido. Não era bem uma mentira. — E voltamos bem tarde para casa.

— Simplesmente não entendo a coisa toda de Brooklyn – Tyler sacudiu a cabeça sem dar continuação ao assunto Alex. Ufa! – O.K. Park Slope é agradável. Peter Luger é ótimo. Mas por que todo mundo acha que é tão legal ir até Willeamsburg para tomar cerveja? Não, muito obrigada.

— Foi legal – senti que deveria pelo menos tentar defender o lugar. Mas o vinho tinto começava a enfraquecer o meu processo de pensamento. – Todo muito muito boa gente.

— Exatamente – Tyler franziu as sobrancelhas. – Alguém precisa lembrar aqueles meninos ricos que se chamam de hipsters que a faculdade acabou muito tempo atrás. É hora de tirar as camisetas irônicas e para de ficar chapado. E como são justos aqueles jeans que eles usam! Será que eles não percebem que nunca vão ter filhos por causa disso?

Pensei em Alex com seu jeans justo e sua camiseta curta, e tive que sorrir. Ou, possivelmente, a meia garrafa de vinho tinha que sorrir, eu não estava inteiramente certa. Eu estava, entretanto, completamente bêbada.

— Você uma hipster disfarçada? Não me lembro de ter visto piercings.

— Sou mais o estilo tatuagens — ri quando ele tentou puxar a minha blusa. – Pare com isso, todo mundo vai ver!

— Tenho que encontrar essas tatuagens — ele disse, segurando meus pulsos acima da minha cabeço com uma mão e pesquisando com a outra. – Não consigo acreditar que não as vi na outra noite.

— Não tenho tatuagens — admiti sem folego, em parte porque estava rindo, mas também por causa do jeito como ele me segurava. Um sentimento familiar começou a surgir no meu estomago e se espalhou pelo corpo todo.

— Acho que tem — ele disse, olhando para mim em minha submissão. – Talvez eu não tenha visto porque estava muito seguro.

— Talvez – sussurrei, querendo que ele me pegasse no colo e me levasse para casa. Concluí que ele tinha cerca de dez segundos para sugerir que fôssemos embora antes que eu fizesse um escândalo em público e, por minha causa, acabássemos os dois presos.

— Vamos, — ele perguntou com os olhos brilhando e a voz rouca.

Concordei com a cabeça e deixei que ele me colocasse amis ou menos em pé. Senti o calor da mão dele nas costas quando atravessávamos o parque. Não queria apressá-lo, mas ele parecia estar andando mais devagar, arrastava-se pelo parque, fazia-me esperar. E eu não queria esperar. Apertei a mão dele suavemente, mas ele só respondeu o aperto e me deu um sorriso promissor.

— Você está com pressa? – Tyler me segurou quando eu andava rápido, quase a galope, para portão.

Eu não tinha uma resposta que não fizesse parecer totalmente sem-vergonha, então falei a verdade.

— Você não está? – perguntei.

— Bem colocado — ele respondeu, levantou o meu queixo e me deu um beijo forte. Senti

minhas pernas amolecerem, não havia mais nada no mudo além de mim e de Tyler e, dedos cruzados, o apartamento dele a menos de dez minutos.

Minha segunda visita ao apartamento de Tyler foi tão educativa quanto a primeira. Na imensa cama macia, olhando-o cochilar, acordei para o fato de há bastante tempo meu relacionamento com Mark estava morto. Eu não conseguia me lembrar da última vez que tínhamos transado durante o dia, mas, para dizer a verdade, foi como andar de bicicleta. Não que eu ande de bicicleta. E é incrível como a gente é flexível quando se concentra. Saí silenciosamente do quarto e, no caminho peguei minha calcinha e blusa para ir ao banheiro. Depois de fazer um rápido trabalho de reparação no rímel e pressionar uma toalha úmida e fria no queixo onde a barba dele havia roçado meu rosto, fiz o obrigatório "dar uma olhada no armário do banheiro".

A primeira coisa que notei é que, para um homem, ele tinha um monte de coisas. Foram meses de dicas e vários tutoriais do guia de moda masculino QG até que Mark começasse a usar o Nivea for Men pós-barba, e Tyler tinha mais produtos do que eu. Xampu, condicionador, máscara capilar, gel, mousse, cera, creme para olhos, esfoliador, sabonete para o rosto, hidratante com o protetor solar, creme para a noite com retinol. Não sabia se ficava intimidada ou impressionada, mas, então, lembrei como ele está sempre tão bem e resolvi aceitar. Talvez eu devesse aprender a usar algumas das coisas dele. Além dos cremes, géis, loções e porções, vi vários vidros de analgésicos, alguns diretamente das prateleiras, outros prescritos. "Qualquer um pode ter analgésicos", disse a mim mesma. Eu ainda tinha toneladas de Co-codamol de quando tirei meu dente siso. Bem atrás, na prateleira de cima encontrei um nécessaire preto. Dei uma olhada rápida para aporta do banheiro e o peguei. Não pude evitar. Se ele tivesse aqueles produtos de higiene pessoal em frasquinhos pequenos para viagem, eu me mudaria para lá. Mas não estava cheio de produtos masculinos. Era um kit do dia seguinte. Para uma mulher. Desodorante, uma escova de dente nova, removedor de maquiagem para os olhos e, Deus do céu, absorventes.

Coloquei o nécessaire no lugar e sentei na beirada da banheira. Então, ele realmente saía com um monte de garotas. Caí na real. De jeito nenhum eu poderia reclamar, pois estava saindo com outra pessoa e não tinha contado a ele. Talvez ele estivesse saindo com outras garotas também, mas não me sentia bem com isso. Sair com dois caras e dormir com os dois não parecia certo para mim. Quem sabe se estivesse dormindo com Alex eu me sentisse diferente, de uma forma ou outra.

Coloquei as mãos sob a água fria da torneira para esfria-las. Havia apenas um problema com essa teoria. Eu não tinha dormido com o Alex e, há muito tempo, eu, praticamente não transava. Mas com Tyler, o resto do mundo apenas desaparecia. Era totalmente inebriante, mas, em algum lugar dentro de mim, não parecia real, não parecia permanente. Muito provavelmente, Jenny diria que eu estava sabotando minha própria felicidade e tentava encontrar uma razão para não desfrutar de um relacionamento divertido simplesmente pelo que era.

— Angela. – Tyler disse, batendo suavemente na porta do banheiro. – Você está bem?

— Sim – olhei em volta em busca de inspiração. Como não encontrei nada... – Acho que estou um pouco queimada do sol, estava só me refrescando.

— Tenho uma loção em algum lugar — ele disse, espiando pela porta. – Quer que eu procure?

— Sim, por favor – respondi. Ele era tão maravilhoso. Então, qual o problema se ele estava saindo com outras garotas? Quando ele estava comigo, ficava só comigo.

— Deixe-me ver – ele pegou um vidro grande de loção pós sol do armário e colocou um pouco

nas mãos. – Onde? Você não está vermelha?

— Ah, nas costas – eu disse e, puxando a blusa, mostrei o ombro. Não estava vermelho porque estava queimado, mas foi a melhor mentira que consegui pensar. – Está bem ardido. Acho que o vermelho não apareceu ainda.

— Não quero passar isso na sua roupa – ele levantou as mãos com creme e olhou para amina blusa. – É melhor você tirar.

— Acho que sim – sorri, tentando não pensar sobre o que eu havia encontrado no armário. E não pensar ficou mais fácil quando ele, massageando a loção, deslizou as mãos frescas na minha pele quente.

— Melhor? – ele perguntou, esfregando suavemente minhas costas.

— Melhor – confirmei baixinho, sentindo suas mãos deslizarem até a minha calcinha. Com os polegares sob o elástico, ele a puxou de leve.

— Eu estava – ele sussurrou no meu ouvido com o peito nu colado nas minhas costas por causa da loção. – Se a s suas costas estão queimadas, é melhor você ficar em cima.

Ele era um homem muito, mas muito atencioso.

À tarde, seguiu-se o pôr do sol , que trouxe a noite. Não tínhamos nada para fazer além de ficarmos um com o outro. Depois de terminarmos no chão do banheiro, voltamos para o quarto para mais carinhos preguiçosos e cochilos e, eventualmente, na cozinha batizarmos a pia nova de granito. Algumas horas mais tarde, eu estava bem acomodada no sofá, com uma camisa vintage dos Yankees, comendo takeaway chinês. Aparentemente, ele achava bonitinho que eu chamasse de takeaway em vez de delivery. E adorava que fosse bonitinho. Condescendente, mas doce. Se tudo que eu fazia naturalmente era bonitinho para ele, isso seria muito fácil para mim.

— Há quanto tempo você mora aqui? – perguntei, olhando em volta para o apartamento com um design impecável. Tudo era de aço inoxidável, brilhante e novo. Exceto onde eu havia estado, é obvio.

— Hum... uns dois anos — ele pensou em voz alta a caminho da cozinha e, lá, vasculhou uma gaveta. – Por quê? Você não gosta?

— Adoro – respondi, desejando que ele não pegasse um abridor de garrafa. – Você fez o projeto?

— Como se eu tivesse tempo... – ele sacudiu a cabeça e pegou o abridor de garrafa. – Veio assim.

— Ah... – pronunciei e, fazendo uma careta, descansei o queixo no braço do sofá quadrado. O apartamento era lindo, um luxo, mas agora parecia impessoal. Gostaria de saber se todas as unidades no bloco tinham os mesmos quadros nas paredes.

— Você quer passar a noite? – Tyler perguntou, voltando da cozinha com a garrafa de vinho aberta. – Não tenho que estar em nenhum lugar amanhã de manhã.

— É tarde – e, com a mão, recusei o vinho. Já bebera o bastante por um dia. Para dizer a verdade, por uma semana. – Hum... mas eu não tenho nada comigo.

As palavras saíram da minha boca sem que eu percebesse. Esperei ele me oferecer o kit do dia seguinte, escondido no banheiro.

— Não dê risada – ele disse, sentado no sofá e tomando conta do controle remoto. Não fez diferença para mim, eu não conseguia fazer a maldita funcionar. – Mas tenho algumas coisas de

mulher. Eu não sei bem o quê. Minha mãe deixou aqui a última vez que me visitou.

— Sua mãe? – sorri porque ele ficou vermelho. – Agora, quem é bonitinho?

— Ela mora na Florida – ele acrescentou, apontando para uma foto pequena escondida em uma prateleira bem alta. A ninhada inteira.! – e, desde que meu pai morreu, tem me visitado um monte.

— Que legal! – comentei, acomodando-me no corpo dele. – Acho ótimo quando as pessoas se dão bem com os pais.

— Você se dá bem com os seus? – ele perguntou, mudando os canais.

— Não o tempo todo para ser honesta, mas você sabe, eles são meus pais. Eu os amo. Até a minha mãe.

— Acho que é mais difícil para as garotas e suas mães – ele apoiou o queixo na minha cabeça. – E aposto que você era uma criança muito travessa.

— Não! Deus do céu, o oposto – e ri só de pensar. – Em casa às 21 horas, sem namorados até os 16 anos, as melhores notas na escola. Acho que minha mãe tinha medo de que eu virasse uma bibliotecária solteirona ou algo assim.

— Quer que eu telefone para ela e conte que isso não é um problema? – ele indagou, escolhendo o canal de esportes. Se fosse o Mark com o futebol, eu teria reclamado, mas, se o Mark tivesse passado a tarde me dando orgasmos múltiplos, talvez eu fosse mais complacente com o sofrimento de Nottingham Forest.

— Não acho que ela precisa saber de todos os detalhes – dei-lhe um beijo rápido e fiquei de pé. – Mas vou ligar para a Jenny e dizer que não vou voltar.

Retornei ao quarto para procurar a minha bolsa e a encontrei segura ao lado da cama, embaixo do meu short.

— Oi, Jenny – principiei quando a secretaria eletrônica respondeu. – sou eu. Vou ficar aqui a noite, então...

— Oi, oi! – Jenny atendeu, sem folego. – Estou aqui.

— Oi – repeti. – Voce vai ficar tão orgulhosa. Vou ficar aqui na casa com o Tyler. Viu? Consigo fazer esta coisa sair com mais de uma cara.

— Ah... Tá bom.

— Você quer que eu volte para casa? – perguntei, torcendo para que ela não estivesse se sentindo abandonada. Eu ainda era nova nessa coisa de dividir o apartamento.

— Não, não – ela respondeu com a voz ligeiramente mais baixa. – Jeff está aqui. É só que... ele pode mencionar para o Alex que você não estava em casa ou coisa assim. E não sei se o Alex sabe de você e Tyler...

— M...! – não tinha pensado nessa possibilidade. – Não acho que ele saiba, não. E não quero que isso aconteça. Por favor, não diga nada.

— É claro que não – Jenny disse tranquila. – Vou dizer que você vai ficar na Erin ou algo assim porque queria que nós ficássemos sozinhos? Mas Jeff nos convidou para jantar amanhã, um pedido de desculpas por sexta à noite.

— Para pedir desculpas por você ter vomitado em todo o apartamento do Alex? – indaguei,

pensando sobre o fato de Jeff conhecer Alex, o que poderia tornar as coisas difíceis.

— Sim mamãe – Jenny falou. – tenho de ir , a pizza chegou. Alex já disse para o Jeff que vai, então é amanhã às 19 horas, certo? Tente estar vestida até lá. Amo você.

Desliguei o telefone e voltei para o meu lugar na sala.

— Tudo bem? – Tyler perguntou, puxando-me pra perto dele.

— Sim confirmei, voltando para baixo do seu braço. – Só cansada.

— Você quer ir para a cama? – ele acariciou meu cabelo distraidamente.

— estou bem— respondi. E descansei os olhos o suficiente para cair em um sono profundo no sofá, com o som do jogo de beisebol ecoando em meus ouvidos.

Capítulo 18

As aventuras de Angela: DACP – demonstração de afeto no Central Park.

Recém-chegada a New York, não tenho ideia que nível de indecência é considerado, digamos, decente no parque maravilhoso desta cidade tão linda.

Acabo de voltar de outro encontro incrível com Wall Street. Um piquenique muito romântico com vinho, trufas, Godiva e Cheetos (ninguém disse que ele era perfeito) e estou querendo saber se devo ou não esperar um policial (hum, um belo policial!) bater à minha porta. Obviamente, nada foi removido durante o episódio ao ar livre, mas o pior – a sensualidade das caricias e os níveis inacreditáveis de satisfação que forçamos os que estavam perto de nós suportar. Dignos de revolta, mesmo. Antes da extravagancia de meus encontros em New York, eu teria enfiado o saca-rolhas de Wall Street na testa de um casal tão terrivelmente satisfeito com eles mesmos como estávamos (Cheetos de lado), mas não quero matá–lo ainda. E também não quero parar de ser acariciada no parque.

Hum. Este será um assunto delicado.

Depois de discutir comigo mesma o conteúdo do meu diário por 20 minutos, eu simplesmente não conseguia decidir. E, em uma tentativa radical para parar de pensar, fiz algo drástico.

— Alô.

— Mãe? É Angela.

— Querida! Como vai você? – ela perguntou, parecendo bastante aliviada, como se estivesse com medo de que eu fosse a mulher da Avon que morava na casa 54. – Você vem para casa?

— Não, ainda não – respondi, andando de um lado para o outro no apartamento. – Estou bem. Ainda estou com a minha amiga e tenho trabalhado para uma revista. As coisas estão indo muito bem.

— Mas você volta para casa logo, certo, querida? – ela perguntou de novo. Eu podia vê-la olhar-se no espelho em cima do telefone com as sobrancelhas franzidas e, então, provavelmente brincar com uma mecha de cabelo enquanto olhava pela janela para o seu jardim impecável e ver o gato do vizinho fazer caca nos seus canteiros de flores.

— Não sei, mãe — tentei explicar, eventualmente parando perto da janela. – Está muito bom aqui. A coisa de escrever é muito legal. Estou escrevendo um diário on-line para o site de uma revista.

— Que ótimo, estou orgulhosa – ela comentou com o mesmo tom de desprezo que usou quando consegui o certificado de excelência no fim do Ensino Médio e o meu diploma. Que raiva – Mas, querida, você sabe, eu realmente gostaria que você me dissesse quando vai chegar. Você deve ter

uma data para seu voo. E o hotel deve custar uma fortuna.

— Mãe, eu já disse, estou morando com uma amiga. Não sei quando... Sabe de uma coisa? Não importa. Por que Mark estava na sua casa quando telefonei semana passada?

— Eu só não sei por que você não pode me dizer quando é o seu voo – ela continuou reclamando. Eu começava a me arrepender de ter telefonado.

— Não tenho uma reserva, por isso não sei quando será – repeti, pensando em como era diferente o que víamos pela janela. Eu via os taxis amarelos, o Chrysler Building e milhares de nova-iorquinos indo de lá para cá na cidade. De sua janela, minha mãe teria sorte se conseguisse ver o Clio na rua, o correio e o sr. Tucker que morava ao lado e eletrizava todos no bairro trabalhando no jardim sem camisa. Ele tinha 52 anos. – Por que o Mark atendeu ao telefone?

— Ele veio trazer algumas das suas coisas, Angela — senti que ela estava começando a ficar tão braba comigo quanto eu estava com ela. – Sei que ele fez uma coisa terrível com você, mas eu o conheço há muitos anos. Não posso simplesmente fazer de conta que ele não existe.

— Sim, pode – afirmei injuriada. Será que ela estava falando sério? – Você pode muito facilmente fazer de conta que ele não existe. E, no que diz respeito à nossa família, ele não existe.

— Só por que você preferiu fugir a enfrentar seus problemas não significa que eu posso fazer o mesmo – ela retrucou impaciente. – Encontro com a mãe do Mark toda semana no supermercado Tesco.

— Não fugi – argumentei. – Eu estou cuidando da minha vida.

— Se você tivesse ficado e conversado com o Mark, talvez percebesse como ele se sente mal sobre tudo isso. – ela continuou, ignorando completamente tudo o que eu havia dito. — Quem sabe você tivesse conseguido resolver as coisas. Não que eu esteja dizendo que você deveria, ele traiu você, eu sei.

— Ele quer resolver as coisas? – perguntei. A ideia sequer tinha me passado pela cabeça.

— Bom, talvez ele quisesse se você não tivesse fugido, não sei – ela disse, parecendo distraída. – Mas agora que ele levou aquela Katie para morar com ele, acho que vocês dois nunca mais vão se entender. Quem sabe se você telefonar para ele...

— Ele... Ele a levou para morar com ele? – questionei, interrompendo-a no meio da frase. – Na nossa casa?

— Bom, você desapareceu, querida — ela parecia estar me ouvindo de novo. – O que ele ia fazer? Não que eu esteja me desculpando por ele. Mark nunca deveria ter feito o que fez, mas ele explicou...

— Mãe, tenho que desligar. Vou sair – precisava interromper aquela conversa imediatamente. – Ligo assim que souber quando vou voltar para casa.

— Está certo, querida. Até logo – ela desligou o telefone antes de mim.

Saber de fato que Mark tinha levado aquela mulherzinha morar na minha casa foi demais para o meu cérebro processar, mas ajudou a colocar o problema do blogue em perspectiva. Sentei diante do laptop, bloqueei as imagens da diaba daquela filha da mãe com o meu avental da Cath Kidston cozinhando na minha adorada caçarola verde limão Le Creuset e mandei o blogue para Mary. Mark quem?

Quando Jenny chegou de sua sessão de domingo no spa da Rapture e certificou-se de tudo tinha sido esfoliado, limpo e hidratado de acordo com seus padrões altíssimos de estar pronta para o Jeff, fomos para o Broklyn. Eu estava nervosa e com razão, não tinha conversado com Alex sobre o nosso "encontro de casais" e não tinha gastado mais de 15 minutos para arrumar meu cabelo em algum tipo de estilo e colocar um pouco do rímel milagroso da MAC e lipgloss. Mas a minha bolsa (ainda incrível) de Marc Jacobs fez tudo ficar melhor. E me perguntei se poderia sair de pijama e ainda me sentir uma adulta se a levasse comigo. Jenny praticamente dançou até o trem L e não disse quase nem uma frase que não estivesse relacionada a Jeff.

— Então, tudo certo com Alex para hoje à noite? – ela perguntou, segurando minha mão e dançando um pouco quando atravessamos a rua até o metrô.

— Não sei – confessei. – Estava com Tyler hoje de manhã, você não acha que seria um pouco demais dormir com Alex hoje à noite? – e simplesmente dizer as palavras provocou arrepios em todo o meu corpo.

— Eu sabia que isso aconteceria – Jenny balançou a cabeça e passou o Metrocard dela na máquina. – Você não estava legal saindo com dois caras, nunca será capaz de dormir com os dois. Não ao mesmo tempo.

— Deus do céu, Jenny, não é um ménage à trois – e desci a escada atrás dela, sacudindo a cabeça. – E você não quis me dizer isso? De verdade, tudo bem sair com os dois. Eu gosto dos dois de maneiras diferentes, mas... não sei. Tyler é tão divertido, e Alex é ...bom... diferente.

— Você gosta mais dele do que do Tyler? – ela perguntou.

— É diferente com Alex. É difícil explicar. Gosto do jeito que ele faz com que eu me sinta sobre mim mesma. Com Tyler, é mais sobre como ele literalmente faz com que eu me sinta – tentei explicar sem ficar vermelha. – Já fez aquela experiência na escola em que você pega três flores brancas e coloca em um vaso com água e uma em um vaso com corante?

— Sim – Jenny concordou -, mas realmente não sei o que isso tem a ver com você sentir prazer com um banqueiro lindo.

— Pare com isso – sorri ironicamente e entrei no trem quando as portas abriram. – O.k. Não dê risada, mas a flor sem água murcha e morre, certo? E a flor na água abre e fica muito bonita, mas comum. Então, quando você coloca o corante...

— A flor fica colorida — ela terminou a frase para mim. – Ah, meu Deus, você é tão objetiva! Querida, sua primeira analogia. Estou tão orgulhosa de você!

— Obrigada. Sinto-me valorizada – declarei, dando um tapinha na coxa dela. – Sei que é brega, mas é a melhor coisa em que consegui pensar. Antes, eu estava morrendo sufocada, com Tyler é clássico e romântico, ele tem uma estrutura de vida que reconheço. Mas com Alex é divertido e emocionante, diferente. Não sei para onde está indo, tudo é muito novo.

— Divertido e emocionante é bom – Jenny ponderou pensativa, balançando a cabeça. – Mas, quando se está em um estado emocional delicado e você se sente querida, ou quando a gente só precisa sair e curtir, transar porque só dormiu com uma cara em toda a vida, mais uma vez como você, talvez o clássico e romântico seja o melhor.

— Talvez. Eu simplesmente não sei. E não sei quanto tempo continuar saindo com os dois. É estranho e não faz diferença se deveria ser estranho ou não. Mas sair com Tyler rira um pouco da

pressão do que está acontecendo com Alex. Não que haja alguma...

— Bom, que tal você dar uma chance para o Alex no quarto hoje à noite e decidir amanhã? – ela sorriu com ironia quando o trem diminuiu a marcha, chegávamos à nossa parada. – Mas quero que você saia da casa do Jeff... bom... assim que chegarmos lá.

— Então, as coisas estão indo bem... – devolvi o sorriso. – Estou bem feliz por você. E não vou dizer nada além de que estou feliz por estar dando certo.

— Como eu já disse – ela falou e, com um pulo, saiu do trem – é o destino. Às vezes, você tem que deixar toda aquela conversa de psicóloga de lado e fazer o que o coração manda.

— Jenny! – exclamei e, de braços dados, subimos a escada de forma bem rápida. – Acabo de perder todo o respeito que tinha por você.

— Eu sei — ela sorriu feliz. – Não é incrível?

A primeira coisa que eu gostaria de ter sabido antes de concordar em jantar na casa do Jeff é se ele era um péssimo cozinheiro. E ele é. A segunda coisa que eufemismo de fazer sexo oral com o garfo e os dedos um do outro. Tentei não olhar enquanto comia educadamente o macarrão e o purê que nos foi sido servido assim que entramos. Estávamos no apartamento há uns quinze minutos quando ficou perfeitamente claro que Alex e eu estávamos atrapalhando. Alex olhava para eles descaradamente e, às vezes, me cutucava com o joelho. Eu não conseguia nem olhar para Alex. Além do "oi" estranho e do beijinho que demos antes de nos mandarem sentar em nossas cadeiras rapidinho, nós realmente não tínhamos conversado. O "show" da Jenny e do Jeff deixava a atmosfera tão tensa que eu não sabia como me comportar. Senti-me como uma tia solteirona em uma orgia.

— Então, como foi o fim de semana? – Alex perguntou para mim e Jenny, quebrando a tensão do silêncio e enrolando o espaguete empapado no garfo. Reparei que os pratos eram todos diferentes. O apartamento era muito chique. Estilo Tyler. Mas parecia que Jeff não se preocupava muito com a limpeza ultimamente. Imaginei que ele tinha outras coisas em que pensar, muito possivelmente em outras partes de sua anatomia.

Jenny respondeu ao Alex com um gemido baixo quando a mão de Jeff desapareceu debaixo da mesa e eu tentei responder/distrair Alex do comportamento incrivelmente inadequado do outro lado da mesa.

— Foi legal. Escrevi – não era uma mentira, eu tinha escrito. – O que você fez?

— Eu também escrevi – Alex confirmou com um aceno de cabeça, olhando para frente. – Foi bom. Aliás, acho que escrevi algumas coisas bem legais.

Sorri educadamente e tentei pensar em algo para dizer que não fosse "pelo amor de Deus, coloquem as mãos de volta na mesa, é anti-higiênico". Mas nossos anfitriões foram mais rápidos do que eu, deixando os talheres na mesa, desistiram de qualquer pretensão de comer antes de passar para o prato principal: um ao outro. Eu poderia ter matado Jenny.

— Então Jeff – Alex começou, sendo muito corajoso em sua tentativa de atrair a atenção -, sua comida é muito ruim. O que deveria ser isso?

— Massa – Jeff, disse distraído com a massagem que Jenny fazia nos ombros dele. Eu não conseguia imaginar que atividade árdua ele poderia ter feito para que precisasse de uma massagem, certamente não a comida. – É só macarrão.

— Delicioso – Jenny tentou algum tipo de manobra erótica com uma garfada do macarrão que parecia uma papa, mas não deu muito certo.

Diferente do macarrão grudento que caiu no colo dela.

— Certo – Alex me deu um sorriso de lado -, bom. Totalmente compensa por sua namorada ter vomitado no meu apê.

— Quero saber qual é a sobremesa – Jenny perguntou e, saindo da cadeira onde estava sentada, sentou no colo de Jeff. Deus do céu, ela tinha vergonha.

— Sorvete – Jeff respirava pesadamente -, o seu favorito.

— Não estou com muita vontade de tomar soverte – Alex falou e, empurrando a cadeira para trás, ficou em pé para sair. – Mas tenho uma pizza deliciosa de ontem que está pedindo para ser comida lá em casa. Angela, interessada em uma fatia de pizza de pepperoni?

— Sim, sim estou – confirmei e, saindo da mesa, o segui – Obrigada Jeff, Jenny.

— Você já vai? – Jenny começou a falar alguma coisa sobre ficarmos para o café, mas seja lá o que for que Jeff disse no ouvido dela fez com que ambos soltassem gritinhos de prazer e um curto e grosso "tchau".

— Deus do céu, o que foi aquilo? – rindo, Alex fechou a porta do apartamento dele. – A sua amiga gosta de uma audiência ou algo assim?

— Eu gostaria de afirmar "não", mas o melhor que posso dizer é "espero que não" – respondi, chegando perto do sofá. Não parecia haver nenhuma mancha de vomito, porém sentei com cautela.

— Cerveja? – ele abriu sua geladeira enorme, equilibrando a pizza e as cervejas em um braço.

— Obrigada – peguei uma cerveja e sentei em silêncio, sem saber qual deveria ser meu próximo passo. O apartamento dele era o oposto do de Tyler, cada centímetro do loft de Alex era sua imagem. CDs espalhados cobriam todas as superfícies disponíveis, cadernos na mesa de café, e eu nunca estava a mais de um metro de distância de um lápis ou uma caneta mastigada.

— Sei lá. Acho legal que eles gostem tanto um do outro – ele se sentou e abriu a caixa da pizza. E, era verdade, a pizza de pepperoni datava, pelo menos, de ontem -, mas, quando Jeff me convidou para jantar, achei que seria para jantar.

— Eu também – concordei, aceitando a pizza contra o meu melhor bom senso. Até que estava bem boa – Pelo menos, fico tranquila quanto as minhas habilidades de anfitriã, caso eu tenha que retribuir o favor. Comparada ao Jeff, sou uma senhora cozinheira.

— Mesmo? – ele disse, inclinando-se para trás e olhando para mim. – Hum... aposto que é.

— E o que isso quer dizer? – perguntei. Será que essa era uma maneira nova-iorquina de me chamar de gorda?

— Nada – ele se defendeu, agitando um pedaço de pizza no ar. – só que eu acho que a gente pode dizer muito sobre uma pessoa pela maneira como ela cozinha. Não que Jeff estivesse preocupado com isso, mas pode-se dizer, pela comida ruim, que ele não se preocupa muito com as preliminares. Ele vai direto ao assunto.

— Pode ser – e sorri. Realmente, tinha que esquecer essa coisa de gorda. – Jenny não sabe cozinhar nada. É só takeaways e Starbucks. Ela e Jeff foram feitos um para o outro.

— O que você mais gosta de cozinhar? – ele quis saber, colocando o cotovelo no braço do sofá e

apoiando a cabeça na mão.

— Hum... – e fiquei pensativa. Eu não tinha um repertório particularmente amplo, mas senti que, no momento, precisava de uma boa resposta. – Tem um frango balinês que faço. A gente faz com pasta capim-limao e chiles secos, esfrega no frango e o cozinha muito lentamente envolto de uma folha de bananeira. Uma delícia.

— Viu o que eu quero dizer? – ele explicou, fechando os olhos, com um sorriso contagiante. – Bem temperado, aventureiro, demorado e lento. Diz muito sobre a pessoa.

— E você? – tinha consciência de que estava vermelha de vergonha da cabeça aos pés. Era o prato mais impressionante que sabia fazer, mas eu realmente não esperava não ter que fazê-lo sem o livro de receitas. E era uma receita bem complicadinha.

— Honestamente, sou um cozinheiro bem ruim – ele admitiu, tirando a cerveja da minha mão e chegando mais perto de mim. – Mas eu sou bom em outras coisas.

— E isso não estraga sua metáfora? – sussurrei quando ele veio pelo sofá e colocou os braços em ambos os lados do meu rosto.

— Eu só queria ver você corar.

Seus lábios eram suaves e firmes, mas os beijos eram duros e implacáveis. Em segundos, estávamos dando um show que deixaria até mesmo Jenny e Jeff com vergonha. O tecido áspero da calça jeans que ele estava usando raspou minhas coxas quando eu coloquei minhas pernas ao redor da cintura dele e o puxei para mais perto. O aperto no meu estomago migrou para o sul quando perdi as mãos no cabelo dele, os lábios em seu pescoço... Alex me puxou do sofá e me levou para o quarto. Não houve tempo para velas ou música baixa, apenas a cidade que, brilhando atrás de nós, iluminava a sua silhueta quando ele tirou a camisa e a jogou para o lado. Na frente da janela, entre beijos apaixonados, lidamos com cintos, fechos e botões, até que não havia mais nada entre nós além da nossa roupa de baixo. Eu, silenciosamente, agradeci a Jenny pela palestra sobre combinar calcinha e sutiã quando Alex suspirou e aprovou meu sutiã bacinete preto e a calcinha estilo francês.

— Por que eu sinto que isto estava para acontecer há muito tempo? – ele perguntou, deslizando a alça no meu ombro e substituindo-a por uma longa linha de beijos.

— Sei o que você quer dizer – murmurei, colocando um braço em volta do pescoço dele, obcecada em perder os dedos naquele cabelo grosso e preto, a outra mão de alguma forma foi parar em seu peito, na barriga, na cintura, no elástico da cueca de pugilista que ele estava usando. Minhas pernas começaram a tremer e eu só conseguia pensar em ir para a cama. Então, isso era o que eles queriam dizer quando falavam sobre os joelhos tremerem.

— Ei – ele falou suavemente. E, depois de colocar a alça do meu sutiã no lugar, segurou meu rosto entre as mãos. – Eu quero ir devagar, está bem?

— Você não quer ... – proferi confusa. – Pensei ... – ele tinha esperado até que eu estivesse quase nua com uma das mãos dentro da cueca dele para me dizer que queria ir devagar?

— Não – ele sacudiu a cabeça, sorrindo. – Quero dizer aqui e agora. Quero ser capaz de me lembrar de cada segundo.

— Ah, tudo bem... – sorri para ele e mordi meu lábio de baixo. Será que eu estava com tanta pressa que tinha me esquecido do romance? – Desculpe, achei que você...

— Não peça desculpas – Alex colocou meu cabelo para trás e beijou-me com ternura. A pele dele

brilhava contra a luz da janela quando seus olhos encontraram os meus – E pare de pensar tanto.

Ele me pegou pela mão e, levando-me até a cama, me deitou e me deu um monte de beijos no rosto, no pescoço, nos ombros. Eu o queria tanto que cada segundo que ele não estava dentro de mim parecia que eu iria explodir. Os beijos dele desceram pelo meu pescoço, por cima do meu sutiã, pela barriga e para baixo.

— Achei que você queria ir devagar... – comentei. Mas as palavras quase não saíram porque os lábios dele chegaram ao topo das minhas coxas.

— Eu deveria ter sido mais claro – ele disse, puxando a seda da minha calcinha para o lado. – Quis dizer devagar para mim. Mas acho que vai dar muito certo para você.

— Que bom que ficou claro – sussurrei, fechando os olhos e deixando acontecer.

Se Tyler tinha sido uma educação, Alex foi o despertar. A partir do momento em que deitamos na cama, durante todas as longas horas até o amanhecer, ele fez com que meu corpo passasse por passos próprios, levando-me até quase lá e em seguida trazendo-me de volta. Quando acordei, em um emaranhado de lençóis, pernas e braços, eu estava com a cabeça no pé da cama, tão exausta que não sabia se estava indo ou vindo. Mas eu tinha certeza absoluta de que, pelo menos nas últimas horas, havia gozado como nunca antes. Estiquei a perna e, enquanto sentia o chão com os dedos do pé, pensava em como separar-me de Alex sem acordá-lo. Não teria como. Quando ele sentiu que eu me mexia, entreabriu um olho. Sem palavras, sem qualquer tipo de comunicação verbal, puxou-me de volta para perto dele, e nós continuamos exatamente de onde havíamos parado.

Capítulo 19

Era segunda de manhã, mas, felizmente, Alex não tinha nada para fazer a não ser ficar na cama comigo. Ele não precisava deixar a empregada entrar, nem ir a lugar nenhum e, certamente não tinha que ir para o escritório. Cochilamos a manhã toda, acordávamos só para ir ao banheiro e, escapando de Alex, andei sem fazer barulho pelo apartamento. Sentada no banheiro, estava bem ciente do sorriso completamente estúpido que tinha no rosto. Eu simplesmente não sabia o que fazer comigo. De acordo com o que eu sabia sobre sexo, Tyler havia sido incrível na cama. Ele era, tecnicamente falando, um deus. Ele sabia que botões apertar, em que ordem e, mais importante, exatamente quando pressioná-los. Mas Alex... tinha sido tão intenso... Eu me senti nua, exposta, como se ele ti vesse me desmontado por completo e depois colocado os pedaços juntos de novo em uma versão nova e melhorada. Incrível.

Depois de enxaguar a boca, lavar o rosto e remover o rímel borrado, atravessei a sala na ponta dos pés, mas parei para dar uma olhada no celular a caminho do quarto. Tinha uma mensagem de Jenny perguntando se eu estava bem, uma mensagem de Erin dizendo que ela tinha visto o blogue (o blogue! Eu tinha me esquecido de que já estava on-line) e uma mensagem de Tyler, perguntando se eu queria jantar amanhã à noite. Empoleirada no braço do sofá, fiquei parada na sala por um tempo. E, olhando para a porta do quarto de Alex, pensei com meus botões. Será que eu queria jantar à noite? Eu gostava de Tyler, ele era um cara legal, mas Alex era completamente diferente. Com uma mensagem curta, aceitei. De qualquer maneira, tinha que ver Tyler para ou me encontrar ou terminar com ele. E precisava pensar no blogue. Tudo daria certo. Mandei mensagens para Jenny e Erin e corri de volta para o quarto, para os braços de Alex.

Duas indulgentes horas mais tarde, eu, relutante, fui para o chuveiro a fim de poder, então, ir para casa e trabalhar no blogue. Ouvi Alex cantar na cozinha enquanto eu me ensaboava e sorri. Era um mundo muito diferente de tudo que eu conhecia, e gostei. Sem um kit da manhã seguinte, fiz o melhor que pude. Prendi o cabelo molhado, passei lipgloss e rímel e, realmente, não precisava de blush. Colocar meu vestido foi como colocar um ponto final na frase. Eu realmente tinha que ir para casa. Não tinha outra calcinha, de modo que ir para casa era a única opção.

Alex fazia café, café de verdade, de camiseta e short, quando apareci. Parecia tão errado eu ter acabado de passar 20 minutos para me tornar apresentável e ele lá tão bonito, tão sexy como sempre, apesar das marcas do travesseiro no rosto e do cabelo despenteado.

— Então, você sabe como usar a cozinha — falei, aceitando a caneca com café preto fumegante e sentando no sofá. Eu sabia que tinha que ir embora, mas minhas pernas estavam determinadas a não cooperar.

— Vivo de café quando estamos gravando — ele sentou ao meu lado. – Desculpe se está meio forte. Café, eu sei fazer, mas sempre me esqueço de comprar leite.

— Não se preocupe, está bom – menti. Parecia tinta. – O que você vai fazer hoje?

Ele deu de ombros.

— Acho que vou tentar escrever um pouco. Escrevi umas coisas legais ontem.

— Você escreve aqui? – perguntei, tentando fazer o café girar na xícara. O "café" mal se mexia.

— É... bom, a música – ele mostrou com a cabeça a guitarra acústica encostada na parede. – Normalmente, escrevo a música com ela, depois levo para a banda e nós trabalhamos juntos. As letras escrevo em qualquer lugar. Quando penso nelas.

— Deve ser legal ser capaz de fazer isso – balancei a cabeça em reverência. – Não consigo me imaginar sentada com uma guitarra fazendo uma música.

— É o que a gente faz quando escreve – ele sorri tranquilo e empurrou uma mecha do meu cabelo úmido para trás da orelha. Era mais de meio-dia e estava tão quente que meu cabelo estava quase seco. – É só escrever aquilo em que pensa.

— Creio que sim – comentei, encostando o rosto na mão dele. Teria sido tão fácil apenas ficar com ele.

— Tem certeza de que você precisa ir? – ele perguntou baixinho, seus olhos brilhavam e sua voz, mais rouca.

Não. Não. Não. Não. Não. Não. Não.

— Sim — suspirei. Inclinei-me para um beijo macio e promissor e, em seguida, sente, de novo. — Realmente, não posso me atrasar. Tenho que mandar o blogue até às 16 horas.

— Não consigo imaginar sobre o que você vai escrever... — ele disse, sorrindo. — E se a minha mãe ler?

— Pare com isso! — fiquei vermelha e levantei. — Não estou escrevendo pornografia, é um diário sobre as minhas experiências. De qualquer maneira, sai on-line com quatro dias de atraso.

— Não me diga que não foi uma experiência — ele mexeu na barra do meu vestido com o pé. — E por que tão atrasado? Para que eles possam editar e tirar todas as coisas boas?

— Não, é só o que eles fazem caso eu tique doente ou algo assim — peguei minha bolsa. Eu queria me afundar naquele sofá ao lado dele mais do que qualquer coisa. — Então, você vai ter que esperar até a semana que vem para ver o que vou escrever.

— Não estou muito preocupado — ele declarou, ficando em pé e acompanhando-me até a porta. — Não acho que a alguém tenha alguma razão para se queixar.

Ele me puxou para um longo beijo de adeus, fazendo-me deixar cair a minha bolsa tão linda. Homem mau.

— Ligo para você mais tarde – ele abriu a porta e eu saí bem devagar.

— Legal – concordei, cruzando o batente da porta para o corredor. Uau, como isso era difícil. – Falo com você depois, então.

— Certo – ele se inclinou para mais um beijo antes de eu me virar e ir para o elevador.

Dei uma olhada rápida para trás, para Alex encostado no batente de porta. Balancei a cabeça e,

fazendo um esforço sobrenatural, entrei no elevador quando as portas abriram e apertei o botão T. Eu, definitivamente, merecia um prêmio por ter saído, em especial sendo a primeira vez e tudo mais.

Estava tão envolvida com Alex que sequer me ocorreu ficar orgulhosa quando entrei no metrô e mudei de trem na Union Square em direção ao norte para a Grand Central. Minha primeira jornada de metrô não planejada, e só olhei o mapa uma vez.

Jenny já estava em casa quando entrei apressada pela porta com café bebível em uma mão e a chave na outra.

— Oi – ela disse, levantando do sofá quando passei voando pela sala. – Tudo bem?

— Tenho que mandar um blogue – falei a caminho do meu quarto. Apesar de a noite ter sido muito boa, eu ainda estava um pouco chateada com o show de uma só mulher que ela tinha dado. – Meia hora?

— Tá bom, mas depois quero todos os detalhes – ela gritou da sala.

Olhei para a tela do meu laptop que, brilhando impaciente, queria que eu contasse a ela todos os fatos, mais ou menos como uma iJenny. Mas não consegui. Tinha sido tão fácil, praticamente catártico, escrever sobre as coisas com Tyler, mas agora era diferente. Eu queria proteger aquilo. Em vez de contar em detalhes cada nova posição, cada nova sensação, coloquei 200 palavras em As aventuras de Ângela: quando a gente pode quebrar "As regras"? Escrevi sobre Jenny e Jeff reatarem, sobre aceitar um convite feito com menos de dois dias de antecedência e sobre como era difícil seguir aquelas regras estúpidas. Quem as inventou? Elas não pareciam ter funcionado para ninguém que eu conhecia. Erin trocava de marido como se trocasse os sapatos Manolos da temporada passada e Jenny traiu seu ex, mas conseguiu voltar com ele. Isso não estava em "As regras".

Parei de digitar e descansei. Tinha tanta coisa para dizer sobre Alex, mas elas simplesmente não se colocavam em palavras. Não era como se eu estivesse negando a existência de Alex, só não queria entrar em detalhes ainda. Ou mencionar que tinha passado a noite com ele. Ou o sexo mais incrível do mundo. Queria manter isso para mim um pouco mais.

Bom, eu estava pronta para compartilhar com Jenny. E Erin. E o gerente do Scotties Diner.

— Que foi que aconteceu com o plano de vida da Jenny? Achei que ela estava tomando todas as grandes decisões por você — Erin perguntou, bebendo um gole de água gelada -, como ela faz com todo mundo, quer queiram ou não.

— Ela não tem ajudado muito desde que voltou com Jeff — esclareci, sacudindo a cabeça ao ver o sorriso bobo no rosto de Jenny. — Ela não tem feito nada além de ficar feliz, até onde eu sei.

— E daí? — Jenny sorriu, mastigando sem parar. — Minha cabeça esta em outro lugar. Mas... e você sabe que eu gosto do Alex... acho que você está indo rápido demais, cedo demais, você deveria estar se divertindo. Você está solteira há o quê? Duas semanas?

— Só duas semanas? — acho que deveria ser, mas, para min era como se estivesse em New York há séculos. — Parece ser desde sempre.

— Mais uma razão para continuar vendo esse cara, o Tyler – Erin disse, pegando um pedacinho de uma batatinha. – Se você vai se apaixonar por Alex, que nós já sabemos que dormiu com a parte das mulheres de Manhattan, você precisa manter uma parte sua distante. Continuar saindo com Tyler pode ajudar a aliviar a pressão.

— Pelo jeito, Jenny já contou tudo a você – deduzi, dando a Jenny "o olhar". – Mas ele não tinha

que ter me contado sobre o passado dele. Ele poderia ter apenas. Você sabe...

— Ter usado você? Só brincando de advogado do diabo — Jenny levantou as mãos. – E isso é tudo que vou fazer. Mas como você sabe que ele não a está usando? Alex e Tyler têm consciência de que você precisa voltar para casa mais cedo ou mais tarde. Como você sabe que, para eles, não se trata de uma aventura totalmente inofensiva e eles não estão saindo com outras 17 mulheres ao mesmo tempo? Só acho que você deve esperar um pouco antes de se envolver.

— Ela está certa, e você sabe que odeio dizer isso — Erin sorriu a contragosto. — Mas o que vai acontecer se você se deixar envolver totalmente com Alex e, depois, voltar para a Inglaterra e nunca mais ouvir falar dele?

— Sei disso, estou apenas me divertindo — menti muito mal. Mas não queria pensar sobre Alex estar me usando e, certamente, não queria pensar em ir para casa. — E eles poderiam dizer a mesma coisa. Eles poderiam alegar que os estou usando.

— Bom, querida. Você meio que está.

Sacudi a cabeça indicando que não.

— Não, eu... Bem, não estou.

Um silêncio constrangedor.

— O.K. Quem sabe o Tyler...

— Então — Erin limpou as mãos em um guardanapo -, você tem dois meses e meio, a menos que peça um visto de trabalho agora. Você veio aqui para ficar longe do seu ex e organizar a vida, resolver o que queria fazer. Você já fez isso?

— Não sei – confessei. — E isso é muito ruim?

— Não – Erin sorriu. – Mas você não deveria se preocupar em ter um relacionamento com nenhum dos dois antes de resolver isso.

— Eu sei. Só que é muito mais difícil do que achei que seria. Quando estou com vocês duas, é fácil estar bem, e acho que sim, essa sou eu, choramingona mesmo. Tyler faz tudo ficar fácil de outra maneira. Não preciso pensar porque ele já pensou em tudo. Não tenho que me estressar com nada, então sou mais ou menos a mesma pessoa que sempre fui, mas o sexo é melhor e ganho presentes.

— E com o Alex? – Jenny perguntou, chamando a garçonete e pedindo quase todas as sobremesas no cardápio.

— Realmente gosto de como me sinto quando estou com ele, mas, realisticamente, não sei se poderia ficar assim ligada o tempo todo. É difícil – ponderei, surpreendendo a mim mesma com a minha resposta. – Mas talvez eu só esteja sendo preguiçosa. É complicado, mas é incrível. Ele faz com que eu me sinta muito bem. Que diabos, vocês duas devem estar cansadas de me ouvir!

Elas foram rápidas em dizer não, mas até eu estava cansada de ouvir minhas lamentações.

— Sabe o quê? Esqueçam. De agora em diante, só quero ouvir falar sobre Jeff e Jenny.

Jenny foi rápida em pegar o bastão. Infelizmente, foi um história detalhada e descritiva do bastão de Jeff, o que fez com que comer ficasse um pouco difícil.

— Você tinha que deixá-la falar? — Erin sorriu, desistindo de sua dieta e servindo-se do cheesecake que se juntou ao sorvete na mesa. — Honestamente, não aguento mais ouvir vocês duas falarem sobre a vida sexual incrível de vocês. A partir de agora, não sigo mais "As regras".

— Cara, eu não tinha nem começado — Jenny riu e apontou para mim com a colher. — E você, lembre-se de que os quartos de Jeff e Alex são separados apenas por uma divisória interna antes de começar a falar sobre o meu desempenho.

Corei, horrorizada.

— Mesmo? Deus, que vergonha!

— Muito sugestivo, para dizer a verdade – Jenny riu, claramente desfrutando o fato de eu estar com vergonha. – Não sei o que aconteceu com você, benzinho, mas sei que você precisa de uma boa noite de sono hoje à noite.

Ela não estava errada. Quando terminamos, nós três voltamos para o apartamento com o propósito de assistir a uma maratona de Friends na esperança de ouvir algum sábio conselho das mulheres de 35 anos que pretendiam ter seus 20 e poucos e, sem perceber, apaguei.

Depois desmaiar em um coma de cheesecake tão cedo na noite anterior, acordei na terça-feira bem cedo, determinada a encontrar algumas respostas. Erin e Jenny estavam certas, eu tinha ido para New York à procura de algo, e não haviam sido homens. Saí cedo. Erin dormia no sofá-cama e Jenny ainda roncava no quarto dela, muito contente por ter amigas que não seguiam o horário das 9 às 17 horas. Depois prometer a mim mesma que iria andar até que conseguisse pensar em alguma coisa, peguei o metrô até onde eu poderia ir e ainda estar em Manhattan, e voltei andando até o Battery Park. Parecia ser um bom lugar para começar. Encostada nas grades que Jenny tinha me trazido para ver pela primeira vez mais de quinze dias atrás, refleti sobre quanto minha vida mudara, deixando de lado os meninos. Sim, eu tinha um cabelo novo, roupas novas (e uma bolsa fabulosa), mas o (quase) mais importante: eu confiava em mim mesma. Eu estava fazendo isso, digo, viver de verdade. Não importava o cronograma legalmente imposto pela imigração dos EUA, tinha vivido mais nas duas últimas semanas que nos últimos dois anos. Dei à Estátua da Liberdade um sorriso agradecido e fui em direção ao norte, pensando em todas as outras coisas quais eu me sentia grata. Jenny, apesar de suas questões levemente esquizofrênicas com Jeff, era claramente uma boa pessoa. Erin era muito querida. E eu estava escrevendo de verdade. Estava escrevendo minhas próprias palavras para o site de uma revista internacional importante, não era mais uma escritora anônima de roteiros de filmes sobre tartarugas mutantes ou conselho conselhos sobre moda para adolescentes bilionários.

Ao olhar para cima, percebi que estava indo em direção ao Ground Zero. Quando cheguei lá, mal pude acreditar que havia tanta vida em um lugar onde houve tanta devastação. Lojas, hotéis, restaurantes, escritórios, tudo. Parecia ter sido há tão pouco tempo que eu tinha visto este lugar literalmente desabar pela TV, mas a cidade inteira se uniu e seguiu em frente, todos sararam rapidamente a imensa cicatriz. E quase me dei um tapa na rua. Se todo mundo ali conseguiu se levantar e limpar a poeira, que razão eu tinha para estar tão chorona e introspectiva? Era exatamente como Jenny tinha dito, New York não era um lugar para onde a gente vai quando quer se encontrar; é um lugar para onde a gente vai para se tornar alguém, para se reinventar.

Na Starbucks com internet sem fio, eu entrei na rede. Meu blogue foi curto e direto. As aventuras de Angela: seguindo em frente. Sim, tinha um monte de coisas sobre as quais eu poderia reclamar. Também poderia sentir pena de mim mesma pelos próximos cinco anos se quisesse, mas ainda havia muitas coisas boas que me faziam feliz e, daqui em diante é sobre isso que este blogue vai ser. Mandei para a Mary e, sentada olhando pela janela, ocasionalmente via o meu reflexo quando um carro estacionava ou alguém parava a fim de olhar para dentro. Eu não estava mais diferente, eu era

apenas eu. Uma batalha vencida.

— Oi, com licença — disse uma garota alta e magra atrás de mim com uma xícara de café para levar na mão. — Você não é aquela garota do blogue da The Look?

— Ah... — confirmei desconcertada. — Acho que sou.

Ela se sentou à mesa comigo, sorriu e tirou um cacho do cabelo vermelho grudado no lipgloss na boca.

— Sabia que era você, vi a bolsa da Marc Jacobs. Acabei de ler a sua última entrada. Minha amiga é obcecada por blogues. Ela me mandou o seu. Eu sou Rebecca.

— Ah — repeti. Não tinha me passado pela cabeça que as pessoas pudessem me reconhecer. Ops. — Desculpe, sou Angela. Você gostou? Digo do blogue?

— Meu Deus, é muito engraçado! Ela sorriu. – É como se você estivesse totalmente vivendo a minha vida. Meu namorado me traiu também, o filho da mãe. Mas a sua vida é muito mais engraçada. E não fiquei com dois caras muito lindos alguns dias depois.

— Ah – realmente não sabia o que mais dizer. Não tinha visto o site nem uma vez desde que o blogue ficara on-line, simplesmente não queria olhar aquela foto minha de "antes" de novo. Não é bem assim, quero dizer... Não sou tudo isso...

— Então, não é real? – ela franze a testa. – Você inventa tudo?

— Não – respondi bem rápido. – É real. Mas é um pouco estranho falar sobre isso. Você é a primeira pessoa a ler que eu encontro – consegui sorrir. – Desculpe.

— Não se preocupe — ela sorriu de novo. — Você é uma heroína total para mim. Eu gostaria de ter me levantado e feio algo tão incrível quando descobri sobre o meu ex, em vez de vomitar durante três dias e depois queimar todas as coisas dele.

— Eu não teria sido contra queimar as coisas dele. Só entre nós, fiz xixi no nécessaire do meu ex. Eu sei... é nojento.

— Ah, meu Deus! — ela gritou. — Que incrível! Eu achava que vocês inglesas não faziam esse tipo de coisa. Você vai escrever para a revista?

— Acho que não — eu me tornara uma pequena celebridade. Que legal! — E só uma coisinha on-line. Mal posso acreditar que você tenha lido.

— Você está brincando comigo? — ela balançou a cabeça incrédula. — Você não viu quantos hits sua página teve? Milhares.

— Mesmo? — perguntei, olhando para o meu laptop. Será que ela estava falando sério?

— Sim. Muitos mais do que todos os outros blogues da The Look. É a melhor coisa do site — ela ficou em pé, deixando meia xícara de café na mesa. – Tenho que voltar correndo para o escritório, mas foi muito legal conhecer você. Espero que eles façam o diário impresso, vou pedir por e-mail.

— Tchau, prazer em conhecê-la! – cheguei a dizer quando ela saiu. Um segundo depois de ela ter saído, entrei on-line. Lá estava a The-Look.com e As aventuras de Angela. E, de acordo com o contador, de fatos, milhares de pessoas tinham visitado minha página. Centenas de milhares de pessoas lendo sobre mim. Eu me senti muito, mas muito estranha. Então, quando pensei no que eu havia escrito, fiquei assustada. Esqueça a mãe de Alex, e se a minha mãe tivesse lido? E Mark? Ele

não tinha o direito de saber o que eu estava fazendo. Com quem eu estava... A entrada sobre a minha noite com Tyler... Ah, meu Deus. Nada bom.

Enquanto lia minhas outras entradas e tentava imaginar se Mary me deixaria voltar e editar, um e-mail apareceu na minha caixa de entrada com o endereço eletrônico dela na *The Look*.

Angela,

Recebi o material de hoje, muito interessante. Então, você viu que o blogue está fazendo muito sucesso?

Você pode vir a uma reunião na sexta-feira? Ás 16 horas no meu escritório.

Obrigada.

Mary

Peguei o celular e teclei o número do Alex. Clicou por um segundo, o tempo suficiente para eu pensar e desligar.

Ele não tinha ligado.

Porque ele não tinha ligado?

Tinha passado mais do que um dia inteiro desde que eu havia saído do apartamento dele. Então, liguei para Jenny no trabalho, na esperança de ela ter chegado lá na hora certa.

— The Union — ela respondeu em um tom bem sonolento. Claramente, ainda com o sono atrasado por causa da noite anterior.

— Jenny, sou eu — falei rápido, contando toda a história do blogue ser um sucesso, dos hits, da fã ruiva e do e-mail da Mary, mas não contei a parte em que quase liguei para o Alex. Eu tinha prometido não entrar no assunto "homens" antes de resolver as coisas de Angela.

— Nossa, que legal! – ela bocejou. – Você quer vir aqui? Tenho um intervalo em meia hora.

— Vou jantar com o Tyler – avisei com cautela. – Acho que eu, provavelmente, deveria me trocar.

— Você deve compra algo fabuloso – ela disse, dando-me permissão para abusar do meu cartão de crédito, mesmo sem saber qual era o limite. – Sério, eu celebraria. E, se você vai ser uma celebridade, precisa de mais coisas.

— Não acho que precise de mais coisas — desliguei meu laptop e o coloquei na minha bolsa (suspiro). — E penso que estou muito perto de estourar o limite do meu cartão. Vejo você à noite.

— Você não vai ficar na casa do Tyler? — ela perguntou. Eu não sabia se era um teste ou não.

— Acho que não — respondi, sendo o mais espontânea possível. — Tenho umas coisas para fazer amanhã e estou pensando em terminar com ele.

— Está bem — ela bocejou de novo. Claramente, cansada demais para estar me testando. — Bom, devo chegar em casa lá pela meia-noite. Desde que a coisinha Disney que está na cobertura não resolva fazer outra orgia e eu tenha que ajudar a esconder. Vejo você mais tarde.

— Acho incrível este seu dia a dia. Você já pensou em aconselhá-la?

— Eu disse à criatura que ela valia mais do que isso quando a encontrei com o bumbum nu na varanda, com outros três do elenco de Gossip Girl hoje de manhã — Jenny suspirou. Era uma imagem muito interessante. E ela me disse que valia exatamente 17,6 milhões de dólares na última contagem e me pediu toalhas limpas. Ela tem 18 anos. Comecei a ficar preocupada com meu futuro

como a próxima Oprah. A Oprah não teria vontade de jogá-la da sacada.

— Tente abster-se de cometer homicídio culposo e lembre-se de que é só material — aconselhei, desligando.

Chequei minha lista de chamadas não atendidas. E nada.

Eu estava muito irritada comigo. Tinha certeza de que havia chegado a algumas conclusões, mas lá estava eu, obcecada com o fato de Alex não ter telefonado.

— Por que você simplesmente não telefona para ele? – perguntou uma vozinha na minha cabeça. Pareceu-me uma boa ideia. Por que não? Antes de ter a chance de me questionar de novo, disquei e deixei tocar. E deixei tocar. E, eventualmente, foi para a caixa postal.

— Oi, Alex, é Angela. Uh uh! — comecei. Um dia vou ter a resposta perfeita para deixar gravada em uma mensagem de telefone. Aparentemente, ainda não. — Só queria saber se você quer fazer alguma coisa amanhã, mas não se preocupe se estiver ocupado. Falo com você mais tarde. Tchau — desliguei. E franzi a testa.

Talvez eu precisasse de mais algumas coisas.

Capítulo 20

Quando Tyler tocou a campainha às 19 horas, Alex ainda não tinha ligado. Recusando-me a pensar sobre o que isso queria ou não dizer, dei uma última olhada no espelho e chequei minha maquiagem. Estava passável, melhor do que teria conseguido há duas semanas. E meu vestido novo da Nanette Lepore era lindo. Mas, sério, por que o Alex não havia telefonado ainda? Chequei o telefone mais uma vez, joguei-o na minha bolsa (maravilhosa) e saí.

Na hora em que entrei no táxi, soube que deveria ter cancelado. Ttyler, encantador como sempre, fez perguntas sobre a minha semana e eu com monossílabos, fazia-lhes as mesmas perguntas.

— O mesmo de sempre – ele sorriu tranqüilo, direcionando o motorista para o centro – Correndo bastante, muito trabalho ultimamente. Para dizer a verdade, acho que preciso de férias. Só uns dias em algum lugar.

— Hum – pronunciei, olhando pela janela, vendo o Washington Square Arch passar – Faz bem sair um pouco.

— Que tal sairmos no próximo fim de semana? – ele perguntou, apertando minha mão. Seu visual, perfeito como de costume. Sim ele era um garoto da cidade como Mark, mas as semelhanças realmente começavam e terminavam aí. O cabelo dele brilhava por causa do xampu, não tinha nenhum tique nervoso enervante de enrolar o cabelo e o terno impecável com um corte lindo muito provavelmente não era um M&S que não amassa. Com certeza, não era lavável à máquina. – Um amigo meu tem uma casa em Hamptons e ele vai viajar a negócios. Você vai adorar Hamptons. Muitas festas para ir. E bem mais legal do que a cidade. E tem praia. Você tem maiô?

— Ah... hã... maiô? – perguntei apanhada de surpresa. Tinha ficado olhando para os braços dele por um segundo a mais do que deveria. Será que é errado ter fetiche por braços? Eram mais bronzeados que os do Alex, mas talvez não tão bonitos. Não que eu estivesse pensando em Alex. De maneira nenhuma — Aonde vamos?

— Ah, no Balthazar. É ótimo – As moules frites são maravilhosas e, provavelmente, lá dentro é frio o suficiente para você – ele brincou — Foi a algum show ultimamente?

— Não desde que vi você – não queria pensar em shows.

— Você está bem? – Tyler indagou quando o taxi parou – parece um pouco distraída.

— Tudo bem – não me pareceu justo estar sonhando com os braços de Alex quando ele não tinha sequer ligado, e Tyler era quem estava me levando para jantar e me convidando para passar o fim de semana com ele. – Desculpe, só estava pensando sobre o blogue. Minha editora me chamou para mais uma reunião e eu não sei por quê.. Acho que estou um pouco preocupada.

— Mas está tudo bem, não está? – ele quis saber, levando-me para dentro. O restaurante era impressionantemente lindo, um pequeno bistrô Francês cheio de gente bonita. Mais pontos para Tyler por mais um lugar maravilhoso. – Com o blogue, digo.

— Você não viu? — fiquei surpresa, mas totalmente aliviada – Aparentemente, está indo bem.

— Eu queria ter visto – ele confessou, sorrindo confortavelmente para o maitre d'hotel que passava entre os casais que esperavam. Fomos levados até uma mesa para dois em um canto calmo e, muito rápido, nos trouxeram água gelada, pão e champanhe que ele, com toda certeza, tinha pedido com antecedência. Eu havia ficado tão estressada e incomodada com certo telefonema inexistente que tinha me esquecido de como era divertido estar com Tyler. – É que eu tenho trabalhado muito e quase nunca entro na internet em casa. Desculpe, estou feliz que esteja indo tão bem.

Não tem problema, prefiro que você não veja – sorri, tentando participar mais do jantar — Foi muito embaraçoso. Uma garota me reconheceu e veio falar comigo em um café hoje de manhã. Quase morri de vergonha.

— Se eu soubesse que estava saindo com uma celebridade, teria me vestido de acordo – ele brincou, pedindo as entradas para nós dois. Senti meu cérebro derreter e um sorriso bobo tomou conta do meu rosto. Azar do cara que não telefonou.

— Não sou uma celebridade! — então me perguntei o que ele chamava de vestir-se de acordo. Sem o paletó, a camisa muito bonita sem uma ruga e, como de costume, um perfume delicioso. – E você sabe que está muito bem.

— Você não está nada mal também. Seu vestido é lindo – ele sorriu encostando o pé em mim por baixo da mesa — , mas não consigo deixar de pensar que, talvez, você ficasse melhor sem ele.

— Mesmo? – ri, ficando um pouco vermelha quando o garçom, perto do cotovelo de Tyler serviu o champanhe. Eu estava começando a ficar feliz por não ter cancelado e também me questionava se manteria, ou não, o meu lindo vestido novo no corpo até ao final da noite. Que sem-vergonha!

O jantar foi divino. Tyler, realmente, sabia escolher a comida, e consegui não pensar em Alex durante a maior parte do tempo. Enquanto comíamos a entrada, planejamos nossas férias ideais. Eu cruzando os Estados Unidos em um Cadillac azul-turquesa; Tyler, em uma turnê pela Europa em um avião particular. E, quando os garçons tiraram os pratos, tínhamos falado sobre nossos filmes favoritos, programas de TV e livros. Finalmente, comecei a achar que sabia alguma coisa sobre Tyler.

— E eu já sei que você gosta de shows de música hipster, certo? – Tyler sorriu, aceitando o cardápio de sobremesas – Aposto que você adora aqueles caras magrelos com as meninas com cabelos melados e as bandas com um nome que começa com "The".

Sorri e balancei a cabeça, tentando não me lembrar de cabelos macios com cheiros de fumaça roçando meus lábios.

— E você? — perguntei.

— Eu gosto de tudo, acho – ele deu de ombros – Gosto de todo tipo de música.

Mordendo o lábio, pensei no que Alex tinha dito no café. Dizer que a gente gosta de todo tipo de música quer dizer que a gente não gosta de cúsica. Deus do céu. Alex era tão arrogante! E por que

ele não tinha telefonado?

— Tenho de ir ao banheiro – pedi licença e, antes mesmo de descer a escada, vasculhava minha bolsa (linda). Caraca, o aparelho mostrava três chamadas não atendidas. Todas de Alex. Passei as mãos pela água fria na torneira do banheiro e as sequei antes de ligar para o meu correio de voz, prometendo a mim mesma que só ouviria a mensagem dele uma vez.

— Oi, é Alex – ele começou – Você ainda quer sair amanhã? Me ligue – só isso . Olhei para o meu relógio, eram só 21:30. Ainda dava tempo para ligar e marcar para amanhã, mas não enquanto estava com Tyler, seria muito estranho.

— Estava me perguntando se você ia voltar – Tyler comentou quando sentei. – Alguma coisa interessante acontecendo lá dentro?

— Ah tinha um monte de gente – justifiquei-me, torcendo para que ele não soubesse quantas privadas existiam no banheiro. Muitas mulheres, poucos vasos.

— Vasos... – ele sacudiu a cabeça sorrindo. Ele era muito, mas muito bonito, pensei, tenteando me concentrar. O cabelo ondulado, armado depois do dia no escritório, as rugas nos olhos que sorriam, o leve bronzeado. Mas quando ele pegou minhas mãos, só consegui pensar nas unhas feitas dele e nas pontas dos dedos calejados de Alex. Simplesmente não podiam ser comparados.

— Você quer sobremesa? – ele perguntou, inclinando-se sobre a mesa e falando mais baixo. — Ou prefere ir até a minha casa para algo melhor?

— Eu... hã... Tenho uma reunião com minha editora amanhã às 8 horas – murmurei, tentando ignorar o calor que sentia no rosto e o frio na barriga – Acho que eu realmente deveria ira para casa hoje.

— Também tenho que acordar cedo – ele deu de ombros, fazendo um sinal para o garçom trazer a conta, — A menos que você queira que eu conheça seu quarto.

— Bom... eu meio que quis dizer... hoje não. – estava tão vermelha que praticamente brilhava – Para ser honesta, passei o dia todo com dor de cabeça. Desculpe.

— Sem problemas. Se você não está se sentindo bem... – ele disse, olhando em volta e tamborilando os dedos na mesa.

— Você quer fazer alguma coisa durante a semana? – perguntei nervosa. Deus do céu, o que havia de errado comigo? Eu acabaria casada com ele por educação se não tomasse cuidado. – Que tal se eu fizer um jantar na sexta à noite?

— Tudo bem – ele concordou, ainda não olhando para mim. – Seria ótimo.

Saímos do restaurante em um silêncio constrangedor, e , graças a Deus, conseguimos um taxi imediatamente. Tentei pensar em alguma coisa para dizer, mas não consegui,

— Ótimo restaurante – tentei. Trágico.

— Sim, é sempre bom.

— Ótimo.

— Sim.

Era evidente que Tyler não tornaria isso fácil. Tentei colocar a mão no joelho dele e dar-lhe um sorriso doce, mas ele só colocou a mão em cima da minha, sem olhar para mim. Olhei para fora da janela e tentei pensar em algo para dizer que não envolvesse convidá-lo para subir e tomar um café.

Antes que eu tivesse tempo para outra tentativa patética de puxar conversa, estávamos em Lexington Avenue e paramos na frente do meu apartamento.

— Sexta-feira, então? – perguntei quando ele abriu a porta do carro para eu sair. Irritado pode ser, mas Tyler era sempre um cavalheiro.

— Sim – ele confirmou, sendo um pouco mais carinhoso no beijo de boa noite. – Cuide-se. Dores de cabeça não são permitidas nos fins de semana.

Sorri e dei tchau antes de abrir a bolsa, pegar o telefone e ligar para Alex. Senti-me meio sem-vergonha ao despedir-me de um homem e, em seguida, telefonar para outro, mas não consegui evitar.

— Oi, Alex? — tentei parecer tranqüila quando ele atendeu no terceiro toque. — É Ângela.

— Oi — ele bocejou. Bocejar às 22 horas? Não era muito rock and roll. Desculpe não ter atendido o telefone. Desde que você saiu, passei o tempo todo no estúdio. Estou muito cansado.

— No estúdio? — perguntei. Outra pergunta fabulosa da maior conversadora do mundo.

— É. Eu queria fazer uma demo de algumas das músicas novas – ele disse – e perdi completamente a noção do tempo e ... bom que dia era. Onde você está?

Acabei e chegar de um jantar com um amigo – eu disse, apoiando-me na parede. A noite ainda estava agradavelmente quente, mas a voz sonolenta de Alex me deu arrepios. Então, e amanhã?

— Ótimo. Não tenho nada – ouvi a musica baixa no fundo. Parecia Alex cantando – Posso mostrar Williamsburg para você, se você quiser – ele sugeriu.

— Legal. – sorri par um estranho passando na rua que me olhou intrigado. – Onde encontro você?

— Hum... na estação da Beldford Avenue às 11 horas? — ele bocejou de novo. Ele parecia muito lindinho.

— Até lá – bocejei. Acho que os bocejos são contagiosos até pelo telefone.

-Durma bem.

— Vou sim. Vou guardar minha energia para amanhã – ele disse — Pra você também.

Sorri quando desliguei. O jantar com Tyler, esquecido e o encontro com Alex, um sonho.

Ainda era muito cedo, tinha chegado em casa antes de a Jenny voltar do trabalho. Peguei meu laptop, e deitada no sofá, pensava sobre o que escrever. Se eu escrevesse meu blogue agora, amanhã poderia mandar o e-mail da casa do Alex sem interromper nosso dia. Bem rápido, descrevi os detalhes do jantar com Tyler e fiz algumas referencias vagas sobre o meu dia no Brooklyn com Alex, Balthazar ou Brooklyn?, antes de fazer o logoff e cochilar no sofá. Mary tinha dito que os leitores amariam um cara da Wall Street. Então, eu estava apenas fazendo o que eles queriam.

CAPÍTULO 21

A jornada de trinta minutos ate o Brooklyn pareceu demorar eternidade. E se o Alex não tivesse demostrado pressa para telefonar porque nosso encontro anterior não havia sido tão incrível para ele quanto foi para mim? Afinal, não foi ele que triplicou o numero de pessoas com quem tinha transado nos últimos 15 dias. Um pouco antes de o trem parar, tirei o estojo da bolsa e, rapidamente, retoquei o nariz brilhante com pó e passei os dedos no cabelo. Ainda bem que deveria parecer desarrumado.

Rapidinho, subi os degraus da estação de metrô, tirei os óculos de sol da Jenny da cabeça e os coloquei nos olhos enquanto procurava Alex. Apesar dos muitos hipsters espalhados pelas ruas quando eles realmente deveriam estar no trabalho, eu o vi quase que imediatamente Encostado a um poste de luz de braços cruzados, ele balançava a cabeça suavemente no ritmo da música que ouvia no iPod. O cabelo preto, quase azul com o sol, em seu uniforme diário, jeans e camiseta colada no corpo como uma segunda pele. Levantei os óculos de sol e, ofuscada pela luz por uns segundos, olhei para ele. A cena inteira era quase perfeita demais para ser perturbada.

— Oi — disse Alex, protegendo os olhos com as mãos, quando eu finalmente, sai da bolha e cheguei — Não vi você me espiando.

— Bom, essa é a ideia quando a gente espia alguém— sorri, dando-lhe um beijo de oi. Com um pouco de sorte, seriam muito mais beijos. Tudo bem?

— Sim, um pouco cansado, mas muito bem — ele pegou a minha mão e começamos a andar pela rua. Passamos por butiques pequenas e bonitinhas, empórios de roupa vintage e lojas de discos muito pequenas, mais lojas de discos muito pequenas e, depois, lojas de discos muito pequenas. — Você quer comer alguma coisa?

— Boa ideia — assenti. Pela primeira vez nos últimos dois dias, nada parecia complicado. Eu estava no sol, de mãos dadas com um cara lindo, e feliz. Viva!

Entramos em uma pequena lanchonete para um café e bagels, e Alex me deu uma breve lição de história sobre o seu bairro. Williamsburg tinha sido o lar de centenas de artistas e músicos, ele falou, todo tipo de pessoas criativas, expulsas de Manhattan por causa dos aluguéis que subiram muito. Era sua casa há quase dez anos, e ele a adorava. Adorava ir aos bares onde conhecia todo mundo, gostava de sentir que pertencia ao bairro e adorava o fato de, em menos de 15 minutos, poder estar na cidade. Mas odiava a evidência de o preço dos imóveis estar começando a subir muito ali também, e, assim, músicos e artistas eram substituídos por hipsters ricos sem nada para fazer além de comprar imóveis, fazendo com que ficasse mais difícil para as outras pessoas viverem lá. Acima de tudo, ele detestava constatar que muitos de seus amigos estavam mudando para mais longe no

Brooklyn ou de volta para Manhattan.

Quando o sol desceu atrás dos prédios em Manhattan, paramos em um bar pequeno e escuro na Bedford Avenue. As paredes eram revestidas de pichéis e canecas de cerveja, a iluminação fraca era reforçada por uma tela de TV onde passava um jogo e alguém, em algum lugar, fritava batatas. Assustadoramente parecido com um pub inglês.

— Cerveja? — Alex perguntou quando sentei em uma cadeira. Andar por aí feliz era muito cansativo. Ficar sentada na cadeira olhando Alex de costas inclinado sobre o bar em seu jeans sexy de cintura baixa era muito mais fácil. Ele voltou com dois "pints" de cerveja, "pints" de verdade, e eu fiz de conta que não o estava azarando — Que tal? Gosta daqui?

— Gosto — falei, tomando um gole da cerveja gelada, bem feliz — Nunca teria pensado em vir aqui. É tão diferente da cidade.

— A gente ainda consegue ver isso em Manhattan – Alex tomou um gole de cerveja pensativo. — Só é um pouco mais difícil de conseguir pagar.

— Bem... Que bom que eu vim — eu disse apertando a mão dele — Que bom que você me convidou.

— Também acho — ele sorriu, apertando minha mão e me olhando nos olhos por um segundo a mais do que deveria. – Quanto tempo vai ficar por aqui em New York, Angela?

— Sabe, consegui ficar um tempão sem pensar nisso – comentei com a cerveja na mão, tentando dar um sorriso.

— Desculpe — ele olhou para a cerveja dele. — O que posso dizer, gosto de planejar...

— Isso não é muito o rock and roll, é? — perguntei, colocando o meu cabelo atrás da orelha, mas realmente querendo passar os dedos no cabelo dele. — O que aconteceu com "viver o hoje"?

— Viver o hoje não funciona muito se o que faz o hoje ser tão bom pode desaparecer em outro continente em algumas semanas — ele sorriu, pegando minha mão de novo e dando de ombros. — Eu realmente gosto de estar com você.

— Que bom — olhei para ele, sem saber o que mais dizer.

— Demais... — ele meio que sorriu, meio que franziu as sobrancelhas — Perdoe-me. Esqueço que o mundo real não está pronto para as minhas emoções exageradas. Putz, isso parece pretensioso ate para mim. Desculpe.

— Tudo bem ter emoções exageradas — afirmei, mordendo o lábio. – Mas... É tão estranho. Continuo tendo fosse flashes em que isso aqui começa a parecer vida real, como se isso fosse algo que eu posso ter e depois, bang, volto e me lembro de que, na verdade, são só férias glorificadas.

— Não tem que ser — Alex disse. — Nada a impede de conseguir um visto e arranjar um emprego. Sempre tem um jeito se você estiver preparada para batalhar por isso. Desde que ficar e ter uma vida aqui seja o que você quer.

— Aparentemente, o meu problema é não saber o que quero— suspirei. — Só a ideia de ter que voltar para lá... – pensar em casa, insistivamente remetia meu pensamento a Mark, e meu estômago ficava apertado,

— Então não vá — Alex deu de ombros. Sério. Você poderia pelo menos pensar sobre Isso. Se você pudesse fazer qualquer coisa, sem que absolutamente nada a impedisse, o que faria?

— Fiz essa pergunta para alguém uma vez — e sorri, sacudindo a cabeça. — Ele me disse que viajaria com o Yankees por um ano.

— Então, ele não tinha imaginação — Alex apertou minha mão. — E é por isso que você está aqui comigo. O que você faria?

— Agora? Se eu pudesse fazer qualquer coisa? — perguntei. Ele fez que sim com a cabeça. — Se pudesse, com um passe de mágica, eu me daria um visto de trabalho e receberia dinheiro, dinheiro de verdade, continuaria a escrever para a The Look e ficaria aqui o tempo que eu quisesse. Sem estar fugindo, sem estar de férias, só vivendo. Indo ao supermercado, pagando as contas, lavando roupa, só vivendo a vida.

— Então, faça isso. Você é jovem, consegue trabalho aqui, é só pedir o visto. Fique.

— Todo mundo gosta de fazer as coisas parecerem tão fáceis — falei, inclinando-me para trás e olhando para o teto. — Gostaria que fossem.

— Você sabe o que seria fácil? — ele acrescentou, esticando a mão, tocando meu rosto e guiando meus olhos de volta para os dele. — Ir Para a minha casa e não pensar em nada disso agora. Coloquei o copo quase cheio na mesa e fiquei em pé.

— Estou tão cansada de pensar... — e sinalizei positivamente com a cabeça, esticando a mão para ele.

Naquele final de tarde, naquela noite, naquela madrugada, tudo foi tão intenso como na primeira vez. Na quinta de manhã, eu estava emocional e fisicamente exausta e, tão envolvida, não sabia como encontrar o cominho de volta. Já foi bem difícil encontrar o trajeto para sair do quarto. Depois de várias tentativas, conseguimos finalmente nos instalar no sofá, vestidos com camisetas e roupas de baixo, para ouvir as novas demos que ele havia feito. Era uma música despojada, só Alex e sua guitarra, nada como as que eu tinha ouvido a banda tocar.

— E assim que todas as suas músicas começam?— perguntei deitada com a cabeça no colo dele.

— É — ele concordou, tamborilando gentilmente o ritmo com os dedos no meu ombro. — Todas começam assim. Algumas se desenvolvem, outras são jogadas fora. Essas são muito novas ainda.

— São muito bonitas — observei, mexendo a cabeça no ritmo. _ são tão suaves...

— Que bom que você acha — ele revelou. — Elas meio que são sobre você.

— Mesmo? — levantei a cabeça e olhei para ele. — Elas são?

— Hã hã — ele disse, empurrando-me gentilmente e enrolando o corpo no meu. Senti o coração dele batendo rápido no meu ombro. — Sobre você, sobre mim, sobre isso que está acontecendo. Encontrar você realmente me ajudou a entender as coisas. Acho que sei o que quero de novo.

— Engraçado... — senti meu coração encontrar o ritmo no dele. -Você teve o efeito oposto na minha vida. Não tenho a mínima ideia do que quero.

— Acho que você tem — Alex arriscou. — Você só não está pronta para lidar com isso ainda. Tudo bem. E eu estou pronto, só isso.

— Você não vai mais separar a banda? — perguntei, encostando a cabeça no peito dele logo abaixo do queixo.

— Vou dar mais uma chance — ele respondeu. — Eu estava confuso, não a banda. Eu não

estava sendo justo.

— Opa, essa é uma notícia boa! Você está se sentindo melhor de verdade?

— De verdade mesmo — ele concordou — E você como está resolvendo as suas coisas?

— Não sei — confessei, virando-me para olhar em sua direção, com o objetivo de ver aquele rosto anguloso e aqueles olhos verdes. — Estou começando a ter certeza de algumas coisas — e me estiquei toda, beijando-o suavemente. — E não consigo parar de pensar sobre o que você disse, sobre ficar aqui. Talvez seja possível.

Meu cabelo caiu nos meus olhos quando me virei, justo quando a franja despenteada de Alex caiu nos olhos dele. Antes que eu pudesse arrumar o cabelo, seus dedos longos tiraram os fios dos meus olhos.

— Que tal conversarmos mais sobre as coisas das quais você tem certeza? — ele me beijou na testa suavemente. Com a mão, acariciou meu cabelo, depois meu rosto, a linha do rosto, o queixo, o pescoço, o colo. Empurrei meu corpo contra o de Alex, colocando-me embaixo dele, forçando-o em cima de mim. — E, quando você estiver absolutamente certa sobre isso — ele sussurrou -, podemos começar a pensar em todo o resto.

Mais tarde, quando Alex cochilou, saí do sofá de mansinho, achei minha calcinha escondida embaixo da mesa de café e entrei no meu Gmail. Sentei e, olhando-o dormir, não sabia o que escrever. Não queria mais fazer de conta que isso não estava acontecendo, nem mesmo no blogue. Precisava terminar com Tyler e descobrir para onde o relacionamento com Alex me levaria. Olhei para a tela vazia e decidi ser honesta. Com Tyler, com Alex, com Mary e comigo mesma.

As aventuras de Angela: a última vez que eu fui ao Brooklyn

Há umas duas semanas, escrevo para vocês. Parece muito mais tempo? Para mi, é como seu eu estivesse aqui desde sempre.

Desde que saí de Londres, vivi as duas semanas mais loucas da minha vida. Eu tinha esquecido que há um monte de gente legal e interessante por aí que pode tornar nossa vida incrivelmente emocionante se deixarmos. Tive oportunidades incríveis e, bom, cá entre nós, conheci algumas pessoas que acho que mudarão minha vida para sempre. Mesmo sendo alguém que adorava Londres, quando mudei para lá, fico pasma ao ver que lugar incrível New York é.

Quando fiquei sabendo do meu ex e de suas aulas extracurriculares de tênis, tudo em que eu conseguia pensar era na coisa horrível, muito horrível, que ele havia feito. E não estou arranjando justificativas para ele, que ainda é um grande filho da mãe, mas – eu não tinha pensado nisso até hoje -, se ele não tivesse feito o que fez, se eu não os tivesse pegado no banco de carro, se eu não tivesse completamente destruído o casamento da minha melhor amiga (o que, na verdade, parece pior a cada vez que menciono), eu não estaria aqui hoje. Não estaria escrevendo para vocês. Não estaria no Brooklyn, escrevendo na sala do apartamento de um homem maravilhoso que está dormindo no sofá com um sorriso no rosto. Um homem que eu nunca teria conhecido se não fosse por aquele filho da mãe e o que ele fez.

Assim sendo, sou muito sincera quando eu digo "muito obrigada Sr. Ex, seu abominável filho da mãe, espero que você esteja se divertindo lá na Inglaterra".

Eu estou aprendendo a me divertir de novo, e isso é muito bom.

Mandei o e-mai para Mary. Foi bom colocar tudo para fora, embora tenha sido doído admitir. Pelo menos alguma coisa, finalmente, começava a fazer sentido: eu tive que deixar o passado para trás antes de poder me lançar ao futuro.



Para alguém que tinha se recusado a ir ao Brooklyn por uma noite uma semana atrás, chegar ao apartamento sexta de manhã e encontrar um bilhete da Jenny dizendo que passaria o fim de semana na casa do Jeff foi uma surpresa. Até onde eu sabia, ela não tinha estado no nosso apartamento desde que havíamos jantado no Scottie na segunda-feira, mas foi estranho como eu me senti em casa ali, mesmo ela não estando lá. Jenny tinha colocado algumas fotos de nós duas na festa de despedida da Gina em suas molduras de montar e, como gostávamos dos mesmos filmes e seriados de TV (entenda-se: atores lindérrimos), muitos dos meus DVDs favoritos estavam jogados por todo lugar. Eu havia até comprado alguns livros dos meus autores favoritos na The Strand, um sebo. Não conseguia pensar em uma única coisa da casa em Londres de que precisasse. Nem uma.

Depois de tomar o resto do meu café gelado, entrei na internet para ver meus e-mails. Faltavam precisamente duas horas para a reunião com Mary e eu tinha que tomar banho, escolher uma roupa que dissesse "por favor, não me demita" e pensar em como dizer pela primeira vez "não é você, sou eu"para Tyler no jantar à noite. Olhando o quilo de spam na minha conta do Gmail, pensei muito sobre o que dizer a Tyler. Tinha certeza de que ele ficaria bem, poderíamos ser apenas amigos, seria ótimo. Tudo ficaria bem. E eu não seria uma inglesa supereducada se ele não ficasse bem. E não dormiria com ele acidentalmente. Não. Não iria acontecer. Eu estava dizendo para mim mesma que um educado beijo de adeus seria provavelmente aceitável quando vi um e-mail da The Look. Mas não era da Mary ou da Cissy, e sim de alguém chamada Sara Stevens.

Cara Angela,

Espero que você não se importe por eu entrar em contato por e-mail, mas era a única informação no servidor da The Look.

Em primeiro lugar, gostaria de dizer que eu absolutamente adoro o seu blogue. É muito divertido! Eu realmente sinto como se estivesse em New York com você.

Então, aqui vem a parte emocionante. Estamos organizando a versão britânica da The Look a ser lançada em janeiro, e eu adoraria conversar sobre você ser nossa escritora sénior. Todo mundo aqui acha que seu estilo é perfeito para a nossa revista e estivemos seguindo a popularidade do blogue: tanto aqui no Reino Unido como nos EUA, é um sucesso!

Não sei quanto tempo você planeja ficar em New York, mas nós precisamos de você aqui na Inglaterra até o fim de agosto para preparar a edição de lançamento.

Telefone para mim, meus números estão no final do e-mail, e poderemos conversar sobre quaisquer dúvidas que você possa ter como salário, benefícios etc.

Eram quase 13h30, ou seja, 18h30 em Londres, Só havia uma maneira de saber se ela trabalhava até tarde...

— Sara Stevens.

Sim, ela trabalhava!

— Oi, Sara! Aqui é Angela Clark — esta era, oficialmente, a última vez que discaria um número de telefone sem ter a mínima ideia do que dizer se alguém atendesse. — Acabei de ler o seu e-mail.

— Angela, que bom que você ligou! Nós, aqui no escritório da Inglaterra totalmente amamos você. Você está feliz? É emocionante, não?

Até agora, muito diferente de Mary.

— Há... sim, é — e cai sentada no sofa.

— É MUITO BOM!

Não tinha certeza de que era um bom sinal Sara mostrar tal propensão a dar gritinhos quando ainda não nos conhecíamos.

— Então, quando você volta, querida? Adorei a ideia de você ir para New York se divertir em vez de ficar e se sentir uma vítima, ótimo. Mas precisamos de você aqui! Quando é o seu voo? — ela gritou muito alto.

— Ainda não fiz a reserva do voo de volta — pode ser que Sara só precisasse parar para respirar a cada sete minutos, mas eu lutava contra a falta de ar. — Ainda não sei se vou realmente voltar.

— O quê? Você não se casou com o banqueiro de Wall Street, casou? Não que eu a culpe. Não, realmente, é melhor assim. Nós pagaremos o seu voo de volta, querida, primeira classe na Virgin Atlantic! Bom, a posição de escritora sênior é bem legal. Você escreverá sobre qualquer coisa que ache interessante para os leitores da The Look, então há muita margem. Eu estava lendo o seu blogue quando me ocorreu, uau! Essa mulher pode escrever sobre moda, namoro, viagem, comida, sexo...

— O que foi que a Mary disse? — interrompi. Sim, sei que é falta de educação, mas ela não pararia de falar se eu não a interrompesse.

— Mary?

— Mary Stein. Minha editora aqui.

— Ah... — disse Sara, e, vejam só, fazendo uma pausa. — Não falei com ela, ainda. Não faz diferença, faz? Você é inglesa, você vai voltar para Londres, nós precisamos de uma escritora. De verdade, nós estamos mantendo a coisa entre a família. Tenho certeza de que ela vai ficar feliz com isso. E não quero ser pretensiosa, mas, Angela, o salário desta posição vai superar qualquer centavinho que a equipe da web esteja pagando.

— Mas você vai falar com ela?

— Lógico, agora mesmo, vou telefonar já. Eu só preciso que você diga que trabalhará para mim, você é uma mulher ridiculamente talentosa!

— Bom, é muito interessante — eu só queria desligar o telefone assim que fosse humanamente possível -, mas realmente tenho que sair correndo para uma reunião, e....— Preciso da sua resposta até o fim do dia, seu horário, na segunda-.feita — Sara disse sem rodeios e sem todos os risos e entusiasmo na voz. — Infelizmente, eu não tenho tempo para que você possa pensar muito sobre

isso. Para dizer a verdade, não achei que você precisaria de tempo. Tenho que contratar um escritor em um espaço muito curto de tempo. Vou enviar por e-mail a especificação do cargo e o salário, e você me responde. 0.k.?

E me dei conta de que ela não podia me ver balançando a cabeça pelo telefone.

— Ok.

— Certo. Falo com você na segunda. Tchau, querida. Tenha um ótimo fim de semana na Big Apple!

— Tchau. Você também. Quero dizer, em Londres.

Mas ela já tinha desligado. Olhei em volta, ainda com o telefone no ouvido, e suavemente mordi o lábio.

— Putz!

Como se o telefonema de Sara não tivesse sido suficiente para mexer com a minha cabecinha, os turistas a caminho da Times Square pareciam não querer que eu chegasse à minha reunião com Mary na hora. Eu tinha levado muito tempo lavando o cabelo no chuveiro, engolindo bolachas Goldfish e assistindo ao The view em vez de fazer qualquer uma das coisas que deveria fazer, e agora estava atrasada. Entendi por que Alex adorava Williamsburg, era tão tranquilo, mas, apesar das multidões enlouquecedoras, eu ainda estava apaixonada por Manhattan. O barulho, as pessoas a sensação de que qualquer coisa pode acontecer a qualquer momento. Era isso que fazia a minha pressão subir e a adrenalina fluir dentro de mim quando as ruas ficavam cada vez mais estreitas, mais congestionadas. Eu amava os outdoors de neon, os anúncios Target gigantes, a loja espalhafatosa da Hershey, Bubba Gump's Shrimp Co, Virgin, Sephora, Toysrus. Eram apenas anúncios, lojas, restaurantes, mas eram as câmeras tirando fotos sem parar e as pessoas com os rosto mais feliz que eu já vi que faziam o lugar ser o que era. E eu achava incrível.

E, também surpreendente, foi o ar-condicionado quando entrei no prédio da Spencer Media. Delicioso. Eu estava atrasada, mas, assim que entrei, me mandaram direto para o escritório da Mary sem me chamarem a atenção, com café e água gelada e, Deus do céu, um sorriso da Cissy.

— Angela Clark, entre aqui! — Mary gritou de sua mesa.

— Estou indo — falei nervosa, equilibrando as bebidas e tentando não derramar nada na minha bolsa. — Oi, Mary.

— E a entrada de ontem no blogue? Ah, meu Deus! — ela estava sorrindo! Não era um sorriso irônico, nem uma carranca decepcionada. Um grande sorriso. — Muito bem escrito, Angela! Mal posso esperar para colocar no ar.

— Então, o blogue vai continuar? — suspirei aliviada.

— É claro que vai continuar! — Mary ficou em pé e me deu um abraço maior do que ela. — Você é a minha história de sucesso. Você sabe quantos e-mails nós recebemos sobre o blogue? Mais do que qualquer outra coisa no site. Diacho, mais do que a maioria das coisas na revista. Todo mundo na The Look adora o blogue.

— Todo mundo — repeti com cautela. Eu não conseguia adivinhar se a Sara já tinha telefonado. — Isso é bom. Não é?

— É muito bom. Nossos leitores adoram você, Angela. Eles gostam de viver através de outra

pessoa. Eles não querem fugir para outro continente e deixar tudo para trás, mas adoram que você faça isso por eles.

— Mary fez que sim com a cabeça, sentando-se na ponta de sua mesa imensa e empurrando-me para trás na cadeira. Consegui não derrubar o café, mas a água caiu por toda parte. Exceto na minha bolsa. Ufa! — É bom para mim e é muito bom para você. Então, preciso fazer um contrato com você.

— O quê?

— Um contrato — Mary disse bem devagar. — Queremos manter o blogue a longo prazo, Angela. Não vou fazer você assinar com sangue, mas vou fazer você assinar.

Putz! Putz! Putz! Putz! Putz!

— A Sara Stevens não telefonou do escritório da Inglaterra, telefonou? — perguntei. E bebi o café de uma vez só, para o caso de Mary resolver tira-lo de mim.

— Da The Look da Inglaterra? Como você sabe disso? — Mary indagou, voltando para trás de sua mesa com a velocidade de um raio. — Isso não foi nem anunciado internamente ainda.

Caraca! Caraca! Caraca! Caraca! Caraça!

— Bom, eles me ligaram hoje e perguntaram se eu gostaria de trabalhar com eles. Como escritora sênior.

— Você está me gozando? — o rosto de Mary passou de vermelho a branco e a roxo no que me pareceu ser meio segundo. — Eles tentaram roubar a minha escritora?

— Ela disse que não seria roubar...

— E o que é exatamente? Quando foi isso? Por que você não me contou? Mary braba era muito, mas muito assustadora.

— Foi, literalmente, há uma hora — expliquei bem rápido. — Um pouquinho antes desta reunião. Eu não achei que deveria telefonar para falar sobre isso porque tínhamos uma reunião agora.

— Certo. Acho que devo agradecer a você por ter vindo me contar pessoalmente, mesmo que aquelas astrochatas de Londres não tenham tido o respeito de me dizer — ela sacudiu a cabeça. — Parabéns, Angela! É uma grande oportunidade e acho que você vai se sair muito bem. Eu só estou muito p... da vida por ter encontrado você é agora perdê-la.

— Mas não aceitei ainda. Tenho até segunda-feira para resolver — esclareci bem rápido e pulei da cadeira de couro, deixando para trás metade da pele das minhas coxas. Ai, ai. — Ainda não sei se quero voltar para Londres ou trabalhar para Sara.

"Especialmente trabalhar para Sara", pensei em silêncio. "Ela é claramente maluca"

Mary olhou por sobre sua mesa sem dizer nada. Eu não sabia se isso era bom ou não.

— Você está falando sério? — ela quis saber subitamente.

— Sobre?

— Sobre não voltar para casa e arriscar tudo nesta chance de escrever um blogue em uma cidade onde você só está há três semanas?

— Bom, quando você coloca as coisas assim, parece um pouco idiota — sentei, tentando puxar

meu vestido de malha da Velvet por baixo de mim.

— Você não quer voltar para Londres? — Mary perguntou.

— Faz alguma diferença o que eu quero? — mordi o lábio com força. -Eu tenho que ir, não tenho? Todo mundo fica me dizendo isso.

"Todos menos Alex", pensei comigo, sem que isso ajudasse muito.

— Bom, você não é uma cidadã dos EUA; então, não seria necessariamente fácil — Mary fitou em pé e deu a volta na mesa. Ela se abaixou na minha frente, forçando-me a olhar para ela. Fiquei totalmente sem jeito. — Mas, se você quiser ficar, sempre terá trabalho comigo.

— Mesmo? — pisquei os olhos para evitar que uma pequena lágrima escorresse.

— Angela, leio o seu diário há três semanas e está claro que você realmente não sabe o que quer — Mary se ajoelhou na minha frente, colocando uma mão no meu joelho. — É por isso que as pessoas se identificam com o seu blogue, elas querem estar lá quando você descobrir. Não sei se será aqui em New York ou em Londres, o que eu sei é que você não tem mais uma eternidade para descobrir isso.

— Eu sei — confessei, respirando fundo e enxugando os olhos. Eu realmente tinha que me recompor.

— Você sabe que estou p... da vida com a equipe da Inglaterra — ela disse mas, se você está pensando em voltar para casa, deve ir agora. Esta é, realmente, uma oportunidade incrível. Se você ficar aqui, quem sabe? O blogue não vai pagar tanto quanto um emprego, mas vai pagar. Podemos ajudar você com o pedido do visto, mas não sei o que vai acontecer depois disso.

Olhei para a calçada em todo o caminho de volta para o apartamento, apenas ciente das pessoas e dos carros e de outras coisas potencialmente perigosas. Depois de me atrapalhar com a chave na fechadura para abrir a porta, deitei no sofá e fiquei olhando para o teto. Eu havia acabado de decidir que estava feliz, havia acabado de escolher Àlex, e não Tyler, e agora isto. Jenny diria que era a vida testando minhas decisões. Minha mãe diria que era o destino me levando para casa. Eu diria — "Chega, será que ainda tem Ring Dings?" E, como eu era a única pessoa na sala, fiquei com a minha escolha.

Tvler chegou às 19 horas em ponto e me encontrou na porta, fazendo malabarismos com as sacolas de papel marrom do supermercado, minha bolsa e a chave. Perdida na minha lamentação, havia esquecido completamente que ele viria e, quando lembrei, durante o episódio de Thanksgiving de Friends, só dava tempo de correr até o setor de alimentos na estação Grand Central e pegar espaguete, molho e um cheesecake de chocolate enorme. Meu plano era dizer que eu tinha feito tudo, mas passei tanto tempo debatendo comigo mesma os méritos de cheesecake ou tarte tartin, que fiquei sem tempo.

— Então, este é o meu jantar romântico? — ele sorriu e pegou os pacotes.

— Sinto muito — fiz uma careta, braba com a porta que não conseguia abrir. — Tive uma reunião com a minha editora e foi um pouco, eh... um pouco complicada. Eu ia cozinhar, juro.

— Outra reunião? — Tyler entrou atrás de mim e subiu a escada. — Você tem quase tantas reuniões quanto eu.

— É uma história bem comprida — eu disse, virando para subir o próximo lance da escada. — Ouso dizer que você terá o prazer de ouvi-la durante o jantar.

Entrarmos juntos no apartamento fez com que eu percebesse a bagunça em que estava comparado ao apartamento de luxo do Tyler. Tentei, desesperadamente, chutar um pouco do monte de lixo para baixo do sofá e distrai-lo com o vinho que ele tinha trazido, mas não consegui encontrar o abridor de garrafas na cozinha. Naturalmente que, no apartamento de duas garotas quase solteiras, estava na sala.

Fiquei aliviada ao ver que Tyler estava em um humor muito melhor do que quando eu o tinha rejeitado no início da semana, mas tinha a impressão de que não duraria muito quando eu começasse a falar sobre terminar com ele.

Fizemos o jantar juntos (eu cozinhei o macarrão, ele colocou o molho no micro-ondas) e, depois, nos sentamos no chão de pernas cruzadas à mesa de café. Por um tempo, só falamos abobrinha. Tyler devorou a comida no prato dele e eu mexi a comida de lá para cá no meu prato. Eu não estava muito a fim de comer macarrão ou da conversa, e esperava que ele fosse embora antes de chegarmos à sobremesa. Tudo que eu queria era o cheesccake, Jenny e uma garrafa de vinho.

— Então, o que aconteceu de tão ruim nessa reunião hoje? — Tyler perguntou, enchendo a minha taça.

— Não posso dizer que tenha sido ruim — expliquei, moendo mais pimenta preta no espaguete não consumido no meu prato. — Eles me ofereceram um emprego em tempo integral.

— Mesmo? — ele perguntou, esvaziando o prato dele e servindo-se do meu.

— Mesmo — fiz que sim com a cabeça. — Escritora da revista. Da revista. Da The Look. A única coisa é que... é em Londres.

— Mas isso é fantástico — ele comentou, inclinando-se para me dar um abraço com um braço só. — Um emprego de escritora de verdade,como você queria. Eu disse que esse blogue seria a sua grande chance.

— Mas é em Londres — repeti, olhando-o pegar o garfo e começar a comer novamente. — Eu teria que voltar logo. .— Você teria que voltar de qualquer maneira, não teria? — Tyler se serviu da comida que eu não havia tocado no meu prato. — Não é incrível que você tenha essa razão para voltar?

— Bem, a editora da web daqui disse que, se eu ficar, ela sempre terá trabalho para mim — eu não conseguia parar de olhar para ele. Ele não tinha nem piscado com a ideia de eu ir embora. — Então, eu poderia ficar.

Mas, com certeza, você não vai — ele olhou pura mim entre uma garfada e outra. — Quero dizer, a web é uma coisa, mas escrever para a revista é um trabalho muito melhor, não é? É Jornalismo de verdade, não é apenas brincar de escrever.

— Você acha que o blogue é apenas "brincar de escrever"? — questionei. Ele estava fazendo com que o meu medo de terminar com ele diminuísse cada vez que abria a boca para dizer alguma coisa.

— Angela, querida, por que você está toda estressada? — Tyler perguntou. Tendo terminado a minha comida e a dele, engatinhou para o lado da mesa onde eu estava e segurou meu rosto entre as mãos. — Acho que você é uma escritora muito talentosa e penso que este trabalho é uma oportunidade fantástica para você. Agora, por que não comemoramos?

Pela falta de uma resposta, deixei que me beijasse, mas foi estranho. Não senti nada.

— Tyler, você ainda gostaria de continuar saindo comigo se eu ficar em New York? — indaguei, separando-me dele.

— Claro — ele murmurou em meu ouvido tocando meu cabelo com o rosto.

— E se eu voltar para Londres? — interroguei e me afastei. — E se eu voltasse para Londres, mas quisesse continuar vendo você. O que você faria?

— Não sei o que você está querendo dizer com tudo isso — disse Tyler um pouco tenso. — Nós estamos nos divertindo não estamos?

— Aparentemente, você está — declarei, levantando-me e pegando os pratos da mesa. Eu os coloquei no balcão da cozinha. Bom, quem sabe eu os tenha jogado e não colocado. — Então, se eu voltasse para a lnglaterra, seria o fim do nosso relacionamento?

— Angela — Tyler ficou em pé -, não sei o que está acontecendo aqui. Não era para nós jantarmos juntos e nos divertirmos?

— Sim, era. Acho que eu só não sabia que isso não era importante para voce.

— O que? — ele levantou os braços. — Como se você estivesse levando isso a sério. Pelo amor de Deus, você está dormindo com um cara do Brooklyn enquanto está comigo, então não me venha com "isso não é mportante para você".

— Eu estava... — e parei de falar. Ele tinha lido o blogue. — Por que você não disse nada se o incomodava?

— Porque não era um problema — Tyler sacudiu a cabeça. — Você está saindo com outras pessoas, e daí? Eu também. Saio com um monte de outras garotas. Não é isso que você queria quando fugiu para cá?

— Não sei... — para dizer a verdade, ele não estava errado. — Mas não é o que eu quero agora.

— Não acho que você saiba o que quer — ele riu, andando em direção à porta. — É por isso que eu não tenho relacionamentos, especialmente com garotas psicóticas em rebote amoroso.

— Psicóticas... rebote... — repeti. Meu Deus, eu não iria sentir falta dele. Que cara encantador...

— Você conseguiu o que queria, Angela. Você queria transar com um cara bonito para se sentir melhor porque tinha sido traída. Não é minha culpa se você tem medo de voltar para a Inglaterra. Não tenho tempo para esse tipo de besteira emocional de "será que sim, será que não".

— Besteira emocional? Você acha que isso é besteira emocional? — interpelei. Antes que ele pudesse escapar, fiquei entre ele e a porta. — Tudo bem. Você pode muito bem ouvir tudo. Sim, eu saí com outro cara, mas você sabe por que eu continuei saindo com você?

Ele desviou o olhar. O teto era, aparentemente, muito interessante.

— Continuei saindo com você porque achei você legal. Mesmo. Que estúpida, não? E só para você ficar sabendo, certamente não foi só porque você é tão incrível na cama que eu não conseguia dizer não. Aliás, nesse departamento, existem algumas coisas que você poderia aprender.

Isso chamou a atenção dele.

— Certo, você estava fingindo aquilo — ele fungou.

— Um dos benefícios de ser uma "garota psicótica em rebote amoroso" — retruquei com uma careta. Ele não precisava saber que eu estava mentindo um monte. — Quando a gente finge por dez

anos, fica real mente muito boa nisso.

Ele sacudiu a cabeça, os lábios apertados. A última vez que todas as minhas frustrações tinham tomado conta de mim assim, eu havia, praticamente, tirado a roupa dele na rua. Hoje, eu iria me contentar em despedaçar o ego dele.

— Eu achava você fascinante, um pouco brega, mas basicamente um cara legal. Deus do céu, eu até me senti mal por sair com você e Alex ao mesmo tempo. Obviamente, eu não sabia que você estava saindo com tantas "outras pessoas". E, mesmo depois de terminar com você hoje, sim, eu ia terminar, eu queria que continuássemos amigos. Mas, se a minha besteira emocionai é demais, é melhor você simplesmente ir embora.

Ele olhou para mim, sacudindo a cabeça.

— Nao tenho que aguentar isso para transar — ele me tirou do caminho e saiu porta afora.

— Nem eu! — gritei, batendo a porta atrás dele.

Durante algum tempo depois que Tyler saiu, fiquei completamente imóvel, absolutamente furiosa. Mas eu não sabia com quem estava mais braba, com Tyler ou comigo. Ele estava certo, eu o tinha usado, então por que eu estava tão braba por ele estar fazendo o mesmo? Se eu voltasse para Londres, não seria em Tyler que eu pensaria acordada à noite. Finalmente, consegui mexer os pés, peguei o celular e liguei para o Alex. Eu só queria falar com ele.

Mas ele não atendeu. Eu não podia ligar para Jenny, ela estava em grande noite romântica com Jeff. Pensei em ligar para Erin ou Vanessa, mas não éramos intimas o suficiente. Em vez disso, fiz o que qualquer garota confusa e com raiva faria quando as lojas estavam fechadas. Abri outra garrafa de vinho, peguei o cheesecake de chocolate inteiro na geladeira e sentei diante da TV. Deixando de lado a dieta, rezei para que a moda favorecesse roupas soltinhas e devorei o cheesecake de chocolate. Quando não cabia mais nada no meu estômago, eu tinha comido mais da metade do cheesecake e tomado a garrafa quase inteira de vinho. Eu não iria me sentir bem de manhã, mas, no coma de açúcar e vinho em que estava entrando, eu me senti muito bem.

Capítulo 23

Achei que seria acordada por uma grande vontade de vomitar, mas, em vez disso, acordei com a porta que bateu com força no sábado de manhã. Levantei, e meio tonta, olhei por cima do sofá que estava de costas para mim, rezando para que não fossem ladrões. Ou assassinos. "Talvez ladrões não fossem tão ruins", pensei, enquanto andava com cautela. Nada disso. Em vez de homens grandes e ameaçadores vestidos de preto, vi a pequena Jenny que, com uma roupa debaixo dela e uma camiseta de homem por cima, parecia ter sido assediada. Era uma aparência interessante para ela e, só um palpite, não parecia estar ligada a uma história feliz.

— Jenny – falei com cautela. – Tudo bem?

— Nós terminamos – ela disse, balançando a cabeça sem conseguir acreditar. Seus olhos estavam fixos em algo não longe dali que só ela podia ver. – Ele terminou comigo. De novo.

— O que? – tentei chegar até ela que, tropeçando, foi até o sofá e se jogou nele. Como se a roupa dela não fosse ousada o suficiente, ela exalava álcool por todos os poros. – Você e Jeff terminaram?

— Ele falou que me ama, mais não consegue ficar comigo – ela franziu as sobrancelhas e apertou os lábios, ainda olhando para frente. – Ele disse que cada vez que eu saio ele fica com medo de que eu o traia de novo e não consegue viver assim.

— Mas ele ama você – afirmei, puxando-a para um abraço. – e você o ama.

— Ele alegou que não é o suficiente – a voz dela ficou cada vez mais baixa. – Ele confessou que não confia em mim.

— Putz, Jenny! Sinto muito. – expressei, arrumando as pernas dela no sofá. Ela parecia uma boneca de pano.

— Pensei que ele ia me convidar para morar com ele. – ela tentou sorrir. – Eu estava tão preocupada em dizer pra você que eu ia me mudar... Mas ele não quer nem me ver, imagina só morar comigo.

— Mais ele ama você, todo mundo sabe disso.

Jenny sacudiu a cabeça.

— Ele já teve tempo. Teve todo tempo do mundo. Fui eu que fiquei sentada aqui um ano. Parei tudo para esperar que ele percebesse que precisava de mim. – um soluço profundo e alto escapou. – Não posso mais fazer isso. Eu o amo tanto...

— Você disse isso pra ele? – perguntei, soltando o abraço por que ela começou a tremer.

— Que é que você acha? – ela rebateu, cobrindo o rosto com as mãos. – Não faz diferença para

ele. Ah... Ele me ama muito? Ele não sabe o que é o amor. Se soubesse, não faria isso. Não conseguiria fazer isso.

— Estou começando a achar que a maioria dos caras não entende nada – suspirei, concordando.

— Você está falando sério? – ela sacudiu a cabeça. – Não agüento mais sentar aqui e ouvir você falar sobre suas paixões, seus amores e o seu ex que não ama mais, de novo. Às vezes as coisas não são sobre você sabia?

— Não era isso que eu ia dizer – tentei me defender, lembrando a mim mesma que ela só dizia coisas assim quando estava mal daquele jeito. – Eu só ia dizer que mesmo quando agente acha que eles são caras legais, ás vezes não são. Talvez o Jeff seja assim também. Você não merece isso Jenny.

— P... m...! ela gritou. – Lá vem você de novo! Não é verdade, Angela! Nós falamos o tempo todo que os homens são todos uns filhos da mãe e nó, pobres mulheres somos usadas e abusadas, mas não é verdade. Jeff não me ama porque eu o traí. O seu ex não a ama porque... caraça, eu sei lá porque, mais como ele poderia? Como ele Pode amar alguém que sequer gosta de si mesma?

— Eu não estava falando do Mark – argumentei, levantando-me para sair. Eu tinha que me afastar dali antes de dizer algo do que me arrependesse. Antes de não conseguir mais perdoá-la. – Para dizer a verdade, eu estava falando do Tyler. Apesar de tudo, ele não é um cara legal.

— E daí? Você só estava transando com ele porque ele era parecido com seu ex. Ah! E ele era podre de rico – ela continuou. Quando me virei, eu a vi colocar o resto do vinho em uma caneca e beber tudo. – Pelo menos agora, você pode viver a sua fantasia de "eu estou com a banda".

— Não vou ficar aqui ouvindo isso – repliquei, pegando minha bolsa perto da porta. – Não tenho que ouvir isso. Não acredito que você ouse se colocar como essa pessoa maravilhosa que se importa com os outros e que quer ajudar as pessoas quando você não consegue e ajudar nem a si mesma.

— Porque você não volta correndo pra casa – Jenny fez tchau com a mão – e nos deixa, eu, Alex e todos os outros, viver nossa vida que é de verdade? Foi divertido, mas quem sabe, quando você chegar em casa para de tentar ser alguém que não é. Você já pensou sobre isso Angela? Quem sabe você não tenha conseguido descobrir quem você quer ser porque você já é ela. Essa pessoa boba e indecisa é quem você é. É assim que todos nós somos quanto mais cedo você perceber melhor. Estou cansada de segurar sua mão e esperar que você descubra isso por si mesma.

Sai batendo a porta pela segunda vez. Sem saber o que mais fazer, peguei o telefone e disquei.

— Alô.

— Louisa?

— Angela?

Fiquei confusa. Eu tinha ligado pra casa da minha mãe, não da Louisa.

— Onde está a minha mãe? – perguntei. Não tinha certeza se conseguia lidar com isso.

— Ela está fazendo chá. Trouxe as fotos do casamento para ela ver antes de ir para o tênis. Peguei o álbum ontem – Louise disse.

Só de ouvir a voz dela, tudo veio à tona. Não o casamento ou Mark me traindo, mas minha vida real. Meus quase 27 anos de vida. Ela estava tomando chá com a minha mãe num sábado de manhã, olhando as fotos do casamento, eu nas fotos do casamento, como se as ultimas três semanas não

tivesse acontecido. E percebi que, para elas, nada tinha acontecido.

— Onde você está Angela? – Louise indagou. Ela não estava gritando e não parecia brava. – Sua mãe disse que você ainda está nos Estados Unidos.

— Estou em New York – e sentei no ultimo degrau da escada. – Eu estou aqui desde que...

— Puxa, parece que foi há tanto tempo... – Louisa suspirou. – Eu queria que a lua de mel tivesse durado mais...

— Louisa— falei bem devagar – você não está p... da vida comigo?

— P... com você? – ela perguntou, parecendo chocada. – Você não está brava comigo?

Mordi o lábio e olhei para a porta, as lagrimas brotavam rapidamente dos meus olhos.

— Mas eu arrumei seu casamento – e respirei fundo para evitar que as lagrimas descessem de uma vez só. – Sinto muito.

— Angela... – Louisa soluçou. A emoção tomava conta da sua voz do outro lado da linha. – É isso que você pensa há três semanas? Achei que você estava brava comigo. Foi eu que fiz a coisa errada. Eu devia ter contado a você sobre o Mark e aquela sem vergonha da Katie assim que eu soube.

— Minha mãe me falou que ele a levou pra morar com ele— sussurrei, puxando os joelhos para cima. – Você o tem encontrado?

— Eu os vejo no clube de tênis – Louisa respondeu rapidamente. – Mas ele sabe o que eu e Tim achamos dele. Não estamos exatamente compartilhando um drink depois do jogo. Ângela, por favor, não me diga que você está ai sozinha, pensando que eu não me importo...

— Não estou sozinha – consegui dizer. – Estou com uma amiga, uma garota que conheci, mas tenho a impressão que vou ter que voltar logo.

— Claro que você vai voltar – Louise disse. A voz dela parecia tão familiar e, ao mesmo tempo estranha. Eu estava imersa em sotaques norte— americanos há muito tempo. – Você pode ficar conosco. Nós cuidaremos de você.

— Ofereceram-me um emprego em uma revista nova – contei, tentando encontrar meu equilíbrio. – Tenho escrito para o site deles aqui e, agora eles me ofereceram um emprego como escritora.

— Olha só! Nem tudo é ruim, é? Porque você não faz as malas e volta? Volte hoje, pego você no aeroporto amanhã! Não consigo suportar a idéia de você sozinha e triste. Por favor, Angela só quero saber que você está bem. Só quero ver você.

— Não estou sozinha. – repeti, olhando para fora, vendo New York, a cidade que não para. – E gosto muito daqui. De verdade, estou bem.

— Não parece Angela. – Louisa suspirou. – Porque você não me liga depois de fazer a reserva do vôo? Você sabe do que precisamos, precisamos de Bem e Jerry e Dirty dancing.

— Já fiz tudo isso, Louisa – sacudi a cabeça, lembrando porque eu havia saído de lá. – As coisas não são perfeitas aqui, mais ir pra casa não faria tudo ficar bem.

— Angela você precisa dos seus amigos, escuta só o que você está dizendo – ela respondeu. – o que Mark fez foi horrível e nós nunca vamos perdoá-lo por isso, mas você terá que voltar pra casa mais cedo ou mais tarde. Você não pode fugir pra sempre.

— Não acho que você entenda – expliquei, levantado e saindo para respirar o ar fresco. – Não estou fugindo. Quando sai, eu estava. Mais agora tenho oportunidades bem legais aqui, de verdade. Algumas coisas muito interessantes aconteceram.

— Agente sempre se sente assim quando está de férias – Louisa estava começando a falar comigo como se eu estivesse bêbada. Ou se tivesse cinco anos de idade. Frustrante. – Mas Angela, você tem que seguir em frente.

— É. Você está certa – Concordei, e já na esquina vi o Chrysler Building. Ainda lindo de cortar o coração. – Mas voltar pra casa não será continuar, será voltar para alguma coisa com a qual eu era infeliz.

— Angela. – Louisa estava ficando impaciente. – Eu entendo. Você acha que já esqueceu o Mark e o que ele fez.

— Não me diga o que eu acho – contestei com a voz cada vez mais forte. – E, sim, Mark não presta. Se eu o vir de novo, provavelmente vou tentar castrá-lo, mais o que ele fez comigo não foi tão ruim quanto o que eu mesma fiz comigo... – eu podia ouvir as palavras de Alex saindo de minha boca. Veja só! – Eu não era feliz com ele há anos. Ele não teria olhado para outra pessoa se as coisas estivessem bem entre nós. Eu deveria tê-lo deixado Louisa, mas tinha medo. Desperdicei anos da minha vida e da vida dele. Simplesmente joguei fora.

— Mas... – Louisa tentou interromper, mas eu ainda não estava pronta para parar de falar.

— E, nas ultimas três semanas, é como se eu tivesse realmente vivendo. Tomei boas decisões, fiz coisas boas. Se eu voltar agora, o que vai ser?

— Você estará com as pessoas que a amam e que se preocupam com você. – Louisa disse. A voz dela, definitivamente não parecia com a voz de quem me amava e se importava comigo. Respirei fundo antes de pronunciar qualquer coisa. Antes que eu pudesse, no entanto, ouvi o bipe de uma chamada no silencio da linha.

— Tenho que ir Louisa – falei, protegendo os olhos com a mão e olhando para cima. Vi Jenny me procurando encostada na janela do apartamento com o telefone na mão. – Não sei exatamente o que vou fazer, mas você pode dizer a minha mãe que estou bem e que telefono na segunda?

— Angela, pelo amor de Deus! – Louisa parecia muito braba. – Você está vivendo em um mundo de sonhos. Acorde e volte pra casa.

— Não sei. – falei dando de ombros. – Mas vou saber até segunda feira. Amo você, Louisa, estou bem feliz por saber que está bem.

Antes que ela pudesse tentar me convencer a voltar pra casa de novo, desliguei. Jenny já tinha desligado e, quando olhei pra janela, ela tinha desaparecido. Não me sentia pronta pra voltar ao apartamento ainda, mas não estava pronta para arrumar minhas coisas e voltar pra Londres também. Eu precisava de um lugar pra pensar.

Por uma hora vaguei pelas ruas. Desci uma rua, atravessei outra, cruzei, subi e desci de novo. Só percebi que tinha chegado ao Empire State Building quando tombei com uma fila de pessoas.

— Olhe por onde anda – disse impaciente um inglês muito gordo, que respirou fundo quando dei um passo pra trás e pedi desculpa de uma maneira não muito coerente.

— Porcaria de americanos – ele comentou com o cara que estava com ele. – Eles são tão mal—educados.

Achei um pequeno espaço perto de uma farmácia na esquina e olhei para o prédio. Mas, ali não encontrei respostas fáceis, apenas memórias forjadas pelas inúmeras horas assistindo TV e garimpadas no cinema permeado com cenas da visita com Alex. Sentindo-me sufocada pela multidão, olhei em volta, respirei fundo e continuei a andar. Fui em direção ao centro. Nas primeiras quinze quadras, achei que estava indo para o parque, mas quando atravessei a Fifth e depois a Sixth Avenue, outro refugio me veio à mente. Um que eu esperava que fosse me ajudar a pensar em alguma coisa além do emaranhado de perguntas que se repetiam na minha cabeça.

Apesar de ainda estar calmo, o MoMA estava mais cheio do que da ultima vez que estive lá. Paguei os 20 dólares e, de escada rolante em escada rolante, subi até o quinto andar. Fiquei surpresa com o número de crianças correndo por todo lugar. "Pais legais" pensei comigo, embora secretamente desejasse que os pais muito legais pegassem todas as crianças e as levassem para o outro lado da rua na FAO Schwarz. Nenhuma das dezenas pessoas a minha volta disse uma palavra quando sentei encostada na parede oposta a O mundo de Christina e fiquei parada olhando. Não chorei. Só fiquei olhando e me perdi em cada folha da grama. Ignorei todos os comentários curiosos, apesar de que fiz cara feia quando uma chata usando uma parca sugeriu para a amiga dela que eu era uma artista de performance. Será que eu estava usando uma fantasia de urso? Simplesmente me isolei de tudo, de todas as palavras das pessoas que estavam lá e também das que não estavam. Deixei de lado todos os conselhos, solicitados ou não, ninguém me disse nada que eu quisesse ouvir, mas todos estavam certos. Jenny estava certa, eu estava confusa. Louisa estava certa, eu tinha fugido. E Tyler estava certo, eu realmente não sabia o que queria. Mas era hora de descobrir.

Uma hora ou um dia inteiro pode ter passado até que finalmente levantei do chão, não fez diferença. Enquanto enxugava algumas lagrimas que tinha escapado despercebida e puxava meu cabelo despenteado pra fazer um rabo de cavalo, vi mais alguém me olhando. Lá encostado na escada rolante, Alex. Com um sorriso triste, ele levantou a mão. Fiquei parada por um segundo e depois acenei para ele, não sabia mais o que fazer. Ele balançou a cabeça uma única vez e se aproximou.

— Oi – ele disse suavemente.

— Oi. – respondi. Minha voz pareceu estranha depois de eu ter ficado em silêncio por tanto tempo. – O que você está fazendo aqui?

— Jenny telefonou para Jeff, Jeff me telefonou, telefonei para você, você não atendeu – ele esclareceu. – Uma porção de pessoas telefonou para uma porção de pessoas até que me ocorreu que você poderia estar aqui.

— Ah... – falei. – Espera ai, a Jenny telefonou para o Jeff?

— Ela não sabia o numero do meu telefone e acho que ela pensou que você poderia ter ido pra minha casa – ele explicou. Não conseguia nem começar a imaginar como eu estava com uma aparência horrorosa. – Ela estava preocupada com você.

— Eles terminaram – contei baixinho, pensando em como a Jenny estava chateada. Eu gostaria de poder voltar e tentar aquela conversa de novo. – Jenny e Jeff. Ela está bem triste.

— Ele também – Alex olhou para mim. – Tomara que eles se entendam, mas é complicado quando agente não consegue confiar na outra pessoa.

— Pois é, todo mundo parece estar resolvendo problemas. Cansa, depois de um tempo.

— É. Mais o que agente pode fazer? – Alex colocou a mão gentilmente no meu ombro. – Você quer conversar?

— Mas não aqui – indiquei, deixando que ele me levasse para a escada rolante e para fora.

— Então, o que está acontecendo? – ele perguntou depois de me ver esfregar uma pequena mancha no meu jeans por três minutos inteiros.

— Ofereceram-me um emprego em Londres. – respondi, olhando para ele. Pareceu-me uma boa maneira de começar. – Tive uma briga feia com a Jenny. Depois telefonei para casa e tive uma outra discussão enorme com a minha melhor amiga lá. E agora, justo quando eu achei que sabia o que queria, estou de volta à estaca zero.

— Nossa... Eu estive com você ontem, certo? – ele perguntou. – E o que você vai fazer?

— O que você faria no meu lugar? – questionei, com a cabeça inclinada para o lado, tentando imaginar o que ele estava pensando. Ele parecia falar com o coração. – Voltaria para perto de seus amigos e sua família, sem ter que se preocupar com visto e com um excelente trabalho, ou você ficaria aqui onde você não tem certeza de nada?

— Não posso tomar essa decisão por você. – Alex disse, pegando minha mão e segurando-as sem apertar. – Não seria justo.

— Seria se eu pedisse – e dei um esboço de sorriso, mas ele não sorriu.

— Não seria justo porque não sei o que você deve fazer – ele insistiu, apertando minha mão. – Você sabe como me sinto, mas não vou pedir que fique por minha causa. Além disso, não sou só eu, sou? E aquele outro cara?

"Por favor, diga-me que isso não está acontecendo", pensei quando vi Alex virar o rosto.

— Não tem outro cara – afirmei bem rápido. – É só você.

— Eu li o blogue, Angie. Eu sei. Por favor, não minta – Alex sacudiu a cabeça e soltou o aperto das minhas mãos. – E Jenny disse que você brigou feio com ele... Eu não sei Angela. Gosto muito de você, mas acabei de colocar minha cabeça no lugar, não posso entrar em outro relacionamento em que eu não consiga confiar na outra pessoa. Em que não sei o que vai acontecer.

— Como você pode saber o que vai acontecer? – quis saber, apertando a mão dele. – Mas, de verdade, não há outro cara. Seja o que for que a Jenny disse, ela estava muito brava comigo. A verdade é que só houve outro cara que quase não teve importância. E não foi uma briga feia, eu só disse para ele que não queria vê-lo de novo. Eu quero você. Só você. O que foi que ela disse?

— Não importa. Você teria me dito que estava saindo com outro cara se eu não tivesse perguntado? – ele indagou. Ele sorriu, mas era um sorriso tão triste... – Se eu não tivesse lido sobre ele no seu blogue?

— Ah... como eu queria nunca ter começado esse blogue – gemi. – Por favor, Alex, de verdade é só você. Eu o conheci antes de conhecer você e... eu estava saindo com ele porque... ah, eu nem sei por quê. É só você. De verdade, sinceramente, só você.

— Certo – ele disse. Sua voz era tão triste que não consegui nem olhar para ele. – O que você faria se não houvesse eu, nem Jenny, nem "o outro cara", e você ainda tivesse que fazer a mesma escolha totalmente sozinha? Porque isso vai ter que acontecer.

— Não sei, mas não quero ficar sozinha, Alex.

— Você não está sozinha – ele disse, tocando meu rosto com a mão quando as lagrimas começaram a rolar. – Você não está. Você acha que a Jenny teria telefonado para o Jeff se ela não se importasse com você?

— Não – respondi baixinho. – Mas não estou me referindo a Jenny, estou?

— Bom, ai precisamos de um tempo – Alex falou após um breve silencio. – Preciso de um pouco mais de tempo e acho que você também. Seja lá o que for que temos entre nós, tenho certeza que não deveríamos estar sentados chorando por causa disso depois de apenas três semanas.

— Não – engasguei-me com minhas próprias palavras, percebendo Jenny perto de nós. Ela ainda estava com a camisa do Jeff, mas pelo jeito, tinha conseguido encontrar um jeans antes de sair. Graças a Deus. – Não faça tudo parecer ruim.

— Não é ruim – Alex sorriu. – É bom. Muito bom, sabia? Talvez apenas não seja a hora. Talvez o momento não seja o melhor.

— Você acha que eu deveria voltar pra casa? – perguntei querendo que ele não respondesse.

— Talvez – ele concordou, enxugando as lagrimas no meu rosto com o polegar e inclinando-se para me beijar. As lágrimas dele deixaram novas marcas molhadas no meu rosto. – Acho que você deve fazer o que quer fazer, o que você quer fazer de verdade. Veja, vou embora agora, mas vou telefonar para você. Ou você me telefona depois de falar com a Jenny.

Concordei, mas não queria soltar a mão dele. Ele não iria me telefonar. Ele atravessou o pátio e, com o olhar, o segui pela rua até que desaparecesse.

— Angela? – Jenny falou com a voz muito, muito baixa. O rímel borrado em volta dos olhos e o cabelo, todo embaraçado. Ela parecia exatamente como eu me sentia. Muito provavelmente minha aparência não era muito diferente. – Angie?

— Sinto muito – eu disse baixinho quando ela sentou no degrau perto de mim. – Eu não deveria ter mencionado Tyler ou nada. Sei que você gosta muito do Jeff.

— Cale a boca! – Jenny sorriu por entre novas lagrimas. – Se você não parar de ser tão ridiculamente educada, nunca vai dar certo morarmos juntas. Eu precisava ter ouvido tudo o que você tinha a dizer. Jeff não consegue me perdoar porque eu não consigo me perdoar, dificilmente isso é sua culpa. Eu nunca deveria ter dito nenhuma das coisas que eu disse a você. Eu não tive a intenção de contar para o Alex sobre o Tyler, é só que... escapou. Eu disse a ele que você gostava dele. Mas entendo totalmente se você não conseguir me perdoar.

— Não, por favor, nem tente – eu disse, encostando a cabeça no ombro dela. – Mas acho que você tem sido educada demais. Se você tivesse me dito poucas e boas na primeira vez que conversamos, talvez eu não tivesse me metido nessa confusão toda.

— então, você vem para casa? – Jenny perguntou, pegando-me pela mão e ficando em pé. As mãos dela eram menores e mais suaves que a do Alex, mas eram tão fortes quanto.

— Ofereceram-me um emprego em Londres, Jenny – contei bem séria. – E acho que devo aceitar.

— Sério? – ela sentou de novo. – Você vai embora, assim?

— É o mais sensato – admiti, — o mais lógico. É um emprego muito bom.

— Você sabe que seja lá o que for que você fizer, vou estar do seu lado, não sabe? – Jenny disse.

– Você não sobrevive a dois ataques de desespero da Jenny e depois se livra de mim.

— Eu não saberia o que fazer sem você – e sorri. Era verdade, não poderia imaginar minha vida sem ela. Em apenas três semanas, ela era tão parte de mim quanto Louisa.

— O que o Alex disse sobre você ir embora? – ela perguntou.

Tentei sorrir, falar, mas tudo que eu consegui fazer foi sacudir a cabeça e deixar mais lágrimas rolarem soltas.

Jenny me puxou para perto dela e me deu um abraço apertado, muito demorado. Ajudou.

— Acho que não comi todo o cheesecake que você deixou na sala – ela disse baixinho depois de um tempo. – Quer ir ver o que sobrou?

Concordei e, sem energia, deixei que ela me levantasse. Embora em pé, meu estomago parecia estar preso ao degrau e meu coração tão pesado que achei que ele ia cair do meu peito. Engraçado como eu não tinha me sentido assim por causa do Mark. Então, é isso que agente sente quando perde alguém.

— Seja lá o que você decidir fazer – Jenny disse, colocando meu cabelo de novo atrás da minha orelha e falando bem claramente, como seu eu tivesse dificuldade de entende – será a decisão certa. Você sabe disso, não sabe? Não fui clara o suficiente hoje de manhã, mas, se essa porcaria confusa aqui na minha frente é você, queridinha, ainda acho que você é muito incrível.

Peguei na mão dela e saímos para a rua. Ninguém olhou pra nós, nem mesmo uma olhadinha. Duas garotas chorando e segurando uma na outra, como se a vida delas dependesse disse. Mesmo que fosse a coisa mais estranha que vissem na rua naquele dia.

Estava muito quente. Comecei a achar New York tinha parado o tempo até que eu decidisse o que fazer. Eram quase 21 horas, mais ainda estava tão claro e tão úmido que parecia o meio da tarde. No entanto, não era. No meio da tarde eu estava chorando na escadaria do MoMA vendo Alex ir embora e. agora eu estava sentada á janela vendo a Jenny dar tchau a caminho do trabalho. Tinha usado todos os meus poderes de persuasão (não que eu tenha muitos) para convencê-la de que eu não iria desaparecer ou me jogar pela janela antes que ela voltasse. Pelo menos sem telefonar pra ela quinze minutos antes de fazer qualquer coisa. Ela já havia perdido um turno do trabalho para me achar, não queria que entrasse em apuros. E uma maratona de Os caças— fantasmas e Os caças— fantasmas 2 e um litro e meio de sorvete da Bem & Jerry não me fariam mal.

As pessoas andavam lá fora na rua, despejavam garrafas de água na cabeça e, literalmente viam as gotas evaporarem na calçada. Até o topo da torre do Chrysler Building estava escondido na umidade do calor. Não fui feita para esse tipo de calor. Ou para ser abandonada. Ou para tomar decisões muito importantes que mudariam a minha vida em um espaço tão curto de tempo. Mês que vem, eu, definitivamente, tentaria fazer com que fosse só uma decisão a ser tomada. Ou duas no Maximo. Eu, realmente, não sabia o que fazer. As últimas semanas tinham sido incríveis, mas porque ficar e New York era mais difícil que ficar em Londres?

E como seria fantástico voltar se toda Sexy and the city com as minhas roupas novas fabulosas, a minha bolsa linda e um sonho de emprego? Eu sabia, no meu coração que tinha superado a perda de Mark, não tinha mais medo de vê-lo. Minha mãe e meu pai... bom, eles gostariam de saber onde me encontrar caso precisassem de uma babá para o gato quando saísse nas férias. E Louisia e eu nos entenderíamos. As coisas teriam que ser diferentes agora. Eu estava diferente.

— Seria loucura – sussurrei para mim mesma. – Se eu não fizer isso, sou completamente louca.

Desgrudei as pernas da janela, deixando várias camadas de pele queimada do sol no vidro, e comecei a procurar meu passaport. Não estava na minha bolsa (fabulosa) nem na parte de trás da gaveta da mesinha de cabeceira. Havia só um outro lugar onde poderiam estar. Ajoelhada no chão, puxei minha mala debaixo da cama. Tudo que tinha lá dentro era meu passaport, minha bolsa velha e um monte de tafetá cor de café amassado.

Meu vestido de dama de honra.

Tirei-o da mala e levantei na minha frente. Tendo feito nada além de comer nas ultimas três semanas, ele parecia muito pequeno. Pela primeira vez em meses, eu não tinha a mínima idéia de quanto pesava. Jenny não acreditava em balanças, elas tinham um "impacto negativo em sua autoestima", e todas as minhas roupas novas eram fabulosamente soltinhas. Não poderia machucar experimentá-lo... Mesmo que voltar pra Londres me sentindo uma leitoa gorda tirasse o brilho de meu regresso triunfante.

O tecido, frio na minha pele melada de suor e o corpete, desconfortável como se tivesse sido lavado com pasta de papel parede. Não estava tão apertado quanto eu esperava. Para dizer a verdade, não estava nem um pouco apertado. Aparentemente, a gente pode comer tudo o que quiser quando anda o tempo todo em New York e transa com caras lindos. Depois de tropeçar no vestido duas vezes e andar por todo o quarto uma vez, coloquei o Louboutin e, na frente do espelho, puxei o cabelo em um coque apertado. Meus olhos ainda vermelhos e inchados, e o vestido, todo amassado. Não era uma visão bonita, mas era familiar. Tudo o que faltava era o anel de noivado, mas eu realmente não gostaria de colocá-lo, dado ao lugar onde o havia deixado.

Jenny tinha colocado algumas fotos das ultimas semanas em volta do espelho para "me ajudar a viver o presente". Minhas fotos no Rapture, depois de Gina transformar meu cabelo. Eu, Jenny e Erin no caraoquê. A foto que a Jenny tinha tirado de mi e do Alex no show dele. Mas a garota da foto não era mais aquela que olhava pra mim no espelho. Quem olhava pra mim, era Angela Clark de um mês atrás. Era a Angela Clark que tinha dormido com aquele vestido e acordado chorando a cada 20 minutos. A Angela Clark que fugiu tão longe quanto pôde quando as coisas ficaram difíceis. Mas isso era tudo que eu me lembrava sobre ela. Será que eu, realmente, sinceramente queria voltar?

A Ângela das fotos parecia feliz. Um pouco bêbada, mas feliz e saudável, com uma maquiagem linda. E na foto depois do corte de cabelo, positivamente em estase. Peguei minha foto com Alex e a joguei no chão. Não havia razão para deixá-la lá e me sentir mais miserável. E, mesmo sem as fotos dos caras lindos, essa garota era muito feliz.

Tirei o vestido de dama de honra e o joguei para o outro lado do quarto e, com os sapatos lindos que estavam em meus pés, enfiei-o no lixo. Era bom não estar mais usando aquele vestido. Era estranho estar só de calcinha, sutiã e o Louboutin. Coloquei uma camiseta para não assustar os pedestres na rua e voltei para janela. O vidro, apesar de calor escaldante, estava frio quando o toquei. As coisas ainda deveriam ser emocionantes e novas, as calçadas extremamente quentes, o vidente que ficava perto do Scottie's Diner, a padaria 24 horas lá embaixo, mais tudo que eu conseguia pensar era que estávamos sem leite. Um pensamento aleatório por completo, mas totalmente reconfortante. Antes que eu percebesse, meu rosto não estava molhado por causa da falta de ar-condicionado no apartamento, mas porque eu estava chorando. Chorando por pensar que eu nunca mais iria comprar leite na padaria 24 horas. "Bom Angela", pensei comigo enquanto enxugava as lágrimas, "muito bem, você conseguiu fazer algo ainda mais patético" chorava por causa do leite que

ainda não havia sido derramado. Aliás, sequer tinha sido comprado.

Abaixei-me para tirar o sapato e vi minha foto com Alex embaixo da cama. Olhando pra ela, então, fiquei surpresa com a expressão em meus olhos. Parecia muito com amor. Alex estava lindo, mesmo em uma foto tirada precisamente dois minutos depois de ele ter saído do palco. Não pude deixar de notar que ele também parecia muito feliz.

Eu já estava começando a achar difícil lembra-me de Mark claramente. Eu poderia estar morando com ele a apenas três semanas, porém não o olhava há meses. Mas eu conseguia fechar os olhos e lembrar cada fio de cabelo do Alex. Sentir o gosto do café terrivelmente forte em sua boca. Ouvi-lo cantar no quarto ao lado. Sentir os calos dos dedos dele na minha pele. Mas ele tinha ido embora. E, talvez, a Angela das outras fotos também.

Então, eu não seria a Angela do Mark se voltasse para Londres e não poderia ser a Angela do Alex se ficasse em New York. Mas poderia ser uma pessoa nova. Alguém que eu não conhecia ainda. E poderia ir buscar o leite. Era um começo.

— Estou completamente louca – sussurrei na janela. – Completamente louca.

Epílogo

Nevava há três dias sem parar e New York estava coberta por um manto lindo de neve branca. Todo dia, a cidade acordava e a neve virava lama. E toda noite, um cobertor novo cobria as ruas e avenidas, estendia-se pelo parque, enfeitava os arranha-céus. Para uma recente nova-iorquina, era de tirar o fôlego. Mas, apesar de a neve ser linda, o frio era um choque. E, depois de um Natal cheio de vestidos de alça e festas, janeiro era de dar medo. E disseram que fazia frio mais para o norte.

Sentada à mesa, eu digitava sem parar em jeans, moletom com capuz, luvas sem dedos e botas da Ugg.

Dentro de casa.

Com o aquecimento no máximo. O tempo não me ajudava a escrever um artigo sobre o frescor da primavera. Felizmente, o homem do correio DHL concordou com a minha procrastinação e tocou a campainha assim que salvei a coisa toda.

— Não cabia na caixa do correio — ele se justificou, entregando-me um pacote grande em um saco plástico amarelo -, mas diz aqui que é urgente.

— Obrigada — e sorri, pegando o pacote e rasgando o plástico.

Chegara a primeira edição da The Look inglesa. Olhei para a capa

Por um instante. Com as mãos trêmulas (e não era só por causa do frio), virei para a página do pessoal da edição.

Lá estava eu.

Meu nome, minha foto e meu título.

Angela Clark, editora correspondente, New York.

— Chegou? — Jenny gritou no banheiro. Ela veio correndo, a escova de dente na mão, embrulhada só na toalha. — É a revista?

— É — segurei a revista a uma distância segura — e você não vai pôr a mão nela antes de estar seca.

— Por quê? Você tem mais 20 — ela apontou para as outras três revistas no saco plástico. — Caraca, olhe só para você! Você é minha heroína, queridinha.

— Nem tanto — eu disse, levando as outras cópias para a prateleira e colocando-as ao lado da edição da The Look dos EUA, na qual minhas colunas já tinham sido publicadas. — Você vai se atrasar para o trabalho.

— E você não vai mandar o artigo sobre o frescor da primavera para aquela inglesa psicótica se não o escrever hoje — ela me lembrou desnecessariamente. — A sua mãe já viu?

— Ela ainda está no cruzeiro de Natal — fechei o laptop e o coloquei na minha bolsa (levemente usada, mas, mesmo assim, surpreendentemente linda) da Marc Jacobs. — Eles só chegam daqui a umas duas semanas.

— Ela vai pirar quando vir você em uma revista! — Jenny dançou pela sala enrolada na toalha. — A última vez que conversamos, ela estava super feliz por você.

— Não preciso dizer como me incomoda o fato de vocês duas conversarem duas vezes por semana — e sorri, tirando meu moletom e colocando várias camisetas, uma por cima da outra, e, em cima de tudo, meu casaco. — Como está o *life coaching*?

— Ela é a minha melhor cliente depois de você. Sério, se você conversasse com seus pais sem eu ter que iniciar a conversa toda semana, eu não teria que saber sobre as ofertas especiais da Avon e do curry que a vizinha Anne fez, teria?

— Nós conversamos — suspirei, jogando roupas de baixo na Jenny. Nossas ligações semanais, todos os domingos à noite, para casa haviam se tornado um ritual para Jenny e para mim, quer eu gostasse, quer não.

— Só não acho que preciso falar com a minha mãe toda vez que você fala com a sua. Não é uma exigência do meu visto. Agora vista-se, Lopez. Nós estamos de saída.

Andamos de braços dados, tentando não escorregar na neve, até o The Union onde, depois de um abraço de tchau, deixei-a na porta. O Union Square Park com neve era tão lindo quanto um cartão-postal, mas estava frio demais para sentar lá agora. Toda vez que eu saía do apartamento, lembrava-me da promessa de Alex de me levar ao Empire State Building para ver a cidade com neve.

Não! Eu não deveria pensar nele. Virei à esquerda e, andando com muito cuidado, fui até a loja de CDs na esquina para ver se encontrava algo novo que me inspirasse e voltar para casa terminar meu artigo. Deus sabia que eu não saía com ninguém há meses. Quando passei pelos portões de segurança, um barulho alto em mim atraiu a atenção do segurança, mas eu sorri e mostrei a ele meu celular.

— Só um torpedo — falei. Ele sorriu para mim, mas também me seguiu na loja.

Acabei de receber a minha cópia da The Look. Estou tão orgulhosa de você! Louisa

Reli a mensagem algumas vezes para gravá-la na memória, então guardei o telefone no bolso, sendo excessivamente dramática para facilitar a vida do segurança.

Olhei os CDs bem feliz por um tempo. Eu estava fora do circuito da música desde o verão, parte do programa para esquecer Alex Reid prescrito pela dra. Jenny Lopez. Eu não telefonara para o Alex e ele não telefonara para mim. Ele estava certo, era muita coisa muito cedo e acho que não suportaria vê-lo em um show com uma garota hipster magrela embaixo do braço e eu sabia que não seria capaz de fazer o "vamos ser apenas amigos". O que eu não esperava era esbarrar nele ali. Gelei, meu coração foi parar na garganta. Lá estava ele, olhando para mim com um leve sorriso no rosto. Com cabelo perfeitamente despenteado, seus olhos muito verdes fitavam diretamente os meus. Uma foto linda. Peguei a revista e folheei até a entrevista sem pensar. Bem rapidinho, paguei no caixa e, abandonando a minha missão de comprar CDs, fui para a Starbucks. Antes de atravessar a rua pensando em dizer oi para o Johnny, percebi que estava diante da Max Brenner. Olhei para a foto de

Alex na revista e para a meca do chocolate quente.

Atravessei a rua correndo, entrei no restaurante maravilhosamente aquecido e folheei as páginas da revista. Por meio segundo, olhei em volta para ver se ele estava lá. Claro que não, por que estaria? Eram 11h30 da manhã de uma segunda-feira em janeiro. Ele ainda estaria na cama ou no estúdio ou...

Balancei a cabeça e sorri para a hostess.

— Sim, mesa para um.

Pensar no Alex não me levaria a lugar nenhum. Não pensar nele tinha me ajudado bastante. Demorei um mês no programa (Jenny tinha confiscado o meu iPod e os meus CDs e deletado os álbuns do Stills do meu iTunes) para conseguir passar um dia sem pensar no que ele poderia estar fazendo. Quando o chocolate quente chegou, segurei minha caneca bem feliz. Tomei um gole do caldo espesso de chocolate e abri a revista na página da entrevista. Pulei o pedaço que falava sobre a universidade de arte onde eles tinham começado. Os dois primeiros álbuns haviam sido aclamados pela crítica e, como todas as outras bandas nova-iorquinas não apreciadas, eles tinham feito muito sucesso na Inglaterra. "Exagero", pensei, mas deixei passar. Entretanto, agora lançavam o terceiro álbum. Coloquei a caneca sobre a mesa e continuei a ler. Era um som mais desconstruído, o som de uma banda que havia se despojado de tudo e se unido de novo.

"Se é o que parece, é porque é isso" — diz o vocalista Alex Reid. Li em voz baixa para mim mesma. "O álbum foi escrito muito rapidamente e gravado em algumas poucas semanas. É o que estávamos passando como banda e algumas coisas pelas quais eu estava passando pessoalmente. E sobre o que acontece quando você tem toda a sua vida tirada debaixo dos seus pés e como você redescobre o seu lugar no mundo. Acho que quase todo mundo consegue se identificar com isso."

Empurrei a revista para o outro lado na mesa e, depois de fechá-la, virei-a ao contrário. Ele não tinha me telefonado e eu não havia telefonado para ele. E pensei em ligar, um milhão de vezes. Cheguei a pensar que o tinha visto em uma festa de boas-vindas que demos para Gina em um clube muitíssimo descolado no Lower East Side antes de ela partir para Paris definitivamente. Coloquei a revista na minha bolsa, sabendo que deveria simplesmente jogá-la fora. Mas estava tão orgulhosa dele. O rosto de Alex olhou para mim da minha bolsa ao lado de minha cópia da *The Look* inglesa. Ele ficaria tão orgulhoso de mim...

Respirei fundo e procurei o telefone na bolsa. Antes de ter a chance de mudar de ideia, depois de cinco meses da terapia de aversão, disquei.

— Alô — ele atendeu no primeiro toque.

— Oi — falei suavemente, emocionada ao ouvir a voz dele. — Alex?

— Angela? — ele perguntou. Parecia estar com sono.

— Eu mesma — e sorri. Quando é que eu aprenderia a pensar sobre o que iria dizer ao telefone antes de telefonar para as pessoas? — Estava pensando no que você disse... sobre ver a cidade quando neva. E vi a entrevista. Sobre o seu novo álbum.

— Entrevista? Neve? — ele bocejou. — Angela, você está em New York?

— Sim — confirmei com esperança. — Aliás, estou na Max Brenner. Eu estava pensando... bom... em você.

— Você estava? — ele indagou. Tive a esperança de ter ouvido um sorriso na voz dele.

— Estava me perguntando se você aceitaria um chocolate quente? -comentei, cruzando todos os dedos que podia sem deixar o telefone cair.

— Ah... — ele parou de falar por meio segundo. — Angela?

— Sim... — respondi.

"Por favor, não desligue", eu rezava em silêncio.

— Você levou mesmo muito tempo para me telefonar — ele disse mas estou bem feliz por você ter ligado.

— Eu também — confessei feliz. — Agora, saia da cama e venha me ver.

Desliguei e coloquei o telefone na bolsa, pegando a The Look. Abri na minha página e olhei para a introdução.

As aventuras de Angela. A ex-londrina de vinte e poucos anos, Angela Clark, nos guia através da vida e do amor e nos conta como encontrou amigos e o seu caminho na Big Apple.

Não era uma descrição muito completa, pensei comigo, mas pelo menos era um começo.

Belezinhas que cabem no bolso



The Pod Hotel www.thepodhotel.com (+1) 212 355 0300

E 51 th Street entre Second e Third Alves Procurando algo único e um pouquinho diferente? No The Pod Hotel você pode ficar em um quarto para uma pessoa, um queen, um quarto para duas pessoas ou em quartos com beliches, completos com o seu próprio deck para iPod. Alguns dos quartos dividem um mesmo banheiro, o que os torna mais baratos, e, embora possa parecer um YMCA em New York, o alerta no quarto a avisa quando o banheiro estiver vazio sem que você ponha o pé para fora do quarto. Ótimo. Também tem quartos maiores para grupos e famílias, além de um bar bem legal para aperitivos e drinques depois do jantar.

Solita SOHO Hotel www.clarionhotel.com (+1) 212 9253600

Grand Street entre Center e lafayette Streets Fica em Soho esta joia escondida. Os quartos podem ser bem pequenos, mas a localização é maravilhosa e a falta de um minibar no quarto é recompensada por Soho, Chinatown e Little Italy, literalmente, na sua porta da frente. Um aviso de amiga: tem um clube ao lado; então, tente pegar um quarto o mais alto possível se barulho incomoda você. O hotel é superlimpo, o pessoal é incrível e, tudo bem, não tem minibar, mas isso quer dizer que você não terá surpresas quando for pagar a conta. Com os cumprimentos do hotel, você recebe chá, café, água, assim como acesso livre à internet no quarto. E se você estiver com vontade de beliscar e não estiver com vontade de se arrumar? Há duas máquinas muito bem abastecidas no primeiro andar. Nelas, as coisas parecem muito mais caras do que são...

COMPRAS

Você já sabe que New York é a meta das compras, certo? Eu precisaria de um livro inteiro para contar tudo sobre as minhas lojas favoritas, mas aqui estão algumas que você não pode deixar de visitar.

Bloomingdale's www.bloomingdale.com

(+1) 866 593 2540

Lexington Avenue na 59th Street Você tem que ir, certo? Bloomies é uma visita obrigatória e conta com uma excelente taxa de câmbio, tudo custa, mais ou menos, a metade do preço de uma liquidação na Selfridges. Vá, arremate suas pechinchas e volte para casa com as sacolas cheias.

Tiffany

w**ww.tiffany.com** (+1) 0800 2000 1122

FiFth Avenue com 57th Street Ah... Tenha o seu momento de Audrey Hepburn com um café e um croissant, e sonhe com um lindo banqueiro rico de Wall Street que se apaixona por você que, inocentemente, olha as vitrines. Lá estará você, brilhando. Linda. Ocupada. Tente evitar os horários de pico de movimento.

Anthropologie www.anthropologie.com

(+1) 212 343 7070

Várias — gosto mais da que fica na West Broadway no Soho.

É o paraíso das meninas crescidas. Tente entrar e sair sem uma vela. Ou um lipgloss. Ou um suéter. Ou, quem sabe, lingerie. E um livro que você nunca viu em outro lugar para dar de presente. E um vestido lindo! Um aviso: vá com tempo, pode ser que você demore um pouco.

Marc by Marc Jacobs www.marcjacobs.com

(+1) 212 924 0026

Bleecker Street com W 11th Street 382

Na Bleecker Street, você encontra a casa de um dos desenhistas mais famosas de New York, Marc Jacobs. Felizmente, é onde também se encontram excelentes pechinchas para quem tem as fortes libras esterlinas para gastar. Você encontra MJ mais ou menos pela metade do preço da Inglaterra; então, sinta-se à vontade para enlouquecer. Além da Marc by Marc Jacobs, para mulheres, você encontra TUDO, inclusive roupas para seu animal de estimação da Bark by Marc Jacobs, roupas para crianças, roupas para homens, acessórios e itens especiais incríveis, como camisetas e bolsas por menos de 20 libras esterlinas cada. Felicidade, seu nome é Marc Jacobs. Lar, seu nome é Bleecker Street.

Bond Nº 9

www.bondno9.com

(+1) 877 273 3369

399 Bleecker Street

Procurando um perfume? Que tal um inspirado em sua nova cidade favorita? Bond Nº 9 cria aromas baseados nos bairros da cidade e os apresenta em lindos frascos. I heart Chinatown. E

Bryant Park. Uma delícia. Mas, se você não estiver inspirado por nenhum dos aromas dos marcos da cidade, a Bond faz para você uma mistura única. É, realmente, um daqueles lugares que só se encontra em New York (exceto que, agora, acho que você consegue comprar na Selfridges, mas a um preço exorbitante). Existem algumas lojas, mas vá para a loja da Bleecker Street e aproveite para visitar também a Marc Jacobs.

Sephora

www.sephora.com

EM TODO LUGAR!

Fanáticos por beleza, fiquem alertas. Todas as suas marcas favoritas. Em dólares. BeneFit, Stila, Urban Decay, i.d. bareMinerals, Fekkai, Bliss, Anthony, philosophy, NARS, Ojon, Vincent Longo e tooodos os perfumes. Aproveitem, queridas.

Century 21

www.c2Istores.com

(+1) 212 227 9092

22 Courtlandt Street, entre Church Street e Broadway Se fazer compras em New York leva você a se sentir em uma liquidação o ano todo, a Century 21 vai fazer com que você se sinta como uma design da Primark. Mas prepare-se porque provavelmente estará cheia. A Century 21 é famosa por ter as roupas dos melhores estilistas a preços baixíssimos. Já comprei vestidos e casacos da Marc by Marc Jacobs por menos de 100 dólares, blusas e vestidos da Ella Moss por menos de 50 dólares e dezenas de cashmere também por menos de 100 dólares. E tem sapatos. E bolsas. E jeans muito baratos. Minha melhor dica? Vá cedo, com pouca roupa, e não se dê o trabalho de ir aos provadores. Ninguém vai estranhar se você experimentar um vestido de festa por cima da sua blusa soltinha. É o que todo mundo faz.

COMENDO FORA

Eu amo comer quase tanto quanto Eu amo New York, então esta foi a lista mais difícil de fazer para vocês. Aqui estão os meus cinco favoritos.

Alta

www.altarestaurant.com

(+1) 212 505 7777

W 10treet na Sixth Avenue

Alguém me disse que viu Justin Timberlake lá quando me convenceram a ir. Então, experimentei a comida e virei cliente assídua. Uma delícia! Alta é um lugar moderno que serve tapas e tudo pode parecer aleatório, mas é muito bom. Perfeito para um encontro, os pratos pequenos são feitos sob medida para ser divididos. E não saia sem ter experimentado o fondue de chocolate!

Mercer Kitchen www.mercerkitchen.com

(+1) 212 966 5454

Prince Street com Mercer Street Vá pela atmosfera muito legal e para, casualmente, ver as celebridades, mas fique por causa do frango assado. Maravilhoso! A comida é boa, o lugar é incrível e os coquetéis são fortes. Eu iria devagar até a sobremesa que, definitivamente, eu comeria. O Mercer Kitchen é famoso pelos frutos do mar, mas, como eu disse, o frango é uma delícia. E os hambúrgueres. E hum... a pizza. Ah! A lula é uma das melhores que já comi e a maionese... dos deuses.

SEA Thai

(+1) 718 384 8850

Williamsburg, N 6th Street entre Berry e Wythe Streets (Pegue o trem L da Union para a Bedford Avenue) Eu realmente recomendo que você se encha de coragem e vá até o Brooklyn por um dia ou só uma tarde. Se não tiver outra razão, a comida é deliciosa e (é possível!) mais barata do que em Manhattan. O SEA, além de ser um restaurante incrível (com um lago muito maneiro com carpas Koi e um Buda dourado que preside todos os jantares), é o favorito dos fãs de Sex and city. É o restaurante onde a Samantha Smith come um monte e ainda consegue beber os coquetéis. São fortes, mas deliciosos. Acho que estou batendo na mesma tecla...

Balthazar

www.balthazar.com

(+1) 212 965 1414

Spring Street entre Brodway e Crosby Street Se você pretende ir à falência, vá ao Balthazar. No salão de jantar dessa brasserie francesa, você encontra muita gente famosa. Na primeira oportunidade de marcar um café da manhã (se eles forem pagar a conta), sugiro os pratos maravilhosos do Balthazar. Rabanada de brioche feito em casa. Hum... E, assim que recebo meu salário, vou até lá para comer steak frites. Meu namorado gosta de moule marinière, mas, basicamente, tudo é bom. É o lugar para se levar alguém em uma ocasião especial, o lugar perfeito no seu último dia de férias.

Manatus

(+1) 212 989 7042

Bleecker Street entre W 10th Street e Christopher Street É uma lanchonete linda, o lugar que eu recomendo em um dia de compras. Para mim, o Manatus tem a melhor torrada com bacon (os ovos, tomates e batatas que vêm junto não são nada ruins) e, prepare-se, eles fazem um chá delicioso. E, se isso não bastasse, fica bem pertinho da Marc Jacobs, da Bond Nº 9 e de muitas outras lojas maravilhosas na Bleecker Street.

LANCHINHOS

Magnolia Bakery www.magnoliacupcakes.com (+1) 212 462 2572

401 Bleecker Street e 11th Street

Você já terá gasto as calorias do seu café da manhã no Munatus fazendo compras e andando para cima e para baixo na Bleecker Street; então, é hora de comer um doce na Magnolia Bakery. Famosa por seus cupcakes (como vimos em Sex and the city), Para dizer a verdade, eu prefiro os brownies. Eles são puxa-puxa, melados, ah... uma delícia.

Dean & Deluca www.deandeluca.com

(+1) 212 577 2153

Broadway na Spring Street Você deve ter notado que eu gosto de doces. Dean & Deluca é praxe em New York, e com razão. A comida nessa superconfeitaria é maravilhosa. Sempre sou surpreendida com a mão no vidro de biscoitos. Eles só custam um dólar!

Republic (+1) 212 627 7172

37 Union Sq. West, New York, NY 10003, NR 16th Street Bem em frente ao The Union, onde eu fiquei. É ótimo. Os noodles são baratos e os coquetéis, deliciosos. Por favor, tente não ficar bêbada na hora do almoço como eu.

DRINQUES

Minha experiência nessa área cresce a cada dia, mas os lugares mudam muito e é difícil estar atualizada. Aqui estão alguns dos meus bares favoritos.

The Dove

(+1) 212 254 1435

Thompson Street paralela a Bleecker Street O The Dove é muito legal. Trata-se de um lugarzinho fabuloso no Village, com uma carta de vinhos incrível, coquetéis deliciosos e um Papel de parede cor-de-rosa lindo. De que mais precisa?

Thom Bar no 60 Thompson www.deandeluca.com

(+1) 877 431 0400

Thompson com Broome Streets

Thom Bar é um bar um pouco menos exclusivo no 60 Thompson. Em um lounge muito bonito, há muitos cantos e recantos onde se esconder. De preferência com um cara lindo e uma bebida refrescante. Para ir para o terraço onde ficam as pessoas lindas e famosas, você tem que estar hospedada no hotel, conhecer o porteiro ou estar usando muito pouca roupa. Mas, acredite em mim, vale a pena esquecer de luta do feminismo para dar uma olhada na vista do terraço, sentir o ar bem fresquinho do verão e experimentar os coquetéis de dar água na boca. O meu, uma limonada com chilli, por favor!

Little Branch (+1) 212 929 4360

Seventh Avenue na Leroy Street Este bar, onde se bebia ilegalmente quando bebidas alcoólicas eram proibidas nos Estados Unidos, é o melhor lugar para um encontro em toda New York. Um pequeno balcão com o bar fica na frente de um longo corredor com mesas reservadas onde os jovens e os maravilhosos tomam coquetéis deliciosos. Seja corajoso e siga a sugestão do barman, sempre é muito incrível. Chegue cedo ou, então, ligue e faça uma reserva se quiser uma das mesas reservadas — fica muito cheio depois das 22 horas, pode ser difícil conseguir um lugar para sentar.

BALADAS

Não conheço as boates tradicionais tão bem quanto os bares e restaurantes. Nova-iorquinos são versáteis e "a" balada muda quase que semanalmente. Aqui estão algumas que, asseguro-lhe, serão legais dependendo do que você gosta.

Bungalow 8

(+1) 212 629 3333

27th Street entre Tenth e Eleventh Avenues

Vocês já ouviram falar do Bungalow 8, certo? Bom, se você está a fins, coloque seus melhores saltos altos e encha-se de coragem. Os melhores dias para tentar a sorte são no meio da semana, quando é um pouco mais tranquilo — segunda ou terça, quando não tem muita gente. Se você passar pelo porteiro, esteja preparada para se divertir muito. As celebridades só chegarão depois da meia-noite. Não é barato, mas é, certamente, uma grande experiência...

The Beatrice Inn (+1) 212 243 4626

Outra balada muito frequentada pelos famosos e outra maneira de usar o limite do seu cartão. Mas ver hipsters como Chloë Sevigny vale a pena.

Music Hall of Williamsburg www.musichallofwilliamsburg.com

(+1) 866 353 5167

66 N 6th St, Brooklyn, NY 11211, USA

De novo, estou pedindo a você que atravesse o rio e vá dar uma olhada no Brooklyn. Se você gosta de bandas e música ao vivo, vale a pena. Você pode ver a próxima banda a ficar famosa ou, quem sabe, algumas bandas inglesas que só veria em grandes shows em Londres. Dê uma olhada em Ohmyrockness.com para ver quem está tocando antes de ir e reserve com antecedência — é muito barato!

Bowery Ballroom

www.boweryballroontcom

Delancey Street entre Bowery e Chrystie Street Outro lugar muito incrível, este em Manhattan. É um antigo teatro, muito lindo, frequentado por um pessoal bem legal. The Bowery já apresentou a maioria das grandes bandas e é a meca dos indies. Certamente, haverá alguém muito bom tocando quando você visitar.

Entre no site www.iheartnewyork.co.uk (em inglês) para saber mais sobre a série Eu amo e ler um resumo exclusivo de Eu amo Hollywood.

Você também terá a chance de ganhar produtos exclusivos, manter-se a par das aventuras de Angela em outros países no blogue, saber dos lugares que Angela recomenda para tomar um drinque, comer, fazer compras e dormir em New York, e muito muito mais!



Formatação

Star Books Digital

https://t.me/SBDLivros